

Virginia Macgregor



OLHAR de
MiLO



Uma **GRANDE** história sobre um pequeno menino
que enxerga o mundo de uma maneira um pouco diferente

leYa



Ficha Técnica

Copyright © 2014 by Virginia Macgregor
Todos os direitos reservados.
Tradução para a língua portuguesa © 2014 Texto Editores Ltda.
Título original: What Milo saw

Preparação de Texto: Ana Laura Valério
Revisão: Camila Lins
Diagramação: Camila Araújo
Capa: Studio Helen (studiohelen.co.uk)
Adaptação da Capa para Edição Brasileira: Marcelo Nardeli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/
7057

Macgregor, Virginia
O olhar de Milo / Virginia Macgregor, tradução Elvira
Serapicos. – São Paulo: LeYa, 2014.
ISBN 9788544101575

Título original: What Milo Saw
1. Literatura inglesa 2. Romance I. Título II. Serapicos, Elvira
14-0776 CDD 823

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura inglesa
2014

Texto Editores Ltda.
[Uma editora do Grupo LeYa]
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 — Pacaembu — São Paulo - SP
www.leya.com.br

OLHAR
de
MiLO



*Para as duas pessoas que me
incentivaram a me tornar escritora:
Mamãe e meu querido marido, Hugh.*

MILO

Milo sentou diante do computador atento ao ruído abafado da mangueira dos bombeiros. Eles tinham acabado de autorizar a entrada na casa.

— Quero uma lista de casas de repouso.

— A Vovó não pode ficar até o Natal?

A Vovó era avó de Papai e bisavó de Milo, mas todo mundo a chamava de Vovó.

Milo virou a cabeça e olhou para as luzinhas mágicas enroladas no corrimão que ia até o quarto de Vovó. Ele teve essa ideia quando a viu tentando encontrar o interruptor de luz.

Mamãe virou a cabeça de Milo para que ele a olhasse nos olhos e disse:

— Não.

— Mas...

— Não insista — Mamãe falou, fechando a boca com o polegar e o indicador. “*Não insista*” era a expressão favorita de Mamãe.

— Mas, Mamãe, o incêndio foi culpa minha, eu devia ter descido para verificar.

E era verdade. Todas as manhãs, quando Vovó saía do quartinho no sótão e descia as escadas até a cozinha para fazer sua xícara de chá com leite, era tarefa de Milo garantir que tudo corresse bem. Ele ficava deitado na cama, atento aos sinais:

1. O tilintar da caneca xadrez de Vovó quando ela a tirava do porta-canecas.

2. O barulho da tampa do vidro com os saquinhos de chá sendo aberta.

3. O chacoalhar dos talheres enquanto ela procurava sua colher favorita, aquela feita de prata com o cabo meio torto.
4. A chaleira sendo enchida (apesar de que Milo sempre tentava lembrar de enchê-la na noite anterior porque os pulsos de Vovó eram fracos e ela tinha dificuldade para segurar a chaleira cheia de água).
5. O clique da chaleira sendo ligada.
6. Uma pausa.
7. A água aquecendo, o vapor empurrando a tampa, o borbulhar da água e depois outro clique.
8. Às vezes, depois do terceiro sinal, Vovó esquecia que tinham uma chaleira e abria a gaveta das panelas e enchia uma panela e acendia o fogo. Essa era a deixa para Milo tirar o corpo da cama e descer. Eles tinham um fogão a gás e Vovó não estava autorizada a usá-lo.

Milo não sabia por que não tinha ouvido o barulho da gaveta de panelas naquele dia. Devia estar com sono ou talvez Vovó tivesse sido muito cuidadosa para não fazer barulho; mas, quando sentiu uma palpitação no peito indicando que Vovó precisava dele e Hamlet começou a se esgoelar na garagem por ter engolido muita fumaça, era tarde demais: a cozinha estava pegando fogo.

— Não é responsabilidade sua cuidar da Vovó — Mamãe falou.

Ela se inclinou e beijou Milo na cabeça. Mamãe vivia fazendo isso: repreendia e depois beijava. Ela estava cheirando a coisas queimadas e perfume viscoso e sono.

— Quando tudo isto acabar, vou deixar Hamlet ficar na casa.

Milo se inclinou sob a mesa e fez um carinho entre as orelhas de Hamlet. Ele só tinha sido autorizado a ficar lá em cima porque estava assustado com o fogo. Milo odiava o fato de Hamlet ter que viver sozinho na garagem, um lugar frio e úmido, sem nenhuma janela. Ninguém deveria viver assim. Mas se Milo tivesse que escolher entre Hamlet ficar fora da garagem ou Vovó continuar com eles, escolheria a Vovó. Hamlet entenderia.

Mamãe olhou para a tela do computador por cima do ombro de Milo.

— Não queremos nenhum lugar pomposo, Milo; a Vovó não iria gostar.

Por isso Milo digitou “casas de repouso não pomposas” no Google, mas o Google não entendeu e perguntou: “você quis dizer casas de repouso pomposas?”.

Depois que Milo deixou Vovó em segurança na entrada de carros e abriu a porta da garagem e tirou Hamlet da gaiola e o entregou a Vovó, voltou para dentro de casa e gritou: “Fogo! Fogo! Mamãe! Incêndio!”.

Mamãe desceu a escada correndo e saiu da casa, com o rosto inchado e sem maquiagem. Ao se deparar com Vovó, não perguntou como ela estava e também não disse que estava aliviada por ver Hamlet em segurança e não disse a Milo que ele havia agido corretamente salvando todo mundo. Ficou gritando e repetindo as mesmas palavras, várias vezes:

— Esta foi a gota d’água! Esta foi a gota d’água!

Milo e Vovó sabiam o que significava essa gota d’água: que Vovó ia para uma casa de repouso.

Mamãe bateu com uma unha rosa lascada na tela do computador.

— Esses quartos são muito grandes — ela disse. — Vovó vai se sentir perdida.

Por isso Milo fez uma busca para encontrar casas de repouso com quartos pequenos. Mas aí pensou em todas as coisas que Vovó tinha lá em cima, como a gaita de foles de Vovô e o uniforme dele e as caixas com cartas que ele havia escrito para ela e o mapa de Inveraray e a foto do barco de pesca e o radinho, e que ela gostaria de levar tudo.

— Acho que não tem nada.

Se Milo fizesse Mamãe sentir que isso seria um aborrecimento, talvez ela desistisse.

— Ah, pelo amor de Deus, Milo. — Mamãe olhou para o alto da escada, na direção do quarto da Vovó, e coçou o pescoço.

Depois se abaixou e sussurrou: — Você só precisa encontrar um lugar barato.

Mamãe escreveu a palavra *barato* no verso de um envelope e o colocou diante de Milo para que ele não esquecesse. Milo passou o dedo sobre a palavra; ela havia pressionado o lápis com tanta força que as letras saltavam do papel.

— Tenho que fazer um pouco de chá para os bombeiros.

Ainda de camisola (aquela de babado parecida com as cortinas da cozinha, pelo menos antes de as cortinas pegarem fogo e se transformarem em mariposas pretas no piso de linóleo), Mamãe desceu a escada correndo. Milo ouviu a porta do armário abrir e o farfalhar do pacote de biscoitos. A chaleira tinha derretido, por isso Milo não sabia como Mamãe ia ferver a água para o chá.

Milo não deixaria Mamãe prender Vovó em uma casa de repouso. Apenas ia fingir que aceitava, e então Mamãe se acalmaria e perceberia que o lugar da Vovó era ali, no quartinho que Papai havia feito para ela no sótão, e que Milo era a melhor pessoa para cuidar dela. Então eles teriam um Natal digno, os quatro: Milo, Vovó, Hamlet e Mamãe.

Milo examinou a lista de casas de repouso. Todas tinham nomes ligados à natureza, como Casa de Repouso Luz do Sol, Lar das Palmeiras e Solar Caca de Passarinho. Esta última, ele inventou.

Milo digitou “casas de repouso caras” no Google e esperou abrir a página.

— Encontrou alguma coisa? — Mamãe perguntou da escada.

O cheiro de queimado tinha impregnado o tapete e as cortinas e as paredes e agora estava fazendo a garganta de Milo coçar.

Ele tossiu e gritou:

— Quase!

— Quando encontrar, me dê o número dos telefones e eu agendo uma visita.

Milo não respondeu.

Acima dele, as tábuas do assoalho rangeram e a água fez a tubulação tremer. Ele esperava que Vovó tivesse lembrado de fechar a torneira. Assim que terminasse aquela lista idiota, subiria e diria a Vovó que não ia deixar Mamãe chutá-la para fora de casa de jeito nenhum. Ia pensar em um plano para que ela ficasse, e não apenas para o Natal.

LOU

Lou fechou os olhos. Ela sentiu Milo segurar a respiração, ouviu o zumbido dos pensamentos dele, viu quando ele apertou os olhos e ficou observando fixamente a tela. Desde que ele fora diagnosticado, ela aprendera a ver o mundo como ele: através do buraco de uma agulha. Agora que tanta coisa estava desaparecendo de sua mente, engraçado como o que Milo via parecia mais próximo e mais nítido.

Ouvia as pancadinhas dos dedinhos no teclado. Então isso era suficiente, algumas pancadinhas no teclado para encontrarem um novo lar para ela.

Sentiu as batidas do coraçãozinho de Milo mais pesadas naquela manhã. Ela devia tê-lo preparado, devia tê-lo ajudado a ver que estava na hora de ela ir embora.

Lou abriu os olhos, levantou-se e foi olhar pela janela do quarto. Viu Sandy na entrada da casa, a calcinha entre os pneuzinhos levantando a camisola. Homens de botas e capacetes amarelos andavam de lá para cá sem tirar os olhos dos buraquinhos de celulite marcados na calça azul de Sandy.

O senhor Overend, do outro lado da rua, puxou as cortinas do quarto. Aquele homem estava sempre dormindo ou espionando ou assobiando. Fazia cinco anos que Lou o escutava e ainda não tinha conseguido entender a melodia.

E o barulho dos tamancos de Sandy no chão da cozinha, o tac-tac-tac, como se ela estivesse sapateando. Sempre mostrando e gritando para Milo fazer as coisas que Andy deveria estar ali para fazer.

Lou inspirou profundamente. Era impressionante como tudo estava impregnado do cheiro de fumaça úmida, de compensado queimado, de plástico derretendo. Baixou os olhos e examinou as mãos: restos de cinzas marcavam sua linha da vida.

Ela esfregou as mãos e imaginou a provocação de Milo: “Você não seria uma boa criminosa, Vovó. Deixa muitas evidências”.

Sua esperança era de que, pelo menos dessa vez, Milo não percebesse o que ela havia feito.

Mas era a coisa certa a fazer, não era? Um ato definitivo, algo grande, para convencer Sandy de que ela precisava ir embora. E também era o certo a fazer em relação a Milo; ele já estava cuidando dela há muito tempo.

Havia custado a encontrar os fósforos. E também não tinha sido fácil encontrar o ângulo certo para riscá-los. Com aqueles dedos bobos, desajeitados. Mas então a chama saltou de suas mãos como um pássaro. Pegou a ponta solta do rolo de papel-toalha, um pássaro branco, que depois virou um pássaro negro com asas de papel, as penas cinza caindo ao seu redor.

E então a mão de Milo na sua, macia como massa de bolo, levando-a para fora da casa. “Tudo bem, Vovó, está tudo bem.”

Lou foi até o banheiro e parou em pé diante da pia. Abriu a torneira e ficou observando a água escorrer entres seus dedos, as cinzas descendo pelo ralo.

Seus olhos ardiam. Uma lágrima caiu em sua mão.

Querido, Milo querido.

“Não chore, Vovó”, ela o ouviu dizer.

Lou olhou para o reflexo no espelho e viu as chamas dançando em volta da sua cabeça. Como é mesmo que tudo havia acontecido?

Um acidente. Sim, um acidente, foi o que ela disse aos bombeiros.

O fogão. Foi isso.

“Esqueci que tínhamos uma chaleira elétrica”, ela escreveu, ainda sem voz. “Idiota, fui muito idiota.” Então o botão apareceu na imagem da grande chama, uma lufada repentina, um pedaço de papel perto demais.

Sim, um acidente.

“Vou dizer para a Mamãe que fui eu”, Milo falou, sabendo como Sandy reagiria. Então colocou a pílula branca na palma

de sua mão. Ele nunca esquecia, nem mesmo em uma manhã como aquela.

Horas esperando no frio.

A sirene do carro dos bombeiros. O barulho surdo das botas pesadas, um exército alagando a casa. E depois entrar de novo, trinta e dois degraus até o alto, passando pelo quarto de Milo, passando pelas luzinhas mágicas que ele havia colocado para ela, e subir, subir até o quarto sob o teto, tal qual uma Rapunzel.

MILO

Uma semana depois, Milo prendeu o cinto em volta de Vovó no banco de trás do carro e sentou ao lado dela.

Colocou o bloquinho e o lápis em seu colo para o caso de ela querer escrever alguma coisa enquanto visitavam as casas de repouso. Milo nunca tinha ouvido Vovó falar, mas sabia como era sua voz. Mesmo quando ela não escrevia no bloquinho nem estava sentada ao lado dele, as palavras surgiam em sua mente, suaves e claras.

— Aí atrás não, Milo — Mamãe falou. — Preciso de você aqui na frente para cuidar do GPS.

Ela apontou para o aparelho de GPS preso ao para-brisa. Milo procurou o olhar de Vovó, mas ela não estava prestando atenção. Estava sentada com as mãos dobradas no colo, olhando pela janela.

Ela estava com esse mesmo olhar vazio quando Milo subiu até seu quarto de manhã para ajudá-la a se vestir. “Você vai voltar para o Natal”, ele havia prometido enquanto lhe puxava as meias de náilon até o joelho. Mas ela continuou olhando para as linhas das mãos.

Quando desceu a escada, ele não contou para Mamãe que tinha uma mancha úmida no tapete porque Vovó havia deixado a torneira aberta.

Milo não contava metade das coisas que sabia sobre Vovó para Mamãe.

Que ela acordava no meio da noite e vinha até seu quarto para dizer que estava indo para a Grécia em lua de mel e que Vovô a estava esperando.

Ou que às vezes ela tremia tanto que ele ficava com medo de que ela caísse e batesse a cabeça na quina do guarda-roupa e desmaiasse.

Reparou que Vovó estava com uma mancha de geleia no queixo. Ele devia ter limpado antes de saírem.

— Vamos começar pela melhor — falou Mamãe, piscando para Milo.

Milo digitou o número do CEP da primeira casa de repouso da lista. Depois passou o braço por cima do freio de mão e colocou sua mão na de Vovó.

Seus dedos enrugados tremeram sob os dele.

Mamãe quase bateu no velho Volvo estacionado diante da casa do senhor Overend.

— Esse carro idiota, ocupando um espaço enorme sem nunca ser usado. Alguém devia levá-lo para o ferro-velho.

Ao erguer os olhos, Milo viu uma sombra difusa na janela do quarto do senhor Overend. Ficou se perguntando há quanto tempo o senhor Overend não se sentava ao volante do carro – na verdade, ele se perguntou há quanto tempo o senhor Overend não saía de casa.

Ao virar a cabeça e focar nas imagens que apareciam no pequeno “O” da sua visão, pensou que tinha sorte por não ter de ver tudo. Pelo menos via apenas um pedacinho do céu cinzento e das calçadas cinzentas e das árvores cinzentas desfolhadas. As pessoas que enxergavam tudo de uma vez deviam se sentir engolidas pelo mundo. Milo, porém, só precisava virar a cabeça, focar em outra coisa e fingir que as partes ruins não existiam.

Ele lembrou aquele dia em janeiro em que se sentou na sala de exames do dr. Nolan. Gostou de sentir aquela cadeira grande com encosto de cabeça alto e de todos aqueles equipamentos que deixavam seus olhos engraçados. A sala ficava no subsolo, por isso não tinha janelas. As paredes estavam cobertas de cartazes com imagens de olhos vistos por dentro; quando o dr. Nolan explicou o que havia de errado com os olhos de Milo, apontou para os nervos e veias e músculos, como se fosse um mapa do metrô de Londres, só que mais confuso. E então mostrou a foto de uma lua laranja e disse que a retina de Milo era assim: ele só enxergava parte do mundo

por causa dos pedaços mais claros da laranja. Foi quando Mamãe começou a chorar e o dr. Nolan teve que pegar lenços de papel no banheiro, mas Milo não conseguia parar de olhar para a lua laranja. Era linda.

Milo encostou no banco e olhou para as árvores. Mal podia esperar pelo verão. Iria passear com Hamlet no parque, que era o lugar que ele mais gostava no mundo, além do quarto de Vovó. Milo já havia providenciado a licença de Hamlet para provar que ele não tinha nenhuma doença, tipo febre aftosa, que poderia matar todas as vacas e ovelhas das fazendas próximas. Não que houvesse qualquer ovelha ou vaca ou mesmo fazendas perto de Slipton.

Ao passarem pelos grandes portões pretos do parque, Milo pressionou o nariz contra a janela do carro. Atrás da placa que dizia PROIBIDO SUJAR e mostrava um cachorro preto dentro de um círculo vermelho agachado sobre um monte de cocô, um homem moreno com o cabelo despenteado se ajoelhou em um saco de dormir.

Ele ergueu as mãos até a altura das orelhas e depois se inclinou para a frente e encostou a testa no chão. Estava fazendo a Postura do Cachorro Olhando para Baixo, do DVD de ioga de Mamãe. Por causa dos olhos, Milo não conseguia praticar os esportes normais; por isso, às vezes, Mamãe o fazia praticar ioga com ela. “Você não quer ficar com pneuzinhos como seu pai”, ela dizia, beliscando a cintura de Milo. Só que eles não praticavam ioga há meses, desde que Papai tinha ido embora, e agora os pneuzinhos Mamãe estavam muito maiores que os de Papai.

Milo virou a cabeça, apertou a mão de Vovó e sussurrou:

— Olhe — mostrando o parque com a cabeça.

Quando viu o homem se exercitando, Vovó esboçou um sorriso com os cantos da boca.

— Preste atenção ao aparelho — Mamãe resmungou. — Preciso saber quando tenho que virar.

Mamãe não gostava da voz da mulher do GPS. Papai dizia que era sexy e que o deixava ligado – como o botão do

computador, Milo pensou. Por isso, agora Milo deixava o GPS sem som e passava ele mesmo as instruções.

— Vire à direita na curva a quinhentos metros.

Ele fez aquela voz grave que se ouve nas estações de trem, só que ninguém percebeu por causa de um avião que passou e encobriu suas palavras. Assim era a vida em Slipton: a cada cinco minutos, as pessoas perdiam uma parte do que estava acontecendo porque um Boeing 747 cruzava o céu. Nos horários de pico era ainda pior.

— O que foi que você disse? — Mamãe gritou enquanto passava da curva à direita.

MILO

Na hora do almoço, comeram sanduíches no carro, perto de umontando com a unha a Poundland¹, enquanto Vovó cochilava no banco de trás. Mamãe não tinha gostado de nenhuma das casas que tinham visitado.

— E este lugar? — Mamãe perguntou, apontando com a unha vermelha lascada para o último nome da lista de Milo: *Lar Não Me Esqueças*.

Torcendo para que Mamãe não percebesse, Milo havia escrito o último nome da lista usando uma letra miudinha. Era a única casa de repouso de que ele tinha gostado, por isso achou que devia acrescentá-la à lista: se Vovó tinha mesmo que deixá-los, deveria ir para um lugar agradável. Mas ele estava dividido. Se Mamãe gostasse do lugar, jamais conseguiria convencê-la a deixar que Vovó continuasse vivendo com eles.

Nas fotos do Lar Não Me Esqueças, os velhinhos sorriam e não pareciam tão enrugados nem usavam andadores. Tudo parecia limpo e arrumado, e havia muitas fotos de um lindo jardim. Vovó adorava jardins. Quando ele telefonou para marcar a visita, uma enfermeira muito simpática atendeu e disse que era óbvio que eles podiam conhecer o lugar, que ela mesma mostraria tudo.

— Mamãe, é muito caro. — Milo olhou para trás e lembrou que Vovó ouvia as coisas mesmo quando estava dormindo. — Acho que você não vai gostar.

Mas Mamãe já havia ligado o carro.

— Vamos lá ver.

E ela gostou.

Gostou da enfermeira de uniforme branco, dentes brancos brilhantes e cabelo grisalho puxado para trás, que ignorou Milo e a cumprimentou como se já se conhecessem. E gostou do

fato de que, cinco minutos depois de terem cruzado a porta de entrada, a enfermeira Thornhill já havia falado sobre o plano de pagamento do Lar Não Me Esqueças. Nenhuma das outras casas de repouso tinha planos de pagamento.

— Será cobrada uma pequena taxa de juros, mas isso significa que você não terá que pagar tudo adiantado, o que dá um certo alívio.

Os olhos de Mamãe se iluminaram.

Vovó e Milo caminhavam alguns passos atrás.

A enfermeira branca parecia um esqueleto: alta e ossuda e rígida. Ele ficou imaginando que ela ia estalar enquanto caminhava. Ela era muito diferente do que parecia ser pelo telefone.

Apesar de estarem em um lugar público, Milo não soltou a mão de Vovó.

— Como diretora do Não Me Esqueças, moro nas dependências do lar, por isso estou à disposição dia e noite.

Tudo ali era completamente branco, como a enfermeira: as paredes e as portas e o piso.

— Somos uma pequena comunidade muito amigável.

Mamãe ficava olhando para trás e repetindo:

— Não é agradável? — Apertava os olhos. Dizia também: — É tão perto, você pode visitar a Vovó sempre que quiser.

Milo não respondeu, e Vovó não estava ouvindo.

Então apareceu uma mulher no final do corredor com um toca-fitas antigo embaixo do braço tocando uma música estridente que lembrava um álbum do Bob Marley que Papai costumava ouvir no carro. A senhora batia a bengala no ritmo do reggae.

Vovó levantou a cabeça.

— Quem é essa? — Milo perguntou. Era a coisa mais interessante que havia visto até aquele momento.

— Por favor, desculpem — disse a enfermeira Thornhill, disparando pelo corredor.

Por causa dos olhos, Milo tinha uma audição muito aguçada. Enquanto a enfermeira Thornhill marchava com seus tamancos

de plástico branco, ele a ouviu murmurar:

— Idiota, ela sabe que não pode vir para cá.

Milo olhou pelo buraco da agulha: quando a enfermeira Thornhill se aproximou, a senhora virou e começou a se afastar. Ela tinha um rosto sorridente e bochechas salientes, com a pele brilhante e escura como uma castanha. Mas quando ele virou a cabeça, percebeu uma mancha úmida atrás da roupa da mulher. A enfermeira Thornhill agarrou-a pelo cotovelo e puxou-a pelo corredor.

— É preciso muito comprometimento — Mamãe falou — para cuidar de todos esses pacientes.

Poucos minutos depois, a enfermeira Thornhill estava de volta ao lado de Mamãe.

— A senhora Moseley gosta de andar a esmo. — Ela suspirou. — Tão querida — disse, com os lábios contraídos.

Ao passarem pela cozinha, Vovó soltou a mão de Milo e foi até as portas vai e vem.

— O que foi, Vovó? — perguntou Milo.

Ela se aproximou na ponta dos pés e espiou pela janela de vidro redonda.

— Vovó?

Milo foi atrás dela e parou ao seu lado. Ficou se perguntando se, ao olharem por aquelas janelas, as pessoas viam o mundo como ele.

Um homem de pele e olhos escuros e cabelo preto encaracolado estava parado diante de uma panela com água fervendo. Ele cantava uma música rápida e entrecortada, que fez Milo pensar em como as vozes soavam quando você as gravava e depois reproduzia em *fast-forward*. Mas as palavras eram de uma língua estranha, que Milo nunca tinha ouvido.

A expressão do rosto de Vovó suavizou e foi a primeira vez, desde o incêndio, que ela parou com aquela coisa de ficar olhando para o vazio. Vovó fechou os olhos e ficou ali, se balançando, ouvindo o homem cantar.

— Milo, o que vocês estão fazendo? Traga a Vovó para cá! — Mamãe chamou do final do corredor.

Milo achava que não se devia erguer a voz em lugares como aquele. Olhou para a enfermeira branca para ver se ela estava olhando feio para Mamãe, mas a enfermeira sorriu, mostrando os grandes dentes brancos. O sorriso fez Milo se lembrar daqueles adesivos da infância com os quais era possível misturar lábios e sobrancelhas e bigodes para criar rostos estranhos.

Quando Vovó e Milo se aproximaram, Mamãe falou:

— Está tudo resolvido. A Vovó se muda para cá na segunda-feira.

“Segunda-feira? Quer dizer, depois de amanhã?”, Milo pensou, pois achava que teria tempo para bolar um plano que fizesse Mamãe mudar de ideia.

— Vocês não têm uma lista de espera? — Milo perguntou para a enfermeira. A maioria dos lugares bacanas que ele havia encontrado na internet tinha listas de espera. — Nem formulários para preencher?

A enfermeira balançou a cabeça.

— No Lar Não Me Esqueças estamos sempre abertos para novos clientes.

“Cliente” era como o gerente do banco se referia a Mamãe quando ela ia pedir dinheiro para o salão ou pagar a hipoteca. Mamãe precisava de dinheiro por causa de Papai. “Seu pai se mandou para Abu Dhabi com a Vadia”, ela disse a Milo quando ele chegou da escola em uma tarde de junho. E a Vadia estava grávida, o que piorava as coisas, e Papai havia limpado a conta conjunta dizendo que o dinheiro era dele e que Sandy deveria arrumar um emprego e ganhar algum dinheiro para variar. Isso piorou ainda mais o que já estava ruim.

Pensando bem, a Vadia tinha uma voz parecida com a do GPS. Talvez por isso Papai preferisse ficar com ela em vez de Mamãe.

— E o Papai? — Milo perguntou. — Não devíamos perguntar o que ele acha?

Um avião cruzou o céu naquele momento. O isolamento acústico do Não me Esqueças era pior do que o de casa.

Mamãe aproveitou o barulho do avião como desculpa para fingir que não ouviu.

Milo falou mais alto.

— Precisamos falar com o Papai, a decisão também é dele.

Ele sabia que estava insistindo e que Mamãe não ia gostar, mas Vovó era avó de Papai. Ela havia cuidado dele quando ele era criança e seus pais saíam para trabalhar em Edimburgo; e Papai decidiu cuidar dela quando eles disseram que estavam velhos demais para cuidar de uma idosa. Papai a amava e sabia o quanto ela era importante para Milo.

Milo sabia que não era certo sentir aquilo, mas às vezes desejava que Mamãe tivesse ido para Abu Dhabi e Papai tivesse ficado em Slipton.

— Seu pai está ocupado — respondeu Mamãe.

Mamãe estendeu a mão para a enfermeira Thornhill e agradeceu, o que Milo considerou muita idiotice, pois eram eles que estavam pagando para Vovó vir para esse lugar.

— Vocês permitem animais? — ele perguntou.

A enfermeira olhou para Milo, e o sorriso de adesivo se soltou e caiu no chão.

Mamãe apertou o braço de Milo.

— Receio que não — disse a enfermeira.

Se Vovó tinha que ficar lá até que ele descobrisse um jeito de tirá-la dali, Milo queria que ela ficasse com Hamlet.

Mamãe não sabia, mas Hamlet passava muito tempo com Vovó no quartinho do sótão. Quando Vovó ficava com frio, Hamlet sentia e se aconchegava, e quando ela fazia coisas estranhas, como colocar gel de banho na escova de dentes (o que enchia sua boca de espuma por uma eternidade) ou levar o rádio para o banho (o que poderia fazer com que fosse eletrocutada), Hamlet grunhia e guinchava até que ela percebesse o que estava fazendo ou que Milo ouvisse e subisse a escada para ver o que estava acontecendo.

Foi Hamlet que percebeu o fogo. O nariz dele era mais sensível do que o de cães farejadores, por isso, quando sentiu

a fumaça, começou a guinchar até Milo acordar e descer a escada e encontrar Vovó perto do fogão.

Além disso, com Hamlet, Vovó não se sentiria tão sozinha entre aquelas paredes brancas com todas aquelas pessoas brancas de dentes brancos e uniformes brancos e sapatos brancos.

— Acho que encontramos o lugar perfeito para a Vovó, você não acha, Milo? — Mamãe perguntou enquanto dirigia de volta para casa. — Você sabia que existem lares Não Me Esqueças em todo o país?

Milo deu de ombros. Para ele, o lugar parecia suspeito, mais para pizzaria do que um lugar para viver. Pegou a mão de Vovó e apertou mais forte do que jamais havia apertado.

¹ Poundland é uma rede britânica de lojas que vende a maioria dos produtos por 1 libra. (N. T.)

TRIPÍ

“Maldita comida inglesa!”, Tripi pensou ao tirar a panela de batatas cozidas do fogão.

Ele levou as batatas até a pia e colocou-as no escorredor. O vapor bateu em seu rosto, esaldando seus olhos. Recuou, derramando água da panela no chão.

— Pelo amor de Deus, tome cuidado! — A enfermeira Thornhill pronunciava as palavras como se estivesse atirando tijolos. — Pensei que você fosse um chef experiente.

Tripi era um chef experiente, só não estava habituado a descascar e picar e cozinhar batatas vinte e quatro horas por dia. Batatas e carne que parecia couro velho deixado no sol. Batatas e cozido aguado, requentado daquelas latas que ela comprava. Batatas e legumes pré-cozidos da cor dos uniformes usados pelos rebeldes da Síria: verde-musgo pálido. Ele fazia o possível para criar alguma coisa com esses ingredientes, mas suas habilidades tinham limite.

Tripi se lembrou do Quatro Estações, em Damasco – dos candelabros, do restaurante fervilhando com os turistas, do chef que o ensinou a fazer o merengue perfeito. O chef havia escrito uma carta de recomendação para ajudar Tripi a conseguir emprego quando chegasse na Inglaterra. “Um dia irei comer no seu restaurante”, ele dissera. Eles acreditavam que teriam muito tempo para se despedir, mas aquelas foram as últimas palavras do chef para Tripi.

— Não podemos nos dar ao luxo de fazer bagunça, Tahir — a enfermeira Thornhill disse.

Tahir era seu nome nos documentos, mas todos na Síria o chamavam de Tripi. Foi como sua irmã mais nova passou a chamá-lo depois de aprender inglês e descobrir que o verbo “to trip” significava “tropeçar nas coisas”. “É o que as pessoas

desajeitadas fazem”, ela disse. “Pessoas que tropeçam nos próprios pés grandes.” Ela olhou por cima do dicionário, os olhos castanhos brilhando: “A partir de agora, vou te chamar de Tripi!”.

— Desculpe, enfermeira Thornhill — Tripi falou, enxugando a água com um pedaço de papel-toalha.

— Preciso do seu endereço.

Ela colocou um formulário azul ao lado da pia e apontou para uma coluna com quadradinhos vazios.

O vapor do escorredor fez as bordas do papel virarem. Tripi olhou para as palavras ao lado dos espaços em branco: *rua, cidade, país, número de telefone*. Havia outros quadradinhos, como *número da Previdência Social*, mas a enfermeira Thornhill disse que ele não precisava se preocupar com esses.

Seu endereço? A grama úmida que fazia seus joelhos rangerem quando ele se inclinava para fazer suas preces. O céu cinza pesado que engolia o sol e trovejava com aviões. Ele fechou os olhos e pensou em Damasco. Os vermelhos e púrpuras do zoco², o cheiro do café fumegante nos copos de vidro, sua irmã sentada no banquinho alto da cozinha contando o que havia aprendido na escola naquele dia.

— Tripi, você ouviu o que eu disse?

Tripi abriu os olhos e assentiu com a cabeça.

— Sim, sim, meu endereço. Eu vou trazer.

Ele observou a enfermeira branca e magra enquanto ela caminhava até as grandes portas vai e vem. Quando a viu pela primeira vez, se impressionou — tão limpa e arrumada e asseada, dedicando a vida aos idosos. Também sentiu pena dela, por viver em um pequeno apartamento na casa de repouso, sem marido, sem família.

Antes de sair, a enfermeira Thornhill se virou e olhou para ele com aqueles olhos claros, desbotados.

— E chega de cantoria estrangeira. As visitas não gostam.

Quando a enfermeira Thornhill cruzou a porta da cozinha, Tripi pensou naquele pequeno rosto enrugado olhando pela

janela de vidro e no rosto do menino que se postou ao lado. Eles tinham sorrido para sua música.

[2](#) Zocos são mercados tradicionais, geralmente ao ar livre, dos países árabes. (N. T.)

MILO

Um golpe surdo.

Milo abriu os olhos.

Uma batida.

Hamlet se contorceu no meio das cobertas da cama e parou no peito de Milo, as orelhas viradas para trás.

O assoalho tremeu acima dele. Um pedacinho de gesso se soltou do teto e parou na orelha preta de Hamlet. Milo soprou e beijou a orelha de Hamlet.

Depois eles ficaram prestando atenção para ver o que aconteceria.

Era uma brincadeira que eles faziam com Vovó: ouvir atentamente e tentar adivinhar o máximo possível de sons. Vovó era quem tinha inventado, quando Milo voltou da primeira consulta com o dr. Nolan.

“Precisamos aguçar seus sentidos”, Vovó escreveu no bloquinho.

Vovó achava que se Milo conseguisse escutar, sentir o cheiro e o gosto das coisas melhor do que todo mundo, além de ouvir sua própria intuição, compensaria as coisas perdidas em sua visão periférica.

Milo fechou os olhos e ouviu muito atentamente.

Um barulho surdo, como se alguém tivesse deixado cair um livro muito pesado.

O ranger de passos andando de um lado para o outro do sótão.

Um barulho de zíper abrindo e depois fechando.

Depois uma batida.

E então, um suspiro — não para ser ouvido, Vovó não fazia nada barulhento, mas um suspiro grande, profundo, dentro de

sua cabeça e de seu coração, tão grande que Hamlet e Milo também sentiram.

Milo esfregou os olhos e virou a cabeça na direção da janela. Ainda estava escuro lá fora. As lâmpadas laranja da rua zumbiam.

— Vamos lá. — Milo pegou Hamlet nos braços. — Vovó precisa de nós.

Milo passou na ponta dos pés pelo quarto de Mamãe e parou por um segundo para ter certeza de que ela estava dormindo. Quando Papai saiu de casa, Milo a ouvia descendo a escada, andando pela cozinha, abrindo a porta da geladeira, fechando a geladeira, e depois o zumbido da tevê. No dia seguinte, ele a encontrava dormindo no sofá, e uma colher de sopa e um pote de sorvete no meio de uma bagunça pegajosa na mesinha da sala. Fazia tempo que isso não acontecia, mas ela ainda tinha seus maus momentos.

Quando acreditou ter ouvido a respiração adormecida de Mamãe, Milo subiu a escada em direção ao sótão. Enquanto as luzinhas mágicas entravam e saíam do foco de seus olhos cansados, ele sentiu uma palpitação no peito, o que significava que Vovó também devia ter sentido a palpitação; isso explicava por que ela não conseguia dormir e por que estava andando e suspirando tanto.

Milo odiou a ideia de que aquela poderia ser a última noite que ele subiria a escada para vê-la, que logo a enfermeira de uniforme branco com dentes brancos e sorriso de plástico é que estaria cuidando dela.

Ele bateu de leve na porta, esperou um segundo e depois entrou.

Mexendo a cabeça centímetro por centímetro, escaneou o quarto.

Parecia que uma bomba havia explodido ali. As coisas de Vovó estavam espalhadas pelo chão: a gaita de foles e o mapa da Escócia e a pintura da baía onde havia crescido, em Inveraray, e a foto de Vovô de uniforme e todas as suas roupas e sapatos e livros. Havia pedacinhos do vaso amarelo preferido

por todo o tapete, como estilhaços de bomba. E no meio de tudo, como aqueles suicidas que aparecem nos noticiários quando conseguem sobreviver à explosão, estava Vovó, com tufo de cabelo grisalho espetados para cima, os olhos vidrados e arregalados.

— Está tudo bem, Vovó. — Milo caminhou em sua direção, pegou sua mão e levou-a de volta para a cama. Ela estava tremendo. — Pronto — disse, colocando Hamlet sobre os joelhos dela. — Ele é melhor do que uma bolsa de água quente.

Milo colocou os dedos de Vovó sobre o corpinho quente de Hamlet e acariciou suas mãos. A pele era fina como papel de seda, mal cobria a teia de veias azuis.

Ela ergueu os olhos e sua expressão ficou um pouco mais tranquila.

— Espere só um minuto.

Milo a beijou na cabeça e foi até o banheiro.

Abriu o armário do banheiro e fixou os olhos em um frasco de cada vez. Viu o frasco de comprimidos cor-de-rosa que Vovó tomava por ter muito açúcar no sangue. Ela era tão magra quanto os meninos do time de futebol da escola, mas vivia à base de biscoitos amanteigados e chá com açúcar e gostava de chupar cubos de açúcar, por isso o médico disse que ela estava na faixa de risco. Ele também viu os frascos de comprimidos verdes e brancos que ajudavam Vovó a dormir. O médico disse que os remédios a acalmariam quando ela ficasse confusa. Exceto em ocasiões muito especiais, Milo evitava dar a Vovó esses comprimidos, porque eles a deixavam sonolenta e completamente diferente do que ela era.

Mudou o foco para outro frasco. Os mágicos comprimidos desembaraçadores para os momentos em que o cérebro de Vovó disparava em milhares de direções e ela esquecia onde estava e o que devia fazer e às vezes até quem era Milo. Ele pegou o último frasco, abriu a tampa e colocou um comprimido na palma da mão.

Ao voltar, colocou o pequeno comprimido branco na mão de Vovó, deu a ela um copo de água e depois foi olhar seu

bloquinho, que ficava no peitoril da janela.

O céu já estava mais claro, cinza retinto, e dele veio um assopro, parecido com o de um pássaro, só que mais agudo e mais humano.

Hamlet pulou do colo de Vovó para a cama e se arrastou pelo colchão até a janela. Milo o pegou e os dois ficaram olhando para fora.

Sob uma lua crescente, tão fina quanto um anel de cebola, viram o senhor Overend na janela da casa dele. Às vezes, Milo se perguntava se o senhor Overend era um fantasma e se apenas ele e Vovó conseguiam vê-lo. O senhor Overend apertou os lábios e assobiou de novo. Ele gostava de imitar os pássaros ao amanhecer.

— Ele está fazendo aquilo de novo — Milo disse.

Vovó parecia não ter ouvido.

Ele colocou o bloquinho no colo de Vovó e depois olhou em volta do quarto. A bagunça era tão grande que não sabia por onde começar.

— Então você estava arrumando as malas, Vovó?

Ela assentiu com a cabeça.

— Você não precisa levar tudo, sabia?

A expressão do rosto de Vovó não se alterou e ela não escreveu nada no bloquinho.

Milo se aproximou e se agachou ao seu lado.

— Você só vai ficar lá por algum tempo, até eu encontrar uma forma de trazer você de volta. Leve apenas o que for essencial, como... como se você estivesse saindo de férias. Você só precisa levar algumas coisas, coloque tudo em uma mala.

O rosto de Vovó ainda parecia confuso. Às vezes demorava um pouco para os comprimidos desembaraçadores fazerem efeito.

— Vou fazer três fichas, Vovó.

Milo pegou o bloquinho de Vovó e escreveu *Vai* em uma folha de papel, *Fica* na outra e *Não Sei* na terceira. Arrancou as folhas e entregou a ela.

— Vou apontar para suas coisas, uma de cada vez, e você vai me mostrar o papel para me ajudar a fazer a mala. — Milo sorriu. — Vai ser como um dos nossos jogos.

Milo achou que Vovó gostaria do jogo, mas ela franziu a testa, seu rosto corou e seus olhos ficaram embaçados. Devia estar esgotada por ter tentado arrumar tudo sozinha. Alguns dias antes, Milo tinha ajudado Vovó a começar a empacotar as coisas, mas ela ficava mudando de ideia sobre o que queria levar e o que queria deixar – e agora tinha deixado tudo para a última hora e estava tentando fazer tudo sozinha e ficando exausta. Seria melhor se ela descansasse um pouco, mas eles precisavam fazer aquilo: Vovó iria para a casa de repouso logo cedo, e se Mamãe descobrisse que as malas não estavam prontas ela teria um treco e faria ela mesma as malas, e Vovó não poderia dar nenhum palpite sobre as coisas que gostaria de levar.

Milo viu as pernas traseiras e o rabinho enrolado de Hamlet embaixo da cama e o puxou; depois colocou Hamlet no colo de Vovó, que sorriu e pareceu melhor.

— Então, vamos começar pelo essencial — Milo falou, apontando para as roupas íntimas. As calcinhas grandes e largas e os sutiãs com muitas tiras e ganchos e a meia de malha grossa, cor de caramelo.

Vovó levantou o sinal *Vai*.

— Está vendo, Vovó? Vai ser divertido.

Milo pegou a velha mala de Vovó, que parecia feita de papelão rígido com cantos reforçados, abriu e começou a dobrar cuidadosamente as roupas íntimas dela.

Hamlet se aproximou e sentou na parte macia da gaita de foles e Vovó começou a levantar as fichas e Milo conseguiu dobrar e separar as roupas num excelente ritmo.

— Você estará de volta no Natal, Vovó. Você vai ver. — Guardou os sapatos de Vovó com as meias cor de caramelo. — E enquanto estiver fora, vai se divertir. Vai conhecer pessoas da sua idade.

Milo respirou fundo e olhou ao redor. O quarto de Vovó estava começando a ficar mais arrumado.

— Vou visitar você todos os dias. As coisas não serão tão diferentes de como são agora, não é, Hamlet? — Milo sentiu sua voz tremer e beijou o alto da cabeça de Hamlet para fazer sumir o nó que havia se formado em sua garganta. — E vou levar Hamlet escondido, mesmo que aquela enfermeira boba tenha dito que não permitem animais de estimação.

Milo examinou o tapete pelo buraco da agulha, pegou cada um dos pedacinhos do vaso e levou até o cesto de lixo de Vovó.

A porta se abriu.

Hamlet guinchou e começou a correr em círculos.

Milo sentiu os ombros de Vovó caírem.

— Que diabos...?

Do lugar onde estava agachado, tudo o que Milo conseguia ver era a beirada da porta e a ponta da camisola de Mamãe e as coxas pálidas protuberantes e os chinelos cor-de-rosa e as unhas cor-de-rosa lascadas dos dedos dos pés.

— Eu só estava ajudando a Vovó...

Mamãe ignorou Milo e virou-se para Vovó.

— Lou, são cinco e meia da manhã, Milo devia estar na cama. Daqui a pouco ele tem que ir para a escola.

Vovó deu de ombros.

— Não é culpa dela — Milo falou, sentindo o calor de toda aquela atividade subindo para seu rosto. — Se você não a obrigasse a ir embora, ela não teria que fazer a mala.

Um silêncio pesado se abateu sobre eles. Até Hamlet parou de andar em círculos. O único som que se ouvia era o assobio baixo do senhor Overend, dessa vez não como um pássaro, mas como uma sirene.

— Vá para seu quarto, Milo.

Milo pegou Hamlet.

— Vamos ficar com a Vovó.

Vovó rabiscou alguma coisa no bloquinho. Milo percebeu um tremor em seus dedos e, ao olhar para as letras, viu que estavam tremidas. Ele se aproximou e leu em voz alta:

Por favor... não... briguem.

— Não estamos brigando — Sandy retrucou. — Só estou dando uma ordem a Milo e é melhor ele fazer o que mandei ou... — Ela mastigou a unha do dedo mindinho. — Ou vou proibir a visita depois da escola.

Milo sentiu o calor do rosto subir para os olhos. O buraco da agulha estreitou. Tudo o que via eram os lábios idiotas, franzidos e cruéis de Mamãe. Já não bastava obrigá-lo a ir para a escola, o que significava que não estaria ao lado de Vovó quando ela se mudasse para a casa de repouso, agora estava ameaçando proibir que a visitasse? Se ela fizesse isso, ele faria suas malas e iria morar com Vovó no Não Me Esqueças. Aí ela ia aprender.

Vovó ergueu o papel que dizia *Vai* e olhou para Milo.

Ele piscou.

— Quer que eu vá embora, Vovó? — perguntou com a voz trêmula.

Ela assentiu com a cabeça, lentamente.

— Ótimo, pelo menos desta vez estamos de acordo — Mamãe disse. — E não se esqueça de colocar esse porco na garagem.

Milo abraçou Hamlet mais forte e saiu do quarto. Já ia fechar a porta quando mudou de ideia. Pisou com força nos degraus, como se estivesse indo para seu quarto, e voltou devagarinho, ajoelhou-se no tapete e olhou pela pequena abertura da porta.

— Ele precisa se acostumar com sua ausência — Mamãe falou, empurrando a mala para o lado. — Saiu do controle, Lou, essa mania de ajudar você em tudo.

Milo viu os olhos de Vovó ficarem marejados. Ela rabiscou alguma coisa no bloquinho, mas estava longe demais para que ele pudesse ler.

Milo cerrou os punhos. Vovó não havia pedido ajuda, ele decidiu ajudar porque quis. E se Mamãe parasse de sentir tanta pena de si mesma e de pensar em Papai por um segundo, e também ajudasse a cuidar da Vovó, ele não teria que se preocupar tanto.

— Vamos lá, Lou, está na hora de você descansar.

A voz da Mamãe estava mais suave do que Milo esperava. Então ela fez um carinho na cabeça de Vovó, algo que nunca fazia quando Milo estava olhando. Pegou o bloquinho e colocou no parapeito da janela; depois ergueu as pernas de Vovó e a endireitou, puxou as cobertas e a cobriu fazendo toda a volta, marcando o contorno de seu corpo na cama, como costumava fazer com ele. Ela não fazia isso há séculos.

Milo esfregou os olhos. A arrumação das coisas de Vovó havia consumido toda sua energia visual, mas ele não queria ir embora, ainda não.

Olhou de novo pela fresta da porta.

Mamãe sentou ao lado de Vovó na cama e segurou a mão dela, como ele havia feito antes.

— O Não Me Esqueças é um lugar agradável, Lou. Eles vão cuidar de você direitinho.

Milo sentiu uma palpitação no peito de Mamãe, como a que havia sentido ao subir a escada olhando para as luzinhas mágicas.

— É o melhor, é tudo para o melhor — Mamãe disse, suspirando.

Através do buraco da agulha, Milo viu Vovó fechar os olhos e acenar com a cabeça para cima e para baixo.

Mamãe continuou ali durante o que pareceu uma eternidade, acariciando a mão de Vovó, esperando que ela pegasse no sono. Ela demorou tanto que Milo também começou a ficar com sono e, com medo de que Mamãe o encontrasse dormindo do lado de fora com Hamlet nos braços, levantou bem devagarinho e evitou fazer qualquer barulho enquanto voltava para seu quarto.

Ao deitar na cama, com Hamlet aconchegado ao seu lado, ele ouviu Mamãe andando no quarto de cima, terminando de arrumar a mala de Vovó.

As palavras de Mamãe flutuaram diante de seus olhos, trêmulas como as palavras de Vovó: “O melhor... é... tudo... para... o melhor...”.

Quem sabe se ficasse olhando para as palavras por um bom tempo, ele começasse a acreditar nelas.

MILO

— Milo...

A voz da senhora Harris foi desaparecendo até sumir.

Por trás das pálpebras, Milo viu Vovó sentada em sua poltrona, oprimida pelas paredes brancas da casa de repouso. Desejou que Mamãe tivesse permitido que ele faltasse na escola para ajudar Vovó a se instalar.

— Milo Moon, você está aqui? — A voz da senhora Harris agora era nítida.

Ele sentiu a pontada de um dedo em suas costelas.

— Acorde! — Nadja sussurrou através do aparelho nos dentes.

— Ele desligou de novo — Stan anunciou atrás de Milo.

A classe inteira desatou a rir, menos Nadja, mas só porque ela não queria ter problemas.

— Chega, Stan! — a senhora Harris disse.

Milo sentiu um empurrão por trás da carteira. E sentiu o mau cheiro que vinha de baixo das roupas sujas de Stan; pairava no ar e se misturava com o perfume doce de Nadja e com o odor das plantas fedidas que a senhora Harris mantinha na soleira da janela e com a densa poeira jogada no ar pelos aquecedores.

Achou que ia passar mal.

— Milo?

— Desculpe, senhora Harris.

Ele se endireitou, respirou fundo e esfregou os olhos.

A professora entrou no foco, as mãos pousadas nos quadris, a cabeça inclinada para o lado.

— Como eu estava dizendo, Milo, imprimir os resultados das provas e coloquei em envelopes para vocês levarem para seus pais.

Milo sentiu o coração esmorecer. A última coisa de que precisava era Mamãe pegando no seu pé por causa da escola.

— Quer que eu distribua, senhora Harris? — Nadja perguntou, as costas retas como uma régua, o nariz pequeno e afilado no ar.

Antes que a senhora Harris tivesse a chance de responder, Nadja já estava de volta ao seu lugar. Milo e Nadja dividiam a carteira dupla que ficava na frente de toda a sala; Nadja porque havia pedido, e Milo porque a senhora Harris achava que assim ele enxergaria melhor o quadro-negro. Mamãe e Papai deviam ter explicado à senhora Harris aquela coisa da retinite pigmentosa, mas ela não parecia ter entendido que de longe é melhor para enxergar pelo buraco da agulha. E que, se a classe inteira está atrás de você, você vira um alvo fácil.

Milo guardou o envelope na mochila.

— Arrumem suas coisas, deixem a cadeira embaixo da carteira e façam uma fila perto da porta.

Milo estreitou os olhos e olhou para o relógio. Faltava uma hora para sair da escola e o céu já estava escurecendo. Vovó estava no Não Me Esqueças havia horas.

— É melhor vocês se comportarem, quinta série. Queremos causar uma boa impressão para o policial Stubbs.

Desde setembro eles vinham recebendo bombeiros, lixeiros e paramédicos. Fazia parte do aprendizado para serem bons cidadãos — “e nunca é cedo demais para pensar nas alternativas profissionais”, disse a senhora Harris. O problema era que Milo sabia que seria inútil em qualquer uma dessas profissões. Um bombeiro que não conseguiria ver as chamas saindo pela lateral da casa ou um lixeiro que pegaria apenas uma parte do lixo ou um paramédico que não veria uma segunda pessoa caída na estrada com a perna quebrada. Era preciso enxergar direito ou você deixaria passar coisas, deixaria as pessoas na mão e seria demitido.

A sala da palestra era uma tenda, sem paredes de tijolo ou telhado. Havia cadeiras enfileiradas e uma televisão velha em uma prateleira. O policial Stubbs ficou diante da classe; estava

usando uniforme preto e chapéu azul-marinho com uma faixa quadriculada em branco e azul, colete à prova de balas, gravata e ombreiras azul-marinho, camisa branca e, por cima, um casaco de náilon amarelo fluorescente com o rádio preso no peito e coisas penduradas no cinto, como o cassetete e as algemas, uma arma de verdade e outros objetos para prender criminosos.

Ao entrarem, ele deu a cada aluno uma etiqueta para que escrevessem seus nomes.

— Boa tarde. — A voz do policial era tão grave e clara que a classe ficou em silêncio imediatamente. Até mesmo Stan fechou o bico por um segundo. Milo desejou ter uma voz capaz de causar aquele efeito. — Sou o policial Stubbs e hoje vou explicar como vocês podem ajudar a polícia a fazer de Slipton um lugar mais feliz e seguro. Para começar, vou mostrar a vocês um vídeo bem curto.

Um burburinho se instalou na classe. A senhora Harris raramente permitia que assistissem a filmes.

O policial Stubbs ergueu as mãos pedindo silêncio e pigarreou.

— O que vocês verão é a reconstituição da cena de um crime. Quero que prestem muita atenção. Depois vou fazer algumas perguntas.

A tevê foi ligada.

Milo se concentrou e olhou fixamente através do buraco da agulha. Ele gostava de televisões, com sua moldura fixa: eram muito mais fáceis de ver do que a vida real.

Quando terminou o vídeo, o policial Stubbs congelou a imagem mostrando uma senhora de idade usando rede no cabelo, parada na calçada diante de uma unidade da Sociedade de Proteção aos Animais.

— Então, vamos ver se temos algum futuro detetive por aqui — o policial Stubbs disse. — O que é que vocês viram?

— Aquele cara colocou a mão na bolsa da senhora — Stan disparou.

— Levantem as mãos, por favor — a senhora Harris pediu.

O policial Stubbs deu uma olhada na etiqueta com o nome de Stan.

— Muito bem, Stan. Você está certo, foi isso o que aconteceu. Mas eu estava esperando mais detalhes.

Milo gostou que o policial tivesse colocado Stan no seu devido lugar. Todo mundo tinha visto qual era o crime — não era preciso ser detetive para isso.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo.

— Ele tinha um bigode...

— Era alto...

— Não, ele não era...

— Levantem as mãos, classe.

— Ele estava usando uma camiseta cinza.

— Não era cinza, era branca.

— Olhos azuis...

— Não, verdes...

— Agasalho Adidas...

— A senhora estava usando uma peruca...

— Não, não estava...

— Estava, sim...

— Não estava...

— Classe, um de cada vez, por favor.

— Havia outro cara em pé na esquina, na frente do açougue. Um metro e oitenta e oito de altura, cabelo castanho com gel, vinte e poucos anos, uma marca no rosto, sapatos de couro marrom, calça jeans preta desbotada, capuz vermelho. Ele era o vigia.

A classe ficou em silêncio.

Todos olharam para Milo.

As sobancelhas da senhora Harris se arquearam tanto que Milo achou que elas iriam sumir na linha do cabelo.

Um sorriso surgiu na boca do policial Stubbs.

— E quem é este jovem? — ele perguntou para a senhora Harris.

— O nome dele é Milo. Milo Moon.

— Muito bem, parece que você tem um olho muito bom, Milo.

Stan bufou sonoramente, mas desta vez ninguém achou graça.

Milo não entendeu muito bem aquela comoção. Era fácil: bastava olhar para aquilo que você achava que ninguém iria notar. Ele jogava esse jogo de observação com Vovó o tempo todo: ficavam olhando para a rua da janela do sótão, tentando perceber coisas que as outras pessoas não viam. Isso fazia parte do treinamento de Vovó para ajudá-lo com seus olhos, como o jogo da audição. Também faziam isso com cheiros e, às vezes, até com sabores, tentando descobrir todos os ingredientes de uma das refeições de micro-ondas que Mamãe fazia.

Na saída da palestra, o policial Stubbs entregou seu cartão a cada um dos alunos e disse que, se algum dia quisessem saber mais sobre o que precisavam fazer para se tornarem policiais – ou se notassem qualquer coisa estranha nas ruas de Slipton –, poderiam telefonar para ele.

Quando Milo se aproximou, o policial Stubbs disse a ele:

— Você é realmente muito bom, Milo. Precisamos de garotos como você na força.

— Ele não passaria no exame físico — Stan falou, irrompendo atrás de Milo.

— Como é? — o policial Stubbs perguntou. Dava para ver que ele não gostava de Stan.

— Ele é cego como um morcego — Stan falou.

Os alunos da Slipton Júnior percebiam que Milo tinha um problema nos olhos, apesar de ele tentar esconder.

O rosto do policial Stubbs ficou vermelho como um pimentão.

Milo sentiu os olhos arderem. Pegou o cartão do policial Stubbs, guardou no bolso, disparou pelo corredor e cruzou os portões da escola naquela tarde escura de dezembro.

MILO

— Vovó, Vovó!

Milo irrompeu no quarto de Vovó no Não Me Esqueças, jogou a mochila na cama e correu para se ajoelhar ao lado dela, junto da poltrona. Apesar de a vista não ser tão boa, ficou feliz por ela ter uma poltrona perto da janela. Vovó gostava de olhar para fora.

— Vovó — ele disse, pegando sua mão. Parecia mais pesada que de costume e não apertou a dele. — Hoje tivemos uma palestra com um policial na escola e ele disse que sou muito bom para observar coisas e me deu o cartão dele.

Milo procurou o cartão no bolso e mostrou para Vovó. Mas ela não abriu os olhos. Nem se mexeu.

— Vovó?

Ele sacudiu seu braço suavemente e fez um carinho no lado de dentro do pulso, naquele pedaço onde se podia ver as veias azuis embaixo da pele branca. Vovó não era de dormir profundamente. Em geral, quando Milo subia até seu quarto no sótão, ela já tinha ouvido seus passos na escada e estava esperando por ele de olhos abertos, pronta para ouvir e escrever coisas no bloco de papel. Ela não dormia tão profundamente nem mesmo à noite.

Milo se aproximou. A cabeça de Vovó estava pendurada e o queixo apoiado no peito. As pálpebras estavam fechadas e a respiração era pesada e profunda.

— Vovó? — Ele sacudiu o braço dela novamente. Ela se mexeu, levantou a cabeça, piscou os olhos por um segundo e voltou a dormir.

Talvez a mudança tivesse consumido todas as suas energias, Milo pensou.

— Eu também queria mostrar o boletim, Vovó — ele disse, olhando na direção da mochila. — Não fui muito bem nas provas.

Mas não adiantou. Vovó continuou em silêncio. Ele teria que voltar outra hora.

SANDY

Sandy engoliu uma de suas pílulas brancas e azuis da dieta com um pouco de água e pegou o bloco de recados perto do telefone. Viu a letra de Milo, a caligrafia mais perfeita que já tinha visto na vida. O dr. Nolan disse que ela ia notar isso, como ele poderia ser preciso e atento em relação a algumas coisas, ao mesmo tempo em que deixaria escapar outras.

Samantha cancelou a depilação.

Era o terceiro cancelamento naquela semana. E estavam na época do Natal, quando as pessoas deviam estar fazendo fila no quarteirão para se depilar.

Ela ouviu Milo abrir e fechar a gaiola de Hamlet na garagem. Ele estava lhe dando um gelo desde a ida de Lou para o Não Me Esqueças. Ela ligou a tevê que ficava em cima do balcão; os botões haviam derretido e havia uma camada de fuligem sobre a tela.

“Você está preparado para a aventura da sua vida? Então faça um passeio de camelo pelo deserto mais quente do mundo...”

Sandy olhou atentamente para as areias douradas do Saara. Calor — seria uma ótima mudança em relação a Slipton.

Vinte e sete anos e nunca havia entrado em um avião, nem sequer saído da Inglaterra. Quando estava grávida de Milo, Sandy tinha assistido a documentários sobre gravidez na adolescência e não conseguia se identificar com aquelas meninas empurrando carrinhos em conjuntos habitacionais. Mas foi isso o que aconteceu: engravidou muito cedo e depois não teve mais jeito. Ela disse a Andy que tinha medo de viajar de avião, que algo podia dar errado e o avião cair. Mas agora, com tudo o que havia acontecido, andar de avião não parecia

tão assustador. Na verdade, Sandy até achava que ia gostar: colocar sua vida em uma mala e desaparecer nas nuvens.

Milo veio da garagem trazendo Hamlet. Ela jogou o frasco com os comprimidos na gaveta dos talheres.

Hamlet estava com eles há poucos meses, mas já havia dobrado de tamanho. Quando Andy apareceu com ele em junho, alguns dias antes de partir para Abu Dhabi, Sandy disse: “De jeito nenhum, vamos devolver”. Mas Milo insistiu que Hamlet continuaria pequeno. “Muito pequeno, assim”, ele disse, mostrando fotos da internet. Um focinho úmido, patinhas rosadas e um rabinho em espiral. “Ele não vai dar trabalho nenhum e vou cuidar dele, prometo.”

Milo, sempre cuidando das coisas.

— Vou preparar uma torrada para você — Sandy falou.

Milo não respondeu. Enfiou o nariz no pelo de Hamlet, atravessou a cozinha sem dizer uma palavra e subiu.

Desde o início, Andy se mostrara melhor com Milo do que ela. Ele nunca havia assumido qualquer responsabilidade pelas coisas rotineiras, como comprar sapatos e participar das reuniões de pais e levá-lo ao dentista e, no último ano, às consultas com o dr. Nolan, mas sabia como fazer Milo feliz. E então foi embora e o deixou.

E agora ela também tinha levado Lou embora. Ele achava que a culpa era toda dela, podia ver isso naqueles olhos atentos, focados.

“Eles são criaturas de hábitos”, foi o que Gina falou na semana anterior, enquanto Sandy massageava suas coxas com creme para celulite. “Ele vai se acostumar.” Gina também havia colocado a mãe em uma Não Me Esqueças no último Natal.

Sandy torrou duas fatias de pão, passou manteiga enquanto ainda estavam quentes, lambeu os dedos e depois espalhou creme de marshmallow por cima. Ela tinha comprado o creme para fazer um agrado a Milo, ou talvez para compensá-lo. Mas pelo quê? Por ele ter perdido as pessoas que amava? Por ser obrigado a viver com ela?

Colocou as torradas no prato preferido de Milo, aquele com porquinhos voando na borda, e levou para cima.

MILO

Milo ouviu o barulho do lado de fora. Um som abafado, como se algo tivesse sido colocado no tapete, e depois o som dos passos de Mamãe descendo a escada. Ele esperou até ouvir o clec-clec dos tamancos no piso da cozinha para então abrir a porta do quarto.

Encontrou duas torradas em seu prato favorito, aquele que Vovó havia comprado na loja da Sociedade de Proteção aos Animais, na avenida principal. Sentiu o cheiro doce do creme de marshmallow derretendo na manteiga quente, e todos os músculos da sua barriga se estenderam na direção do prato.

Hamlet foi atrás dele e esbarrou no tornozelo de Milo com seu focinho úmido. Milo olhou para a torrada, engoliu em seco e fechou a porta.

Olhou ao redor. Era o mesmo de sempre, mas faltava Vovó.

Milo olhou para a gaita de foles e para o uniforme dos *Royal Argyll and Sutherland Highlanders*³ de Vovô, que estava pendurado no guarda-roupa. Às vezes, Vovó o vestia para se divertir e, apesar de ser muito grande para ela, deixava-a realmente parecida com um soldado.

Milo também havia experimentado o uniforme uma vez, e ficou sobrando nos pulsos e na cintura e nos tornozelos. “Você vai crescer e aí vai servir em você, Milo”, Vovó havia escrito no bloquinho. Mas Vovô era um homem grande, talvez Milo jamais fosse do tamanho dele.

Olhando ao redor, Milo ficou feliz por ter convencido Vovó a levar apenas algumas coisas. Logo ela estaria de volta, e não fazia sentido ficar carregando tudo de um lado para o outro.

Ele tirou o boletim da mochila. Desejou que Vovó não estivesse dormindo quando chegou ao Não Me Esqueças; queria tanto que ela tivesse visto o boletim. A reação de Vovó

teria sido adequada, não iria balançar a cabeça nem levantar as sobrancelhas nem começar a morder a unha do dedinho ou suspirar como se fosse o fim do mundo. Simplesmente ouviria e escreveria: *a vida é mais do que algumas provas*, e lembraria de Vovô e de como ele tinha sido um soldado incrível e de como ele era realmente inteligente e gostava de ler coisas como Shakespeare, apesar de ter parado de estudar muito cedo e de não ter maiores qualificações. Quando suas mãos não estavam tremendo, Vovó conseguia escrever mais depressa do que a maioria das pessoas conseguia falar.

Milo abraçou Hamlet, tirou o boletim do envelope e sussurrou os resultados das provas em suas orelhas macias: o resultado de Matemática na orelha preta e o resultado de Inglês na orelha branca.

Depois, enfiou o nariz no pelo de Hamlet e fechou os olhos.

•

Quando Milo acordou, já tinha escurecido lá fora. Hamlet estava encolhido na dobra do seu cotovelo. Para não acordá-lo, Milo segurou Hamlet com os dois braços e se levantou. Talvez por estar dormindo, Hamlet pareceu mais pesado do que Milo esperava. Mamãe vivia dizendo que Hamlet estava ficando muito gordo, apesar de Milo ter explicado que estava seguindo as instruções de alimentação da internet. De qualquer forma, ela não podia falar nada, pois estava sempre devorando pacotes de biscoitos.

Milo foi até a janela que dava para a frente da casa e encontrou uma das folhas do bloquinho de Vovó, com uma mensagem em letras maiúsculas: *FIQUE QUIETO*. Vovó a colocava na janela para o senhor Overend, do outro lado da rua. O senhor Overend não fazia muita coisa além de perambular pelo quintal, de pijama, assobiando. Às vezes, assobiava tão alto que abafava o barulho dos aviões.

Vovó gostava de olhar para os aviões e para o outro lado da cidade. Dali dava para ver a avenida principal e a torre da igreja e o canal e o armazém da Tesco⁴ e a saída para a estrada. E

dava para ver o parque, a copa das árvores, os caminhos brancos sob o luar.

Milo percebeu a luz trêmula da lanterna do vigia do parque, que fazia a ronda, fechando os portões. Como seria ficar preso ali dentro durante a noite? Dormir sob o céu com todas aquelas árvores balançando acima da sua cabeça?

Ele voltou para o meio do quarto, colocou Hamlet no tapete e se deitou ao lado dele sob a claraboia. Hamlet se ajeitou de novo em seu cotovelo. A música da gaita de foles de Vovô começou a tocar na cabeça de Milo, aquela que Vovô havia ensinado para Vovó antes de ser enviado à Coreia. Desde que viera morar ali, cinco anos atrás, Vovó vinha ensinando Milo a tocar, mas a respiração dela havia piorado nos últimos tempos, por isso tinham interrompido as lições. Papai também sabia tocar, mas ele não estava mais ali.

Ao olhar para cima, Milo sentiu a lua brilhando em algum lugar além do buraco da agulha de sua visão. Olhou atentamente para o céu escuro e viu uma única estrela brilhando para ele.

Ficou torcendo para que Vovó também estivesse olhando para aquela estrela.

³ Regimento de infantaria que atuou nas Primeira e Segunda Guerras Mundiais, tendo sido formado em 1881 e encerrado em 2006, quando foi incorporado ao Regimento Real da Escócia (*Royal Regiment of Scotland*). (N. T.)

⁴ Rede britânica de supermercados. (N. T.)

TRIPÍ

Na Síria, as pessoas idosas não são colocadas em casas de repouso. Elas vivem nas casas com suas famílias, contam histórias e comem baclava⁵ e tomam café preto bem forte em copos de vidro.

Tripi queria dizer àquela senhora que ele também não ia comer aquelas batatas, tão pálidas quanto a areia da Síria, nem a carne fibrosa naquela poça marrom formada pelo molho. Queria lhe dizer que um dia faria um belo jantar para ela, como aqueles que havia feito para pessoas ricas no Quatro Estações, em Damasco.

Era o final do terceiro dia de Tripi e a enfermeira Thornhill estivera ocupada demais para falar dos espaços vazios no formulário azul, o que dava a ele um pouco mais de tempo para encontrar um lugar para morar.

No parque, Tripi ficou escondido atrás de um arbusto esperando que o vigia trancasse os portões. Depois, abriu o saco de dormir e fez suas preces, atrasado demais para o pôr do sol. Ao inspirar, sentiu uma dor nos pulmões; o frio já se instalara. À noite, enquanto dormia, sentiu o gelo penetrando em suas costelas.

Em Damasco, a temperatura não costumava cair muito abaixo dos dez graus. E quando fazia muito frio, nevava. Na primavera, quando chovia, as gotas de chuva eram gordas e claras, enchendo os rios e girando os moinhos de água, de forma que a água limpa e fresca seguia para Damasco. Em Slipton, as gotas de chuva eram pequenas, sujas e frias. A única coisa quente estava nos pesadelos de Tripi, sempre o mesmo: o rosto de Ayishah naquele dia quente de julho.

Pegou a foto da irmã de doze anos e colocou diante de si. Metade da sua idade e, ainda assim, às vezes era como se

fosse a irmã mais velha. Rezou para que ela estivesse em segurança, para que um dia eles estivessem juntos nessa ilha onde os únicos barulhos de tiros vinham da televisão na sala das pessoas.

No último dia em Damasco, Ayishah lhe deu um cartão-postal da Rainha, que ela havia comprado em uma das barracas do zoco.

— Veja! — ela disse, passando o dedo pelo cabelo da Rainha. — Se ela está no comando, deve ser um bom lugar.

Tripi tirou o cartão-postal do saco de dormir e olhou para ele de novo: as pérolas nas orelhas e em volta do pescoço dela e o olhar suave e o sorriso discreto que não dizia muito. Ele também queria acreditar naquilo, que aquele era um bom lugar. Mas não tinha tanta certeza. Sendo uma senhora de idade, a Rainha não deveria garantir que as pessoas de idade tivessem lugares agradáveis para viver?

— Ele está aqui!

A luz da lanterna passou pelo rosto de Tripi. O vigia do parque tinha voltado, trazendo outro homem com ele.

Tripi guardou a foto no bolso, levantou rapidamente do saco de dormir e disparou na direção do portão.

— Pare!

Dois feixes de luz o cegaram.

Quando Tripi se adaptou à claridade, conseguiu enxergar o vigia do parque e, ao lado dele, um policial, os olhos atentos e cruéis.

— Sabia que tínhamos um vagabundo — o vigia disse.

— Hora de mudar — o policial falou, aproximando-se dele. — Isto aqui é um abrigo para moradores de rua.

O policial colocou um cartão na mão de Tripi. Um endereço em Londres. Tripi não queria voltar para lá.

— O parque pertence à Câmara Municipal — o vigia acrescentou. — Você não devia estar aqui.

“Como a grama poderia pertencer a alguém?”, Tripi pensou. A grama, as árvores, o céu.

Ele voltou até o arbusto e pegou seu saco de dormir e a mochila de Ayishah, que carregava desde que tinham se separado, durante os dois meses que passou caminhando ao longo da fronteira da Síria, procurando por ela, e durante aquelas semanas em Londres, procurando trabalho. E agora ali.

O policial empurrou Tripi pelo portão e os três homens ficaram sob o brilho alaranjado da iluminação da rua.

O vigia se inclinou na direção de Tripi, o cheiro de cerveja em seu hálito.

— Você não é daqui, é?

Tripi já havia notado a expressão no rosto das pessoas ao olharem para ele, em Slipton. Suas roupas gastas, sua pele muito escura sob as nuvens inglesas.

— Você devia pedir para ver os documentos dele, Stubbs — o vigia do parque disse. — Aposto que é um ilegal.

O coração de Tripi disparou.

O policial esfregou os olhos, parecia cansado.

— Vá para esse abrigo — o policial falou. Depois se virou para o vigia do parque. — Lá eles vão verificar os documentos.

Tripi se inclinou, fazendo uma pequena reverência, e se afastou, contando as batidas do coração e os passos e observando o vapor que saía da sua boca.

— E fique fora do meu parque — o vigia gritou, agressivamente.

⁵ Doce típico da região do Oriente Médio, feito de massa folhada, mel, amêndoas e pistache. (N. T.)

LOU

A cabeça de Lou estava pesada por causa do sono. Como chumbo.

“Vovó... Vovó... Vovó, você está me ouvindo?” A vozinha de Milo flutuava em seus sonhos. “Hoje tivemos uma palestra com um policial na escola. Ele disse que sou muito bom para observar coisas.” Ela havia tentado acordar, responder, mas a cabeça estava pesada demais.

Ele se movimentou ao redor dela, dobrando as roupas e colocando-as no guarda-roupa, tirando coisas do *nécessaire* e dispondo-as na prateleira sob o espelho.

Depois, o beijo perto da orelha.

“Vou deixar você dormir, Vovó. Mas volto amanhã. Venho visitar você todos os dias.”

Ele colocou um cobertor sobre seus joelhos, cobrindo-a como se fosse uma criança.

“Você vai voltar para casa logo. O incêndio foi um acidente, Vovó. Podia ter acontecido com qualquer pessoa.”

Quando ela finalmente conseguiu abrir os olhos, não havia mais ninguém.

•

E agora ela estava ali, sentada na sala de estar com todas aquelas senhoras.

Poltronas macias, melhor do que algemas, o hálito quente da senhora Moseley, a jamaicana que ficou sentada ao seu lado durante toda a tarde ouvindo o toca-fitas. Música da ilha, um lugar onde os cocos cresciam em árvores, onde a água era tão cristalina que dava para ver os dedos dos pés.

Lou piscou.

Viu uma mancha nas costas do vestido da mulher quando ela se levantou.

E as outras mulheres.

A senhora Foxton, que falava com um policial invisível sobre um vidro quebrado em sua estufa.

— Bandidos — ela repetia.

A senhora Wong, que pediu arroz:

— Treinei a equipe de ginástica olímpica — ela dizia, empacando o velho corpo ao se agachar.

A senhora Turner, que escondia batatas e ervilhas nos bolsos do avental.

A senhora Swift, que usava uma maquiagem que parecia feita com lápis de cera de criança.

— Posso fazer para você — ela ofereceu a Lou. Não, Lou jamais havia usado maquiagem. O sol, o mar, o ar, isso era tudo de que sua pele precisava.

A senhora Sharp, que se divertia com um jogo chamado Angry Birds no iPad que seu neto lhe dera.

— Eu os peguei, esses malditos! — ela gritou.

E a senhora Zimmer, que ficava sentada diante da televisão e dormia o dia inteiro.

Dormir era uma boa opção em um lugar como aquele, Lou pensou. Estava cansada, tão, tão cansada, mais cansada do que jamais estivera. Pelos nomes, Lou imaginou que fossem todas casadas ou que tivessem sido. Assim, além da enfermeira Thornhill e da jovem estagiária, a enfermeira Heidi, Lou era a única mulher solteira do lugar.

Contando com ela, eram oito idosas. Mas a enfermeira Thornhill não havia dito que eram nove? “Nove clientes”, ela disse a Sandy, “uma grande família feliz”.

Nomes e números, Lou achava que seriam os primeiros a ir.

Afundada na poltrona, ela não conseguia mais sentir seus braços e pernas. Esticou o pescoço para ver um pedaço do céu escuro acima das árvores; a janela era baixa demais para contemplar o céu.

Pelo menos ainda podia ouvir os aviões.

— Faça um esforço para comer — a enfermeira Thornhill tinha dito. — Não podemos desperdiçar comida.

E então aquele rapaz gentil, de olhos castanhos e mãos delicadas e que cheirava a terra, flores, céu:

— Shhh! — Ele colocou o dedo nos lábios, o que fez Lou pensar em uma oração. — Não vou contar para a enfermeira Thornhill — sussurrou.

E saiu na ponta dos pés, levando o prato embora.

Tendo decidido que não havia mais vida no ambiente, os sensores desligaram as luzes. Mas o zumbido continuou, como uma mosca batendo contra a lâmpada.

— Tem certeza de que não quer que a levemos de volta para seu quarto? — a enfermeira Heidi perguntou.

Não. Lou gostava do escuro, de ficar tranquilamente na praia observando as ondas.

— Bem, puxe o cordão vermelho se precisar de alguma coisa.

Cordões pendurados por toda parte, como cordões de marionetes.

Os olhos de Lu ficaram pesados. Sua consciência escorreu como água entre pedras.

•

Quando Lou acordou, a sala estava fria e silenciosa. A sombra de um homem a cobria. Ela apertou os olhos no escuro. Um enfermeiro? Não, ele não estava usando uniforme, e esse homem era velho, como ela. Quando ele se inclinou, ela reparou em uma careca do tamanho de um solidéu judaico. O pescoço dele cheirava a limão.

— Se quiser que eu a ajude a se levantar, terá que me dar uma ajudinha! — ele disse, puxando seus dedos.

Ajudinha? Ela gostou da proposta.

Ela assentiu com a cabeça. Sim, queria voltar para seu quarto, seu quartinho no sótão, para observar Slipton, com Milo dormindo lá embaixo.

— Ótimo — ele disse. — Vou contar até três e...

Uma série de consoantes mediterrâneas enroladas.

— Um...

Ele a puxou, suas pernas estavam dormentes.

— Dois...

Ela inspirou e endireitou a coluna.

— Três...

Ele puxou.

Ela jogou o peso nas pernas, sentiu o movimento do tronco para a frente e caiu nos braços dele. A barriga macia pressionando a sua. O contato com um corpo masculino. Ela corou no escuro.

— Volte para seu quarto, Petros — disse a enfermeira Heidi.

— A enfermeira Thornhill já lhe disse mil vezes, isso não é tarefa sua.

— Sim, sim — ele respondeu para a enfermeira Heidi. Mas depois se inclinou e sussurrou no ouvido de Lou: — Só que é.

— E levou-a pelo braço até a porta. — Isto é tarefa minha.

MILO

Depois da escola, na terça-feira, Milo foi ver Vovó de novo. “Você não pode ir lá todos os dias”, Mamãe havia dito. “Você precisa passar algum tempo com seus amigos.” Mas Mamãe não entendia: Vovó era sua amiga, e ele não queria passar o tempo com mais ninguém. Além do mais, ontem ela estava dormindo; por isso não contava.

Colocou o chocolate de quatro de dezembro na boca. Atrás do chocolate havia a imagem de três homens atravessando o deserto com camelos.

O Natal seria dali a vinte e um dias, ele tinha menos de um mês para levar Vovó para casa.

No caminho, Milo sentou em um banco perto do canal para pensar um pouco. Ele adorava olhar para a água, da mesma forma que adorava olhar para o céu, porque assim não precisava virar a cabeça, a própria paisagem se alterava. Uma nova cor, um galho, um pacote vermelho de bala, um pato flutuando, o reflexo de um avião atravessando as nuvens. Papai e a Vadia e o bebê na barriga da Vadia tinham ido embora em um desses aviões. Ele havia pesquisado os horários das partidas no computador, descobriu qual era a rota do voo e ficou olhando para o céu, imaginando se Papai poderia vê-lo ali parado, como um ponto na frente da casa.

Milo nunca tinha ido à praia, mas sabia que ia adorar... Ficar olhando para as ondas por horas e horas. Antes de ir morar com eles, Vovó vivia perto do mar, na Escócia. No bloquinho, ela escreveu que ela e Vovô corriam ao encontro das ondas, até mesmo no meio do inverno. Era por isso que ela adorava tomar banho. *É o mais próximo que consigo chegar de algo parecido com nadar*, ela havia escrito. E estava certa, Slipton ficava muito longe do mar.

Talvez conseguisse encontrar alguém, uma espécie de babá para idosos, para ficar com Vovó enquanto ele estivesse na escola e Mamãe ocupada com suas clientes. Assim, Vovó não tentaria fazer as coisas sozinha, colocando fogo na cozinha ou inundando o banheiro. Mas ele teria que arranjar dinheiro para isso. Podia colocar um cartão oferecendo serviços de informática no quadro de avisos da Poundland. As pessoas viviam lhe pedindo ajuda com o computador, como Mamãe, quando lhe pediu para pesquisar a Vadia e depois para apagar o histórico da pesquisa antes que Papai usasse o computador, ou a senhora Harris, na escola, que nunca usava computadores porque dizia que eles causavam danos ao cérebro, mas queria descobrir o que as mães estavam falando a seu respeito no mumsinaction.com, que é onde as mães falam dos professores ruins e planejam como fazer para que sejam demitidos.

Ao balançar os pés debaixo do banco, Milo bateu com a sola do sapato em algo macio. Ele se abaixou e, de quatro, engatinhou embaixo das tábuas de madeira. Um saco de dormir, enrolado, e duas mochilas. Alguém havia sentado ali, colocado as coisas embaixo do banco e depois esquecido.

Uma das mochilas era grande e azul; a outra era pequena e vermelha, com uma fita amarela amarrada a uma das alças.

Ele ia deixar as coisas no Departamento de Achados e Perdidos de Slipton no caminho de volta do Não Me Esqueças. Milo vivia esquecendo sapatos, meias e lancheiras (qualquer coisa que ficasse fora do buraco da agulha); Keith, do Departamento de Achados e Perdidos, deixava separado tudo o que tivesse o nome de Milo: *Milo Moon*, escrito em letras pretas bem grandes em tudo o que era seu. Às vezes pensava se não deveria escrever também em sua testa, para o caso de ele todo se perder.

— Milo Moon?

Um Skoda verde-limão estacionou junto à calçada.

Milo virou a cabeça.

— Milo! Aqui! — a voz disse.

Ele olhou para a direita. A cabeça da senhora Harris saiu para fora da janela.

— Está tudo bem? — a professora perguntou. — Você está carregando tanta coisa.

Ela apontou para a mochila da escola e as duas outras mochilas e o saco de dormir.

— Vou visitar minha avó — ele disse, e começou a andar de novo.

— Ela não está mais morando com você?

Milo balançou a cabeça e sentiu o silêncio da professora.

— Sinto muito. — Ela tossiu. — Preciso falar com sua mãe sobre suas notas.

Nos intervalos, a senhora Harris ficava sentada no carro e fumava. Tinha mais rugas do que Vovó, e Milo achava que ela devia ter se aposentado há séculos. Uma vez ele perguntou quando ela pensava em deixar a escola, e ela o mandou cuidar da sua própria vida. Vovó dizia que a senhora Harris continuava dando aula porque precisava de dinheiro para pagar todos aqueles cigarros.

— A Mamãe sabe — Milo falou, sentindo pela primeira vez o peso de todas as mochilas que estava carregando. — Ela vai entrar em contato.

A senhora Harris encostou o carro perto de Milo. Ele sentiu o cheiro da fumaça e percebeu uma ponta esverdeada no canto do olho. O verde-amarelado lembrava ranho. Catota com rodas.

— É importante — ela disse, a voz mais alta, mais rouca.

— Mamãe está muito ocupada por causa da correria do Natal. Ela vai telefonar.

— Talvez eu possa ir até sua casa?

Milo se aproximou do carro e olhou a professora nos olhos.

— Mamãe não gosta de ser interrompida quando está com clientes, isso perturba a energia.

— Energia?

— Do relaxamento.

Ele continuou caminhando.

— Precisamos conversar sobre as alternativas...

Milo ligou a música da gaita de foles de Vovô em sua cabeça e a voz da senhora Harris foi sumindo.

•

Ao entrar, ele deu com a Vovó sentada junto à janela do quarto, olhando para o céu cinza. Ela não parecia a Vovó de casa; parecia uma daquelas figuras de atrizes cortadas em papelão que colocam na entrada do cinema.

Milo largou as mochilas e o saco de dormir, pôa a mão no ombro dela e beijou-a perto da orelha. Ele gostava de sentir a pérola fria nos lábios. Mas a pele também estava fria, muito mais fria do que em casa.

Ela se virou e olhou para ele, com uma ruga entre as sobrancelhas tão profunda quanto uma vala.

— Vovó? O que foi?

Os olhos de Vovó refletiam a luz pálida que vinha de fora da janela. Era como se ela estivesse flutuando dentro do próprio corpo.

Vovó tentou se levantar, mas não conseguiu, por isso ele a ajudou colocando a mão em seu cotovelo.

Ela foi até a mesa e rabiscou no bloquinho. Foi a primeira vez que ele notou sua mão direita tremendo; geralmente era apenas a esquerda. A letra saiu toda tremida: *Eu tenho que...*

— Vovó?

Ela continuou a escrever. *O barco*. E desenhou um grande barco. *David...* Vovó não falava desde a morte de Vovô, o que ocorrera havia muitos anos, mas Milo não se importava. Achava graça nos comentários escritos, principalmente quando Mamãe estava por perto e não sabia o que estavam dizendo, como: *Você viu Hamlet?*; *Ele está na garagem, não está?*, e então Vovó desenhava um rosto sorridente piscando e eles tinham que fazer um grande esforço para não se entregar olhando para a protuberância embaixo do edredom de Vovó.

Vovó andou até a porta, esbarrando nos móveis pelo caminho: uma cadeira, uma cômoda. Ficou na ponta dos pés e tirou seu cachecol de lã do gancho, aquele que ela havia

tricotado quando suas mãos ainda estavam bem. Ela também fez um para Milo, laranja bem vivo, sua cor favorita. Vovó enrolou o cachecol em volta do pescoço com tanta força que ele ficou com medo de que ela se enforcasse.

Ele se aproximou e colocou sua mão sobre as dela; também estavam frias.

— Vovó, por que você não senta?

Ela ficou olhando para ele como se nunca o tivesse visto antes. Ele sentiu um baque surdo no peito. Talvez a enfermeira Thornhill tivesse esquecido de lhe dar o comprimido desembaraçador.

— Vovó... sou eu, Milo.

Seus olhos continuavam sem brilho, distantes; ela rodou a aliança no dedo várias vezes.

Depois soltou as mãos dele, pegou o casaco, brigou com as mangas, desistiu e abriu a porta, com metade do casaco pendurado no corpo.

Milo sentiu a testa latejar. Fazia meses que não a via assim.

Tentou pegá-la pelo braço, mas ela se desvencilhou, desta vez com mais força.

Vovó era pequena e encurvada, sem um pedacinho de gordura; seus ossos pesavam menos do que os de Hamlet quando chegou em casa. Milo não entendia de onde vinha sua força.

Em casa, ele saberia o que fazer: ligaria o radinho para distraí-la e trancaria a porta para que ela não caísse na escada ou saísse para a rua. E lhe daria a gaita de foles de Vovô e pediria a ela que lhe desse uma aula enquanto Hamlet ficaria guinchando, porque ele adorava música, e isso faria Vovó rir e então ela ficaria bem de novo.

Milo era a única pessoa que sabia do desaparecimento de Vovó dentro dela mesma. Ele havia escondido isso de Mamãe, que jamais entenderia. Mamãe já dizia que Vovó dava trabalho, e ele apostava que ela dizia coisas ainda piores para Gina no salão.

Vovó continuou se arrastando; ele precisava encontrar alguém para ajudá-lo a levá-la de volta para o quarto.

Ela ainda demoraria a chegar até a porta da frente, por isso ele decidiu arriscar e se afastar por alguns minutos.

Percorreu os corredores brancos com passo acelerado à procura de uma pessoa autorizada que pudesse ajudar, mas todo mundo havia desaparecido. Ouviu o som de programas de televisão se misturando uns aos outros de quarto para quarto: o tema de abertura da novela; alguém vendendo um colar de ouro no canal de compras; a voz do apresentador do programa de viagens a que Mamãe assistia toda hora. Em um dos quartos, alguém estava gritando que queria arroz; em outro, uma vozinha cansada suplicava: “Você não pode... não pode... me obrigar a tomar banho”.

Milo sempre esperou que, quando as pessoas ficassem velhas, os outros parassem de obrigá-las a fazer as coisas.

A senhora Moseley, que vivia para cima e para baixo com seu toca-fitas ouvindo reggae, passou por ele.

— Você precisa de ajuda? — ela perguntou por cima do toca-fitas.

Fios de cabelo preto brotavam acima de seus lábios e em seu queixo, como acontecia às vezes com Vovó, e Milo os arrancava com a pinça de Mamãe. *Típico, Vovó escreveria, tantos anos tentando deixar crescer a barba para impressionar os pescadores de Inveraray e, agora que estou longe, a barbicha aparece.*

— Está tudo bem, obrigado — Milo respondeu.

Era muita gentileza da senhora Moseley oferecer ajuda, mas ele tinha receio de que ela deixasse Vovó ainda mais confusa. Sentiu um cheiro de xixi exalando da camisola dela e pensou em sugerir que ela tentasse conseguir aquelas fraldas geriátricas que ele tinha visto na farmácia, mas talvez a senhora Moseley não tivesse percebido que cheirava a xixi e podia ficar ofendida.

Decidiu bater na porta que a enfermeira Thornhill havia indicado na primeira visita quando disse: “Estou disponível noite

e dia”.

Ninguém respondeu.

Bateu com mais força e então percebeu que estava fechada por uma trava. Ele empurrou a porta e entrou.

A primeira coisa que sentiu foi uma lufada de ar quente. Ali dentro parecia mais quente do que todos os cômodos do Não Me Esqueças juntos. Então olhou o papel de parede vermelho-escuro com arabescos que pareciam aveludados ao toque.

Na parede havia uma foto da loja de departamentos Harrods, de Londres. Em junho, Papai o levava à seção de artigos para animais de estimação para comprar uma coleira para Hamlet. A Vadia foi junto e ele descobriu que ela entendia muito de coleiras; ela escolheu uma de veludo preto e disse que era apropriada para Hamlet e que combinava com as manchas pretas do pelo dele e o deixava elegante. Milo sabia que deveria odiar a Vadia, mas na maior parte do tempo ela era bacana, principalmente quando conversava com ele a respeito de Hamlet, coisa que Mamãe só fazia quando tinha alguma reclamação. Papai disse para não contar que a Vadia saía com eles e que talvez fosse bom agir como se a odiasse, porque, se Milo gostasse da Vadia, Mamãe ficaria ainda mais chateada.

Pendurado ao lado da foto da Harrods havia um artigo de jornal com a foto de um homem jovem, com datas no rodapé, o que significava que ele devia ter morrido, e ao lado dele uma foto... da enfermeira Thornhill? Muito mais jovem, mas com a mesma testa quadrada, usando um uniforme de enfermeira que parecia todo sujo, muito diferente daquele imaculadamente branco que ela usava no Não Me Esqueças.

Seu sorriso também parecia diferente, mais natural.

Milo olhou mais de perto. Sábado, 17 de dezembro de 1983.
Bombas do IRA explodem na Harrods.

Então a atenção de Milo se voltou para um imenso candelabro, igual àqueles que se viam nos filmes, pendurados no teto, dividindo a luz em milhões de diamantes. No final do corredor, viu uma garrafa de champanhe deitada de lado.

— Enfermeira Thornhill! — ele chamou.

Ninguém respondeu.

Milo ficou imaginando se algum dia teria existido um senhor Thornhill ou bebês Thornhill, mas, quando tentou visualizar a enfermeira com uma família, não conseguiu.

Aguçou a audição, mas não foi possível detectar qualquer movimento no local, por isso fechou a porta e saiu.

Um senhor com um boné amarelo estava sentado no tapete consertando a dobradiça da porta do salão principal. Milo titubeou, mas o homem não parecia o tipo de pessoa que saberia o que fazer, por isso continuou em frente.

Então se lembrou da primeira visita, do que Vovó tinha visto através daquelas portas.

Correu até a cozinha.

•

O sujeito estava cantando naquela língua soluçante que Milo não entendia e descascando batatas no ritmo da música.

Milo empurrou a porta e se aproximou dele.

— Com licença... — ele disse, batendo nas costas do cozinheiro.

O cozinheiro se virou.

— Minha avó... — Milo disse, ofegante. — Ela... ela não está bem.

O cozinheiro deixou o descascador de lado e secou as mãos no avental.

— Me mostre — ele disse.

Milo cruzou com ele a porta da cozinha e todos os corredores em direção ao quarto de Vovó. O cozinheiro tinha um cheiro estranho, Milo pensou, não sujo como cheiro de corpo sujo, mas como um jardim depois da chuva.

Eles encontraram Vovó do lado de fora do salão, olhando para a pintura de um pequeno barco de pesca sendo sacudido por ondas gigantescas. Milo se lembrou do quadro que Vovó tinha em casa do barco de pesca que ela usava para ganhar a vida. O senhor de boné amarelo com a furadeira também estava lá, olhando para o quadro junto com ela.

— Vovó? Você está bem, Vovó? — Milo perguntou.

O homem ficou diante do buraco da agulha como se soubesse dos olhos de Milo. Ele tinha um cheiro de limão artificial, como o dos sucos de saquinho que Mamãe comprava porque eram mais baratos do que limões frescos. Os punhos de sua camisa estavam gastos.

— Eu estava falando com esta senhora sobre este quadro.

Ele parecia estrangeiro como o cozinheiro, mas suas palavras saíam mais enroladas.

O senhor de boné amarelo devia ter ajudado Vovó com o casaco, porque não estava mais pendurado nas costas.

Vovó se virou e olhou para Milo; a luz azul tinha voltado aos seus olhos. Ela olhou de novo para o quadro.

— Quando vim para cá, trouxe meus quadros comigo — o homem disse. — Perguntei se poderia pendurar este quadro e nunca responderam, por isso eu mesmo o pendurei. — Ele endireitou a moldura torta. — Era o preferido da minha mulher — disse, traçando o movimento das ondas com o dedo sujo de óleo.

Vovó olhou para o homem como se ele tivesse dito algo realmente interessante.

O homem se virou e estendeu a mão grande e bronzeada para Milo.

— Eu me chamo Petros.

— Eu me chamo Milo — disse, e por um momento foi como se estivessem em uma festa, apresentando-se e conhecendo um ao outro, e não naquela casa de repouso branca e fria.

Mas Milo não parecia muito interessado em conhecer Petros. Apesar de se sentir grato pela ajuda, queria que ficasse claro que não era tarefa de Petros cuidar de Vovó, por isso Milo a afastou do quadro. Petros deve ter entendido, porque voltou a consertar a porta.

Ao segurar o outro braço de Vovó, Tripi cantarolou, e a expressão no rosto de Vovó suavizou. Milo não se importava que Tripi ajudasse.

Eles a colocaram de novo na poltrona perto da janela e então Milo foi procurar o remédio de Vovó em seu *nécessaire*. Inclinou o frasco na palma da mão e contou. Estava certo, ela não tinha tomado nenhum desde que saíra de casa. Colocou um pouco de água no copo da escova de dentes e lhe deu o comprimido.

— Você precisa lembrar de tomar este remédio, Vovó — ele disse, enquanto ela tomava pequenos goles de água, como um passarinho. — Um por dia.

Vovó assentiu com a cabeça, mas Milo sabia que precisava encontrar uma forma de garantir que ela tomasse o remédio. Mamãe tomava uns comprimidinhos redondos marcados com o dia da semana, de forma que lembrava de tomá-los todos os dias. Talvez pudesse fazer uma caixa para Vovó com um burquinho para cada dia da semana.

O cozinheiro foi em direção à porta.

— Obrigado pela ajuda — Milo falou, imaginando se deveria fazer uma reverência, como os chineses, apesar de Tripi aparentar ser estrangeiro de outro tipo, não chinês.

Tripi sorriu e então seus olhos se concentraram em algo que estava além do ombro de Milo. Ele viu o saco de dormir e as duas mochilas, a azul e a vermelha, e sua pele marrom ficou bege, como o café com leite que Mamãe gostava de tomar.

— Eu achei... — Milo disse. — Perto do canal.

Tripi foi direto à mochila vermelha. Abriu o zíper, examinou o conteúdo e suspirou aliviado, antes de fechar a mochila de novo.

— O que está acontecendo aqui? — A enfermeira Thornhill entrou no quarto com passadas largas. — Tahir, por que não está na cozinha?

— Procurei a senhora em seu apartamento mas não encontrei — Milo falou. Ela realmente era muito melhor em sua versão mais jovem na foto da Harrods.

A enfermeira Thornhill olhou para Milo.

— Você fez o quê?

— A porta estava aberta.

— Jamais entre em meus aposentos — sua voz trovejou. — Entendeu?

O rosto da enfermeira Thornhill ficou vermelho como o papel de parede.

— Mas a senhora disse que estaria disponível...

A enfermeira Thornhill não estava mais ouvindo. Tinha se virado e estava gritando com Tripi.

— Você não pode se meter com os clientes. Volte para o trabalho — ela esbravejou, apontando para a porta.

Tripi olhou para o saco de dormir, para a mochila, para Milo, abaixou a cabeça e saiu. Milo virou os olhos e ficou olhando para Tripi, que seguiu pelo corredor com passos pesados, desajeitados.

— Ele estava ajudando — Milo disse.

A enfermeira Thornhill ignorou Milo. Colocou os punhos na cintura fina, olhou para Vovó e disse:

— Se precisar de ajuda, use o botão. — Ela apontou para um botão vermelho na parede, perto da poltrona de Vovó. — Já lhe mostrei. — Ela agarrou a mão de Vovó, puxou o indicador, aproximou-a do botão e fez com que apertasse o botão até acender. — Está vendo? Não quero ter que explicar de novo.

O tom de resmungo fez com que Milo se lembrasse da senhora Harris quando pegou a classe pulando entre as carteiras na hora do recreio.

Milo sabia que de vez em quando era preciso mostrar as coisas várias vezes até que Vovó se lembrasse de como funcionavam, mas não gostou da maneira como a enfermeira Thornhill puxou o dedo de Vovó, ou da marca branca que deixou por causa do aperto.

Milo ficou com Vovó até que ela adormecesse, o que não demorou muito. Quando Vovó desaparecia dentro de si mesma daquele jeito, ficava completamente sem energia.

O aquecimento parecia não estar funcionando no quarto, por isso Milo colocou um cobertor nos joelhos de Vovó, beijou-a no rosto e depois pegou sua mochila e o saco de dormir e as outras duas mochilas.

— Tchau, Vovó — ele sussurrou. — Da próxima vez vou trazer Hamlet. Ele vai manter você aquecida.

TRIPÍ

Enquanto aquecia os pedaços de carneiro na grande panela de inox, Tripi colocou alguns dentes de alho que havia comprado no pequeno mercado da avenida principal. Alho era bom para as pessoas idosas, fortalecia o sistema imunológico. E daria um pouco de gosto àquele cordeiro enlatado que lembrava as nuvens cinzentas inglesas. Tripi ficou atento aos passos da enfermeira Thornhill voltando para seu escritório. Colocou a colher de pau de lado e foi até a porta da frente esperar pelo neto da senhora Moon.

Ao ver o menino caminhando em sua direção, Tripi notou que ele tinha a mesma estrutura física da senhora Moon: ossos pequenos, como os pardais que ficavam ciscando as migalhas do lado de fora do hotel em Damasco.

Apesar de estar olhando para a frente, os olhos azuis bem abertos, o menino parecia não ter percebido que Tripi estava ali.

Tripi acenou com a mão.

— Milo?

Milo virou a cabeça e piscou.

— Estas coisas são suas? — Milo perguntou, erguendo a mochila de Ayishah.

Tripi assentiu com a cabeça.

— Eu não ia roubar nada, só pensei que alguém tivesse esquecido. Estavam embaixo do banco, perto do canal.

Tripi assentiu de novo.

— Minha casa.

Ele nunca havia contado a ninguém que vivia na rua, que dormia em bancos de parques, perto dos canais, em ônibus. Mas confiava naquele menino, gostava da maneira como ele segurava a mão da senhora Moon quando ela se sentava na poltrona.

Milo arregalou os olhos.

— Você mora do lado do canal?

Tripi colocou o dedo sobre os lábios.

— É segredo — ele disse, apontando com a cabeça para o balcão das enfermeiras.

Milo fez que sim com a cabeça, depois sussurrou:

— E você não sente frio?

— Um pouco — Tripi respondeu, dando de ombros. Ele tossiu e depois apontou para a garganta. — O vento faz cócegas aqui — disse, passando os dedos no pomo de Adão. — E aqui. — Apontou para as orelhas.

A cada movimento, o menino ajustava a cabeça.

— Por que você não mora em uma casa de verdade?

— Como dizem na Inglaterra, é uma longa história. — Tripi olhou para a porta da cozinha. — É melhor voltar para o trabalho. Mais batatas, sempre batatas!

Milo balançou a cabeça e colocou o saco de dormir e as mochilas no chão.

— Você poderia colocar de volta para mim? — Tripi pediu. — Não posso ficar com isso aqui.

— Debaixo do banco?

Ele confirmou com a cabeça.

— Está certo. — Milo pegou as coisas novamente. Então olhou para Tripi e franziu a testa. — Você é do Oriente Médio? A senhora Harris disse que é assim que se diz quando a pessoa vem de partes do mundo que são quentes e têm muita areia e onde as pessoas andam vestidas com lençóis.

Tripi sorriu. Era a maneira mais gentil que alguém usava para se referir a ele desde que chegara na Inglaterra.

— Sim. Eu sou da Síria.

— Não quero me meter, mas eu não carregaria muitas mochilas por aí se fosse você.

Tripi tinha ouvido falar a respeito disso: árabes + mochilas = terroristas.

— Podem prender você.

— Obrigado, Milo. Vou procurar lembrar sempre disso.

O barulho de tamancos surgiu atrás deles. Por cima do ombro de Milo, Tripi viu a enfermeira Thornhill vindo pelo corredor.

“Se encontrar você fora da cozinha de novo, vou lhe dar uma advertência.” Foi o que ela havia dito quando veio conversar com ele depois de encontrá-lo com a senhora Moon e o pequeno Milo. Ela não explicou o que era uma *advertência*, mas não parecia boa coisa. Tripi precisava desse emprego, era sua única chance de conseguir um lar e pedir asilo e encontrar Ayishah.

— É melhor você ir — Milo sussurrou. — Antes que tenha problemas.

Tripi mexeu a cabeça e disparou pelo corredor.

— Obrigado — Milo falou. — Obrigado por ajudar minha avó.

SANDY

Sandy olhou para a conta. Cem libras, cento e cinquenta se não fosse paga até o final da semana. Aquela enfermeira tinha esquecido de mencionar a multa por pagamentos atrasados.

Ela deu uma mordida na barra de chocolate e limpou as migalhas do papel.

Casa de Repouso Não Me Esqueças: Estamos Aqui para Servir.

“Só porque pagamos por isso”, pensou Sandy. Uma erupção vermelha surgiu em sua garganta. Ela ligou a tevê.

“Santa Lucia é uma linda ilha paradisíaca...”

Sentou-se em um banquinho e ficou olhando para a tela empoeirada. Talvez Milo fosse com ela. Talvez se estivessem em um lugar quente e bonito, as coisas ficassem melhores entre eles.

“Aqui, sob as palmeiras, seus problemas desaparecerão...”

Fechando os olhos, Sandy sentiu o chocolate doce e macio no céu da boca.

Então o telefone tocou.

Ela abriu os olhos e foi atender.

— Alô?

— Olá.

Usou sua voz de salão de beleza.

— Com quem estou falando, por favor?

— Al McCloud. — O sotaque era escocês.

O nome que ficou rabiscado no bloquinho de recados durante meses. Um dos parentes de Andy que havia se mudado para o sul e estava procurando um lugar para ficar. Ele havia telefonado de repente, um mês depois de Andy ter saído de casa. Pagaria o aluguel, ele disse. Ela não tinha contado que Andy não morava mais ali; Sandy não conseguia sequer pensar

nas fofocas da família na Escócia. “Eu sabia que ela não era boa coisa, uma garota do sul”, era isso que diriam. Mas guardara o nome e o telefone dele. Talvez já imaginasse que Vovó teria de se mudar.

— Você deixou uma mensagem no meu celular. Disse que tinha um quarto para alugar.

Aquele sotaque escocês. Quando estavam na cama, quase pegando no sono, Sandy costumava pedir a Andy para falar com sotaque e ele sussurrava baixinho: “Boa noite, bons sonhos”, carregando no acento escocês. Ela se sentia mais próxima dele, como se fosse a única pessoa que sabia quem ele era e de onde tinha vindo. Quem sabe, se tivessem voltado para a Escócia para viver na cidadezinha costeira onde ele havia crescido, talvez tivesse dado certo. Talvez a família de Andy o perdoasse por ter ido embora. Talvez Milo fosse mais feliz agora.

“Você poderá praticar mergulho em águas cristalinas...”

A apresentadora estava na praia, usando um biquíni vermelho minúsculo.

“Ou simplesmente deitar sob o sol...”

— Preciso encontrar um lugar até o fim da semana — Al disse.

Ela olhou de novo para a tevê, montanhas cobertas de verde e longas extensões de praias de areia branca. Parecia piada, considerando seu nome, o fato de jamais ter sentido a areia quente entre os dedos dos pés.⁶ Ficou imaginando Andy e Ângela caminhando de mãos dadas pela praia em Abu Dhabi.

— Senhora Moon, ainda está na linha?

— Sandy, por favor, pode me chamar de Sandy.

Ela olhou ao redor da cozinha. Esperava que ele não se importasse com a bagunça, a fuligem. Ou com o barulho dos aviões. Ou com aquele porco fungando na garagem. Ou com Milo perambulando pela casa, tão bravo com ela.

Sentiu um aperto no peito. Não estava preparada para ter um estranho morando ali, bisbilhotando sua vida.

— Eu pago dois meses de aluguel adiantado — ele disse.

— Bem...

— Em dinheiro vivo.

Sandy olhou para a carta do Não Me Esqueças que havia deixado sobre o balcão da cozinha e respirou fundo.

— Bem, talvez possamos chegar a um acordo.

⁶ Em inglês, “areia” define-se pelo termo *sand*, por isso o jogo de palavras com o nome da personagem Sandy. (N. T.)

MILO

Milo colocou o relógio diante dos olhos e olhou para as grandes mãos pretas, torcendo para que a senhora Harris entendesse o recado.

— Milo, você está ouvindo?

A senhora Harris inclinou-se em sua direção para encontrar seu olhar, mas ele mirou o chão. Essa era uma das coisas boas da retinite pigmentosa: poder bloquear as pessoas quando se tornavam irritantes.

Era sexta-feira e a senhora Harris o tinha segurado após a aula “para ter uma conversa sobre o que havia dado errado nas provas”.

Se ela continuasse falando, ele perderia o horário da visita no Não Me Esqueças.

— Como eu disse outro dia, se não tiver notícias da sua mãe neste fim de semana, terei que ir até sua casa.

Milo imaginou a senhora Harris com seu terno cinza e corte Chanel entrando na cozinha preta e fedida de Mamãe, que estaria usando calça de agasalho, comendo chocolate e assistindo ao programa *Refúgios para a Lua de Mel*. Pelo menos a senhora Harris cheirava a fumaça; não fumar era uma coisa em que Mamãe era melhor que ela.

A professora se endireitou e ficou mexendo em uma parte da franja que havia saído do lugar.

— Vamos fazer uma avaliação de suas habilidades em leitura e conversação e, se você se esforçar bastante, conseguirá equilibrar a nota de redação. — Sua voz lembrava a gaita de foles de Vovó quando estava fria, sem ser tocada há séculos. Estridente. Irritante. — Acho que você vai gostar do tema.

Milo odiava falar em público.

— Você vai falar sobre seu bicho de estimação predileto.

Com o celular que Papai lhe dera, Milo havia tirado fotos de Hamlet; depois imprimiu as fotos na impressora colorida da escola e colou em todas as suas pastas e livros. As meninas da classe ficaram loucas.

— Que animal diferente... — a senhora Harris disse.

Milo focou a visão em um de seus dentes tortos e amarelados. Sempre que ela falava, parecia que eles iam pular para fora. Essa era outra coisa boa que Mamãe tinha em relação à senhora Harris: dentes bonitos. Ela fazia branqueamento para as pessoas no salão, por isso também fazia para si mesma, de graça.

— Tenho certeza de que você terá muito o que dizer. Terá que *informar*, *explicar* e *descrever* para seu público como você cuida do seu porquinho e como faz para garantir que ele tenha as melhores condições de vida e bem-estar. Você vai ver que é mais fácil do que escrever.

Em uma prova, Milo havia desenhado um eclipse lunar em vez de escrever a respeito porque achou que era a melhor maneira de abordar o tema: *Descreva uma experiência incrível*. Não que ele tivesse vivenciado uma experiência real de um eclipse lunar, mas tinha visto no YouTube, e Papai prometera que um dia iriam juntos até a Austrália para ver um, porque lá ocorriam com mais frequência.

Mas falar em público era uma coisa que fazia a língua de Milo inchar como se não houvesse espaço suficiente para ela dentro da boca; suas mãos ficavam suadas e as pernas bambas. Quando falava, ele ouvia as crianças rindo baixinho fora do buraco da agulha, pois sabiam que poderiam se safar, como a classe fazia com a senhora Harris quando ela se virava para escrever na lousa. De qualquer forma, comparado com Vovó, ele falava bastante. Se ela não precisava falar nada, Milo não via razão para ter que falar diante de toda a classe.

Milo não conseguia pensar em uma desculpa para a Matemática, a não ser o fato de que seus olhos doíam quando ele olhava para os números durante muito tempo.

— Não posso fazer outra prova escrita?

— Tem que fazer as duas, Milo. Suas notas em Inglês e Matemática são preocupantes. Precisamos considerar... — Ela ficou em silêncio. — Eu realmente preciso falar com sua mãe.

•

Ao virar na rua Crescent, ele ouviu o senhor Overend assobiando, mais alto que de costume. Apesar de ficar horas na janela aberta, vestido apenas com seu pijama, o senhor Overend parecia nunca sentir frio. Hoje ele estava inclinado para fora da janela olhando uma motocicleta parada na frente da casa de Milo. Quando o viu, o senhor Overend balançou a cabeça e continuou assobiando. Que tonto. Se existia alguém que devia estar em um asilo, era ele.

Milo olhou para a moto e torceu para que fosse de um novo cliente. Às vezes, sua mãe atendia homens que queriam depilar o peito ou o traseiro. A Mercedes vermelha da senhora Hairy também estava lá. Seu nome verdadeiro era Gina, mas Mamãe a chamava de senhora Hairy porque os pelos brotavam por todo o seu corpo, até em cima da boca.⁷ Milo perguntou por que ela simplesmente não se barbeava, como Papai, mas Mamãe explicou que isso faria os pelos nascerem ainda mais grossos e pretos e que haveria ainda mais pelos do que antes. Talvez Mamãe estivesse atendendo duas pessoas, isso a deixaria feliz.

Milo largou a mochila da escola na cozinha e olhou em volta, à procura de Hamlet. Hamlet dentro de casa era parte do acordo com Mamãe. Enquanto Vovó estivesse no Não Me Esqueças, Hamlet ficaria na cozinha.

Mas Hamlet não estava na cozinha. Nem no corredor, nem debaixo da escada, nem no banheiro do térreo. Hamlet ainda não sabia subir a escada, por isso não poderia estar no quarto de Milo.

— Ela prometeu — Milo disse baixinho. Foi até o jardim e viu uma vela acesa na janela do salão. — Um dia desses vou falar com a mulher da Sociedade de Proteção aos Animais sobre

Mamãe — Milo murmurou enquanto caminhava na direção da garagem.

E é claro que Hamlet estava lá, encolhido em um canto da gaiola, esperando que Milo chegasse e o salvasse. Então Milo viu outra coisa. Empilhadas em um canto, várias caixas de papelão, e a gaita de foles de Vovó saindo para fora da que estava por cima de todas.

Milo sentiu os olhos arderem.

Tirou Hamlet da gaiola, subiu no freezer horizontal e pegou a gaita de foles. Depois disparou para fora da garagem, entrou na cozinha, cruzou a porta dos fundos e atravessou a grama úmida em direção ao salão.

Abriu a porta.

— Milo! — Mamãe olhou para ele, sua mão segurando uma folha com cera na coxa marrom da senhora Hairy. A senhora Hairy era jamaicana e sua pele lembrava um daqueles tabletes de chocolate ao leite de Mamãe. — Quando estou atendendo, você precisa bater.

A expressão do seu rosto mudou algumas vezes, zangada para Milo e sorridente para a senhora Hairy.

— Você empacotou as coisas da Vovó — Milo gritou, segurando a gaita de foles. — E trancou Hamlet na garagem.

Hamlet guinchou, como se dissesse “Viu? Viu?” para o que Milo havia dito.

A senhora Hairy cobriu as coxas com um lençol e Mamãe se levantou do banquinho giratório.

— Milo — ela disse, a voz baixa e calma. — Quero que peça desculpas à senhora Downe e depois dê a volta e vá para seu quarto. Conversaremos sobre isso mais tarde.

— Desculpe — Milo sentiu vontade de chamá-la de senhora Hairy, mas Mamãe não podia perder mais uma cliente. — Desculpe, senhora Downe. — Depois olhou para Mamãe, esperou até seus olhos focarem nos dela para que ela soubesse que estava realmente olhando para ela. — Mas não estou pedindo desculpas para você.

Hamlet se contorceu debaixo de seu braço. Milo se virou e bateu a porta, apesar de ela não fazer muito barulho, pois era apenas uma placa de madeira bem fina.

Foi direto até a escada e subiu para o quarto de Vovó. Ia colocar todas as coisas de volta no lugar.

Ao chegar no patamar da escada, Milo notou que Mamãe havia tirado as luzinhas mágicas do corrimão.

Hamlet espirrou. Havia um cheiro estranho no ar; parecia desodorante misturado com meias sujas e papelão úmido. Milo sentia saudade do cheiro de damasco de Vovó, do perfume que ela encomendava de Paris porque Vovô tinha lhe dado um igualzinho quando ela fez dezessete anos.

Milo fechou os olhos para se concentrar nos sons: música e vozes, mais altas do que os aviões.

Subiu os últimos degraus, abriu a porta e ficou parado, mexendo a cabeça aos soquinhos para assimilar tudo.

No canto, havia uma imensa tela de plasma. O noticiário trombeteava em alto volume, um repórter falando sobre uma guerra, milhares de pessoas pobres amontoadas atrás dele, com tendas e mochilas e sacolas plásticas e burros.

A música vinha de um aparelho colocado na soleira da janela, estrondosa, barulhenta, muito diferente do som agradável produzido pela gaita de foles de Vovó.

Milo virou a cabeça de novo e viu, na cama de Vovó, um sujeito deitado com as botas e uma jaqueta de couro com o zíper fechado até o pescoço. Tinha um cabelo preto espetado e a barba por fazer.

Milo ficou imóvel.

Hamlet fungou debaixo do seu braço.

A gaita de foles soltou um gemido.

— Eu ia explicar... — Mamãe chegou por trás dele, sem fôlego. — Mas você demorou a voltar da escola.

O sujeito sentou na beirada do colchão e passeou o olhar sonolento por Milo, por Hamlet, pela gaita de foles, por Mamãe, que ainda segurava a folha de cera peluda que havia acabado de tirar da coxa da senhora Hairy.

— Precisamos do dinheiro, meu amor — ela disse, estendendo o braço para passar a mão no cabelo de Milo.

Milo se afastou da mão e desceu a escada.

— Milo, onde é que você vai?

Mamãe correu atrás dele.

Quando chegou na porta da frente, Milo se virou para ela.

— Você mandou o Papai embora e mandou a Vovó embora. Vou lhe poupar o trabalho de me mandar também.

Ele bateu a porta, fazendo barulho dessa vez.

⁷ A autora faz um novo trocadilho, desta vez com o nome da personagem Hairy e o termo em inglês *hair*, que significa “cabelo”. (N. T.)

MILO

Milo colocou a gaita de foles no chão e bateu na porta da frente do Não Me Esqueças até seu punho começar a doer. Hamlet guinchou baixinho.

— Shhh! — Milo sussurrou. — Você precisa ficar bem quieto ou não vão nos deixar entrar.

Ele apertou Hamlet ainda mais embaixo do casaco.

Finalmente ouviu os passos da enfermeira Thornhill se aproximando da porta.

Ela abriu a porta e baixou o olhar para Milo.

— Se ninguém atende, significa que estamos fechados — ela disse.

Fechados? Pelo tom da voz, parecia que ela dirigia uma loja, e não uma casa de repouso.

Milo se endireitou.

— Vim para ver minha avó.

— Receio que isso não seja possível. É melhor voltar amanhã.

A enfermeira Thornhill começou a fechar a porta.

Milo interrompeu com o pé.

— Ela vai querer me ver.

Hamlet guinchou.

A enfermeira Thornhill abriu a porta de novo.

— Que barulho foi esse?

Milo tossiu.

— Chiado — ele disse, apontando para o peito. — Tenho asma. — Inspirou. — Por favor, posso entrar e ver minha avó?

A enfermeira Thornhill colocou no rosto um daqueles sorrisos esticados que havia usado no dia em que estiveram pela primeira vez no Não Me Esqueças.

— Tenho certeza de que você é capaz de entender que existem momentos em que nossos clientes precisam de um pouco de descanso. — Ela fez uma pausa. — Mesmo dos entes queridos.

Milo focou os olhos. Pelo buraco da agulha, tudo o que podia ver era um corredor longo e escuro. Eram pouco mais de quatro da tarde e o lugar já parecia fechado para a noite.

— Como eu disse, você será bem-vindo amanhã de manhã.

Milo percebeu que ela não o deixaria entrar, por isso retribuiu com um sorriso fingido e deu meia-volta.

Quem se importava com o que a enfermeira Thornhill dizia? Ela não tinha o direito de mantê-lo longe de Vovó, não quando Vovó era a última pessoa que ele tinha no mundo. Não quando Vovó precisava dele.

Esperou até que ela fechasse a porta, pegou a gaita de foles de Vovô e deu a volta até os fundos do Não Me Esqueças. Tinha que haver outro jeito de entrar, uma porta que tivessem deixado aberta, uma saída de incêndio ou até mesmo uma janela.

Quando chegou à porta dos fundos da cozinha, seu cabelo estava pingando e suas roupas estavam encharcadas. Seus pés estavam ensopados dentro dos sapatos da escola.

Ele ouviu Tripi cantando, a mesma música que estava cantando naquele primeiro dia quando ele, Mamãe e Vovó tinham vindo conhecer o Não Me Esqueças. Milo empurrou a porta e sentiu um alívio no peito. Tripi estava de costas, despejando bolinhos empapados, pedaços de carne e purê de batata em uma das latas de lixo. Milo atravessou a cozinha correndo. Se Tripi não o visse, não estaria encrencado por tê-lo deixado entrar contrariando as ordens da enfermeira Thornhill.

A simpática sala de estar das visitas estava fechada, como sempre; mas os corredores também estavam no escuro, assim como o salão onde os idosos comiam e viam tevê.

— Milo?

Milo deu um pulo. A enfermeira Heidi, com seu uniforme branco, flutuou em sua direção como uma fada. Ele gostava

mais dela do que da enfermeira Thornhill.

— Por que está tudo fechado?

Heidi olhou em volta, nervosa.

— Estamos indo deitar mais cedo.

— Mas ainda não é noite.

A enfermeira Heidi baixou a voz.

— A enfermeira Thornhill está chateada.

— Com o quê?

A enfermeira Heidi balançou a cabeça.

— Eu não devia estar falando com você. Como foi que você entrou? — Ela se aproximou. — O que é que você tem aí embaixo do casaco?

— Isso não importa. Por que é que a enfermeira Thornhill está chateada e por que é que está tudo escuro? Onde está todo mundo?

— Estão todos em seus quartos, dormindo.

A casa de repouso estava assustadoramente silenciosa.

— Não está na hora de dormir.

— É que não gostaram da comida.

Milo pensou nos bolinhos pegajosos que tinha visto Tripi jogar na lata de lixo. Ele também não comeria aquilo.

— A senhora Moseley iniciou um protesto.

— Tem certeza? A senhora Moseley não saberia como iniciar um protesto.

A enfermeira Heidi deu de ombros.

— Foi o que a enfermeira Thornhill disse. Que a senhora Moseley foi quem começou.

Nada daquilo fazia sentido.

Ele entrou no corredor que dava no quarto de Vovó.

— Você não deveria estar aqui. Isso vai me criar problemas — a enfermeira Heidi sussurrou atrás dele. — Volte aqui!

Ela estava tentando sussurrar, mas as palavras soaram como um assobio alto.

Milo bloqueou a voz dela e continuou andando. Ele tinha que ver Vovó e precisava descobrir o que estava acontecendo.

•

Vovó estava sentada na poltrona perto da janela, a cabeça caída para a frente.

Milo se ajoelhou no chão ao seu lado e segurou sua mão. Ela estremeceu. Ele aproximou os olhos e viu que seus pulsos estavam machucados. Sentiu uma dor na boca do estômago.

— Como foi que isto aconteceu, Vovó?

Ela tentou abrir os olhos, mas sua cabeça caiu de novo sobre o peito. Ele nunca a tinha visto sonolenta desse jeito às quatro horas da tarde.

Milo deixou Hamlet na cama de Vovó; depois pegou o bloquinho e o lápis e colocou-os no colo dela.

— Vovó, escreva o que aconteceu — ele disse, sacudindo-a delicadamente para ver se conseguia acordá-la.

Vovó abriu os olhos por um segundo, tentou segurar o lápis, mas não conseguiu, e o lápis caiu no chão.

— Tudo bem, Vovó. — Milo colocou os braços em torno de seus ombros, puxando-a para perto. Vovó sempre fora magrinha, mas agora os ossos estavam saltando para fora da pele; Milo podia senti-los através da blusa. — Tudo bem — ele repetiu, sentindo o cheiro de damascos em seu pescoço. — Eu trouxe Hamlet pra você, e a gaita de foles do Vovô.

Ele esperou pela reação, mas ela não disse nada.

— Vou preparar uma xícara de chá para você, Vovó. E você também pode comer alguns biscoitos; assim você vai acordar.

Milo havia encontrado uma chaleira usada na loja da Sociedade de Proteção aos Animais e, quando disse que não tinha condições de pagar, a mulher do balcão aceitou trocá-la pela lanterna que Papai havia lhe dado no último Natal. Então ele pegou a caneca de Vovó e alguns saquinhos de chá e um pouco de leite e comprou um pacote de biscoitos na Poundland, que nem pareciam muito bons, mas eram melhores do que nada, e levou tudo para o quarto de Vovó e montou o cantinho do chá. Ele também havia colocado mais uma coisa no cantinho do chá: uma caixa de remédio com divisórias diárias que

encontrou na farmácia. Ao olhar para a bandeja, notou algo estranho.

Alguém havia acrescentado dois comprimidos para cada dia, aqueles comprimidos verdes e brancos que o médico tinha receitado para quando Vovó tivesse dificuldade para dormir, quando precisasse se acalmar. Vovó odiava a sensação provocada por esses remédios, por isso não os teria colocado ali. Ela havia tomado todos os comprimidos daquele dia, então, não importa quem tivesse colocado aqueles comprimidos junto com os remédios diários, ela tinha tomado todos, provavelmente sem perceber. Não admira que tivesse apagado.

Milo começou a pensar. Isso explicava por que toda a casa de repouso estava em silêncio. A enfermeira Thornhill devia ter dado aqueles comprimidos para todas as idosas.

Ele tirou os comprimidos verde e branco de todos os outros dias da semana, jogou-os no vaso sanitário e puxou a descarga; depois voltou e beijou Vovó na testa.

— Não se preocupe, Vovó — sussurrou perto de seu cabelo.
— Vou descobrir um jeito de tirar você daqui.

Colocou um cobertor nos joelhos dela, pegou Hamlet e a gaita de foles e saiu do quarto.

SANDY

— O horário de visitas terminou — a enfermeira Thornhill disse, parada na porta da frente do Não Me Esqueças.

Sandy sentiu como se tivesse voltado aos tempos de escola, levada até a presença da senhora Horn, a diretora. “Se você não fizer alguma coisa, Sandy, vai engrossar as filas do desemprego.” Ela não estava tão errada.

— Eu sei — Sandy respondeu, mordendo a unha do dedinho. — Eu sei. Mas pensei que Milo talvez tivesse vindo até aqui para ver a avó. Será que eu... — Sandy esticou o pescoço e olhou por cima do ombro da enfermeira Thornhill.

A enfermeira Thornhill mexeu o corpo para bloquear a visão de Sandy. Era impressionante como uma mulher tão magra podia ocupar tanto espaço.

— Seu filho não está aqui.

— A senhora não está entendendo. Milo, ele...

O que poderia dizer? Que seu filho de nove anos estava tão chateado com ela que saía correndo sozinho pelas ruas escuras? Que preferia que ela tivesse ido embora e que o pai tivesse ficado? E que a única pessoa que o fazia feliz, além do pai, era a avó e que por isso ele iria até ali?

— Entendo que pode ser angustiante — a enfermeira Thornhill disse, exibindo o sorriso de dentes brancos. — Acostumar-se com o fato de um ente querido não estar mais vivendo em casa é uma fase que todos os nossos clientes enfrentam. — Ela inclinou a cabeça para um lado. — Por isso é importante estabelecer limites. — Fez uma pausa. — Por que não volta amanhã de manhã? — Então ela se inclinou para a frente e abaixou a voz. — E talvez possa trazer o pagamento que está devendo.

A enfermeira Thornhill fechou a porta antes que Sandy tivesse tempo de responder.

Sandy foi até a calçada e ficou olhando para as janelas. Imaginou ter visto o rosto de Lou inclinado em direção ao vidro. Aquilo era o melhor, havia dito a si mesma. Lou precisava de ajuda adequada. Mas agora, com Milo tão contrariado, já não tinha mais tanta certeza.

Sandy encostou na grade do Não Me Esqueças, sentindo as barras de metal através do avental de esteticista. Tinha colocado o avental para atender Gina, sua última cliente. Mas em geral preferia o conforto da calça de agasalho e camiseta. Ela já se orgulhara do seu uniforme, da aparência de profissionalismo. “Você parece uma médica”, Andy dizia, beijando-a e levantando-a do chão. Por baixo, não usava nada além do sutiã e da calcinha; qualquer peça a mais fazia volume. As mulheres que frequentavam o salão queriam ser atendidas por alguém de boa aparência, alguém que se cuidasse. Alguém capaz de segurar o marido.

Sandy tirou o maço de cigarros do bolso. Ela só se permitia fumar fora de casa.

Sua cabeça doía por causa de toda aquela confusão.

Milo, tão zangado com ela.

Gina, abandonada no salão, depilada pela metade.

E só Deus sabe o que o novo inquilino estaria pensando, com Milo explodindo para cima dele daquele jeito. Ela precisava que Al ficasse. Um mês de aluguel e poderia convencer o banco de que tinha condições de continuar pagando as prestações da hipoteca. E precisava pagar o Não Me Esqueças antes que a enfermeira Thornhill cobrasse mais juros.

Sandy soprou a fumaça para o alto e amaldiçoou a lua. Andy, aquele desgraçado, deixando-a sozinha para lidar com tudo aquilo. Ela desejava que seu bebê com a Vadia se tornasse um demônio do inferno.

— Boa noite.

Um homem acenou com a cabeça para Sandy e pulou os degraus do Não Me Esqueças, tropeçando no último.

Endireitou-se e olhou para a lua.

— Não está linda?

Sandy deu de ombros e apagou o cigarro, mantendo o olhar nos tênis (quando havia deixado de usar salto alto?).

Uma nuvem passou sobre a lua. O céu se abriu e gotas de chuva caíram nos braços de Sandy. Pequenos dardos gelados. Milo tinha que se esforçar para enxergar na chuva, “como quando a televisão está com chuviscos”, ele lhe explicou uma vez. A estática engolia os sons de que ele precisava para se orientar.

O homem parou diante de Sandy e inclinou a cabeça em sua direção.

— Seus lábios... estão roxos.

— Como?

— Você está com frio.

Ele pegou uma capa verde, daquelas que se dobram inteirinhas para caberem no bolso. Sandy tinha visto aquelas capas na Poundland, em uma pilha com várias cores.

— Tome — ele disse, dando-lhe a capa.

— Não precisa...

— Eu insisto.

Sandy sentiu a chuva na testa. Houve uma época em que ela jamais sairia de casa sem um guarda-chuva, apavorada com a ideia de que seu cabelo, cuidadosamente alisado, pudesse encrespar. Mas, desde o verão, cancelara três vezes o horário reservado no Slipton Highlights. Não conseguiria encarar as mulheres de lá, trocando olhares no espelho quando ela não estivesse olhando.

— Uma senhora deve se manter enxuta.

Ele tinha grandes olhos castanhos e cílios que suas clientes dariam tudo para ter.

Sandy pegou a capa de plástico verde, colocou sobre o avental de esteticista e cobriu a cabeça com o capuz. Um homem dando a ela sua capa... quando tinha sido a última vez que Andy fizera uma coisa dessas?

O homem já estava se afastando quando Sandy o chamou.

— Como faço para lhe devolver?

— Não precisa — ele respondeu, por cima do ombro. — É um presente.

A chuva apertou quando Sandy se virou para ir embora. Ela não sabia mais onde procurar, mas não podia voltar para casa até encontrar Milo.

Ao virar na esquina da avenida principal, a Mercedes vermelha de Gina passou por ela, com os faróis altos acesos. O carro passou em cima de uma poça d'água, deixando Sandy para trás, encharcada.

TRIPI

Tripi sentou no banco, tremendo, e ficou olhando para o canal. Talvez não devesse ter dado sua capa, mas a mulher parecia tão triste que ele não conseguiu se conter.

Por um instante, viu o rosto de Ayishah nas ondulações da água em que a lua se refletia, como na foto da escola que guardava com ele, só que nas ondulações o rosto da irmã estava vivo. Ela sorriu para ele como naquele último dia, em que achavam que tinham conseguido. Estavam a uma hora da fronteira turca, a uma hora da liberdade. “Tudo ficará tão claro como a luz do dia”, ela dissera.

Tripi deu uma mordida no sanduíche de salmão que tinha trazido da casa de repouso. Eles serviam comida boa nos dias de visita. A enfermeira Thornhill o havia instruído a embalar os bolos e sanduíches assim que as visitas saíssem. “São um bando sorrateiro”, ela disse, apontando com a cabeça para as idosas no salão. “É só deixar as coisas à mostra por um segundo e vão se atirar sobre elas como abutres.”

Enquanto comia seu sanduíche, Tripi pegou o dicionário de bolso na mochila de Ayishah e procurou a definição de *abutre*. As duas primeiras definições descreviam a grande ave de rapina que ele já conhecia de seu país natal: ombros grandes sob a capa de penas pretas, o bico curvado, afiado. Mas foi a terceira definição que o fez pensar na enfermeira Thornhill: “Coisa ou pessoa predadora, especialmente com voracidade ou inescrupulosamente”. Então procurou aquela estranha palavra com tantas vogais: “Inescrupulosamente: sem princípios morais”. Ele achava que a enfermeira Thornhill tinha se enganado com as palavras.

Quando ela não estava olhando, ele embrulhava alguns sanduíches com guardanapos de papel e os levava para a

senhora Moon. Ele não a tinha visto comer nada desde que chegara.

Tripi fechou o dicionário e acariciou a capa. Era de Ayishah. Ela adorava aprender novas palavras e frases; escrevia-as na capa e nos espaços em branco acima das páginas. Eles competiam para ver quem conseguia descobrir as expressões mais interessantes em inglês.

“Minha professora falou que meu trabalho estava *supimpa*”, ela disse. Ayishah adorava essa palavra: significava que tudo estava muito bom. “Quando estivermos na Inglaterra, tudo será *supimpa*.” Tripi se lembrou dos olhos castanhos brilhando e de como temia não ser capaz de protegê-la de todos os homens que iriam se apaixonar por ela.

Voltou a olhar para a água, procurando por Ayishah, mas desta vez viu o rosto do menino com os olhos focados, sua pele pálida como a lua.

Tripi se virou e olhou para o menino, que estava segurando (seria mesmo?) um porco embaixo do braço. E uma gaita de foles, aquele instrumento escocês engraçado.

Talvez o frio tivesse afetado seu cérebro. Ele piscou e olhou de novo, mas o menino continuava lá, com o porco e a gaita de foles.

Então Tripi percebeu que o pequeno Milo estava chorando: aquelas lágrimas grossas que escorrem pelas bochechas das crianças. Ayishah só tinha chorado uma vez. Não quando seus pais foram embora, quando ela tinha dez anos e Tripi vinte e dois. Não quando chegou da escola um dia e disse a ele que sua melhor amiga não tinha aparecido para fazer a matrícula e a professora dissera que ela não viria mais. Havia chorado quando não tirou o primeiro lugar em uma prova de inglês na escola; tinha certeza de que a Rainha descobriria e ficaria decepcionada com ela.

— Posso sentar no seu banco? — Milo perguntou, fungando.

Tripi riu.

— O banco é de todos.

Milo sentou, colocou a gaita de foles perto dos pés e acariciou uma das orelhas do porquinho.

— Você não devia estar em casa? — Milo balançou a cabeça. — Mas seus pais vão ficar preocupados.

— Não, não vão.

— Mas devem estar.

Tripi pensou em Ayishah e em como não gostava que ela ficasse na rua à noite, principalmente naqueles últimos meses antes de partirem. Apesar de não haver guerra em Slipton, o pequeno Milo era mais novo que Ayishah.

Milo enxugou o rosto com o dorso da mão.

— O Papai foi embora e a Mamãe só se preocupa com dinheiro e com aquele salão idiota, e tem alguma coisa errada com a Vovó e eu não confio na enfermeira Thornhill, eu não acho que ela esteja cuidando dos idosos da maneira certa.

“Como Ayishah”, Tripi pensou, “este menino enxerga muito”.

— Sua avó não gostaria que você estivesse aqui fora no escuro.

Milo virou a cabeça e examinou o rosto de Tripi.

— Mas você está aqui e está bem.

Tripi balançou a cabeça.

— Preciso encontrar uma casa ou não poderei continuar no emprego. E não está tudo bem, está frio.

Ele tossiu e apontou para o peito.

Milo fungou de novo. Tripi lhe deu um lenço e ele assoou o nariz com força.

— Pensei que só as pessoas velhas tivessem lenços deste tipo — Milo falou, devolvendo o lenço encharcado e amassado.

— Meu pai achava que ter um lenço de linho era sinal de cavalheirismo. “Ninguém sabe quando precisará enxugar as lágrimas de uma moça”, ele dizia.

Pela expressão de Milo, Tripi imaginou que o menino ainda não via as meninas como pessoas a quem pudesse emprestar seu lenço.

— Sei de uma casa onde você poderia morar, é rosa.

— Uma casa?

— Sim, uma casa na esquina da avenida principal.

— Deve ser caro morar na avenida principal.

Milo balançou a cabeça.

— É de graça.

Tripi franziu a testa ao traduzir a palavra para ter certeza de que tinha entendido direito.

— De graça? Eu não entendo...

— Ouvi no rádio da Vovó. Se ninguém morar em uma casa por anos e anos, você pode alegar direito de ocupação. Passo todos os dias na frente da casa quando vou para a escola. Big Mike, o cara que morava lá, sumiu há mais de um ano.

— Mas o que é “ocupar”? — Milo riu. — Qual é a graça?

— Você fala como se fosse uma coisa feia. A ocupação é feita por pessoas como você, que não podem pagar aluguel ou comprar uma casa. Elas encontram casas vazias e vivem nelas e, se não forem pegas, podem ficar por vários anos.

Tripi sentiu a umidade tomando conta de seus pulmões de novo.

— Ser pego? — Balançou a cabeça. — Não posso ter problemas com a polícia.

— Não vão te pegar, não aqui. A polícia desta cidade é um lixo. No ano passado, alguém entrou no salão da Mamãe e quebrou as lâmpadas da câmara de bronzeamento e a polícia ainda não descobriu quem foi. De qualquer forma, vou ficar de olho.

Mas o policial havia encontrado Tripi no parque e o havia mandado embora.

— Não sei. Não sei — ele disse mais de uma vez. — E se esse homem, Big Mike, voltar?

— Mamãe disse que Big Mike foi para a Tailândia para conhecer sua noiva por correspondência, Lalana, e deve ter decidido ficar lá, porque é melhor viver na Tailândia do que em Slipton.

Uma “noiva por correspondência”? Será que era costume inglês arrumar noivas por correspondência? Talvez encontrar uma esposa fosse mais fácil do que ele havia imaginado.

— Uma casa vazia...

Tripi balançou a cabeça de novo, mas desta vez não foi de preocupação, e sim de deslumbre. Será que ele finalmente teria um teto sobre a cabeça? “O lar de um homem é seu castelo.” Não era isso que diziam?

Milo se levantou.

— Se você cuidar de Hamlet e guardar a gaita de foles da Vovó, eu lhe mostro onde é.

As lágrimas do menino haviam secado e seus olhos brilhavam.

— Agora?

Milo assentiu com a cabeça.

— Tudo bem — Tripi disse.

Ele olhou para o porquinho de uma orelha branca e outra preta e focinho úmido brilhante e pensou na frase do Corão que dizia que os porcos não são limpos. Os muçulmanos não podiam comer carne de porco, mas nada proibía alguém de viver com um porco, proibía? “Se não gosta, terá que me perdoar, Alá.”

•

A casa rosa apareceu na esquina, no final da avenida principal. Na Síria, as casas eram grandes e baixas, ali eram fininhas e se erguiam em direção ao céu.

— Vamos ter que forçar a entrada — Milo falou, empurrando a porta com o ombro.

Tripi olhou em volta, nervoso com a possibilidade de o policial da outra noite estar observando.

— Melhor tentar pelos fundos — Milo disse. — As portas dos fundos são sempre mais fáceis.

Tripi seguiu Milo por um buraco na cerca que dava para o jardim dos fundos. Mato e capim amarelado formavam bicos congelados, uma edícula com uma janela quebrada, bitucas de cigarro espalhadas pelo chão.

Milo pegou uma pedra.

— Você vai ter que arrombar a porta dos fundos — ele disse, dando a pedra para Tripi.

— Por que eu?

— Porque é sua casa agora.

Tripi jamais havia invadido uma casa. Antes de comprar os documentos falsos para sair da Síria, nunca tinha cometido uma infração.

Os documentos diziam que ele e Ayishah tinham um tio inglês esperando por eles em Londres. “Sim, é o irmão da nossa mãe”, eles diziam a todos que encontravam.

“Sim, somos meio-ingleses.”

Os genes do pai eram mais fortes, é claro, o que explicava o tom escuro da pele. Mas “sim”, eles garantiam a todos os que se davam ao trabalho de perguntar, “temos sangue inglês correndo em nossas veias”.

Que escolha eles tinham? Estavam sendo expulsos de casa pelos bombardeios; de qualquer forma, Tripi não acreditava em fronteiras, em demarcar onde as pessoas podiam viver e caminhar, a partir de onde os outros deviam ficar de fora. Para Tripi, o mundo pertencia a todos; os problemas começavam quando as pessoas construíam muros e levantavam cercas e trancavam portas.

Talvez isso valesse também para as casas, ele pensou. Talvez, enquanto houvesse pessoas sem ter onde dormir à noite, as casas devessem ser consideradas propriedade comum.

Ele pegou a pedra e atirou com força.

•

Dentro da casa estava tão frio quanto do lado de fora. Nos cantos, pedaços de móveis quebrados, um tapete úmido que cheirava a mofo, paredes rachadas, uma corrente de ar soprando pelas janelas.

— Está vendo? — Milo disse. Há séculos ninguém entra aqui.

Tripi colocou sua mochila e a de Ayishah no chão e estendeu o saco de dormir com esperança de que pudesse secar um

pouco. Então foi até a lareira e seus olhos se iluminaram. Aquilo era tudo de que uma casa precisava. Agora poderia se manter aquecido.

Hamlet saiu correndo pela sala, cheirando os cantos das paredes. Milo apoiou a gaita de foles em uma velha poltrona; ela soltou um chiado ao se acomodar, como um velho sentando em um banquinho no zoco.

— Você tem outro saco de dormir? — Milo perguntou a Tripi.
— Tenho um em casa, mas não quero voltar lá...

— Você quer ficar aqui? — Tripi olhou para o menino.

— Quero. Vou morar aqui com você até aquele inquilino idiota ir embora.

— Inquilino idiota?

— Mamãe colocou alguém no quarto de Vovó para ganhar dinheiro e ele bagunçou tudo.

Tripi balançou a cabeça.

— Você precisa voltar para sua mãe, Milo. Ela vai ficar preocupada.

Milo chutou uma dobra do tapete.

— Fui eu quem encontrou este lugar. Eu tenho que ficar.

Tripi se aproximou do menino.

— Tenho uma ideia.

Milo virou a cabeça e fixou os olhos azuis em Tripi.

— Vá para casa e tente conversar com sua mãe e explicar o quanto ficou contrariado com esse inquilino. Vou ficar aqui com a gaita de foles e o porco.

— Hamlet. Ele atende pelo nome.

— Com Hamlet. Se as coisas não melhorarem até amanhã à noite, pode voltar e eu deixarei você ficar.

Essa era a tática que Tripi usava com Ayishah quando ela teimava com alguma coisa.

— Não sei.

Tripi pegou o porquinho e o ergueu no ar.

— O que você acha, Hamlet? — Ele segurou o porquinho perto do ouvido e acenou com a cabeça. Hamlet encostou o focinho úmido no nariz de Tripi. — Sim... sim... concordo. —

Tripi virou-se para Milo. — Hamlet concorda comigo, ele acha que você deve ir para casa e voltar amanhã.

— Não sou criança, sabia?

— É claro que não. Por isso vai agir como adulto e voltar para casa. Você vai dar duro.

— Dar duro?

— Fazer um esforço.

Milo concordou com a cabeça, mas olhou para o chão.

— E se eu ainda estiver infeliz amanhã, posso voltar?

— Tem minha palavra.

•

Tripi ficou olhando o menino cruzar a porta e atravessar o jardim. Depois colocou Hamlet no tapete, limpou as mãos na calça e olhou em volta. Aquele não era o lar que ele e Ayishah haviam imaginado quando sonhavam com a Inglaterra; certamente não era um castelo, mas era um começo.

Pegou a folha de papel azul que a enfermeira Thornhill havia lhe dado e preencheu o espaço do endereço. Esperava que ela não soubesse que a casa pertencia ao homem da noiva por correspondência na Tailândia.

LOU

Aquela névoa de novo. Milo indo e vindo, mexendo nas coisas, sacudindo-a. Dizendo-lhe para não tomar os remédios.

Por que se sentia tão cansada ultimamente? E por que tudo parecia tão distante?

E seria Alisdair, seu sobrinho-neto de Inveraray, quem estava sentado à sua frente cheirando a couro e óleo de motor, uma sombra escura no queixo, a aspereza da barba por fazer ao beijá-la no rosto? Seria ele o menino que havia nadado com ela no mar de Inveraray? Ou seria sua mente vagando de novo, mudando os discos do tempo como aquelas grandes placas que se moviam sob a terra?

E então, ao abrir os olhos rapidamente, olhou para fora e viu Sandy. Ela queria dizer a Milo que a mãe dele estava ali, parada na calçada, embaixo da chuva, encolhida sob a capa verde. Ficando maior a cada dia, como Hamlet. Pobre Sandy, ela não conseguia evitar. Comia para preencher o vazio deixado por Andy. Comia para embotar a frieza que sentia em seu menino.

“Ela ama você”, havia escrito no bloquinho de papel, mas ele fechara os olhos, balançando a cabeça.

“Se ela me amasse, você ainda estaria em casa, Vovó.”

Precisava dizer a ele para ser mais gentil, para tentar ver as coisas sob a perspectiva dela.

Mas então Milo foi embora. E Sandy saiu andando na chuva. Talvez se encontrassem no caminho para casa, Lou pensou.

O cheiro de batatas cozidas pairava no ar. Cubos brancos subiam e desciam no vaso sanitário. Era o último recurso. Tinha tentado a lata de lixo, cobrindo com jornal, a umidade atravessando as manchetes do dia anterior, mas a enfermeira

Thornhill havia descoberto e, agarrando-a pelos pulsos, obrigou-a a limpar tudo.

Tudo ali fedia. As paredes e os tapetes. Os velhos. A pele, o cabelo deles, os gases liberados involuntariamente. O cheiro rançoso de sono que vinha da senhora Zimmer quando ela se sentava, com a boca aberta, no salão.

Foi até o banheiro, as pernas lentas, e borrifou um pouco de perfume no pescoço. Presente de Milo no último Natal, um vidro grande, grosso, do mercado.

“Tem o mesmo cheiro daquele que Vovô lhe deu?”, ele havia perguntado. “De damasco?”

Ela fez que sim e borrifou no pescoço e tentou não inspirar. Menino querido.

Passos no corredor, leves para um homem de oitenta anos. Ele havia lhe contado como dançava com sua esposa todas as noites de sábado em Patitiri, na ilha de Alonissos.

“Ele é um pouco jovem, Vovó”, Milo havia dito. Ele tinha encontrado Petros em seu quarto na última vez que viera visitá-la.

“Um pouco jovem para quê?”, ela escreveu no bloquinho de anotações.

Milo corou.

“Quer dizer, se ele a estiver incomodando, Vovó...”

Sempre cuidando dela, querido Milo.

— Louisa?

Um sussurro junto à porta.

Petros entrou com uma chave de fenda e uma fita adesiva nas mãos enrugadas. No início, ao vê-lo batendo na perna da mesa da sala de estar, pensou que fosse um faz-tudo. Sempre consertando as coisas, como Milo.

— Não podemos deixar a chuva entrar — ele disse.

Petros foi até a janela, a careca brilhando sob o luar.

MILO

Ao chegar em casa naquela noite, Milo sacudiu a chuva do cabelo. Os tênis de Mamãe não estavam na entrada. Ótimo, seria mais fácil sem ela em casa.

O plano de Milo era o seguinte: ia dizer para o sujeito vivendo no quarto de Vovó que ele precisava ir embora, que depois que seu pai foi embora era ele quem tomava as decisões na casa e aquela era uma delas. Mamãe havia cometido um erro. Tinha se esquecido de que o quarto já estava ocupado, ou logo estaria. Ele tinha economizado o suficiente para devolver o aluguel que havia sido pago. Independentemente do que acontecesse, o cara tinha que ir embora. De preferência naquela noite.

Milo foi tateando na escuridão até o quarto de Vovó; depois parou diante da porta e ficou ouvindo. Vozes altas e explosões ecoavam na televisão. A porta estava apenas encostada, por isso deu um empurrãozinho e olhou pela fresta. Não conseguiu ver muita coisa, só que o sujeito não estava deitado na cama como naquela tarde, quando ele entrou no quarto.

Empurrou a porta mais um pouco.

— Olá...

Nenhuma resposta.

Milo abriu a porta completamente e deu um giro de 360 graus para poder ver todos os cantos do quarto de Vovó. Havia jornais espalhados pelo chão e a televisão estava ligada naquele canal de notícias 24 horas. Um repórter usando um colete à prova de balas ocupava a frente da tela, luzes brancas piscando no céu atrás dele enquanto ele abaixava a cabeça e dizia: “Não houve trégua nos combates nas ruas de Damasco...”

Pastas e livros ocupavam as prateleiras de Vovó e, no parapeito da janela, estava um dos pires de Mamãe, cheio de

pontas de cigarro apagadas. Milo fez uma anotação mental desse fato. Mamãe odiava cigarro, dizia para suas clientes que o cigarro desidratava a pele e causava rugas e deixava os dentes amarelados como os da senhora Harris. Ela também dizia que o cigarro ia matá-las, assim como o mataria se ele algum dia ousasse experimentar. Alguns dos meninos da escola fumavam no bosque, mas nunca haviam convidado Milo para se juntar a eles, por isso ele talvez vivesse um pouco mais. Milo olhou em volta à procura de mais evidências.

Ficou surpreso por encontrar o banheiro de Vovó vazio. Nada de escova de dentes ou aparelho de barbear ou xampu. Ao voltar para o quarto, abriu a porta do guarda-roupa e tudo o que viu foi uma velha calça jeans preta e um casaco com capuz cinza. Nada de meias ou calça social. E a cama não tinha um edredom ou cobertor ou lençóis, só o colchão.

O quarto parecia mais um escritório do que um quarto de dormir.

Milo pegou um livro que estava sobre o saco de dormir do sujeito. Na capa, a foto de um motoqueiro usando uma jaqueta de couro com as palavras *Hell's Angels, North Cal* nas costas. O nome do autor estava escrito em laranja: Hunter S. Thompson. Mamãe dizia que quem andava de motocicleta era bandido, então por que estava deixando aquele sujeito ficar sob o mesmo teto que eles? Milo folheou o livro: viu anotações nas margens e encontrou algumas fotos entre as páginas.

Milo olhou as fotos e piscou para ter certeza de que estava vendo aquilo e que não era apenas sua imaginação preenchendo os espaços em branco, como às vezes acontecia quando seus olhos ficavam cansados. Ele aproximou as fotos dos olhos e sentiu o calor no rosto.

Definitivamente não estava imaginando coisas.

“Yes!” Se Mamãe visse aquilo, não deixaria o sujeito ficar ali, jamais.

Milo colocou as fotos debaixo do blusão da escola.

A porta da frente bateu.

Ele ouviu Mamãe atirar os tênis para longe, calçar os tamancos e andar sobre o piso da cozinha. Milo respirou fundo e desceu a escada.

•

Mamãe estava em pé na cozinha, fazendo uma poça de água no chão, ainda cinza e sujo por causa do incêndio.

— Milo! Graças a Deus!

Ela correu em sua direção, abraçou-o com os braços encharcados e o apertou com tanta força que ele teve medo de ficar sem ar. As fotos pressionaram sua barriga.

Ela estava cheirando a cigarro. Mamãe nunca teve cheiro de cigarro.

Quando ela se afastou, ele viu que seus olhos estavam inchados e o rosto manchado e molhado; podia ter sido a chuva, mas Milo suspeitava que fosse outra coisa. Ela tinha ficado com o rosto daquele jeito durante várias semanas depois que Papai foi embora.

Ele deu um passo para trás.

— O que é que você está usando?

Mamãe baixou o olhar para a capa verde, a mesma cor do carro da senhora Harris. Aquela capa parecia familiar a Milo, mas ele não sabia dizer por quê.

— Você está falando disto? Não é nada.

Ela tirou a capa e pendurou em uma cadeira da cozinha.

Mamãe estava com manchas de água no peito, onde a chuva havia atravessado seu uniforme de trabalho.

— E por que está cheirando a cigarro?

As manchas no pescoço de Mamãe ficaram mais escuras.

— Estou? — Ela cheirou a manga do avental. — Provavelmente uma das clientes.

Só que havia uma placa com grandes letras vermelhas no salão dizendo: *Proibido fumar*.

Milo pegou as fotos. Agora era um bom momento para contar a ela, enquanto ainda estava se sentindo culpada.

Mamãe se sentou à mesa e esfregou o pescoço e então viu um pedaço de papel e seus olhos ficaram mais trêmulos do que já estavam.

— Não. Por favor, não.

Milo se aproximou e parou atrás dela para ler o bilhete da senhora Hairy:

Esperei você voltar. Uma hora inteira, Sandy. Sinto muito, mas terei que procurar os serviços de outra pessoa. Gina.

A senhora Hairy era a única cliente que restava a Mamãe.

— Ela que vá depilar o traseiro peludo com outra pessoa — Mamãe falou e então bateu na boca com a mão. — Desculpe, Milo.

As lágrimas começaram a jorrar de seus olhos, dessa vez com certeza não tinham nada a ver com a chuva. Ela segurou a cabeça com as mãos e enfiou os dedos no cabelo, que havia encrespado por causa da chuva.

— Não sei como vou pagar as contas, Milo — ela disse, enxugando as lágrimas.

— Ela vai voltar, Mamãe. Ninguém vai querer arrancar todos aqueles pelos.

Milo se lembrou de quando entrou no salão e a senhora Hairy estava deitada com suas grandes coxas expostas na cama de massagem de Mamãe. Depois, Mamãe explicou que era porque a senhora Hairy ia passar as férias na Jamaica, a terra de seus pais, e teria que usar biquíni e não poderia ter tufo de pelo preto saindo para fora dele. Ao lembrar disso, Milo pensou nas fotos que havia encontrado no quarto de Vovó. Ele as guardou de novo sob o casaco; contaria a Mamãe quando ela não estivesse mais com o rosto molhado e inchado.

Uma moto rugiu lá fora, parou na frente da casa e, alguns segundos depois, a campainha tocou.

Milo nunca admitiu para Mamãe ou para Vovó ou para qualquer outra pessoa, mas, sempre que a campainha tocava, esperava que fosse Papai voltando para casa porque estava cansado da Vadia. Ou, há uma semana, que fosse Vovó. Não que ela tivesse condições de voltar sozinha.

— Ainda não tenho uma chave.

O inquilino ficou parado na porta, o capacete debaixo do braço. Tinha um sotaque escocês, igual ao som da voz de Vovó na cabeça de Milo.

Mamãe fungou, escorregou do banquinho da cozinha e foi até a porta.

— Desculpe, vou mandar fazer amanhã. Milo, vá pegar suas chaves; o senhor McCloud pode ficar com elas enquanto isso.

— Preciso das minhas chaves.

Mamãe encarou Milo. Ele sentiu as fotos embaixo do casaco de novo.

— Trouxe o aluguel. Deste mês e do próximo também, um agradecimento por me aceitar tão de repente — o homem falou.

— Dinheiro vivo. — Ele piscou.

Mamãe pegou o envelope e suspirou profundamente, como se estivesse segurando a respiração há séculos.

— Ele fuma — Milo disse.

— O quê? — Mamãe perguntou.

— O senhor McCloud fuma.

— Al, por favor, me chame de Al. Afinal, somos parentes.

Milo piscou. Parentes? Do que é que ele estava falando?

— Ele fuma e deixa pontas de cigarro em um dos seus pires bonitos.

— Desculpe por isso, foi o que encontrei.

Enquanto o homem sorria, Mamãe corou.

— Se preferir, eu fumo lá fora.

— Tudo bem — Mamãe disse.

O que era a coisa mais falsa que Milo já tinha ouvido. E aquela história de que fumar causava rugas e dentes amarelados e até matava?

— Obrigada pelo pagamento, é muito bem-vindo — ela disse, retribuindo o sorriso.

— E ele deixou a televisão ligada — Milo completou.

— Desculpe, maus hábitos. — Ele deu de ombros. — É melhor deixar vocês e me recolher — ele disse, e subiu a escada.

Como não tirou as botas, foi deixando marcas de sujeira no tapete, mas Mamãe parecia não ter percebido.

— Milo, vá pegar suas chaves e entregar ao senhor McCloud, quer dizer, Al.

Enquanto subia a escada pisando forte, Milo pensou em seu novo amigo, Tripi, e na casa rosa e em como preferia estar morando com ele.

LOU

Petros tirou um saco de papel pardo do bolso e o entregou a Lou. Havia desenhado um rosto a lápis no papel. Pela primeira vez em muitos dias, os olhos e a mente de Lou, todo o seu corpo, pareciam ter clareza, seu coração estava mais leve.

— É você — ele disse, apontando para o desenho. — Lá na Grécia, eu fazia retratos dos turistas para ganhar dinheiro. Foi assim que conheci minha mulher. Ela era inglesa, como você.

Lou ficou imaginando se Petros jogava seu charme para cima de todas as mulheres do Não Me Esqueças. Quando não estava amaldiçoando aqueles Angry Birds, a senhora Sharp tinha sua beleza, e, por trás da maquiagem, a senhora Swift tinha um rosto muito doce.

Lou enfiou a mão no saco de papel e tirou um quadradinho dourado de doce de leite.

— Talvez o pequeno Milo também goste.

Lou sorriu. Querido Milo, seu homenzinho. Ela havia percebido a censura nos olhos dele quando encontrou Petros em seu quarto.

Fechou os olhos e deixou o doce cremoso desmanchar em sua língua, sentiu os grãos de açúcar, o toque nos dentes.

Petros se ajoelhou diante dela, os joelhos estalando.

— Você precisa comer, Louisa... Está que é só osso. — Ele levantou seu pulso. Lou sentiu o toque dos dedos de um homem em sua pele, perto de suas veias.

E então seu corpo reagiu a um impulso que ela imaginava ter desaparecido há muito tempo: inclinou-se para a frente e lhe deu um beijo no rosto.

Ele tocou o local do beijo.

Ela olhou para ele, sentado à sua frente com o boné amarelo tão gasto. Será que tinha família? Alguém que o visitasse, que

lhe trouxesse frutas e flores e beijos?

A porta abriu e um vulto branco entrou.

Petros ficou em pé imediatamente.

Quando a enfermeira Thornhill o viu, sua boca se estendeu em um sorriso.

— Ah, senhor Spiteri, não vi que estava aqui.

Por que a enfermeira Thornhill era mais gentil com Petros do que com as outras idosas? Era pelo fato de ele ser homem? Lou já os tinha visto trocarem olhares. Já ouvira os dois sussurrando no corredor do lado fora do seu quarto. E por que ele parecia assustado, como um menino com medo da professora autoritária, se ela era tão gentil com ele?

Ela se aproximou, colocou a mão no braço de Petros e o conduziu até a porta.

— Hora de voltar para o quarto, senhor Spiteri. Precisa descansar.

Quando Petros saiu, o sorriso da enfermeira Thornhill desapareceu. Ela arrancou a fita adesiva do rejunte na janela.

— Não permitimos visitas no quarto entre membros de sexos opostos.

Um homem, oito mulheres e ela havia criado uma regra para mantê-los afastados.

A enfermeira Thornhill caminhou até a mesa e examinou a caixa de comprimidos que Milo havia trazido.

— Onde estão os comprimidos do resto da semana?

Lou baixou o olhar. Cada dia tinha o comprimido branco e o comprimido rosa. Ela não entendeu o que a enfermeira Thornhill estava perguntando.

— Você está mexendo na sua medicação, senhora Moon?

Vovó balançou a cabeça.

A enfermeira balançou a cabeça.

— Mentir não é uma atitude inteligente, senhora Moon. Você precisa nos deixar fazer nosso trabalho.

Seus olhos examinaram a mesa de novo. Ela enrugou o nariz, pegou o saco de papel, olhou o que havia dentro, fechou

e colocou no bolso branco. Ela já tinha levado o chá e o biscoito.

— Sabe qual é uma das principais causas de interrupção do tratamento, senhora Moon?

Lou não respondeu.

— Eu já lhe disse, senhora Moon: uma das principais causas é a ingestão de alimento inadequado pelos pacientes.

A enfermeira Thornhill apagou a luz e fechou a porta.

TRIPÍ

Ao amanhecer na manhã de segunda-feira, Tripi lavou as mãos e os pés e levou seu saco de dormir para o jardim dos fundos.

Hamlet foi atrás dele, afundou o corpo redondo na grama gelada e cheirou a terra.

Inclinando-se para a frente, Tripi colocou as mãos no chão e respirou fundo.

— Você não está fazendo direito.

Milo se espremeu para passar pelo buraco na cerca, atravessou o gramado e parou ao lado de Tripi. Ele carregava um embrulho rosa debaixo do braço.

Tripi fechou os olhos e sussurrou:

— Sinto muito, Alá, me perdoe. — Mas ele sabia que Alá devia gostar daquele menino, tão determinado e leal.

Tripi havia decidido dedicar um tempo a Alá, para agradecer pela casa e pelo emprego e mostrar a Ele que agora poderia concentrar todas as suas energias divinas em encontrar Ayishah.

— Milo, meu amigo.

Tripi se levantou, os joelhos com duas manchas de umidade.

Milo colocou a bolsa da escola no chão.

— Eu vou lhe mostrar. — Milo tirou os sapatos e abriu o rolo cor-de-rosa. — Trouxe isto para os seus exercícios.

Milo pisou no tapete, cruzou as mãos em posição de oração, ergueu os braços acima da cabeça e se inclinou na postura do Cachorro Olhando para Baixo.

Hamlet se levantou, correu para baixo das pernas de Milo e guinchou.

Tripi riu.

— Qual é a graça?

Milo ficou em pé, o rosto vermelho.

— Não estou fazendo exercício.

— O que está fazendo, então?

— Estou fazendo minhas orações.

— No saco de dormir?

— Eu deveria usar um tapete, mas isto é tudo o que tenho.

— Você está rezando para Jesus? — Milo pegou sua mochila. — Todo mundo está rezando para o Menino Jesus — ele disse, revirando os olhos. — Acham que assim ganharão mais presentes.

Tripi sorriu.

— Eu oro para Alá.

— Alá? Ele não é muçulmano?

— Espero que sim.

— Então você também é muçulmano?

— Sim, se Alá ainda me quiser... Eu não tenho feito minhas orações sempre.

Milo pegou Hamlet.

— Tenho aula em uma hora, mas queria ver como Hamlet estava.

Tripi enrolou o tapete e entregou a Milo.

— Pode ficar... Mamãe parou a ioga.

— É da sua mãe?

— Ela não vai sentir falta.

Milo, Tripi e Hamlet caminharam pela grama úmida até a porta dos fundos da casa rosa.

— Ficou bom — Milo falou, colocando Hamlet no chão e examinando a sala.

— Um dia terei uma casa e uma esposa — Tripi falou. — Como o homem da noiva por correspondência.

Ele olhou para uma foto do homem com a linda mulher na praia.

— Você tem namorada?

Tripi balançou a cabeça.

— Ainda não.

Ele pensou na mulher que havia encontrado na frente do Não Me Esqueças, em como ela parecia triste e em como sentiu vontade de tirá-la da chuva.

— Eu posso ajudar você.

— Pode?

— A internet tem muitos sites de namoro. Eu posso criar um perfil para você.

— Eu não acho que irei encontrar uma muçulmana na internet, Milo. Mas obrigado.

Tripi riu. Antes de destruírem as linhas de energia, era a mesma coisa na Síria, a internet era uma espécie de Deus: você digitava um desejo no Google e ele dava uma resposta.

— Você pode pesquisar — Milo disse. — Como a cor dos olhos e a cor do cabelo e a idade. Tenho certeza de que deve haver também alguma coisa relacionada à religião.

— Sou meio antiquado, Milo. Acredito que irei encontrar minha esposa caminhando pela rua.

— Sério?

— Sim, como é que vocês dizem? Uma coincidência. E minha irmã terá que gostar dela.

— Você tem uma irmã?

Tripi assentiu com a cabeça.

— Ela é alguns anos mais velha do que você, eu acho.

— Tenho nove anos. Vou fazer dez no dia de Natal.

— Ayishah tem doze.

Ela havia feito aniversário em outubro, sozinha. Tripi engoliu em seco.

— Logo ela estará aqui e você poderá conhecê-la.

— Onde ela está?

— Em algum lugar na Síria. Ou perto da Síria.

Milo arregalou os olhos.

— Você não sabe?

Tripi balançou a cabeça. Tinha procurado por ela durante mais de dois meses antes de se enfiar por baixo do arame farpado que separava a Síria da Turquia e depois ir para a Inglaterra. Da Inglaterra seria mais fácil encontrá-la, ele pensou,

pedir ajuda às autoridades. Na Síria, ninguém lhe dava ouvidos. As explosões e tiros haviam deixado as pessoas surdas. E ela talvez tivesse encontrado uma saída, talvez já estivesse na Inglaterra. “Milagres acontecem todos os dias”, Ayishah costumava dizer. “Mas só se você acreditar neles.” Por isso, enquanto atravessava a Turquia, depois a Grécia, a Itália e a França até chegar ao Palácio de Buckingham, ele tinha tentado acreditar, por ela.

— Por que ela não está aqui com você?

— Bem...

Tripi se arrependeu de ter mencionado Ayishah. Ele confiava no garoto, mas, às vezes, as crianças dizem coisas sem pensar.

— Nós nos separamos quando estávamos vindo para a Inglaterra.

— Ela perdeu o avião?

— De certa forma, sim.

— Então seus pais moram aqui?

Tripi balançou a cabeça.

— Não temos mais pais.

— O que aconteceu?

— Eles tiveram que nos deixar.

Dois anos antes de Tripi e Ayishah tentarem chegar à fronteira com a Turquia, quando a luta começou, seus pais partiram, prometendo que iam encontrar um lugar seguro para a família. Nunca voltaram.

— Eles também são muçulmanos?

— Minha mãe era sunita e meu pai alauíta — Tripi falou. E por isso fugiram. O Estado considerava o casamento deles um ato de traição da fé, assim como os insurgentes.

— Que tipo de muçulmano você é?

— Um pouco dos dois, como Ayishah, e foi por isso que tivemos de vir embora. Na Síria, os sunitas e os alauítas estão em guerra e, portanto, na visão dos dois grupos nós estávamos do lado errado.

— Na escola, a senhora Harris nos ensinou que os muçulmanos odiavam os americanos e que os americanos odiavam os muçulmanos. Mas não disse nada sobre muçulmanos que odiavam muçulmanos.

— Os muçulmanos se odeiam mais do que odeiam os americanos. Meu país está com sérios problemas agora, uma guerra civil. Neste último ano piorou, morreram onze mil pessoas. Foi por isso que eu e Ayishah deixamos nossa terra.

— Onze mil pessoas. É como se todo mundo em Slipton morresse, e mais um pouco. A cidade inteira morta, como num ataque de zumbis.

Tripi viu uma sombra embaçando os olhos de Milo, como uma nuvem sobre o mar, enquanto a imaginação do menino absorvia o pensamento. Talvez não devesse ter lhe contado tudo aquilo.

— É mais ou menos isso.

— Então por que você veio para a Inglaterra?

— Bem, minha irmã queria conhecer a Rainha.

Milo riu.

— A Rainha? Você não pode conhecer a Rainha.

— Bem, Ayishah tinha certeza de que a Rainha iria conhecê-la. E eu queria viver em uma ilha.

Tripi estava cansado de fronteiras por todos os lados. Jordânia, Iraque, Líbano, Israel. Até o Mar Mediterrâneo parecia pertencer a alguém. “Espremido como uma sardinha?” Não era essa uma das frases que Ayishah havia trazido da escola? A Síria estava espremida como uma sardinha, e Tripi não queria mais se sentir espremido.

— Ela se parece com você?

— Sim, mas é mais bonita e tem pés menores. — Tripi levantou um pé de cada vez e riu. Depois pegou a foto de Ayishah. O avental azul-claro, a camisa azul-marinho, o lenço laranja que parecia uma gravata... Ela adorava aquilo.

Milo pegou a foto e olhou atentamente.

— Estão sempre mostrando a Síria no noticiário.

— Sim, as pessoas gostam de saber da guerra.

— Talvez alguém pudesse ver sua irmã na tevê.

Tripi havia pensado nisso. Mas o que poderia fazer? Passar dia e noite sentado diante da tevê com a esperança de que, por um segundo que fosse, a câmera captasse o rosto de uma menina de doze anos?

— Posso ficar com a foto?

— Não sei, Milo.

— Eu vou devolver. Tive uma ideia para procurarmos Ayishah.

Esse garoto, sempre com ideias, como Ayishah. Tripi fez que sim com a cabeça e entregou a foto e então olhou para Milo e esperou até que seus olhos focassem nos dele.

— Milo? Você não pode ficar falando sobre o que eu lhe contei.

— A história sobre todos os mortos na sua cidade?

— Sim. E as outras coisas também, principalmente para a enfermeira Thornhill.

— Tudo bem. Podemos fazer uma troca, também tenho um segredo para contar.

Milo se agachou, abriu o zíper da mochila, tirou um pacote de fotos e deu para Tripi.

— Também tenho fotos, mas não tão bonitas quanto a da sua irmã.

Tripi pegou as fotos e levou-as para perto da janela. Então deixou tudo cair no chão.

— O que foi?

Milo se aproximou e pegou as fotos.

— Milo, onde encontrou isso?

— Era isso o que eu ia lhe contar. Encontrei estas fotos no quarto da Vovó.

— Você encontrou fotos de mulheres nuas no quarto da senhora Moon?

— Sim, no quarto lá em casa, mas não são da Vovó, são de Al. O cara que se mudou para lá. — Ele estendeu o braço com as fotos de novo. — Isto significa que ele é ruim, certo?

— Eu não posso olhar para isso, Milo — Tripi falou, virando-se.

— Por que não?

— Alá não gostaria.

Tripi tentou encobrir a imagem da mulher ajoelhada empurrando os seios para a frente.

— Sei.

— Muitos homens guardam fotos de mulheres nuas... Eu não acho que seja algo incomum, Milo.

— Não, não é assim. — Milo mexeu nas fotos. — Eles têm revistas de mulheres peladas, como aquelas da última prateleira da loja do senhor Gupta. Estas aqui são de verdade, o que significa que ele pode ter tirado estas fotos. Ele parece o tipo de cara que tira fotos pornográficas.

Tripi reparou que havia algo escrito atrás de uma das fotos. Ele a pegou, tomando cuidado para não virá-la. Havia uma data, hora, local e um nome. Pegou outra foto e viu a mesma coisa, estavam todas marcadas.

— Onde foi *exatamente* que você encontrou estas fotos, Milo?

— No livro de Al. Também descobri que ele fuma e que não tira as botas quando entra em casa. Quando eu mostrar estas fotos para Mamãe, ela terá que colocar o cara para fora, não é?

Milo sorriu. Ele tinha uma falha nos dentes de baixo, e Tripi sentiu um aperto no peito. Havia guardado alguns dentes de leite de Ayishah, cinco dentinhos de leite, em uma caixa de fósforos no fundo da mochila.

— Eu não acho que estas fotos sejam... — Tripi olhou para Milo, nove anos de idade. Será que sabia algo a respeito dessas coisas? Tripi suspirou. — Eu não acho que o homem guarde essas fotos para seu prazer.

— Bom, então por que guarda estas fotos? — Milo perguntou, franzindo a testa.

— Não sei, Milo, parece que ele está fazendo algum tipo de pesquisa. Ele é policial?

— Policial? Não, é claro que não. — Milo pegou as fotos da mão de Tripi e colocou de volta na mochila da escola. — Se ele

não for embora logo, venho morar com você — disse. — Tem muito espaço aqui.

— Você realmente quer que a senhora Moon volte para casa, não é, Milo?

Milo fez que sim com a cabeça.

— E você acha que ela também quer voltar para casa?

— É claro que ela quer voltar para casa. Você não gostaria se vivesse naquele lugar horrível?

Tripi pensou na comida e no frio e na voz mal-humorada da enfermeira Thornhill e em como ela segurava os braços das idosas com tanta força que deixava marcas brancas na pele. E em como, na Síria onde havia crescido, os idosos ficavam em suas casas com suas famílias.

Milo pegou Hamlet de novo e beijou cada uma de suas orelhas.

— Hamlet também sente falta da Vovó, não sente? — Milo colocou o relógio diante dos olhos. — Quero ver Vovó antes da aula — ele disse. — Vou levar Hamlet para ela.

Tripi pensou na cara da enfermeira Thornhill se encontrasse um porco no quarto da senhora Moon.

Milo olhou para Tripi, os olhos tão concentrados que até doía olhar para ele também.

— Você vai me ajudar? A levar a Vovó de volta?

Tripi pensou no quanto precisava daquele emprego. A última coisa que devia fazer era contrariar a enfermeira Thornhill. Mas olhou de novo para os olhos determinados do menino e pensou em Ayishah.

— Vou tentar, Milo — ele disse. — Vou tentar.

MILO

Milo saiu da loja do senhor Gupta e guardou as cópias na mochila da escola. Olhou para a iluminação difusa ao longo da avenida principal de Slipton e virou a cabeça para perceber as formas das estrelas cadentes e do Papai Noel barrigudo em seu trenó. Era só o início de dezembro e a decoração já estava meio caída.

— Faltam quinze dias para o Natal — ele sussurrou na orelha branca de Hamlet. — Aí ficaremos todos juntos de novo.

E daí que Tripi achasse que as fotos não queriam dizer que Al era um perverso que gostava de olhar os peitos das mulheres? Milo diria a Al que havia encontrado as fotos e que ia mostrá-las para Mamãe. Ele podia ficar assustado e ir embora.

E, nesse meio-tempo, encontraria uma maneira de tirar Vovó do Não Me Esqueças.

Tirar Al e trazer Vovó de volta: um ataque em duas frentes, como a senhora Harris havia explicado quando estudaram a Batalha de Hastings. Em 1066, Guilherme, O Conquistador, fez seus homens atirarem flechas contra os normandos para que eles levantassem os escudos e, então, a infantaria atacou com espadas seus corpos desprotegidos. Milo desejou que as provas tivessem sido a respeito do que ele havia aprendido em história em vez de palavras e contas.

Ao passar pelo ponto de ônibus, Milo viu um anúncio que o fez parar imediatamente.

Ninguém é esquecido nos Lares Não Me Esqueças. As palavras estavam dentro de um balão que saía da boca da enfermeira Thornhill.

Ela estava sorrindo com seus dentes brancos e brilhantes, e todas as outras pessoas da foto também tinham dentes brancos e brilhantes, como se tivessem feito um dos branqueamentos

de Mamãe, e a sala não era a sala de verdade: a da foto tinha grandes janelas que davam para um jardim ensolarado com rosas e um gramado verdinho. Havia homens e mulheres na foto, o que também não existia no Não Me Esqueças, tirando Petros, o cara que vivia rondando Vovó. E na foto nenhum deles tinha rugas, e todos estavam cercados por uma névoa branca difusa, como se estivessem no céu. Os idosos sorriam uns para os outros e tomavam chá em xícaras brancas, segurando bandejas com sanduíches e tortas de morango e vários tipos de bolo.

Milo deduziu que aquilo era apenas o que as pessoas faziam, tornar as coisas melhores nos anúncios do que eram na vida real, como as casas que Papai vendia quando trabalhava na imobiliária da avenida principal. Às vezes, Milo ia junto com Papai visitar as casas e, por mais imprestáveis que fossem na realidade, depois que Papai pegava a máquina fotográfica, tirava algumas fotos e as tratava no computador, elas ficavam parecidas com as casas das revistas de Mamãe: coloridas e iluminadas e cintilantes. “Vamos fazer com que sua casa pareça um palácio”, ele dizia ao proprietário ao saírem.

Milo desviou os olhos do anúncio e continuou em direção à casa de repouso. Ao virar a esquina, um flash amarelo passou pelo buraco da fechadura. Ele olhou de novo. Viu o boné e, debaixo dele, Petros. Petros tirou uma carteira de couro surrada do bolso, jogou algumas moedas na palma da mão e contou-as com o dedo. Mamãe não tinha muito dinheiro, mesmo assim não ficava contando moedas.

Milo não acreditava que os idosos do Não Me Esqueças tivessem permissão para ir para a rua, pelo menos não sem permissão especial da enfermeira Thornhill.

Ao entrar no Não Me Esqueças, Milo parou diante do balcão por um instante e esperou até que a enfermeira Thornhill aparecesse por causa da regra que dizia que você tinha que avisar que estava ali antes de visitar algum parente. Mas Hamlet começou a se contorcer debaixo do casaco e, quando Milo olhou para o relógio, viu que a mão preta estava marcando

vinde minutos. Se ele chegasse atrasado na escola, a senhora Harris teria mais um motivo para conversar com Mamãe.

— Fique quieto até chegarmos ao quarto de Vovó — Milo sussurrou, acariciando o focinho de Hamlet. Seus braços doíam por estar carregando Hamlet, que vinha crescendo muito mais rápido do que diziam as tabelas na internet sobre os microporcos.

Da sala veio um cheiro de torrada queimada e mingau, e de repente a tevê foi ligada em um volume tão alto que a cabeça de Milo doeu.

“Com a chegada do inverno, a crise na Síria piora...”

Síria, a terra de Tripi e sua irmã.

“Guerra civil” foi o termo usado por Tripi, um país em luta consigo mesmo, como uma briga na família. Milo pensou em Mamãe, Papai e Vovó e em como a situação era parecida. Eles também estavam em uma guerra civil, e era por isso que as pessoas tinham que partir, como Tripi teve que deixar a Síria e Papai teve que deixar a Inglaterra e Vovó teve que deixar seu quarto sob o teto de casa.

Mas Tripi ia trazer Ayishah de volta, como Milo ia trazer Vovó de volta, e talvez Ayishah chegasse a tempo para o Natal, e então Tripi e Ayishah poderiam passar o Natal com ele e Mamãe e Vovó e Hamlet.

As senhoras não estavam comendo as torradas queimadas nem o mingau. Milo não podia ver se seus dentes eram brancos como no anúncio porque as bocas enrugadas estavam fechadas, mas ele suspeitava que fossem amarelados, como os dentes da maioria das pessoas velhas. O bom é que estavam todas olhando para a televisão. Ele entregou a cada uma delas uma cópia da foto de Ayishah e lhes disse para procurarem por ela e para avisá-lo se vissem qualquer coisa.

Ao chegar diante do quarto de Vovó, bateu na porta, ansioso para ver a cara dela quando percebesse que Hamlet estava com ele.

Quando abriu a porta, a enfermeira Heidi saiu com uma pilha de lençóis com o mesmo cheiro dos vestidos da senhora

Moseley.

Hamlet soltou um pequeno guincho.

— Shhh...

A enfermeira Heidi se virou.

— O que foi isso?

— Nada — Milo respondeu. — O que está fazendo com os lençóis da Vovó?

— Ah, um pequeno acidente.

Vovó não tinha acidentes, não quando estava em casa.

A enfermeira desapareceu rapidamente.

Hamlet guinchou, mais alto desta vez, e se contorceu com tanta força que Milo o soltou.

— Milo, meu amigo!

Milo se virou.

Petros, o pintor, abriu as pernas, pegou Hamlet, segurou-o no ar e se aproximou de Milo.

— Este porquinho é seu? — Petros riu. — Os ingleses e seus animais de estimação.

Milo pegou Hamlet e o colocou debaixo do casaco, sentindo de novo aquele aroma: limão artificial. Hamlet também devia ter sentido, pois enrugou o focinho e soltou uma série de pequenos grunhidos, o que costumava fazer quando não gostava do cheiro de alguma coisa. Ou de alguém.

— Eu não deixaria a enfermeira Thornhill ver seu amiguinho — ele disse, mexendo em uma das orelhas de Hamlet. — Veio ver a bela Louisa?

Milo franziu a testa. Ninguém chamava Vovó daquele jeito. O nome dela era Lou. *Em francês significa lobo*, ela escrevera no bloquinho quando Milo perguntou de onde vinha seu nome. Embora em francês a palavra tivesse um “p” no final. Isso tinha feito Milo pensar na história da Chapeuzinho Vermelho e em como o lobo se transformou em vovozinha. Vovó escreveu que os lobos tinham má reputação, mas que eram lindos e inteligentes e cuidavam uns dos outros e que viam coisas que os outros não viam, como Milo com seus olhos especiais.

E os lobos adoram a lua, Vovó escrevera. *Está vendo? Eu estava predestinada*. Vovó havia adotado o sobrenome de Vovô, que significava lua em inglês, apesar de nunca terem casado.

E aquele sujeito conhecia Vovó há... cinco minutos?

Milo envolveu Hamlet nos braços. Passou por Petros, abriu a porta do quarto e a fechou rapidamente, para que Petros entendesse a mensagem de que não deveria segui-lo, e entrou.

MILO

Quando Milo entrou no quarto de Vovó, estava tudo frio e escuro. A cama totalmente desfeita e ela sentada na poltrona perto da janela. Depois de ter sumido com as pílulas para dormir, ele esperava que ela voltasse a ser o que era, mas ela parecia cansada de novo. A cabeça inclinada para a frente.

Ele acendeu as luzes, abriu a cortina e se aproximou para beijá-la. Ela abriu os olhos por um instante e tocou seu queixo.

— Sei do que você precisa, Vovó: um pouco de chá e um biscoito. Isso vai manter você acordada.

Foi até a bandeja que havia montado com a minichaleira e a caneca de Vovó, mas a caneca com o chá e a caixa de biscoitos haviam desaparecido.

Ele soube imediatamente onde estavam. Tinham sido confiscados por aquela odiosa enfermeira Thornhill. Ela não queria que Vovó tivesse nada gostoso para comer e beber. Devia ter tirado tudo quando Vovó se recusou a comer aqueles bolinhos pegajosos e a carne borrachuda.

Milo olhou para o relógio. Se não fosse para a escola nos próximos minutos, perderia a chamada, mas ele não se importava, aquilo era mais importante.

— Vou sair e comprar — Milo falou. — A loja da esquina deve estar aberta.

Foi até a capa de chuva de Vovó, que estava pendurada atrás da porta, para procurar sua carteira, mas os bolsos estavam vazios.

— Onde está sua carteira, Vovó?

Vovó olhou para ele, um olhar tão confuso que ele sentiu vontade de chorar.

Milo sentiu a raiva subindo por seu corpo e chegando até a garganta. Uma coisa era pegar o chá e o açúcar e os biscoitos

da Vovó, outra coisa era pegar a carteira.

— Tem certeza de que não guardou em outro lugar, Vovó?

Vovó balançou a cabeça.

— Tudo bem, Vovó. Vou encontrar.

Ele a beijou no rosto, pegou Hamlet no chão e voltou para o corredor.

O som de diferentes canais de televisão se espalhava pelo ar. Era de admirar que a enfermeira Thornhill não tivesse banido a tevê, apesar de Milo achar que devia ser para manter as idosas ocupadas e fora do seu caminho. A senhora Todds, professora da 5a B, não conseguia fazer os alunos se comportarem e, por isso, deixava que assistissem programas de tevê na classe o tempo todo, era a única coisa que os mantinha quietos.

Quando chegou ao balcão das enfermeiras, Milo colocou Hamlet sobre a bancada e apertou a campainha. Ia pedir à enfermeira Thornhill que explicasse por que Vovó estava tão sonolenta o tempo todo e se era por causa daqueles comprimidos que ele havia encontrado no outro dia e também queria que ela explicasse onde estavam as coisas do chá de Vovó e que fizesse alguma coisa a respeito do roubo da carteira. Como diretora do Não Me Esqueças, era dever da enfermeira Thornhill fazer alguma coisa a respeito de tudo isso.

Ao tirar o dedo da campainha, ele reparou em uma gaveta com um pedaço de papel colado na frente, escrito em letras grandes: *NÃO MEXA*.

Milo deu a volta e puxou a gaveta. Estava trancada, mas parecia meio solta. Às vezes, Mamãe assistia ao programa de Bear Grylls na tevê. Ela dizia que ele era sexy e aventureiro e ia a lugares incríveis e era o tipo de homem que não deixaria ninguém na mão. Bear Grylls conseguia abrir qualquer coisa, até uma lata velha e enferrujada de sardinhas. Por isso, Milo pegou o minicanivete que sempre carregava no chaveiro, brinde de um biscoito no último Natal, puxou as minipinças e mexeu na fechadura e conseguiu abrir a gaveta.

Mamãe dizia que Bear Grylls era engenhoso; esperava que ela também o considerasse engenhoso por ter conseguido abrir

a gaveta.

Milo demorou a ver o que havia ali dentro. Piscou algumas vezes, esfregou os olhos e se inclinou até chegar bem perto. Sentiu o cheiro de couro velho e então viu dezenas delas, empilhadas, umas sobre as outras: bolsas e carteiras e porta-cartões.

Revirou algumas, abrindo fechos e zíperes. Tirando alguns velhos recibos e fotos, todas estavam vazias.

Milo pensou naqueles filmes em que as pessoas iam para a prisão e todos os seus pertences eram confiscados e colocados em um saco plástico. Ele reconheceu que o dinheiro também era roubado.

Olhou ao redor rapidamente para se certificar de que a enfermeira Thornhill não estava vindo, pegou o celular que Papai havia lhe dado, acendeu a luz e tirou três fotos da gaveta. Sabia exatamente para quem ia mostrar essas fotos, e dessa vez a enfermeira Thornhill não teria como se justificar.

•

— Quero falar com o policial Stubbs.

Milo ficou na ponta dos pés, inclinado sobre a mesa da recepção na Delegacia de Polícia de Slipton.

Hamlet ficou sentado junto aos seus pés. Milo não sabia qual era a norma para animais de estimação nas delegacias de polícia, por isso torcia para que ninguém o visse.

— Você não devia estar na escola? — perguntou a recepcionista, uma moça de cabelo vermelho crespo.

Milo olhou para o relógio na parede atrás dela. Já havia perdido a maior parte da primeira aula. Iria depois do almoço e diria que teve uma consulta de última hora com o oftalmologista. A senhora Harris já estava acostumada com a desorganização de Mamãe.

— É urgente — ele disse.

— Tenho certeza que sim — a mulher respondeu sem olhar para ele e continuou digitando no computador.

— É minha avó.

Ela empurrou a cadeira de rodinhas para trás, abriu a porta do armário de metal e começou a mexer nas pastas.

Milo pensou na gaveta *NÃO MEXA* da enfermeira Thornhill, com todas as bolsas e carteiras das idosas, e sentiu as orelhas esquentarem.

— A senhora precisa me ouvir. Houve um roubo no Lar Não Me Esqueças. Precisamos fazer alguma coisa.

A mulher de cabelo vermelho crespo se virou para ele.

— Um roubo não é urgente — ela disse, e se virou novamente para o arquivo de metal.

Milo se inclinou ainda mais sobre a mesa da recepção, os pés saindo do chão.

— É urgente. A enfermeira Thornhill está roubando todo o dinheiro das idosas e manda todas para a cama quando ainda nem é hora de dormir só porque reclamam da comida, que é horrível, e tenho certeza de que a senhora também reclamaria se tivesse que comer aquilo, e ela dá remédio para que fiquem quietos...

A mulher levantou a mão branca ossuda da mesma forma que a senhora dos pirulitos na porta da escola quando queria que um carro parasse.

— Por que você não vai para casa e fala com sua mãe? Isto aqui não é lugar para um menino.

Milo se apoiou de novo nos pés e cambaleou para trás. Depois pensou no que o policial Stubbs havia dito: que eles deviam ficar de olhos abertos para as coisas que aconteciam na cidade e que poderiam entrar em contato com ele a qualquer momento por meio dos cartões que estava distribuindo, e até havia dito que Milo seria valioso para a polícia. Se conseguisse encontrar o policial Stubbs, ele não diria a Milo para ir para casa e falar com sua mãe. Ele o ouviria e reuniria uma equipe inteira de policiais, todos uniformizados, e iriam até o Não Me Esqueças para prender a enfermeira Thornhill.

Milo sorriu para a senhora de cabelo vermelho crespo e se afastou da mesa da recepção.

— Obrigado pela ajuda — ele disse.

Esperou até que ela se virasse com sua cadeira de rodinhas para o arquivo de metal, pegou Hamlet e disparou pelo corredor para dentro da delegacia.

•

Ele não tinha ideia de onde poderia encontrar o policial Stubbs, mas lembrou do que Vovó havia lhe ensinado quanto a confiar nos seus instintos. Além disso, sabia que, se ouvisse atentamente, conseguiria localizar a voz grave e clara do policial Stubbs, a mesma que fez toda a classe da 5ª A ficar em silêncio, até mesmo Stan.

Milo olhou pelo vidro de cinco portas diferentes antes de chegar à sala de interrogatório, onde o policial Stubbs estava conversando com um adolescente largadão em uma cadeira, o corpo magro flutuando no grande casaco cinza com capuz e na calça jeans folgada.

— Eu percebi que você não saiu pela porta da frente!

Milo sentiu os dedos ossudos em seu ombro e se virou. A mulher estava tão perto dele que tudo o que conseguiu enxergar pelo buraco da fechadura foi uma mancha avermelhada. E então teve um clique: a recepcionista.

— E o que é que esse bicho está fazendo aqui?

— É meu bicho de estimação. Tenho permissão, consegui uma licença.

— Você não devia estar aqui. Eu lhe disse que fosse para casa.

Através do buraco da fechadura, Milo olhou para os lábios vermelhos da mulher e depois para o vidro da porta da sala de interrogatório. Era sua última chance.

— Policial Stubbs! — ele gritou.

Hamlet se contorceu.

A ruiva encrespada deu um pulo para trás. Milo sorriu por dentro. Talvez sua voz fosse mais parecida com a do policial Stubbs do que ele imaginava.

Ele ouviu o rangido da cadeira do policial Stubbs e depois o clique da porta. Seu coração acelerou.

“Tudo bem”, ele disse a si mesmo. “Ele vai ouvir. Vai fazer alguma coisa.”

O policial Stubbs olhou para Milo, a testa toda enrugada.

— O senhor foi até a escola — Milo falou abruptamente. — O senhor nos mostrou o vídeo e eu dei as respostas certas.

Hamlet guinchou como se estivesse concordando.

A ruiva deu um passo à frente.

— Desculpe, policial Stubbs. Acho que este jovem se empolgou. Eu o mandei de volta para casa, mas ele passou pela recepção. Vou levá-lo de volta...

Ela colocou os dedos ossudos no braço de Milo e ele se soltou.

Milo respirou fundo. Era agora ou nunca.

— Vim procurar o senhor porque o senhor disse que deveríamos vir falar com o senhor se víssemos alguma coisa ruim acontecendo em Slipton, e o senhor disse que eu seria um bom policial porque eu conseguia perceber as coisas, e agora percebi uma coisa, uma coisa muito ruim, e é por isso que vim até aqui, e o senhor tem que vir comigo até a casa de repouso Não Me Esqueças, que é onde está minha avó, por causa de uma enfermeira horrível que está roubando dinheiro de todo mundo e é muito ruim mesmo e castiga as velhinhas só porque quer e provavelmente gasta todo o dinheiro com coisas para ela e...

O policial Stubbs levantou a mão como havia feito na classe quando começaram a fazer barulho por causa do vídeo. Milo engoliu em seco para recuperar o fôlego e ficou em silêncio.

— Miranda, acho que posso assumir a partir daqui — ele disse, com aquela voz grave, lenta e calma.

Miranda corou e assentiu com a cabeça.

— Eu só estava tentando ajudar.

— E agradeço muito por isso, obrigado. Vou lhe trazer um café depois que terminar de conversar com...

— Milo, Milo Moon — Milo falou, relaxando o peito. O policial Stubbs estava do seu lado. Ia ouvi-lo.

Depois que Miranda saiu, o policial Stubbs se virou para Milo.

— Fico feliz em vê-lo, Milo. E quem é este aqui? — ele perguntou, inclinando-se e fazendo carinho na cabeça de Hamlet.

— O nome dele é Hamlet.

De repente, Milo se sentiu meio ridículo por ter falado tudo de uma tacada só, sem ter planejado em sua cabeça. Prometeu a si mesmo que ia se acalmar para compensar. O policial Stubbs ia ouvi-lo, isso era o mais importante. E quando descobrisse o que Milo tinha visto, ficaria realmente impressionado e todo mundo ficaria orgulhoso, assim como Vovó, e até mesmo Mamãe, iam ver que ele havia agido corretamente pelo menos uma vez. E o melhor de tudo era que Mamãe entenderia que estava na hora de Vovó voltar para casa.

O policial Stubbs pigarreou.

— Há quanto tempo sua avó está no Não Me Esqueças, Milo?

— Uma semana e pouco... Não sei... — Milo não entendia por que o policial Stubbs tinha começado a fazer perguntas. Precisava mostrar a ele as partes importantes. — O problema não é esse. Não importa se ela está lá há alguns dias ou semanas ou anos. E não é só ela, são todas as idosas, a enfermeira Thornhill pegou o dinheiro de todo mundo e...

Milo engoliu em seco. Percebeu que estava se empolgando de novo.

— E ela vivia com você, certo?

— Sim, mas...

O policial Stubbs fez uma pausa.

— Você deve estar sentindo falta dela, Milo.

Milo percebeu o rumo que a conversa estava tomando. Sentiu um aperto no estômago.

— Isto não tem nada a ver com a saudade que sinto da minha avó.

As palavras saíram aos poucos.

O policial Stubbs parou e respirou e falou suavemente.

— Por que você não vai se sentar ali, Milo? — Ele apontou para algumas cadeiras de plástico do outro lado do corredor. —

Vou pegar alguma coisa para você beber.

Milo balançou a cabeça.

O policial Stubbs suspirou e colocou os dedos no cinto.

— Sabe de uma coisa, Milo? Algumas coisas não fazem muito sentido quando somos crianças. Acreditamos que entendemos o que está acontecendo, mas sempre existe um contexto mais amplo.

Milo fechou os punhos; sentiu as unhas penetrando na palma das mãos. A questão não era enxergar o contexto mais amplo. Era enxergar o que estava bem debaixo do seu grande nariz e saber que era errado e fazer alguma coisa para consertar. Os policiais eram pagos para isso.

— A enfermeira Thornhill é um símbolo da comunidade. Por sua dedicação aos velhinhos do Não Me Esqueças.

“Está mais para usurpação.”

— E sabe de uma coisa, Milo? Tenho certeza de que deve haver uma boa justificativa. Ela provavelmente colocou o dinheiro deles em um cofre e está cuidando para que não o percam ou sejam roubados. Se quer saber mesmo o que eu acho, ela está fazendo a coisa certa.

Símbolo da comunidade? Do que era que ele estava falando? Milo não queria ouvir mais nada. O policial Stubbs era tão mau quanto todos os outros adultos. Tinha sido um erro ir até ali. Milo se virou e saiu andando pelo corredor.

— Vamos registrar sua reclamação, Milo — o policial Stubbs disse em voz alta.

Milo pensou naquele armário de metal cheio de pastas na recepção. Centenas de folhas de papel que ninguém jamais se importaria em procurar.

— Venha nos visitar quando quiser. E lembre-se de manter os olhos e ouvidos bem abertos.

As passadas pesadas de Milo no piso de linóleo abafaram as palavras do policial Stubbs. Se havia uma coisa que aprendera naquela última hora era que, o que quer que decidisse ser quando ficasse mais velho, certamente não seria um policial.

MILO

Milo não devia correr porque podia tropeçar ou não ver as coisas que vinham em sua direção, como aquele caminhão na noite da festa de Natal, por isso aprendeu a caminhar muito depressa, mais depressa do que os outros garotos da escola. Mas desta vez ele não se importou, só queria sair daquela delegacia idiota o mais rápido possível. Com os olhos pesados e cansados e embaçados, o coração batendo forte no peito, ele disparou em direção à rua.

Uma freada forte.

Hamlet caiu no chão e saiu guinchando pela rua.

Uma guinada brusca perto do corpo de Milo.

O barulho de metal amassado.

Xingamentos.

E flores, centenas de pétalas amarelas caindo do céu sobre o asfalto.

— Seu idiota. Por que não olha por onde anda?

Alguém caminhando em sua direção. O som das botas pesadas.

Milo ficou parado no meio da rua.

— Milo?

Milo olhou para cima e esfregou os olhos.

— Por Cristo, Milo, você podia ter morrido.

Aquele sotaque escocês.

— Hamlet... cadê o Hamlet?

Milo começou a olhar freneticamente ao redor sem conseguir focar os olhos.

Ele sentiu o homem se afastar e depois ouviu o guincho.

— Aqui — o homem falou, colocando Hamlet em seus braços.

Milo olhou para a cara assustada de Hamlet. Ele estava com pétalas amarelas na cabeça.

Milo virou a cabeça. A motocicleta estava caída perto da calçada, a lateral amassada.

— Eu... eu sinto muito.

Milo baixou os olhos e viu as mãos do homem pelo buraco da agulha: estavam tremendo, como as de Vovó. Então olhou para seu rosto. Era Al, o sujeito que estava morando no andar de cima.

— Você está bem, Milo?

Milo balançou a cabeça. Sentiu as lágrimas arderem no fundo dos olhos.

— Eles não deram atenção ao que eu disse.

— Quero saber se está tudo bem, você quase foi atropelado.

Milo continuou falando.

— Eles nunca ouvem as crianças. Fingem que ouvem, mas no fim das contas, quando você tenta contar alguma coisa importante, os adultos são todos iguais.

— Você não está falando coisa com coisa, Milo. Venha, você e Hamlet precisam sair do meio da rua.

Al pegou Milo pelo cotovelo e o levou até um banco na frente da delegacia e depois foi buscar sua moto e a empurrou até lá.

— Sinto muito pela moto — Milo falou, olhando para o amassado em cima da palavra “Harley”, de Harley-Davidson.

— Vou sobreviver — Al falou, tirando um maço de cigarros do bolso da jaqueta de couro.

Milo reparou que as mãos de Al continuavam tremendo. Al acendeu o cigarro, tragou profundamente e soltou a fumaça no ar. A cada tragada, o rosto de Al ia ficando um pouco mais relaxado, e as mãos também. Talvez os cigarros não fossem uma coisa tão ruim, Milo pensou.

— Por que essas pétalas amarelas estão espalhadas por toda parte? — Milo perguntou.

— Eu estava levando rosas para a Vovó.

Milo ficou surpreso.

— Para a minha avó?

— Ela é avó de todo mundo, Milo. Ou era, lá em casa.

Então era verdade. Al era uma espécie de parente. E sabia que as flores preferidas de Vovó eram rosas amarelas.

— Sou um sobrinho-neto. Um dos membros da tribo de Inveraray — ele disse, dando mais uma tragada. — Assim que terminar eu te levo para casa. E você vai me explicar o que estava fazendo no meio da rua na frente da delegacia de polícia.

Milo já não tinha tanta certeza se queria contar alguma coisa para alguém, não depois da reação do policial Stubbs. E não tinha certeza se podia confiar em Al, ainda não. E não queria ir para casa, não se Mamãe estivesse lá. Ela faria um sermão por ele ter faltado na escola. Eles tinham que conversar quando ela estivesse calma, de bom humor, aí daria para explicar o que estava acontecendo com Vovó. Mamãe sabia reconhecer quando as coisas não eram justas; se Milo conseguisse fazer com que ela acreditasse no que ele tinha visto, talvez ela fizesse alguma coisa a respeito. Ele pegou a mochila da escola e colocou no ombro.

— Preciso ir para a escola.

— Se tem certeza de que está bem...

Milo fez que sim com a cabeça.

Al levantou o banco da moto e tirou outro capacete.

— Para você.

Milo arregalou os olhos.

— O quê?

— Acho que estará mais seguro na moto do que a pé, não acha?

Al soltou uma gargalhada.

— Mas...

— Eu te dou uma carona, é caminho.

— Você ainda vai ver a Vovó?

— É claro. Mas terei que me desculpar por chegar de mãos vazias.

— Você... — Milo começou a falar e depois parou. Respirou fundo antes de continuar. — Você me avisa se vir qualquer

coisa... Quer dizer, se vir qualquer coisa que não considere muito certa?

— Claro, Milo.

Ao olhar para a moto de Al, Milo pensou nos colegas de classe e em todos os meninos da escola que podiam fazer coisas como jogar futebol e andar de skate e brincar de pega-pega porque tinham olhos bons. Seria capaz de apostar que nenhum deles jamais havia andado na garupa de uma motocicleta, nem mesmo Stan.

Milo acenou com a cabeça.

— Ótimo. — Al prendeu o capacete na cabeça de Milo, ergueu-o do chão segurando-o pelas axilas e colocou-o na parte de trás do banco da moto. Depois pôs o capacete e as luvas e sentou na frente. — Agarre na minha cintura, Milo, e acompanhe meus movimentos.

Milo colocou as mãos em volta da jaqueta de couro de Al. Tinha o mesmo cheiro de sua pele e do quarto no sótão e de todos os lugares por onde devia ter passado.

Ele ainda não gostava da ideia de Al morando no quarto de Vovó, ocupando o espaço com suas coisas e fumando lá dentro e deixando tudo fedido. E ele sabia que havia algo errado com as fotos que tinha encontrado, mas por alguns poucos minutos, enquanto cruzavam Slipton em cima da moto, com Hamlet amassado entre eles, enfiado no casaco da escola, Milo se esqueceu de tudo: de Papai e Mamãe e Vovó e de Al com suas fotos e da horrorosa enfermeira Thornhill. Esqueceu até dos próprios olhos. Simplesmente apertou Hamlet com força, fechou os olhos, deixou o vento bater e imaginou, por segundos, que estava voando.

TRIPÍ

Tripi parou diante da televisão na sala do Não Me Esqueças e ficou vendo a neve cair na Síria. Ele e Ayishah haviam partido vestindo camisetas e sandálias; comprariam roupas quentes quando chegassem na Inglaterra. Ela tinha levado uma blusa de algodão azul para quando as noites ficassem frias, mas no dia em que deixaram Damasco a temperatura chegara a quase 40 graus, por isso havia deixado a blusa na mochila.

Um homem de uma organização chamada Salve as Crianças estava falando sobre um dos campos que Tripi e Ayishah tinham visto quando se aproximaram da fronteira. Com a voz triste, o homem pedia que fizessem doações; o inverno era frio, ele disse, e as crianças estavam com fome.

Todas as vezes que Tripi via o noticiário, procurava pelo rosto de Ayishah: os cachos ao redor da testa, as bochechas rosadas que ficavam salientes quando ela ria.

Tripi desviou o olhar e observou as idosas sentadas na sala. Ali também estava frio e o mingau que tinham nas mãos não parecia muito melhor do que o arroz empapado que serviam para as crianças no campo. Ele viu Heidi, a jovem enfermeira, limpar uma velha mancha de batata no vestido da senhora Turner; depois a enfermeira Heidi teve que limpar o mingau que a senhora Turner tinha acabado de deixar cair no vestido.

— Droga!

A senhora Turner sorriu como se tivesse recebido um cumprimento.

— Se continuar fazendo isso, eu é que serei repreendida. A enfermeira Thornhill gosta que suas clientes estejam limpas.

— Consegui! — a senhora Sharp gritou em sua poltrona no canto, inclinando seu iPad.

— Fique quieta, senhora Sharp, está perturbando todo mundo.

A enfermeira Heidi não parecia ser má pessoa, mas trabalhava por períodos muito longos e por isso estava cansada e mal-humorada. E tinha que agradar a enfermeira Thornhill para conseguir seu diploma, e agradar a enfermeira Thornhill não era tarefa fácil.

“Jamais trarei Ayishah para o Não Me Esqueças”, Tripi pensou. Ele não queria que ela soubesse que algumas coisas eram piores na Inglaterra do que na Síria. Piores porque, mesmo não havendo guerra ou racionamento de comida, as pessoas não sabiam ser gentis umas com as outras.

A senhora Wong passou por Tripi segurando uma folha de papel. Uma xerox, uma foto de Ayishah.

Ele havia pedido a Milo para ser discreto.

— O que é isso na sua mão, senhora Wong? — Tripi perguntou, pegando a folha de papel.

— Milo nos disse para procurarmos pela amiga dele.

— Amiga?

A senhora Wong assentiu com a cabeça.

— Ela está perdida na Síria, este país terrível.

Então era isso o que as pessoas pensavam da sua terra natal. Um país terrível. E por algum motivo acreditavam que uma menina de doze anos de Damasco era amiga de um menino de Slipton.

Tripi sentiu a enfermeira Thornhill se aproximar por trás.

— Você deveria estar na cozinha, Tahir. Não é pago para ver televisão.

Ele devolveu a folha de papel para a senhora Wong.

— Desculpe — murmurou, e recolheu algumas tigelas de mingau para parecer útil.

— Vi o formulário com seu endereço.

O coração de Tripi acelerou.

— Então agora você mora na avenida principal?

Tripi equilibrou as tigelas e viu as sobrancelhas da enfermeira Thornhill se erguerem como se estivessem presas no alto da

testa por uma fita adesiva.

Ele concordou com a cabeça.

— Estou na casa de um amigo.

— Um amigo generoso, ao que parece.

— Sim.

— Bom dia, enfermeira Thornhill.

A fita adesiva na testa da enfermeira Thornhill se soltou e ela sorriu, exibindo os dentes brancos.

— Bom dia, Petros.

Petros se aproximou para examinar a perna da mesinha de café.

Tripi não entendia por que Petros era tratado com sorrisos pela enfermeira Thornhill ou por que ela pedia para colocar mais carne do que batatas na bandeja do jantar dele. Embora ele ficasse satisfeito com o fato de aquele senhor ter algo para comer. Petros não tinha nada no quarto, como os biscoitos e chocolates trazidos para as senhoras pelos familiares.

— Vamos, vamos, Tahir, ao trabalho. Tem gente fazendo fila para pegar seu emprego.

“Não pelo salário que a senhora me paga”, Tripi pensou. Apesar de ter insistido no endereço, a enfermeira Thornhill havia esquecido os outros quadradinhos do formulário. Ele suspeitava de que, apesar de não querer um morador de rua na sua cozinha, ela não estava muito preocupada com o fato de ele ser um imigrante ilegal, sem número de registro no Serviço Social, se isso significasse economizar algum dinheiro.

— Heidi, venha até aqui, preciso que me ajude a deixar o quarto da frente em ordem — a enfermeira Thornhill disse. — Receberemos a visita de uma família esta tarde.

A jovem enfermeira se levantou e seguiu a enfermeira Thornhill com passos rápidos, curtos. Tripi tentou olhá-la nos olhos quando ela passou, mas Heidi manteve a cabeça abaixada.

Ele voltou a olhar para a televisão. “Para doações ou mais informações, para 020 70126400.” Talvez pudesse ligar para o homem da televisão e perguntar se ele tinha visto Ayishah.

— Você não devia ver essas coisas. — Petros foi até a televisão e mudou de canal até encontrar um programa de culinária. — Vai acabar ficando deprimido.

Assistir a um programa de culinária quando tudo o que você tem para comer são batatas também poderia deixar as idosas deprimidas, Tripi pensou. De qualquer forma, elas tinham que assistir ao noticiário, estavam procurando a amiga de Milo.

— Está feliz aqui, senhor Spiteri? — Tripi perguntou.

— Procuo ser grato.

Petros riu, mas foi uma daquelas risadas que as pessoas soltam quando não conseguem pensar no que dizer.

— O senhor é bem-tratado? O senhor e... — Tripi olhou em volta da sala — as outras pacientes?

— A enfermeira Thornhill cuida de mim, sim. E as senhora... elas estão bem. — Ele tirou o boné e começou a girá-lo entre os dedos. — Não cabe a mim virar o barco. Se não ficar aqui, para onde irei? Como você com seu emprego, certo?

— Sim, entendo — Tripi respondeu.

Mas, às vezes, quando você vê coisas que não parecem corretas, é seu dever *virar o barco*, não é? Isso é o que Ayishah diria.

MILO

Quando Al foi embora com sua moto, Milo verificou se alguém estava olhando e saiu pelo portão da escola. Ele não estava mais com vontade de ir à aula. Mesmo porque não podia levar Hamlet junto. Milo sempre pensou que Hamlet gostaria de assistir às aulas e aprender coisas novas. As pessoas acham que os porcos são idiotas e sujos e não fazem nada além de comer e rolar na lama, mas é só porque não viveram com um nem leram a respeito deles. O porco é o quarto animal mais inteligente do mundo e aprende muito depressa, como a jogar jogos de computadores mexendo o joystick com o focinho e a desligar interruptores. Se Hamlet fosse para a escola, talvez ficasse tão inteligente que até seria capaz de fazer aquelas provas idiotas no lugar de Milo.

Milo tirou o celular do bolso do casaco. A assinatura ainda estava no nome de Papai. Milo mudou a configuração para tornar o número *Desconhecido* e ligou para a secretaria da escola.

— Alô, Escola Primária de Slipton.

Milo limpou a garganta e usou sua voz de locutor de notícias.

— Alô, aqui é o senhor Moon, pai de Milo Moon.

— Bom dia, senhor Moon. Em que posso ajudá-lo?

A senhora Higgins não usava aquele tom de voz quando falava com Milo ou com qualquer uma das crianças da escola.

— Receio que Milo não possa ir à escola hoje.

Hamlet fungou.

— Shhh!

— Senhor Moon? Ainda está aí?

— Sim. Meu filho está com dor de garganta.

— Sinto muito, senhor Moon. Ele estará em condições de vir à aula amanhã?

— Provavelmente, teremos que ver como ele se sente.

— Pobre Milo.

— Sim, pobre Milo.

— Bem, se puder, ligue amanhã para nos dar notícias. Neste meio-tempo, falarei com a senhora Harris.

— Obrigado.

Ele apertou o botão ENCERRAR CHAMADA e riu. Hamlet guinchou. Milo não imaginava que a voz de locutor funcionaria.

Agora ele teria algum tempo para pensar em como tirar Vovó do Não Me Esqueças e afastá-la daquele Petros e da enfermeira Thornhill, que estava lhe dando remédios para dormir e roubando seu dinheiro. Mas, antes disso, havia outra coisa que precisava resolver, algo que talvez colocasse Mamãe do seu lado para ouvir o que ele tinha a dizer.

•

A casa da senhora Hairy não era muito diferente das outras casas de Slipton, mas tinha detalhes que a faziam parecer mais elegante, como um portão prateado no final da entrada que ia até a porta da frente ou colunas brancas junto à porta. Mamãe dizia que era a Mansão Hairy.

A senhora Hairy trabalhava como chefe das garçonetes de um restaurante em Londres e era por isso que precisava ter ótima aparência. A senhora Hairy contava histórias bacanas para Mamãe a respeito de seus clientes, como a do homem da tribo zulu que foi jantar usando apenas uma bolsa de couro para cobrir as partes íntimas e queria dançar com ela por ela ser negra, como ele.

Milo sabia que a senhora Hairy estava em casa porque ela não ia a lugar algum sem sua Mercedes vermelha. Mamãe dizia que ela havia economizado durante dez anos para comprar aquele carro e que gostava mais dele do que do marido.

— Vim me desculpar — Milo falou, tentando não focar o olhar na penugem escura sobre o lábio superior da senhora Hairy.

A senhora Hairy tirou os óculos de sol e olhou para Milo.

— Sou o filho de Sandy Moon e foi por minha culpa que a Mamãe desapareceu outro dia. Estava atrás de mim, ela não queria deixar a senhora esperando.

— Você é o menino do porquinho?

— O quê?

— Você apareceu com um porquinho.

A caminho da casa da senhora Hairy, Milo parou perto do canal para pegar um pedaço de corda. Ele a usaria para prender Hamlet atrás de um vaso no portão da senhora Hairy e esperava que Hamlet não começasse a guinchar.

— Sim, o nome dele é Hamlet. E ele também não pretendia entrar no salão daquele jeito.

— Ah... “Quando os infortúnios chegam, não vêm como espiões isolados, mas como batalhões”.

— Como?

— Hamlet. Estudei na escola. Significa que as coisas ruins nunca vêm sozinhas.

Bem, era verdade.

De perto, e não na porta do salão ou através do para-brisa do carro, a senhora Hairy parecia bem jovem. Seu pescoço era meio enrugado, mas a pele do rosto era brilhante, repuxada atrás das orelhas.

— A senhora poderia voltar, por favor? — Milo pediu. — Assim Mamãe poderá terminar... de fazer... Ela poderá lhe oferecer outros tratamentos.

A senhora Hairy riu.

— Sim, ela vai lhe dar um desconto.

— Por que você não entra, Milo?

Milo não tinha certeza se devia entrar na casa da senhora Hairy com aquele portão grande e aquelas colunas engraçadas, mas não podia voltar para casa antes do horário de saída da escola, e ainda faltavam algumas horas, por isso dispunha de tempo.

A entrada era feita de pedra rosa brilhante; mesmo sem tocar dava para sentir como devia ser fria e macia. Havia palmeiras de plástico em vasos no caminho até a cozinha. No final do

corredor, tinha uma escada em espiral que mais parecia pertencer a um castelo do que a uma pequena casa em Slipton. A cozinha brilhava tanto quanto o hall de entrada, só que era preta, com paredes de vidro ao redor.

A senhora Hairy serviu um pouco de suco de laranja para Milo, sentou em um banquinho alto e cruzou as pernas. Enquanto sentava no banco da frente, Milo tentou não olhar para as pernas da senhora Hairy, pois lembrou o que Mamãe havia dito sobre ter depilado apenas metade e teve medo de que uma perna estivesse bem lisinha e a outra bem peluda e que a senhora Hairy percebesse que ele estava olhando e se sentisse ofendida.

— Então hoje você não foi para a escola, Milo.

— Estou doente.

— Está? — A senhora Hairy ergueu as sobrancelhas bem-feitas. Milo ficou imaginando se ficariam muito cabeludas se ela deixasse os pelos crescerem como os pelos da virilha.

— Fiquei com dor de garganta.

— Ah.

Milo assentiu com a cabeça e tossiu e tentou fazer uma voz rouca.

— Mamãe não sabe que estou aqui. Mas eu tinha que vir e explicar...

— Por que sua mãe me deixou esperando por mais de uma hora?

— Como eu lhe disse, a culpa foi minha.

— Eu esperava que sua mãe entrasse em contato comigo ela mesma.

— Ela está com vergonha.

— Com vergonha?

— Porque ela não tem mais dinheiro no banco e precisa pagar a hipoteca e a senhora é a única cliente que ela tem agora.

Houve um momento de silêncio que deixou Milo preocupado, imaginando se tinha falado demais ou muito depressa.

— Entendo, Milo. Sua mãe me contou que sua avó iria para o Não Me Esqueças. Minha mãe também está lá e é um lugar caro, não me admira que sua mãe esteja com dificuldades. Ainda assim, isso não é desculpa...

— Sua mãe está morando com a Vovó? — Milo pensou em todas as senhoras idosas e de repente lembrou: a senhora Moseley, com sua pele escura e os cabelos pretos brotando no queixo, ela devia ser a versão velha da senhora Hairry. — Se é tão caro, por que sua mãe não mora com a senhora, no sótão?

— Acho que não sou boa o suficiente para isso.

Os olhos da senhora Hairry ficaram úmidos.

— Por que a senhora teria que ser boa para que sua mãe morasse no sótão?

— Ela não é mais a mesma desde que meu pai faleceu.

— A Vovó também já não é mais a mesma e, quando Vovô morreu, ela parou de falar. Mas não é muito difícil cuidar dela, conseguíamos lidar muito bem com tudo quando ela estava em casa. — Milo pensou em Vovó sentada no escuro, sonolenta, sem ninguém para cuidar dela e sentiu um nó na garganta. — Tenho certeza de que se a senhora tentasse...

— Meu marido acha que é difícil mantê-la aqui em casa, não há espaço para nós três.

Mamãe havia contado a Milo que a senhora Hairry era muito triste porque eles não tinham filhos, e era por isso que ela passava tanto tempo fazendo depilação e trabalhando em Londres, porque assim não pensava nessas coisas. Então, se a senhora Hairry morava naquela casa com o senhor Hairry, havia muito espaço. Muito mais espaço do que na casa de Milo.

— É o melhor lugar para ela — a senhora Hairry falou, fungando.

Milo não sabia se devia dizer alguma coisa sobre o fato de aquele lugar não ser tão bom assim, pois ela poderia ficar ainda mais triste.

— Mas Deus sabe que estou indo à ruína. Não faço outra coisa senão assinar cheques. Com todos aqueles tratamentos

especiais que ela precisa receber. “Os extras”, como diz a enfermeira Thornhill.

Milo pensou no candelabro do apartamento da enfermeira Thornhill e nas paredes vermelhas e na garrafa de champanhe e na gaveta cheia de carteiras vazias. Torceu para que Mamãe não estivesse pagando nenhum extra.

— Eu nunca vi a senhora por lá.

— É muito difícil para mim, Milo. As visitas me deixam triste.

Milo entendia o que ela queria dizer. Havia imaginado que ver Vovó todos os dias faria com que se sentisse melhor, mas, quanto mais tempo passava com ela, mais distante ela ficava. Mesmo assim, achava triste que a senhora Hairy nunca fosse ver a senhora Moseley. Além disso, se ela fosse, talvez percebesse que a Mansão Hairy era um lugar muito melhor do que o Não Me Esqueças e veria que eles tinham muito espaço e que mandá-la embora era um erro, como mandar Vovó embora também era um erro.

— Então a senhora vai voltar para o salão da Mamãe?

— Como eu disse, Milo, sua mãe precisa repensar a relação dela com as clientes...

— Mas ela não tinha intenção de te deixar esperando naquele dia, a culpa foi minha. Por favor...

— Vou pensar, Milo.

Ele estava insistindo de novo, e os adultos não gostavam disso. Mas tinha que mostrar para Mamãe que se importava com o salão e entendia que eles precisavam de mais dinheiro, principalmente se Vovó voltasse a morar com eles.

A senhora Hairy o acompanhou até a porta da frente. Milo desceu o degrau e se virou.

— Senhora... — Milo tossiu. — Senhora... — Qual era mesmo o nome dela?

— Sim, Milo?

— Acho que a senhora deveria ir visitar sua mãe. Acho que ela gostaria de ver a senhora.

SANDY

Sandy sentou junto ao balcão da cozinha comendo um biscoito e folheando a agenda do salão. Todas as páginas estavam em branco, exceto pelos horários de Gina, que Sandy riscou. Ela mal tinha o suficiente no banco para pagar os gastos com comida, muito menos para a hipoteca e as dívidas com o equipamento do salão. E Milo precisava de sapatos novos para ir à escola e ela também queria dar a ele algumas coisas bacanas, como uma ida ao zoológico de Londres e ao planetário, passar um tempo com ele, só os dois, fazer com que parasse de pensar em Lou.

Sandy tirou outro biscoito do pacote e lambeu os dedos.

E Andy enviando aquelas malditas fotos do bebê. Ele pedia para entregá-las a Milo, mas, assim que chegavam, ela as jogava na lata de lixo do senhor Overend, do outro lado da rua. Andy não ia brincar de família feliz; não enquanto não soubesse o que eles estavam passando.

Sandy afrouxou o cordão da calça do agasalho, pegou mais um biscoito no pacote e deu uma olhada na cozinha. Ela esperava alguns estragos, alguns panos de prato queimados, esse tipo de coisa. Mas não aquilo: as cinzas tinham penetrado em tudo, as paredes estavam cheias de manchas, os vidros de temperos estavam pegajosos por causa da fuligem, havia uma película cinzenta no interior das canecas, pó no fundo da garganta. Na noite anterior, o exaustor começou a fazer barulho e parou de funcionar, entupido. E os olhos de Milo ficaram vermelhos, mais vermelhos do que o normal. E a companhia de seguro enrolando, dizendo que precisavam investigar mais o incêndio.

Sandy engoliu o último pedacinho do biscoito. Ela não deixaria que pegassem sua casa. Era a casa deles, dela e de

Milo.

Abriu a agenda na última página e encontrou o número que Andy havia lhe dado, do apartamento em Abu Dhabi.

Discou o código internacional, depois o número e esperou.

Alguns toques de chamada e então alguém atendeu.

Gargalhadas.

“Marhaba.” A voz da Vadia.

“Alô.” A voz de Andy.

Mais risadas.

“Você ligou para a residência de Andy e Ângela”, eles disseram ao mesmo tempo.

Meu Deus, pareciam dois apresentadores de programa infantil. Ela sentiu um mal-estar. “Sandy e Andy” não soaria muito melhor. Na verdade, pior. Quando começaram a namorar, Andy dissera “Você percebe que sou parte de você?”, apontando para seu nome dentro do nome dela. Agora a semelhança dos nomes parecia uma piada.

“E Bella, nossa Habibti”, disse a Vadia.

Que diabos queria dizer Habibti?

“Nossa menininha”, disse Andy.

Sandy sempre quis ter uma menina, alguém para pentear o cabelo, uma irmãzinha para Milo. Quando fizeram exames para descobrir por que ela não engravidava, o médico murmurou alguma coisa sobre trompas de falópio e disse que era um milagre ela ter tido Milo, que deveria se concentrar nele. E o pior? É que ela teve que continuar a tomar pílula para ter certeza de que não engravidaria.

“Deixe uma...”

Sandy afastou o telefone do ouvido e já ia desligar quando ouviu uma voz, desta vez não era gravada.

— Alô?

— Oi.

— É você? Sandy?

Então ele ainda reconhecia sua voz?

— Sim, sou eu.

— Desculpe, a secretária eletrônica é muito rápida.

Ou talvez você estivesse ocupado, Sandy pensou. Divertindo-se com aquela Vadia enquanto o bebê dorme. Aposto que isso é muito excitante.

— Como vai, Sandy?

— Bem.

Ela tirou um pouco de cinza de debaixo de uma das unhas.

— E a Vovó?

— Ah, você sabe, como sempre.

— Mas você está conseguindo lidar?

Lidar? Ela imaginou os dois conversando a seu respeito, sentados numa varanda ensolarada, saboreando coquetéis: “Pobre Sandy, enfiada naquela cidade nublada, mantendo a família unida...”.

— Estou bem.

— E Milo?

— Aham.

— Está indo bem na escola?

— Você sabe como o Milo é.

— Adoraríamos que ele viesse aqui. Você mostrou as fotos?

— Abu Dhabi é ensolarada demais, ele teria dificuldade para enxergar.

— Ele não pode usar os óculos?

Sandy não respondeu. Há quanto tempo Milo não usava os óculos? E como é que ela não havia percebido?

— Você ligou por alguma razão especial, Sandy?

— O quê?

— Só...

— Só o quê?

— Bem, é que nós estamos bastante ocupados no momento.

Nós. Ela sentiu um mal-estar. Mordeu a unha do dedinho até arrancar sangue. Limpou o sangue e chupou o dedo.

— Só liguei para saber se está tudo bem. Para saber como vocês estão se virando. Você sabe, com o bebê.

As palavras ficaram presas na garganta.

— Uau, é muita gentileza sua, Sandy. Está ouvindo, amor? — Ele gritou para a Vadia. — Sandy telefonou para saber como

estamos, como está o bebê.

Sandy afastou o telefone do ouvido.

— Ângela não poderia estar melhor, é uma ótima mãe. E seu corpo já voltou ao normal, incrível. Não sei como ela consegue com tanta comida deliciosa, acho que é o metabolismo rápido.

Sandy puxou o pedaço de pele do dedão. Metabolismo rápido. Provavelmente vomitava tudo assim que ele virava as costas.

— Como está indo o salão?

— Ah, correria de Natal, você sabe.

— A agência está indo muito bem aqui. Grandes propriedades na área de Abu Dhabi, muito lucrativas, cheguei na hora certa.

Sandy imaginou fileiras de casas brancas empoleiradas como cegonhas nas águas claras e calmas.

— Você sabe como é, os bebês gastam muito dinheiro.

Ela reconheceu um antigo nervosismo em sua risada.

— Sim, consomem. — “E as crianças também. E os idosos.”

— Quanto ao Natal... e o aniversário de Milo — Andy falou.

Aniversário de Milo, mais uma coisa para a qual tinha que arranjar dinheiro.

— Pensei que seria legal...

A Habibti começou a chorar. Talvez estivesse virando um diabinho. Sandy imaginou os dentes afiados grudados no mamilo de Ângela.

— Desculpe, querida... Quer dizer, Sandy. Desculpe, Sandy. Tenho que desligar, afazeres domésticos.

Desde quando Andy se preocupava com afazeres domésticos?

— Sabe de uma coisa, Sandy? — Ele suspirou. — Eu sabia que ia dar certo. Que conseguiríamos reconstruir nossas vidas.

Parecia até que haviam enfrentado uma espécie de tsunami, um grande desastre natural que escapara ao controle deles, e que agora deveriam dar um tapinha nas costas um do outro por terem se agarrado ao bote salva-vidas. Por que ele não

conseguia enxergar que tinha jogado uma bomba na vida de todo mundo? Uma grande bomba na forma da Vadia.

— É melhor desligar, Andy. Parece que estão precisando de você.

Uma pausa.

— Tem certeza de que não precisa de nada?

— Sim, tenho certeza.

Sandy desligou o telefone. Então pegou o pacote de biscoitos e atirou contra a parede, abriu a gaveta e pegou os comprimidos da dieta.

MILO

Milo ainda tinha algum tempo até o horário de saída da escola, por isso foi até o parque. Sentou no balanço, com Hamlet no colo, e ficou observando uma mãe empurrando o filhinho em uma bicicleta com rodinhas.

Uma bicicleta nova, foi assim que tudo começou. Uma bicicleta de verdade, com um selim que podia ir subindo quando Milo fosse crescendo. Papai escondeu a bicicleta na garagem, coberta com um pano, e ele e Mamãe ficaram dizendo que iam lhe dar meias de presente de Natal e um colete de presente de aniversário e riam e piscavam um para o outro quando achavam que Milo não estava vendo. Mas Milo havia olhado a imagem no catálogo tantas vezes que sabia perfeitamente qual era o formato da bicicleta.

Às vezes, fazer aniversário no dia de Natal era a pior coisa do mundo, porque parecia que você tinha metade de um e metade do outro e nada exclusivo. Outras vezes, parecia que você tinha o dobro de tudo, um Natal melhor e um aniversário melhor do que se fossem separados.

Um ano antes, Milo tinha certeza de que, com a bicicleta nova, aquele Natal-aniversário seria duplamente melhor.

A bicicleta era cara: Milo viu os números embaixo da foto. Mas tudo bem, porque no início de dezembro Papai chegou em casa com uma garrafa de champanhe e anunciou que era o novo chefe na imobiliária, o que significava que ganharia mais dinheiro e teria uma secretária e ficaria encarregado de uma porção de gente e seria ele quem diria o que fazer em vez de ter que ouvir alguém lhe dizer o que fazer. Milo o ouviu comentar com Mamãe: “Tudo bem, Sandy, podemos nos dar ao luxo de gastar este ano”.

Mamãe ficou tão entusiasmada com a promoção de Papai que falou que deveriam fazer a festa de Natal do trabalho em casa e, se Milo ajudasse, poderia participar.

No dia da festa, Mamãe cancelou os horários do salão para se concentrar em deixar ela mesma e a casa bonitas e Papai chegou mais cedo do trabalho para mudar os móveis de lugar. Ele ajudou Mamãe e Milo a prepararem os lanchinhos com linguiça, mostrando o quanto estava feliz, porque ele nunca fazia nada na cozinha. Ele enrolou as fatias de bacon em volta da linguiça e chamou de Porquinhos Enrolados para provocar Milo, pois sabia que os porcos eram os animais que Milo mais amava no mundo. Mamãe até deixou Milo experimentar um pouco do vinho quente que estava fazendo e que tinha gosto de suco de uva quente, só que sem água, com os temperos que provocaram uma coceira no nariz de Milo e alguma coisa mais que raspou no fundo da garganta e esquentou seu peito.

Milo ficou recolhendo os casacos das pessoas e levando para o quarto dos pais e servindo bebidas e lanches. Ele nunca tinha visto tanta gente em casa. Mamãe colocou música natalina e todo mundo começou a se juntar, e então todos começaram a se balançar e alguém derramou vinho quente no tapete, e Milo tinha certeza de que Mamãe ficaria zangada, mas ela não ficou, apenas riu e disse que daria um jeito de manhã.

A única coisa que deixou Milo triste naquela noite foi que Vovó não estava na festa. Ela havia escrito no bloquinho que preferia ficar no quarto e dormir cedo. Não que fosse conseguir dormir com todo aquele barulho. Foi a partir dessa noite de Natal que Vovó começou a dormir muito: pegava no sono enquanto estava almoçando e durante a previsão da meteorologia marítima, que era seu programa de rádio favorito, e às vezes até pegava no sono enquanto Milo estava contando alguma história ou lhe dando banho ou lavando seu cabelo, e ele precisava sacudi-la, porque havia histórias de pessoas que se afogavam no banho, e quando ela acordava ficava olhando para Milo, aturdida, e dizia coisas como “quer entrar e nadar comigo? O mar... está tão quente...”.

— Milo, vá pegar aquele banquinho no salão — Mamãe gritou em meio à música. — Estamos sem cadeiras.

Mamãe tinha um banquinho giratório feito de couro branco com pés prateados e rodinhas para poder circular pelo salão sem precisar se levantar.

Milo atravessou a grama gelada, zonzo por causa de todo o barulho dentro da casa. Quando olhou para o galpão que fazia as vezes de salão, teve a impressão de que ele havia encolhido. Todas as partes em volta da porta pareciam imprecisas. Ele esfregou os olhos e voltou a focar o olhar. Tudo o que conseguiu ver foi a porta com o cadeado pendurado no fecho de metal.

Mamãe nunca deixava o salão aberto. O equipamento era muito caro, como o aparelho de microdermoabrasão (ela havia testado no nariz de Milo, que ficou rosado e macio e brilhante) e a câmara de bronzamento e os cremes caros com algas marinhas do Mar Vermelho. Além disso, a seguradora não pagaria se alguma coisa fosse roubada e eles descobrissem que ela não tinha trancado o lugar direito.

Ao chegar perto da porta, ouviu um barulho metálico e uma risadinha aguda, como se alguém tivesse engolido hélio. Sentiu as pernas bambas, talvez por causa do vinho quente. Quando Mamãe não estava olhando, ele tomou mais alguns goles da concha na panela.

Milo apertou o interruptor ao lado da porta e entrou o suficiente para chegar perto do banquinho. Por um instante, a luminosidade feriu seus olhos de tal maneira que ele sentiu vontade de desligar a luz. Mas então percebeu que havia mais alguém no salão. E não apenas uma pessoa, mais pessoas. Dois corpos enroscados na maca de massagem de Mamãe, os pés enfiados no buraco onde se colocava a cabeça. Um homem com a calça abaixada e o negócio todo vermelho e duro e levantado e uma mulher com a saia para cima. E estavam olhando para ele, mas os olhos de Milo ardiam e coçavam tanto que tudo parecia embaçado e ele não conseguia ver quem eram aquelas pessoas.

— Milo? O que está fazendo aqui?

Era a voz de Papai. E Papai desceu e vestiu a cueca e a mulher cobriu os peitos com os braços. Milo viu o grande volume na calça de Papai e se lembrou do que Papai havia dito quando Milo ficou com esse volume, que era o corpo se preparando para quando ele conhecesse uma garota de quem realmente gostasse. Como a Mamãe, ele dissera.

Milo deixou cair o banquinho e ouviu o barulho no chão ao sair correndo.

Ele não voltou para casa; correu na direção do portão lateral e foi para a garagem. Tirou o pano que cobria a bicicleta de Natal-aniversário, levou-a até a entrada, montou e disparou rua afora.

LOU

Lou ficou deitada na cama do Não Me Esqueças, despertando e mergulhando novamente no sono. Em algum lugar lá no fundo de sua mente, ela ouvia o rangido da porta da garagem se abrindo e o som das pedaladas na entrada da casa. E aquele maldito assobio, pior do que o “jingle bells, jingle bells” pipocando lá embaixo. Por que ele não podia simplesmente calar a boca e ir dormir como qualquer velho normal? E então, como se tivesse ouvido seus pensamentos, o senhor Overend ficou em silêncio.

Depois disso, um gemido tão alto quanto a sirene no mar em Inveraray.

E um estrondo.

E a música parando no meio do “jingle” na sala.

Sua voz voltou subitamente, transbordando do seu corpo como se esperasse por esse momento há sessenta e dois anos.

— Milo! — ela gritou em seu quarto no sótão. — Milo!

Mas ninguém ouviu. Ninguém, exceto o senhor Overend, que ficou parado em sua janela, olhando para a rua.

Milo ficou em seu quarto durante vários dias, revelando fragmentos do que tinha visto: seu pai e a mulher cujo amor ele havia trocado pelo de Sandy.

Ela passou a mão em sua cabeça e ouviu e xingou Andrew. O garoto adorava o pai, e ele havia feito aquilo.

Ela abriu os olhos. Petros estava sentado na cadeira ao lado da cama, um ronco suave permeando sua respiração.

Como poderia explicar a Milo seus sentimentos em relação àquele homem que tinha entrado em sua vida?

Sua mente revolveu para o passado e ela pensou de novo naquela noite de Natal, tudo misturado.

“Eu vi, Vovó... Eu vi Papai com outra pessoa...”

Lou abriu os olhos e olhou em volta. Petros não estava lá, o quarto parecia vazio.

Onde estava?

Ela sentiu a mancha úmida na pele macia do interior das coxas. Comportando-se como uma criança assustada.

— Olá?

Uma senhora parou na porta, os cabelos brancos caindo até a cintura, como um fantasma.

— Sou eu, a senhora Zimmer.

Lou nunca tinha ouvido a voz dela. Achava que a senhora Zimmer também perdera as palavras.

— Eu estava passando e ouvi você se virando para lá e para cá.

A senhora Zimmer entrou e se deitou ao lado de Lou na cama estreita.

— Você não se importa, não é? Sou sonâmbula e você me acordou... E agora estou um pouco cansada. — Ela bocejou e se enrolou na coberta e murmurou: — Acho que vi aquela menina, aquela menininha, mas não tenho certeza...

Então pegou no sono.

Lou ficou olhando para as paredes brancas e para a roupa de cama branca e para a janela que dava para os telhados cinza de Slipton.

“Não Me Esqueças, é onde estou.”

O relógio na mesinha de cabeceira marcou meia-noite. Lou devia estar dormindo desde o meio da manhã.

O mesmo sonho, da noite em que Milo encontrou o pai com a secretária no salão de Sandy. A noite em que descobriram que Milo tinha um problema nos olhos.

Ela olhou para o rosto da senhora Zimmer, para sua boca aberta, o ronco baixinho.

Não, nada mais andou direito depois daquela noite.

SANDY

— Deveria ter vindo falar conosco sobre tudo isso, senhora Moon.

A senhora Harris estava sentada na cozinha de Sandy tomando uma xícara de chá.

Sandy mordeu a unha do dedinho. “Ela tem idade para ser minha mãe”, pensou. “Está falando comigo como se fosse minha mãe, dando a entender que não consigo cuidar do meu próprio filho.”

Primeiro foi o telefonema de Gina: Milo havia ido até sua casa; e agora essa senhora Harris aparecia na sua porta insistindo para entrar.

— Recebi um recado informando que o pai de Milo tinha telefonado. Por isso deduzi que havia alguma coisa errada. — A senhora Harris pousou a xícara. — Pelo que sei, ele está morando no exterior.

“Pelo que sei.” Tentando transformar uma fofoca em uma dedução inteligente. Sandy nunca tinha gostado de professoras, elas se metiam em tudo.

A senhora Harris limpou a garganta.

— Então, esse problema no olho. Re... Reti...

— Retinite pigmentosa.

— Certo. Seria bom que trabalhássemos em conjunto para ajudar Milo. Estamos fazendo tudo o que podemos na escola, mas é preciso que haja algum apoio de casa.

Sandy tirou um dos pés do tamanco e ficou olhando para as unhas lascadas.

— Senhora Moon?

— Andy ia cuidar disso. Fazer a comunicação com a escola.

Ela estava culpando Andy, mas a culpa era dela, não era? Ele não ia manter contato com a escola em Slipton estando em

Abu Dhabi.

Sandy se lembrou da sala escura com todas aquelas lâmpadas e aparelhos e gráficos enquanto o doutor Nolan explicava por que Milo havia caído da bicicleta. Por que estava sentindo aquelas dores de cabeça, por que pulava sempre que ela vinha por trás dele inesperadamente.

“A senhora precisa imaginar como é olhar o mundo através do buraco de uma agulha”, o dr. Nolan dissera.

E explicou como o buraco da agulha ficava ainda menor à noite e quando chovia. E como, um dia, esse buraco fecharia de vez e o mundo de Milo ficaria totalmente escuro.

“Alguma possibilidade de cura?”

“Não.” O dr. Nolan balançou a cabeça. “Mas a senhora pode tentar dar vitamina A, ômega 3, alimentos ricos em antioxidantes. Existem pesquisas que indicam que esses alimentos podem ajudar.”

Quando tinha sido a última vez que ela lembrou Milo de tomar seus comprimidos? De comer aqueles vegetais de folhas verdes que deveriam deixar seu olhar mais aguçado?

Sandy desejou que fosse ela que tivesse problemas nos olhos, ela já sabia como era ver o mundo desaparecer.

Milo havia sentado na cadeira, balançando as pernas. Ele se lembrava de cada palavra que o médico dissera naquele dia. “É como uma lua laranja”, Milo explicou para ela no carro a caminho de casa. Ele apontou para a imagem de sua retina, que o dr. Nolan havia lhe dado: as sombras brancas indicavam onde estava o problema, a teia de nervos. “Meus olhos são como um eclipse lunar, Mamãe.” Desde então, ele ficou obcecado pelos malditos eclipses lunares.

E então Andy comprou uma foto de uma lua laranja para colocar na parede do quarto. “Está vendo? Seus olhos são especiais”, ele disse. Como se isso ajudasse.

Sandy reparou em uma pilha com a correspondência no balcão da cozinha: uma carta do gerente do banco, outra da seguradora. Cobriu tudo com uma revista. Depois levaria para o salão, para que Milo não visse.

— Isso está afetando o rendimento dele, senhora Moon.

— Milo está bem.

— Receio que não. Ele não passou nos exames de Matemática e de Inglês. Colocamos um relatório no correio para a senhora.

Sandy sentiu um peso no peito.

— Deve haver algum engano. Milo é muito inteligente, ele fez vários testes.

A senhora Harris examinou a marca de cinza na ponta dos dedos e franziu o nariz. Deveria haver uma *norma* proibindo os professores de aparecerem na casa das pessoas sem avisar, era o que Sandy achava.

— Tudo o que estou dizendo, senhora Moon, é que essa situação, esse problema com a visão periférica, talvez esteja comprometendo o aprendizado. Se tivéssemos mais informações, poderíamos ajudá-lo...

— Ele tem que usar lentes especiais. — Sandy sentiu um mal-estar. Onde estavam aqueles malditos óculos? — De qualquer forma, o médico disse que demoraria alguns anos até se tornar um problema real. Se as coisas estivessem tão ruins, Milo teria me contado.

A senhora Harris cruzou os joelhos redondos. Sandy reparou em alguns pelos escuros saindo pela meia cor de pele da professora.

— As crianças não gostam de ser diferentes, senhora Moon. Geralmente fazem o possível para disfarçar uma deficiência. — Ela fez uma pausa. — Temos uma unidade especial na escola, pessoas treinadas para lidar com alunos que têm dificuldades de aprendizado.

Sandy sentiu a mancha vermelha formigando na garganta. Coçou o pescoço, sabendo que depois se arrependeria.

A senhora Harris voltou a falar.

— Talvez a senhora devesse conversar com ele sobre o que ele está achando da escola.

— Como assim?

— Às vezes é bom conversar e...

— Eu ouvi o que a senhora disse, só não estou entendendo por que diabos...

— Seu pescoço, senhora Moon, a senhora está sangrando.

OuvIU-se o barulho da porta da frente abrindo e fechando. Milo entrou na cozinha, os lábios roxos, o rosto cinza como o céu.

A senhora Harris se levantou.

Sandy correu em sua direção.

— Milo...

Milo recuou e passou os braços em torno da forma arredondada que se contorcia na frente de seu casaco. Aquela era a contribuição de Andy para a situação. Enquanto Sandy havia passado o Natal anterior arrastando Milo de um especialista para outro, Andy entrou com um cartaz e um maldito porco. Ah, e também havia dado uma irmãzinha para Milo.

— Parece que você está melhor da dor de garganta, Milo — a senhora Harris disse.

Sandy disparou um olhar na direção da senhora Harris. As professoras não recebiam nenhum treinamento em psicologia infantil? Acusar Milo assim que ele cruzasse a porta não ia ajudar muito.

— Podemos conversar, Mamãe? É importante.

Sandy abriu um sorriso.

— É claro, Milo. Mas por que você não vem até aqui e fala para a senhora Harris sobre todas aquelas coisas inteligentes que você está fazendo no computador?

— Não posso conversar com você enquanto ela está aqui.

— Querido...

— É importante, Mamãe. Mais importante do que qualquer coisa que já lhe disse.

— Bem, me dê só um minutinho com a senhora Harris...

Milo se virou e disparou escada acima. A batida da porta do quarto foi sentida em toda a casa.

Sandy se voltou para a senhora Harris, os olhos inflamados.

— Ele é inteligente demais para esses exames idiotas, só isso. Ele não precisa de uma unidade especial. Sabe onde Milo deveria estar? Numa classe avançada. Com superdotados... Não é assim que vocês chamam? A gente acredita que os professores são treinados para perceber quando as crianças estão entediadas. Ele acha tudo muito fácil. Não admira que não se dê ao trabalho de fazer as lições.

Sandy parou para recuperar o fôlego.

— Só estamos tentando ajudar, senhora Moon. Parece que a senhora tem muitos problemas.

— Parece que a senhora não sabe cuidar da própria vida.

A pele de Sandy estava ardendo. Ela abriu a porta e segurou o casaco da senhora Harris.

MILO

O carro cor de ranho manobrou na entrada da casa. Milo ficou assistindo a um dos cocozinhos de Hamlet escorregar pelo telhado e cair no para-brisa traseiro.

Segurou Hamlet diante da janela para que ele também pudesse ver.

— Bem feito. Isso é para ela aprender a não aparecer na nossa casa desse jeito — Milo sussurrou na orelha preta de Hamlet. Ele tinha recolhido os cocozinhos em um saquinho quando estavam no parque. A licença de Hamlet ainda não havia chegado, por isso Milo não queria deixar nenhuma evidência.

Ele sabia que Mamãe estaria muito ocupada, não ia subir para ouvi-lo. Sempre havia alguma coisa mais importante.

— Você vai ver a Vovó amanhã — ele disse, enquanto Hamlet esfregava o focinho em seu braço. — Tripi vai levar você. E você vai ter que nos ajudar a descobrir o que está acontecendo no Não Me Esqueças e vamos tirar a Vovó de lá e ficaremos juntos de novo.

O barulho da tevê recomeçou acima da sua cabeça, assim como a música heavy metal. Como é que alguém conseguia ouvir música e ver televisão ao mesmo tempo?

Milo olhou para o teto e pensou em Al e em como havia levado Hamlet e ele em sua motocicleta. Talvez não fosse tão ruim, mas ainda tinha que explicar aquelas fotos. Antes de poder confiar nele, Milo precisava ir até o fundo nessa questão. Colocou Hamlet no chão, tirou as fotos da mochila e foi até o andar de cima.

Bam! Bam! Bam! Bateu na porta de Vovó.

Ninguém respondeu.

Fechou o punho e bateu mais forte. *Bam! Bam! Bam!*

A porta abriu.

— E aí?

Al sorriu para Milo, o que Milo não esperava depois de todas aquelas batidas.

— Estou tentando fazer a lição de casa, mas não consigo me concentrar.

Milo olhou para dentro do quarto e viu a televisão enorme. Por acaso ele assistia a alguma coisa além do noticiário?

— Desculpa, cara, vou abaixar o volume.

Al se afastou, segurou o controle remoto na direção da tevê e apertou o botão até as vozes ficarem em silêncio. Depois, pegou outro controle e fez a mesma coisa com a música.

— Você está bem? Quer dizer, depois do que aconteceu de manhã...

— Acho que sim.

Os olhos de Al pousaram nas mãos de Milo.

— O que é que você tem aí?

Milo sentiu os dedos quentes e úmidos em volta das fotos. Pegar alguma coisa de alguém quando essa pessoa estava na sua casa era o mesmo que roubar no mundo exterior?

Al continuou sorrindo.

Milo focou o olhar no rosto de Al. O cabelo escuro e o nariz grande e a pele com a barba por fazer ficavam entrando e saindo de foco. Ele juntou toda a energia que lhe restava e disse, estendendo as fotos:

— A Mamãe não gostaria de ter este tipo de coisa em casa.

Al olhou para Milo e depois riu. Milo sentiu o cheiro de cigarro.

— Por que você não entra e aí conversamos?

•

Milo colocou as fotos na mesinha de cabeceira, mas errou a borda e elas se espalharam pelo chão, expondo pedaços de peitos e bocas e coxas. Ele sentiu o rosto arder, como a mancha de Mamãe.

Milo temia que um dia, quando tivesse uma namorada e tivesse que olhar para ela nua e ela chegasse perto demais, ele só visse pedaços de cada vez e ela ficasse zangada, porque é falta de educação encarar as partes íntimas das pessoas.

— O que acha dessas fotos? — Al abriu a janela e acendeu um cigarro.

— Elas são... elas são... — Milo respirou fundo. — Você não devia ter essas fotos. É errado.

— Concordo, Milo — Al deu uma tragada no cigarro e soltou a fumaça pelo canto da boca enquanto falava. — Posso te chamar de Milo?

Milo fez que sim com a cabeça e se arrependeu, ele não queria que aquele sujeito o chamasse de nada.

— Bom, como você sabe, meu nome é Alasdair McCloud, mas pode me chamar de Clouds, como os meus colegas.

Colegas? Milo não tinha certeza se queria ser colega de alguém que tinha ocupado o quarto de Vovó e enchido o lugar com mulheres peladas e barulho e fumaça de cigarro.

Al tragou o cigarro de novo, se agachou e pegou as fotos.

— Eu estava me perguntando onde estariam estas fotos. Não dá para fazer muita coisa sem minhas evidências.

Ele soprou anéis de fumaça em direção ao teto, o que Milo achou bacana, até se lembrar de que não devia gostar que ele fumasse no quarto de Vovó.

— Por que você colocou números no verso?

— É para o documentário.

Milo arregalou os olhos.

— Não estou entendendo.

Al sentou na cama e bateu com a mão ao seu lado no colchão.

Milo sacudiu a cabeça.

— Tudo bem — ele disse, rindo. — Você sabe o que é um jornalista, Milo?

Milo virou a cabeça e olhou para a televisão com as vozes silenciadas.

— É claro que sei o que é um jornalista.

— Certo. Então, é isso o que estou tentando ser.

Milo não sabia no que iria dar aquela conversa ou o que aquilo tinha a ver com as fotos das mulheres nuas.

— Um tipo especial de jornalista.

— Do tipo que pode tirar fotos sujas?

Milo sentiu orgulho da sua resposta.

— Sim. — Al deu mais uma tragada. — Do tipo que tira fotos sujas.

— A Mamãe não vai gostar disso.

— Não, acho que não.

Milo levantou a cabeça. Finalmente ele estava chegando a algum lugar.

— Você precisa tirar fotos sujas se quiser pegar pessoas sujas, Milo.

— Que pessoas sujas?

— Pessoas que se aproveitam de garotas como estas. Que estão envolvidas em tráfico sexual.

Milo não entendia o que sexo tinha a ver com tráfico.

— Pessoas sujas que obrigam as moças a ficarem peladas?

— Sim. — Al empilhou as fotos e colocou-as de volta no meio do livro, o mesmo livro com o título *Hell's Angels* escrito em laranja, onde Milo as havia encontrado, e que tinha certeza de que Mamãe também não gostaria. — Você sabe o que é um repórter infiltrado?

Milo fez que sim com a cabeça, mas não, não sabia muito bem.

— É alguém que investiga a sujeira, que vai a lugares e procura coisas que os outros ignoram para fazer com que as pessoas que fazem coisas ruins sejam pegas.

— Não é isso o que a polícia deveria fazer?

Al deu de ombros.

— Sim, mas às vezes eles são um pouco lentos. Nós agilizamos o processo e estamos dispostos a mostrar as coisas de uma forma que os policiais não podem. Colocamos as evidências na tevê, na internet. — Al olhou para Milo e sorriu.

— Sabe de uma coisa? Acho que você seria muito bom nisso. Essa coisa de invadir, bisbilhotar...

— Eu... eu... eu não...

— Tudo bem, parceiro, estou impressionado. Você pensou que eu era o cara mau e entrou para encontrar provas. É isso o que eu faço.

Milo se aproximou e sentou na ponta da cama, deixando um bom espaço entre ele e Al. Pensou no policial Stubbs e em como ele se recusou a fazer qualquer coisa a respeito da enfermeira Thornhill e do roubo do dinheiro das idosas. Al estava certo, eles eram lentos. Na verdade, naquele momento Milo considerou que eram inúteis.

— Como você faz para não ser pego? Quando está recolhendo suas evidências?

— É aí que entra a parte do disfarce. Finjo que sou um deles.

— Um dos caras maus?

— Exatamente.

O pensamento de Milo acelerou. Al estava certo, ele saberia se disfarçar e descobrir coisas.

— Você vai pegar essas pessoas? Que fazem as moças ficarem peladas?

— Espero que sim, Milo... Estamos chegando perto. — Al olhou para Milo e piscou. Milo já sabia o que viria em seguida. Al tinha olhado daquele jeito que todo mundo olhava quando percebia que havia alguma coisa errada. — Posso lhe fazer uma pergunta, Milo?

Milo não queria tocar no assunto, mas assentiu com a cabeça. Al havia respondido suas perguntas, era uma questão de justiça.

— Você vê as coisas de maneira diferente das outras pessoas, certo?

Milo percebeu aquele sentimento de pena por causa dos seus olhos.

— A forma como você olha para as coisas, como se conseguisse enxergar mais do que conseguimos. Quer dizer, com mais profundidade.

Milo sentiu o rosto corar. Ninguém jamais havia feito a retinite pigmentosa parecer uma coisa boa, tirando o dr. Nolan, que começou a falar sobre a *condição única* de Milo, o que não contava, porque os médicos eram pagos para achar que as pessoas doentes eram interessantes.

Milo balançou a cabeça.

— Meus olhos não funcionam.

Al apagou o cigarro.

— Bom, eles funcionaram suficientemente bem para me pegar.

— Não consigo enxergar todo o quadro.

Al riu.

— Muitas pessoas não conseguem.

Milo não entendeu. Ele dobrou o indicador e o polegar para fazer um buraco, foi tateando pela cama até se aproximar de Al e segurou os dedos diante dos olhos dele.

— Olhe por aqui.

Al se inclinou na direção da mão de Milo, piscando com o outro olho.

— É assim que eu enxergo. Mais ou menos, só que pior.

— Uau... deve ser incrível.

— Não muito.

— Quer dizer, isso te obriga a ter um foco, não é? Aposto que você vê todo tipo de coisa que as outras pessoas não percebem.

Milo nunca tinha pensado daquele jeito.

— Sim, mas não enxergo o resto, fora do buraco.

— O resto é supervalorizado, cara. Se todo mundo vê, não é muito especial. Mas o que você vê, isso, sim, é importante.

Milo pensou em todas as coisas que havia visto no Não Me Esqueças e em como as outras pessoas que tinham olhos melhores do que os seus pareciam não perceber. Talvez Al estivesse certo, talvez a visão através do buraco da agulha fosse uma espécie de superpoder. Ou talvez Al só estivesse dizendo aquilo para que Milo se sentisse melhor e esquecesse de falar com Mamãe sobre as fotos.

— Então, quando você vê alguma coisa errada, você fotografa?

— Fotografo, filme. Qualquer evidência que mostre que aquilo que estou dizendo é verdade.

— E você não se mete em confusão? Se for pego?

— Isso faz parte do trabalho, Milo. O medo de ser pego joga mais adrenalina no sangue. É o que nos move.

Milo se levantou e foi até a porta. Colocou a mão na maçaneta e parou. Uma parte dele queria se virar e contar para Al a respeito de Vovó e de tudo o que havia visto no Não Me Esqueças e pedir que o ajudasse a reunir evidências para pegar a enfermeira Thornhill. Mas ainda não tinha certeza se gostava dele ou se podia confiar nele. Talvez não lhe desse atenção só porque era um garoto, como o policial Stubbs havia feito. Não, ele iria esperar mais um pouco e nesse meio-tempo encontraria um jeito de reunir ele mesmo as evidências.

— Você foi visitar a Vovó? — Milo disse, virando-se.

Al assentiu com a cabeça.

— Aquele lugar é estranho, com certeza.

Milo sentiu o coração dar um pulo. Então ele não estava imaginando coisas. Al também viu. Talvez ele acreditasse se lhe contasse sobre todas as coisas que tinha visto.

— Então eu passei no teste? — Al perguntou.

Al deitou no colchão. Aquilo não parecia correto, ocupar todo o espaço no quarto de Vovó daquele jeito.

— Talvez — Milo respondeu, sem conseguir evitar um leve sorriso.

— Bem, se vamos ser amigos, você precisa me chamar de Clouds. É como todos me chamam lá em casa.

— Em Inveraray?

Era de onde Vovó tinha vindo.

— Isso mesmo, Inveraray.

Milo pensou que serem “amigos” talvez fosse exagero, mas concluiu que chamá-lo de Clouds não faria mal algum.

— Tudo bem — ele disse, assentindo com a cabeça.

•

Mais tarde, enquanto esperava o sono chegar, ele ouviu o barulho das botas de Clouds descendo a escada e depois sua voz falando com Mamãe na porta da frente. Mesmo que fizesse sentido o que Clouds havia dito sobre as fotos e o fato de estar sempre assistindo ao noticiário, nada disso explicava por que ele não tinha nenhuma calça ou meia ou outra roupa no guarda-roupa de Vovó ou lavava as coisas no banheiro. E por que, quase todas as noites, Milo ouvia o barulho da motocicleta saindo e só a ouvia voltando no começo da manhã. Ele estava certo em ainda não confiar nele.

TRIPÍ

Na sexta-feira dia 14 de dezembro, Tripi atravessou o corredor com Hamlet escondido debaixo do avental branco de chef e o celular de Milo enfiado no bolso.

Milo tinha passado na casa antes de ir para a escola, sem fôlego por causa do entusiasmo com um homem chamado Al que lhe dera uma ideia para descobrir se havia alguma coisa suspeita acontecendo no Não Me Esqueças. Deixou o porquinho (para a senhora Moon) e o celular (para reunir evidências). Tripi ainda não tinha muita certeza disso, mas que mal poderia haver em ajudar o menino?

Ele tirou fotos dos remédios que a enfermeira Thornhill dava às pacientes (Milo dissera que era importante) e, apesar de ter sentido um nó no estômago ao fazer isso, deixou que a senhora Moseley lhe mostrasse as marcas no braço feitas pela enfermeira Thornhill quando ela a agarrou e empurrou para baixo do chuveiro frio.

A senhora Swift passou por ele e sorriu. Era incrível como aquelas pessoas de idade conseguiam continuar felizes em um lugar como aquele.

— A senhora está muito bonita esta manhã, senhora Swift — ele disse.

— Eu também poderia deixar você bonito — a senhora Swift respondeu, levantando o batom vermelho. — Eu vi um programa na televisão e eles estavam dizendo que agora os homens também usam maquiagem e são chamados de metrossexuais.

— Vou pensar a respeito. Obrigado.

A senhora Swift bateu na porta da senhora Wong.

— Pronta para sua transformação? — ela perguntou.

Todas as manhãs, a senhora Wong deixava a senhora Swift fazer o que ela chamava de transformação. E então a senhora Wong ia até a cozinha para perguntar se poderia comer um pouco de arroz no almoço e ele tinha que lhe dizer que não havia arroz no cardápio. Na próxima segunda, a enfermeira Thornhill ia tirar um dia de folga e talvez ele fizesse um pouco de arroz para a senhora Wong.

Heidi ficou olhando para o quadro de avisos. Tripi gostava de seu sorriso suave, apesar de achar que ela parecia um rato, sempre correndo atrás da enfermeira Thornhill.

— Parece que ela ficou entre as finalistas. — Heidi ajeitou o cesto de roupas para lavar debaixo do braço e apontou para o cartaz.

“Prêmio para a Melhor Casa de Repouso da Grande Londres.” Em letras menores, a lista das três casas de repouso e de seus diretores.

A primeira da lista: “Lar Não Me Esqueças, Slipton, Enfermeira Thornhill”.

Tripi balançou a cabeça. Havia algo errado com aquele país, algo mais grave do que na Síria.

— Como ela foi escolhida?

— Votos. Eu votei nela, como a maioria dos pacientes. Petros foi quem organizou.

Heidi olhou para o volume debaixo do avental de Tripi e franziu a testa. Tripi respirou fundo e segurou Hamlet com mais força.

— Você votou na enfermeira Thornhill?

Ela era realmente uma rata. E Petros? Tripi queria gostar daquele homem, principalmente porque a senhora Moon tinha muita consideração por ele. Mas ele estava sempre — como era a expressão que Ayishah havia aprendido na escola? — *adulando* a enfermeira Thornhill.

— Ela disse que faria uma boa avaliação do meu trabalho para o curso. — Heidi olhou para o cartaz de novo. — Ela trabalha bastante, isso você não pode negar.

“Ela trabalha bastante para fazer as pessoas infelizes”, Tripi pensou. “Devia haver um prêmio para isso.” Então teve uma ideia. Enfiou a mão no bolso e apertou o botão vermelho do celular, como Milo havia lhe ensinado.

— Então, enfermeira Heidi — ele disse, a voz alta e clara.

Heidi ergueu a sobancelha diante da mudança do seu tom de voz, mas ele não se preocupou muito com isso: as pessoas esperavam que os estrangeiros falassem de maneira estranha.

— A enfermeira Thornhill — ele pronunciou o nome com muita, muita clareza, inclinando a boca na direção do bolso. — A enfermeira Thornhill lhe disse para votar nela?

Heidi enrugou a testa e acenou com a cabeça.

— Isso quer dizer sim?

— Abaixar a voz, Tripi. — Heidi olhou para os dois lados do corredor. — Sim — ela sussurrou.

Ele torceu para que o celular tivesse gravado sua voz, seria uma boa evidência para Milo. Hamlet se contorceu. Microporco, não era isso o que Milo havia dito? Pois de micro ele não tinha nada.

— O que é isso? — Heidi perguntou, apontando com o queixo para o volume debaixo do avental branco de Tripi.

Naquele momento, a figura esguia e branca da enfermeira Thornhill surgiu no final do corredor.

Heidi empalideceu.

— Sou capaz de jurar que este lugar tem um circuito interno de televisão.

Aquela era uma boa informação para a gravação, Tripi pensou.

Hamlet soltou um guincho.

Tripi olhou para o cesto de roupa suja de Heidi. Cheirava a suor e urina. A enfermeira Thornhill havia demitido uma das empregadas da limpeza porque passava muito tempo conversando com as idosas; por isso, agora Heidi tinha que fazer todo o trabalho da empregada, além de cumprir suas tarefas como enfermeira. Tripi levantou um dos lençóis sujos,

colocou Hamlet no cesto, cobriu com um lençol e se inclinou na direção de Heidi.

— Leve-o para a senhora Moon e diga a ela para escondê-lo. Os olhos de Heidi quase saltaram das órbitas.

— O quê? Não. Tripi! Isso vai me trazer problemas.

Ela ficou olhando do cesto para a enfermeira Thornhill, que se aproximava.

— Tudo bem, eu cuido disso — Tripi falou, pegando o cesto.

— Que conversa mole é essa? — a enfermeira Thornhill perguntou, olhando para eles.

Tripi não sabia o que era uma *conversa mole*, mas respondeu rapidamente.

— Pensei que poderia ajudar a enfermeira Heidi a recolher a roupa suja. — Ele ergueu o cesto, rezando para que Hamlet ficasse quieto — Meu turno só começa em trinta minutos.

Heidi acenou com a cabeça.

A enfermeira Thornhill estreitou os olhos, mas reparou em algo atrás de Tripi e os dentes brancos surgiram no meio dos lábios.

— Ah, o cartaz chegou.

— Sim, eu o coloquei aqui — a enfermeira Heidi disse.

Os três ficaram olhando para o cartaz com o nome da enfermeira Thornhill escrito em letras pretas bem grossas.

— Os inspetores do prêmio virão na terça. Temos o fim de semana para deixar este lugar impecável.

Tripi sabia o que significava *impecável*: trazer rosas e bolos e sanduíches de salmão defumado como quando tinham visitas.

Uma fronha da pilha de roupas caiu no chão, deixando à mostra o rabinho de Hamlet. Tripi se inclinou, pegou a fronha e colocou de volta no cesto; ao fazer isso, sentiu o celular escorregar do bolso e cair no chão. Antes de poder fazer alguma coisa, a enfermeira Thornhill se inclinou e o pegou.

— É seu, Tahir? — Ela virou o celular branco entre os dedos compridos. — Parece bem caro.

Uma hora ele era acusado de terrorista, outra hora de ladrão.

— Foi presente de um amigo.

Ele se sentiu como se tivesse cinco anos.

— Ah, o amigo generoso da casa?

Tripi assentiu com a cabeça, equilibrou o cesto em um braço e pegou o celular.

— Você o deixou ligado, Tahir — a enfermeira Thornhill disse, batendo com a unha na luz vermelha do alto da tela. — Precisa ter cuidado com isso.

— Obrigado.

O coração de Tripi estava batendo com tanta força que ele achou que seu peito fosse explodir.

Heidi havia se encolhido atrás da enfermeira Thornhill.

— Com licença? — disse uma voz no corredor.

Tripi olhou para cima e viu uma mulher de terno rosa apertado vindo na direção deles pelo corredor. Quando ela se aproximou, Tripi percebeu que sua pele era mais escura do que a dele e que tinha uma penugem preta acima da boca. “Mulheres com bigodes”, Ayishah dizia rindo e apontando para elas; dizia que, se algum dia tivesse um bigode, arrancaria os pelos com tanta força que eles nunca mais se atreveriam a nascer.

— Ah, senhora Downe — a enfermeira Thornhill disse, mostrando os dentes novamente. — Obrigada por vir. Vamos até meu escritório para podermos conversar.

Heidi foi se arrastando atrás delas. Definitivamente, parece um rato, ele pensou. Tripi achava que as mulheres inglesas seriam mais fortes e corajosas do que aquilo. Ele teria que filmar muito mais coisas para que Al editasse, um pouco mais de cada uma das senhoras do Não Me Esqueças.

— Estou muito feliz por finalmente ter decidido vir até aqui — Tripi ouviu a enfermeira Thornhill dizer enquanto caminhava ao lado da mulher. — Sua mãe está muito bem.

LOU

No início da manhã de sábado, Milo estava deitado no tapete do quarto de Vovó no Não Me Esqueças, a cabeça encostada no guarda-roupa.

— Acho que ele gosta daqui, é melhor do que na garagem, com certeza. A Mamãe nem sentiu falta dele. Aposto que ela acha que estou escondendo Hamlet no meu quarto.

Os olhos de Lou ardiam. Ela havia levantado três vezes durante a noite. Uma para limpar a bagunça de Hamlet (as batatas que lhe dera no jantar aparentemente brigaram com suas entranhas tanto quanto brigavam com as dela), outra quando ele guinchou (ela o encontrou engasgado com um cadarço) e outra quando, finalmente, com todas as forças que conseguiu reunir, ela o levou para a cama. Lutou com a perna esquerda, puxando-a para trás como uma criança petulante. Todo o seu corpo estava sendo petulante, ignorando as mensagens de seu cérebro, decidindo o que fazer por conta própria.

Lou havia programado o despertador para colocar Hamlet de volta no guarda-roupa antes da ronda da enfermeira Thornhill.

Mas Milo estava certo em relação a uma coisa: Hamlet a mantinha aquecida, com seu corpo gorducho pressionado contra o dela nas primeiras horas da manhã.

— Temos um inquilino, Vovó, o nome dele é Al. Quer dizer, Clouds, é assim que ele gosta de ser chamado. Mas o nome de verdade é Al. Ele é seu sobrinho-neto. Veio visitar você outro dia.

Ela olhou pela janela, para os telhados de Slipton. Alasdair. Rebelde desde pequeno, indo contra as ordens da mãe e nadando com Lou no mar frio de Inveraray.

— No começo eu quis que ele fosse embora porque ele fuma e é muito bagunceiro e sai de casa no meio da noite e eu não sei para onde ele vai e o quarto é seu, não dele... Mas, tirando isso, acho que ele pode ser legal. Ele me disse que é um repórter disfarçado e me deu uma ideia. Vou fazer um documentário sobre o Não Me Esqueças. Quem sabe quando você voltar para casa, Clouds possa ficar com Tripi, porque Tripi agora tem uma casa. Ele está me ajudando com o documentário. Está com o celular que Papai me deu e está filmando tudo. — Milo ficou em pé, sorrindo. — Você vai ver, Vovó. Vamos tirar você daqui.

Lou sentiu o entusiasmo de Milo vibrar em seu peito.

Milo se aproximou e parou ao seu lado. Ela o viu virar a cabeça antes de pousar o olhar em seu braço esquerdo.

— Está ficando pior, Vovó? — ele perguntou, pegando sua mão entre os dedos macios.

Lou balançou a cabeça. Sentindo um fio de cabelo solto encostar em seu queixo, ela tirou a mão que estava sob a mão de Milo e tocou o rosto. Sentiu os dedos roçarem sua pele, mas não conseguiu encontrar o fio de cabelo. Mexeu desajeitadamente perto da orelha.

— Deixe que eu faço isso. — Milo se inclinou para a frente e, com um movimento rápido, colocou o fio de cabelo atrás de sua orelha. — Está vendo, Vovó? Você precisa de mim por perto. Aquela enfermeira horrível não ajuda em nada, ajuda? E vou descobrir o que ela fez com todo aquele dinheiro. Aposto que ela roubou. E, Vovó, também preciso de você lá em casa. Mamãe perdeu todas as clientes e está estressada com minhas tarefas da escola, e as contas não param de chegar e ela tenta esconder no salão, mas sei que são contas naqueles envelopes quando chegam na porta de casa.

Querida Sandy, nunca soube economizar. Lou gostaria que ela aceitasse sua ajuda. Tinha algumas economias, o suficiente para enfrentar aquele momento difícil.

— Gostaria que Mamãe se levantasse e fizesse alguma coisa, mas ela fica lá sentada, comendo biscoitos e olhando

para a televisão. Ela era melhor quando você estava em casa.
— Milo respirou fundo. — Nós todos estávamos melhor.

Lou pensou em seu quartinho no alto da escada. Gostava de lá? daquelas horas que passava sozinha olhando para os telhados de Slipton?

Milo virou a cabeça na direção da gaita de foles, que estava encostada na parede.

— Pode me dar uma aula? Quero aprender a música do Vovô.

Vovó olhou para a mão trêmula e os braços finos. Milo teria esquecido o que aconteceu da última vez? Quando ela ficou sem ar nos pulmões antes da primeira nota? Teria que pedir a Alasdair para lhe ensinar.

Ouviu-se um *tátátátá* na porta, como se alguém estivesse tentando criar uma melodia.

— Louisa! Ah, e Milo. Olá, Milo.

Lou sentiu alguma coisa murchando dentro de Milo. Ele se virou para o guarda-roupa.

Petros entrou no quarto com os joelhos rangendo, um braço atrás das costas.

— Tenho uma surpresa — ele anunciou.

Lou sentiu os ombros de Milo caírem e a pressão de suas pálpebras ao fechar os olhos, abraçando Hamlet mais forte.

Ela gostaria que ele desse uma chance a Petros.

— Para uma rosa inglesa.

Petros tirou o boné amarelo e lhe entregou uma rosa cor-de-rosa, com a ponta vermelha, como se estivesse corando.

— Ela é escocesa — Milo resmungou.

Petros se inclinou levemente.

— Me perdoe. Uma rosa escocesa.

Lou pegou a rosa e sentiu o perfume das pétalas. Não tinha um aroma floral artificial, apenas viço e frescor. Poucas coisas exalavam viço e frescor naqueles dias.

— O senhor não é casado? — Milo murmurou, olhando para a aliança na mão esquerda de Petros.

Petros colocou a mão em concha junto do ouvido.

— O que foi?

— O senhor não deveria estar dando flores para sua mulher?

— Ah... Bem, isso é um pouco difícil, Milo, porque o túmulo está muito longe, na Grécia.

As orelhas de Milo ficaram vermelhas e ele continuou a fazer carinho em Hamlet.

Petros pegou um copo, encheu de água, cortou a ponta do caule e colocou a rosa no parapeito da janela. Depois se aproximou de Milo e deu uma espiada no guarda-roupa.

— Na Grécia — ele disse — os porcos servem para fazer salame.

Girou nos calcanhares, passou a mão no estômago e riu.

“Que bobão”, Lou pensou. “Um bobão adorável.”

Milo ficou em pé.

— Acho que já vou, Vovó.

Lou estendeu a mão boa e tentou lhe transmitir uma mensagem. “Fique, por favor”, ela sussurrou mentalmente, mas Milo tinha se virado.

O tremor na mão esquerda de Lou piorou.

Milo se voltou para Petros, os olhos focados.

— A propósito, o senhor não sabe nada sobre porcos. Eles são limpos e inteligentes, muito mais inteligentes do que o senhor, e Vovó ama Hamlet, por isso, se está tentando impressioná-la, com essa história de salame não vai conseguir.

— Ele se aproximou da janela e olhou para a flor cor-de-rosa.

— E Vovó prefere rosas amarelas. Buquês de rosas amarelas.

Ele se aproximou de Lou, beijou-a no rosto e andou até a porta.

Petros continuou perto do guarda-roupa, rindo para Hamlet. Lou olhou para ver se Petros estava usando o aparelho para surdez. Felizmente, não viu o aparelhinho de plástico. Devia ter se esquecido de colocar naquela manhã. E talvez não tivesse escutado o que Milo disse.

Lou ouviu Hamlet fungando ao redor dos sapatos. Ela conhecia aquele som, o mesmo que ele havia feito à noite: estava tentando encontrar Milo. Inteligente, era verdade, e

limpo (a maior parte do tempo). E precisavam de amor, por isso eram especiais.

Quando Andrew voltou, em junho passado, com Hamlet, um porquinho do tamanho da sua palma da mão, ela escreveu um bilhete, tentou explicar que o porquinho era muito novinho, que precisava da mãe. Então viu Milo dar leite a Hamlet em um tubo de ensaio que ele trouxera da escola e entendeu que o porquinho teria nesse menino uma mãe muito melhor do que jamais teria em seu curral.

“Hamlet é perfeito, Vovó”, Andrew dissera. “Ótima visão periférica, foco ruim. Eles farão uma dupla perfeita.” Lou o aconselhou a guardar essa opinião para si mesmo. Sandy já estava suficientemente contrariada.

— Amanhã eu conto como estão indo as coisas — Milo falou da porta. — Sobre o plano. Faltam só dez dias.

Dez dias até o Natal, até o aniversário de Milo. Lou segurou a mão trêmula e apertou com força. Desejou que a data estivesse mais próxima.

MILO

Ao sair do quarto de Vovó, Milo ouviu um estrondo no quarto ao lado.

Ele se aproximou lentamente.

A porta da senhora Moseley estava encostada, aberta o suficiente para que Milo espiasse. Parecia que não havia ninguém no quarto, mas ele ouviu mais barulho: outro estrondo e o barulho de água caindo e então uma voz grave, profunda, que ele reconheceu imediatamente:

— Não podemos ficar lavando tudo noite e dia. Seus lençóis. Suas roupas. Você.

Depois Milo viu a enfermeira Thornhill empurrando a senhora Moseley para o quarto.

Ele deu um zoom com os olhos. A senhora Moseley estava sem a bengala, por isso desequilibrava um pouco, a camisola ensopada, os lábios roxos, trêmulos, o cabelo cinza em chumaços espetados. Pela expressão, parecia tão perdida quanto Vovó quando esquecia onde estava.

A enfermeira Thornhill arrancou a camisola da senhora Moseley e a atirou para a enfermeira Heidi.

A senhora Moseley ficou nua no meio do quarto. Pelos grisalhos saíam das suas axilas e um pequeno triângulo, da mesma cor, cobria suas partes íntimas.

Os olhos de Milo pareciam estar pegando fogo.

A enfermeira jovem veio até a porta, viu Milo e bateu a porta.

Um tapinha em seu ombro.

— Milo? Você ainda está aqui?

Milo se virou. Petros.

— O senhor viu isso?

— O quê?

— O que aconteceu lá dentro? — Milo apontou para a porta com a cabeça. — O que elas fizeram com a senhora Moseley?

Petros passou o braço em torno do ombro de Milo.

— As coisas nem sempre são... Como se diz?... O que aparecem.

— O que parecem — Milo corrigiu.— Sim, as coisas nem sempre são o que parecem.

Milo pensou no que Al havia dito: “Elas são o que parecem, sim, você só não está olhando direito”.

— Milo, por favor...

— E o senhor pode deixar a Vovó em paz. Ela ama outra pessoa, alguém muito melhor do que o senhor.

Milo precisava falar com Al urgentemente, contar tudo e pedir ajuda para denunciar a enfermeira Thornhill. Ele ouviu a voz de Mamãe em sua cabeça: “Não corra, Milo”. Mas ignorou o conselho, impulsionou as pernas e saiu correndo o mais rápido que pôde do Não Me Esqueças.

MILO

Quando chegou em casa, Milo foi direto para a cozinha, colocou quatro fatias de pão na torradeira e ligou a chaleira com a alça derretida. Pegou duas canecas, colocou leite no fundo de cada uma, duas colheres de açúcar e um saquinho de chá; depois encheu com a água quente e espremeu bem os saquinhos; passou manteiga e creme de marshmallow nas torradas e jogou os saquinhos na pia. Subiu a escada equilibrando os pratos e as canecas na pequena bandeja que usava para levar as coisas para Vovó.

Milo havia percebido que Clouds gostava de dormir, por isso temia que ele se irritasse ao ser acordado, mas desta vez era urgente, e ele havia preparado o café.

Milo bateu na porta do quarto de Vovó.

Silêncio. A motocicleta estava lá fora, Clouds estava em casa. Milo bateu de novo.

Um bocejo. Passos no quarto. E então Clouds abriu a porta.

Pelo buraco da agulha Milo viu que Clouds não estava usando nada além de uma cueca samba-canção. Seu cabelo escuro estava espetado no alto da cabeça e ele tinha peito e pernas peludas, e até dos dedinhos do pé saíam pelos pretos.

— Meu Deus, Milo, onde é o incêndio?

— Incêndio?

— Não são nem dez horas.

Milo ergueu a bandeja.

— Pensei que você talvez estivesse com fome.

Milo nunca tinha visto Clouds comer, e mesmo que ele não estivesse com fome, teria espaço para o creme de marshmallow e o chá com leite docinho em sua barriga.

Clouds exibiu um sorriso cansado.

— Já que acordei, acho bom comer alguma coisa.

Clouds pegou a bandeja.

Milo foi atrás de Clouds, sentou na beirada da cama e esperou até que ele tomasse um pouco de chá e começasse a comer a torrada.

— Isto é bom — Clouds falou, lambendo um pouco do creme de marshmallow no canto da boca.

E foi então que Milo falou. Ele começou do início, de quando notou que a casa de repouso estava sempre fria enquanto o apartamento da enfermeira Thornhill era bacana e aquecido e que ela tomava champanhe enquanto as idosas tinham que comer bolinhos pegajosos e que ela castigava as idosas por reclamarem da comida; falou de como ele havia descoberto os comprimidos para dormir entre as coisas de Vovó e depois que sua bolsa havia sumido e de quando foi falar com o policial Stubbs, que não lhe deu atenção, não como deveria, e de como ainda não tinha conseguido falar com Mamãe, e então contou o que havia acontecido com a senhora Moseley.

— Então vamos recapitular, Milo. Você acha que a enfermeira Thornhill está roubando o dinheiro das idosas? — Clouds tomou outro gole do chá. — E que ela está... — Ele sacudiu a cabeça. — Ela está maltratando as pessoas do Não Me Esqueças?

— Ela as trata muito mal. E deve estar roubando o dinheiro delas. Por que motivo guardaria todas aquelas carteiras vazias na gaveta?

Clouds foi abrir a janela e acendeu outro cigarro. Milo percebeu que o quarto estava mais organizado: as roupas estavam dobradas na poltrona de Vovó e não havia nenhum pires cheio de bitucas de cigarros na soleira da janela.

— O policial Stubbs pode estar certo.

— O quê? — Milo sentiu aquela raiva queimando em seu peito de novo. Até então ele achava que Clouds estivesse do seu lado.

— É importante olhar para as coisas de todos os ângulos, Milo. Ela pode estar guardando o dinheiro deles em segurança.

Milo balançou a cabeça.

— Ela não faria uma coisa boa como essa. E isso não é desculpa para todas as outras maldades que está fazendo.

— Tudo bem. E o que o policial Stubbs falou antes de você sair?

— Que ia registrar a queixa.

Clouds riu.

— Sei... Conheço essa frase.

— Precisamos parar aquela mulher. — Milo engoliu em seco.

— Senão ela vai ficar impune.

Clouds assentiu com a cabeça e sorriu.

— Você não deixa escapar nada, não é, Milo?

Quando Clouds disse isso, Milo sentiu um calor no peito, mas então se lembrou de que havia sentido a mesma coisa quando o policial Stubbs o cumprimentou por ter percebido o que estava acontecendo no vídeo da cena do crime; e veja como isso acabou.

Clouds apagou o cigarro no lado de fora da janela e depois o jogou no lixo.

— Parece que você tem um caso, Milo.

O coração de Milo acelerou.

— Tenho? — Ele sentiu uma sensação de confiança. — Bom... Eu pensei no que você disse, Clouds, que a polícia é um lixo...

— Não é bem assim, Milo. Eles simplesmente precisam seguir uma porção de regras e procedimentos, e as coisas acabam andando muito devagar. E eles também precisam lidar com outras coisas, como excesso de velocidade e acidentes de carro e bêbados e brigas de sábado à noite... Por isso, às vezes, se descuidam das coisas importantes. E então precisam de uma ajudinha.

— Tudo bem, eles podem tentar fazer as coisas direito. Mas o problema é que neste momento não estão ajudando com o caso do Não Me Esqueças. — Milo viu as fotos das mulheres nuas na mesa de cabeceira de Clouds. — Como não estão ajudando essas mulheres que são maltratadas, e é por isso que você resolveu fazer sua própria investigação. Pensei que talvez

podéssemos fazer a mesma coisa pelos velhinhos do Não Me Esqueças. Já comecei a recolher evidências com a ajuda de um cara muito bacana chamado Tripi; sei que você vai gostar dele, mas não sabemos muito bem o que fazer. — Milo fez uma pausa para recuperar o fôlego. Ele sabia que a reação de Clouds ao que iria dizer determinaria se podia confiar nele ou não. — Você poderia nos ensinar. Poderia nos ajudar a pegar aquela mulher.

— Uma coisa de cada vez, Milo. Em primeiro lugar, não vou pegar ninguém... Você vai. Repórteres disfarçados não invadem o terreno uns dos outros. Em segundo lugar, antes de tentar colocar a enfermeira Thornhill na cadeia, você precisa ver se a sua teoria está certa. Precisar investigar direito.

Milo olhou para Clouds, e toda a raiva que havia sentido por ele estar ali e deixar o quarto de Vovó fedido e bagunçado desapareceu. Além de Tripi, era a primeira vez que alguém realmente o ouvia com atenção e acreditava nele e queria ajudar.

Enquanto Milo pensava nisso, o senhor Overend começou a assobiar do outro lado da rua. Por um segundo, pareceu que tinha voltado aos velhos tempos, quando ele subia até o quarto para conversar com Vovó.

— *Ele* daria um bom repórter disfarçado — Clouds falou, inclinando-se na janela e acenando para o senhor Overend.

— Daria?

— Pense em tudo o que ele deve ver olhando para a rua diariamente. Aposto que nada passa despercebido.

— Então você vai me ajudar? — Milo perguntou. — Vai me ensinar a ser um repórter disfarçado, como você?

Clouds sorriu.

— É claro que sim, Milo. Claro que sim.

SANDY

Sandy parou diante da cooperativa, olhando para o formulário de emprego. As luzes de Natal piscavam acima da sua cabeça. Andy também havia conseguido estragar isso: sua época do ano favorita, a época que ela associava à alegria que haviam compartilhado dez anos antes, quando Milo chegou. Como o médico havia dito, um milagre.

Ao cruzar a porta, Sandy olhou para as mulheres usando aventais de náilon verdes e camisas de poliéster pretas. Ela não tinha certeza de que conseguiria aguentar aquilo, aquele bip-bip o dia inteiro.

Respirou fundo e entrou. Ao passar pela esquina da avenida principal, Sandy percebera que as luzes estavam acesas na casa rosa. O jardim da frente estava limpo, a cerca-viva aparada. A janela da cozinha estava embaçada de vapor, e um aroma doce e quente impregnava o ar frio de dezembro. E alguém cantava uma melodia alegre que lhe parecia estranhamente familiar.

Talvez Big Mike tivesse finalmente voltado da Tailândia com Lalana, a noiva de quem não conseguia parar de falar todas as vezes que ia até o salão depilar os ombros. Ele esperou muito tempo para conseguir o visto dela e, então, um belo dia, se cansou: pediu demissão no emprego, fez as malas e comprou uma passagem só de ida para a Tailândia.

A porta da frente se abriu.

— Sou eu, Tripi. Nós nos conhecemos outro dia.

— Tripi?

O homem pulou os degraus da frente. Sandy nunca tinha visto alguém com pés tão grandes e desajeitados. Quando ele se aproximou, olhou-a de cima a baixo e sorriu.

— Vi minha capa verde pela janela da cozinha, fica bem em você.

— Não tenho tanta certeza. — Sandy baixou os olhos para o náilon verde que se estendia sobre seu busto e estreitava na cintura. Aquele homem de olhos castanhos e cílios grossos devia ter o dobro da sua altura e metade do seu peso.

— A cor lembra pistache — Tripi falou. — Combina com seus olhos.

— Ah... — Fazia muito tempo que Sandy não pensava em seus olhos. Dependendo da luz, o azul parecia verde. Como os de Milo.

— Quando nos encontramos outro dia, não perguntei qual era seu nome.

— Eu me chamo Sandy — ela disse, estendendo a mão molhada.

Tripi riu e levantou as mãos.

— Desculpe, meus dedos estão grudentos. Estava cozinhando.

Um homem que cozinhava? Sandy olhou para a casa.

— Então você mora aqui?

— Por enquanto.

— Sua comida tem um cheiro bom.

O rosto dele se iluminou.

— Sim, entre, entre... Venha experimentar.

Sandy olhou ao redor.

— Está bem. Rapidinho.

•

Foi estranho. Todas as coisas de Mike continuavam na casa: as fotos da Tailândia, o equipamento de golfe, uma pilha de cartas na mesinha da entrada.

— Você é amigo de Mike? — Sandy apontou para uma foto de Mike com seu braço branco em torno de Lalana.

— Pode-se dizer que somos amigos — Tripi respondeu, indo até o balcão da cozinha e pegando uma espátula na panela de

utensílios. Passou a espátula por baixo de uma camada de quadrados dourados e soltou um deles.

— Você está cuidando muito bem da casa. — Sandy olhou pela porta que dava para a sala. Ela nunca tinha visto um lugar tão limpo. — Está fechada há quase um ano; imaginei que pudesse ser ocupada por moradores de rua.

Tripi deixou a espátula cair no chão.

— Desculpe... Sou muito desastrado.

— Eu também — Sandy falou, sorrindo.

Ele tirou um dos quadrados dourados da assadeira e colocou diante da boca de Sandy.

— O que é isto? — Sandy perguntou, recuando a cabeça e sentindo o rosto corar.

— Baclava, o doce da minha terra. — Tripi irradiava alegria. — Usei meu primeiro salário para comprar os ingredientes. Pistache é caro no seu país. — Ele assobiou entre os dentes. — Como é que dizem? Uma facada.

Sandy sentiu cheiro de mel e açúcar e manteiga e massa folhada quente; olhou para o pistache picado por cima e pensou em pedras preciosas. Abriu a boca e deixou que Tripi colocasse o doce em sua língua. Depois fechou os olhos, sentindo o doce derreter, os sabores inundando seu paladar.

— Gostou?

Ela fez que sim com a cabeça e limpou um pedacinho de pistache do lábio.

— Tudo deveria ter este sabor.

— Então concorda? — Tripi sorriu. — Muito diferente das batatas de vocês.

— Nossas batatas?

— Vocês só comem batatas.

Sandy riu.

— Talvez você tenha razão.

Tripi arrumou alguns doces em um prato, serviu café em copos de vidro e colocou tudo em uma bandeja. Ele não parecia nada desastrado, não quando estava fazendo aquilo.

— Venha. — Ele segurou a bandeja no alto, como um garçom. — Você pode se secar um pouco.

Sandy pendurou a capa verde em uma cadeira da cozinha e lamentou ter colocado a calça de agasalho para sair de casa. Ela percebeu uma mancha de biscoito de chocolate no blusão de moletom.

— Venha! — Tripi chamou.

Ela encolheu a barriga e o seguiu até a sala.

Sandy olhou para o jardim e então reparou em um colchonete rosa encostado na porta dos fundos.

— Isso aí é seu? — Ela se aproximou e pegou o colchonete de ioga.

— É emprestado.

— Emprestado? — Ela desenrolou o colchonete no tapete e apontou para as iniciais no canto: “SM. Sandy Moon”. — Sou eu! O que é que você está fazendo com meu colchonete de ioga?

— Eu... eu... Como eu disse, é emprestado, é um presente.

— Quem emprestou?

— Um menino, Milo. Ele disse que podia ficar comigo, para minhas orações.

— Suas orações?

— Para Alá, meu deus. Sou muçulmano. Para que eu não tivesse que fazer as orações no saco de dormir.

— No saco de dormir?

A cabeça de Sandy começou a girar. Seu colchonete de ioga? Milo?

MILO

Enquanto Milo descia a avenida principal, seus olhos continuavam ardendo. Talvez tivessem virado cinza, como a cozinha de casa. Ele piscou, tentando afastar a imagem da senhora Moseley.

Luzinhas e sinos e enfeites.

Por que todo mundo parecia tão feliz? Será que não viam o que estava acontecendo?

Teve um vislumbre do anúncio no ponto de ônibus, a enfermeira Thornhill sorrindo com seus dentes brancos. Ele não queria saber se ela havia tido dez noivos e se todos explodiram em mil pedacinhos, ninguém tinha o direito de tratar as pessoas daquele jeito. Coisas ruins estavam sempre acontecendo, e as pessoas não ficavam descontando nos outros.

Agora que era um repórter disfarçado, tinha que reunir as tropas, conquistar o apoio das pessoas para sua causa. Primeira parada: a Mansão Hairy. Assim que a senhora Hairy descobrisse o que estava acontecendo com sua mãe, ela colocaria um fim naquilo.

Só que não precisou ir tão longe.

Quando chegou perto do semáforo diante da Tony Greedy & Filhos, viu a senhora Hairy descendo a rua em seu Mercedes vermelho.

— Pare! — ele gritou, dando pulos na calçada para chamar sua atenção.

Um coral natalino passou na sua frente.

“Oh, Senhor, Deus de amor. Pobrezinho nasceu em Belém...”

Que importância tinha se Jesus nasceu pobre? Com Deus ao lado dele, Jesus conseguiria resolver tudo no final. Mas e a senhora Moseley e Vovó e todas aquelas senhoras do Não Me Esqueças?

Os cantores atravessaram a rua. A senhora Hairy diminuiu a velocidade para que eles passassem.

— Com licença, com licença — Milo abriu caminho entre eles. “Eis na Lapa Jesus, nosso bem. Dorme em paz, ó Jesus...”

— Preciso passar. — Ele acertou as costelas de alguém, mas não se importou. Precisava deter a senhora Hairy e falar com ela sobre a senhora Moseley.

— Ai! Por que não olha por onde anda?

Ele se viu cara a cara com Jill, que antes de Papai ir embora e todos abandonarem Mamãe, agia como se fosse a melhor amiga de Mamãe, até usava a câmara de bronzamento do salão de graça.

Milo ignorou e continuou.

A senhora Hairy começou a acelerar e Milo se atirou diante do carro.

Ela arregalou os olhos e virou o volante para a direita, batendo com o nariz achatado do Mercedes brilhante em um poste de proteção, do lado de fora do café Xícara Quase Cheia. Ele olhou para a pincelada branca na dianteira do carro e para a placa que ficou pendurada e depois caiu no asfalto.

A senhora Hairy pulou para fora do Mercedes.

— Que diabos você pensa que está fazendo?

Milo subestimara quão perto do carro havia chegado, e a senhora Hairy já estava arrancando novamente.

— Está tentando se matar?

— É sua mãe. Ela não pode ficar no Não Me Esqueças.

As orelhas da senhora Hairy ficaram brancas.

— Já estou cansada de você. — Ela se inclinou e olhou para a mancha branca. — Vou mandar a conta para sua mãe.

Conta? Mamãe não conseguia pagar nem suas próprias contas, o que dizer de uma conta de centenas de libras. Mas aquilo não era importante, não comparado com o que Milo tinha a dizer à senhora Hairy.

— A senhora precisa me ouvir.

Clouds havia dito para ir devagar, para ser discreto, e Milo tinha planejado fazer isso, mas o encontro com a senhora Hairy

desse jeito, no meio da avenida principal, tinha precipitado as coisas e elas saíram do seu controle.

O coral natalino, que havia parado de cantar quando Milo quase foi atropelado, se reuniu em torno do carro e recomeçou. Oportunistas, era assim que Papai chamava as pessoas que tentavam tirar dinheiro de você quando você baixava a guarda.

“Noite feliz, noite feliz...”

— Calem a boca! — a senhora Hairy gritou.

Milo concordou com a cabeça.

Os cantores fizeram silêncio, exceto por um senhor que estava mais atrás e que não tinha ouvido. “Eis que no ar vem cantar”, ele mugiu. Mas alguém deve tê-lo cutucado, porque parou. Então eles olharam uns para os outros e saíram andando pela calçada.

Milo foi atrás da senhora Hairy, que voltou para o carro.

— Eu vi sua mãe. Elas foram horríveis com ela. A senhora precisa ir até lá e tirar sua mãe.

A senhora Hairy continuou ignorando Milo. Prendeu o cinto de segurança e baixou o vidro do carro.

Depois suspirou profundamente.

— Sei que você sente falta da sua avó, mas não pode sair por aí fazendo essas acusações. — Ela se inclinou para a frente e a expressão de seu rosto suavizou um pouco. — Sua avó precisa de ajuda profissional. Se ela ficasse em casa, não seria bom para nenhum de vocês. É o melhor, Milo.

A senhora Hairy não sabia de nada. A única pessoa que sabia cuidar de Vovó era ele, e o melhor seria ela voltar para casa.

— Por favor, venha comigo. Vou lhe mostrar, não vai demorar muito.

— Estou atrasada — ela disse, ligando o carro.

O que poderia ser tão importante que ela não tinha tempo para verificar se a própria mãe estava bem?

— Seja o que for, tenho certeza de que pode esperar.

A senhora Hairy bufou, como se aquilo fosse a coisa mais idiota que tivesse ouvido.

— Existem pessoas que você não pode deixar esperando, Milo.

A senhora Hairy voltou a fechar o vidro; Milo bateu no vidro.

— A sua mãe é mais importante do que uma celebridade idiota qualquer. — Ele bateu de novo. — Eles colocam alguém no seu lugar, a senhora tem que vir comigo...

Mas a senhora Hairy não deu atenção a Milo. Já tinha se afastado do poste de proteção, passando por cima da placa.

MILO

No final do jardim, Milo passou por um buraco na cerca.

— Tripi! — ele chamou.

Milo caminhou pela grama com grandes passadas e foi direto até a sala.

Então percebeu que havia duas pessoas em pé na sala, olhando para ele. Pelo buraco da agulha, percebeu as unhas cor-de-rosa lascadas.

— Mamãe?

— Você é mãe dele? — Tripi olhou para Milo e para Mamãe e depois se jogou no sofá, expirando profundamente.

O que Mamãe estava fazendo ali e como é que ela conhecera Tripi?

— É claro que sou mãe dele. Que diabos você está fazendo aqui, Milo?

Milo sentiu os olhos escurecerem. Estava cansado de olhar para o mundo e descobrir coisas de que não gostava. Às vezes desejava que seus olhos se apressassem e ele ficasse cego de uma vez.

— Tripi é meu amigo, você não devia estar aqui.

— Seu amigo? Do que é que você está falando?

Tripi ficou em pé.

— Sua mãe também é minha amiga, Milo.

— Sou? — Sandy olhou para Tripi.

— Vocês dois são meus amigos.

O celular de Milo tocou. Sandy olhou para Milo, mas quando percebeu que o barulho não vinha da sua direção, ela se virou de novo para Tripi.

— Por que é que Tripi está com seu celular?

Tripi mostrou o celular de Milo.

— É seu pai, ele está tentando falar com você.

— Papai? — Milo deu um pulo e pegou o celular.

Enquanto esperava por uma resposta, Milo percebeu o ar de desânimo de sua mãe. Sempre que ele perguntava por que Papai nunca telefonava, ela dizia que era porque ele estava ocupado cuidando do bebê. Ele reparou que a mancha no pescoço de Mamãe aumentou um pouco. Pela manhã, ela havia passado tanta loção de calamina na garganta que seu pescoço parecia ter sido tirado de uma daquelas estátuas do Madame Tussauds⁸.

— Ele desligou — Milo falou, olhando para o celular. Passou os dedos pela tela. — E o número é bloqueado.

— Ele vai ligar de novo — Tripi falou. — Ele quer conversar com você.

— Você falou com o Papai?

— Rapidamente. Expliquei que era seu amigo e que estava cuidando do seu celular, mas acho que ele não entendeu.

— É claro que ele não entendeu. Amigo do meu filho? Quantos anos você tem? Você não devia pegar meninos pequenos e levar para casa. Poderia ser preso por isso.

A mancha vermelha chegou até o rosto.

— Mamãe, não é nada disso. Tripi...

— Tudo bem, Milo. — Tripi ficou em pé e pigarreou. — Tenho vinte e quatro anos e trabalho no Não Me Esqueças e conheço a senhora Moon, a velha senhora Moon, não você. Milo me procurou. Mas se não quer que sejamos amigos, eu entendo. Em meu país, é a mesma coisa: a mãe sempre decide.

— Não, não é ela quem decide. — Milo esfregou os olhos, que estavam vermelhos e irritados. Ele via manchas vermelhas na sua frente. — Ela fez o Papai ir embora e agora não tem nem um trabalho e ninguém está pagando as contas; eu fico tentando contar coisas sobre aquele lugar horrível onde ela colocou a Vovó, mas ela não ouve. Ela nunca tem tempo para ouvir. Por isso ela não vai decidir *nada*.

Mamãe deu um passo para atrás.

Tripi ficou olhando para Milo.

— Eu... eu acho que vou indo.

Mamãe se virou e voltou para a cozinha.

— Fique, coma mais um pouco de baclava e tome seu café.

— Tripi foi atrás dela. — Podemos conversar, nós três.

Mas Mamãe não lhe deu ouvidos. Saiu pela porta e pouco depois estava na calçada, embaixo da chuva. A capa verde ficou lá dentro, na cadeira da cozinha.

⁸ Museu de estátuas de cera que representam realisticamente desde figuras históricas até celebridades atuais. Está presente em diversas cidades do mundo, como Nova York, Amsterdã, Tóquio, Sydney e Londres, onde foi fundado o primeiro Madame Tussauds. (N. T.)

TRIPÍ

Enquanto a Adorável Sandy desaparecia pela porta dos fundos, Milo saía da casa pela porta da frente. Tripi havia deixado seus novos amigos ingleses chateados, apesar de não ter entendido muito bem por quê.

— Milo — ele chamou. — Fique, por favor.

Quando Milo chegou no buraco da cerca, parou, mas não se virou.

— Não fique zangado, Milo.

Tripi se aproximou e ficou atrás dele. Queria tocar seu ombro, mas pensou no que a Adorável Sandy havia dito: sobre Tripi ser muito velho para ter um amigo como Milo e como isso lhe causou um mal-estar no estômago, como o cheiro das batatas no Não Me Esqueças.

Jamais havia pensado na diferença de idade, que ele tinha vinte e quatro anos e Milo nove, e que a amizade deles poderia ser considerada estranha. “Você está latindo para a árvore errada”, era isso o que ele queria dizer para a mãe de Milo. Mas, às vezes, as pessoas não gostavam das suas frases e ela já estava zangada com ele.

— Você me apunhalou pelas costas — Milo falou, torcendo uma folha de louro entre os dedos até deixá-la completamente amassada.

— Não entendo.

— Você é como a senhora Harris, foi falar com minha mãe. — Milo jogou a folha na grama. — Não posso confiar em ninguém.

Tripi percebeu que a voz de Milo estava trêmula e, apesar de ele falar inglês, era o mesmo tremor que ouvia na voz de Ayishah quando ela estava chateada com alguma coisa.

— Por favor, Milo, eu não sabia que ela era sua mãe.

Milo se virou, fixando os olhos em Tripi.

— Está dizendo que é pura coincidência o fato de você estar na sala tomando café com Mamãe na casa que eu encontrei para você?

Tripi deu de ombros.

— Alá escreve certo por linhas tortas.

— Bom, eu não gosto do que Alá escreve.

Ayishah também havia dito isso uma vez. Quando seus pais explicaram que precisavam partir, que Tripi cuidaria dela até se encontrarem de novo, disseram a ela para confiar em Alá, que tudo terminaria bem. Ela se virou e disse: “Se Alá fosse tão poderoso, vocês não teriam que ir embora”.

Às vezes, Tripi tinha dificuldades com sua fé, mas Alá era a única coisa boa que lhe restava.

— Vi sua mãe parada na chuva, olhando para a casa, e começamos a conversar e eu a convidei para entrar.

Tripi achou que as coisas ficariam confusas se contasse que eles tinham se visto na outra noite na frente do Não Me Esqueças.

— Você não sabia que ela era minha mãe? Os olhos e a boca de Milo relaxaram. — Não sabia mesmo?

— Eu não sabia, Milo. — Então um sorriso largo se abriu no rosto de Tripi. — Mas se você tivesse me dito que tinha uma mãe tão bonita... — ele disse, permitindo-se passar a mão no cabelo de Milo.

Milo coçou a cabeça.

— Venha, vamos entrar e você poderá experimentar uma das minhas baclavas. Sua mãe gostou, se quiser pode levar algumas para casa.

Eles atravessaram o jardim e entraram na casa.

— Encontrei algumas evidências muito boas, você vai ficar feliz.

— Gravadas no celular?

Tripi balançou a cabeça.

— Vi uma coisa hoje, Tripi, com a senhora Moseley e foi horrível. E conversei com Clouds e ele vai nos ensinar a ser

repórteres disfarçados. Depois que acabarmos com ela, a enfermeira Thornhill vai sair do Não Me Esqueças rapidinho.

— A enfermeira Thornhill ficou entre os finalistas do Prêmio para a Melhor Casa de Repouso da Grande Londres, e os inspetores virão na terça-feira para fundamentar a decisão.

Milo virou a cabeça e seu rosto se iluminou.

— Inspetores no Não Me Esqueças? Na terça-feira?

Tripi fez que sim com a cabeça.

— Isso é perfeito. Podemos mostrar a eles o que realmente acontece, podemos contar tudo sobre a enfermeira Thornhill e como ela é horrível e fazer as pacientes contarem como são tratadas e ela será exposta e eles a mandarão embora. Temos que começar a planejar agora.

— Planejar?

— Sim, planejar o que você vai fazer para garantirmos que eles descubram tudo sobre ela.

— Eu?

— Eu tenho que ir para a escola, Tripi. Tive uma porção de problemas por não ter aparecido outro dia. Eu ajudo com todos os preparativos, mas você tem que se encarregar das coisas.

Tripi sentou no sofá e tomou um gole do café, que tinha esfriado.

— Esses inspetores, Milo, eles são como a polícia?

— Mais ou menos.

Tripi olhou para os pés imensos e balançou a cabeça.

— Então não posso ajudar.

— Eles não são policiais de verdade. Mas têm poder para fazer coisas, como os inspetores que visitam a escola e se os professores não estiverem ensinando direito eles podem informar a Chefia e a escola recebe uma advertência, e se a situação for muito ruim pode até ser fechada.

Tripi continuava não gostando da ideia de ter que lidar com esses inspetores.

— Minha situação é delicada, Milo. Preciso do emprego. Se quiser que eu filme e tire fotos, posso fazer isso, mas nada além disso. A polícia não pode descobrir que eu... — Ele

esperava não ter que contar a Milo, não queria que seu novo amigo pensasse que ele era um criminoso.

— Descobrir o quê, Tripi? Você acha que eles podem pensar que você é um terrorista por causa das mochilas?

Imigrante ilegal já era ruim, mas terrorista? E, se a enfermeira Thornhill insinuasse, ladrão de celular também.

— Eu posso explicar que você é um bom muçulmano, que você reza por coisas boas, pela sua irmã e por Vovó e por mim e que você não está interessado em explodir os americanos.

De repente, Tripi sentiu um cansaço imenso. Parte dele desejou nunca ter conhecido Milo e a Adorável Sandy e a Velha Senhora Moon e ainda morar no parque com seu saco de dormir. As coisas eram mais simples.

— Milo, preciso lhe contar um segredo e você tem de prometer que não vai contar a ninguém.

— Tudo bem. A menos que você seja um terrorista. Nesse caso terei que contar a alguém, porque posso ir para a cadeia por ocultar informações relevantes.

— Não sou um terrorista, Milo, sou um refugiado. Acho que teria permissão para ficar aqui porque meu país está em guerra, mas ainda não dei entrada nos papéis. Não tenho nem permissão para trabalhar.

— Mas você trabalha no Não Me Esqueças e cuida das velhinhas e é um cozinheiro muito bom e é boa pessoa. Assim que eles o conhecerem, vão deixar você ficar.

— Receio que não seja tão simples, Milo. Se a polícia descobrir que não estou obedecendo às regras, podem me prender ou me mandar de volta para a Síria.

— A polícia de Slipton não vai fazer isso. Se explicar o que aconteceu, eles vão entender. De qualquer forma, acho que eles nem perceberiam, estão ocupados demais preenchendo formulários para colocar no arquivo.

— Acho que a polícia de Slipton não terá escolha. É a polícia de Londres que decide quem fica no Reino Unido e quem tem que ir embora.

Milo se aproximou, sentou no sofá e pegou a mão de Tripi da maneira que pegava a mão da senhora Moon no Não Me Esqueças.

— Bom, então precisamos dar um jeito para que eles não descubram, não é?

Tripi olhou para o rosto esperançoso de Milo e percebeu que não conseguiria dizer não.

— Está certo, Milo, você venceu. Mas precisamos ser cuidadosos.

Ele pensou em Ayishah e em como esperava que alguém a estivesse ajudando, como ele estava tentando ajudar Milo. Ele acreditava nessas coisas, que havia fios que conectavam todas as pessoas boas do mundo e que era tarefa das pessoas boas tornar esses fios mais fortes.

— Então meu pai realmente ligou?

— Sim. Ele não costuma ligar?

— Ele não ligou desde que foi embora. Mamãe disse que ele estava ocupado e que deveríamos lhe dar algum tempo.

Tripi lembrou que Milo havia dito que seu pai estava em Abu Dhabi, não muito distante da Síria. Agora começava a fazer sentido.

— Então seu pai e sua mãe não estão mais juntos?

Milo balançou a cabeça.

— A culpa é minha.

— Não acho que...

Milo o interrompeu.

— Encontrei Papai com outra pessoa e depois caí da bicicleta e por isso todo mundo descobriu; e quando meus olhos ficaram ruins, a Vadia do Papai ficou grávida e então ele foi embora. Se não fosse por mim, Papai ainda estaria aqui.

Tripi teve dificuldade para entender, talvez ainda não estivesse tão familiarizado com a língua.

— Ele deixou um número? — Milo perguntou.

Tripi pensou na Adorável Sandy e em como ela havia ficado contrariada quando ele mencionou o telefonema do senhor Moon. Ele balançou a cabeça.

Milo esfregou os olhos de novo e fungou. Apesar de não gostar da ideia de que existia, ainda que distante, um senhor Moon, Tripi podia ver que Milo sentia falta do pai, e isso era algo que ele conseguia entender.

— Seu pai queria falar sobre o Natal.

— Queria? — A voz de Milo ficou mais animada.

— Sim. “Preciso falar com Milo sobre o Natal”, foi o que ele disse.

Milo abraçou Tripi e o apertou com tanta força que ele precisou afastar o menino para poder respirar.

— Vai ficar tudo bem — Milo falou, pegando um pedaço de baclava. — Este vai ser o melhor Natal-aniversário de todos.

LOU

O olhar de Lou bateu no calendário do advento⁹ colocado na soleira da janela. Presente de Milo. “Para ajudar a lembrar as datas, Vovó”, ele havia dito. “Eu tenho um igual. Assim, você pode abrir aqui e eu posso abrir em casa e vai ser como se estivéssemos juntos.”

Então ele tinha percebido isso também, que os dias estavam fugindo de sua mente.

Lou estendeu o braço. Seus dedos tatearam a janela de papelão, tremendo. Entorpecida ou trêmula e nada além disso. As pequenas batalhas eram travadas dentro do seu corpo.

Mas não ter força para abrir o calendário do advento de uma criança?

Ela estendeu o braço de novo e o calendário caiu; o barulho de plástico e papelão contra o tapete fino.

Lou já havia enrolado redes que tinham o dobro do seu peso, mantido o barco firme contra o vento que varria a costa de Inveraray.

E agora?

Ela olhou para a mão, querendo que funcionasse. Seus dedos tremiam muito. “Vocês estão brincando comigo?” Ambas as mãos agora, como uma dupla de comediantes; mãos jazzísticas de uma velha.

Ela não conseguia se concentrar em coisa alguma desde que Milo tinha ido embora no dia anterior. Os olhos tão tristes. Como poderia dizer a ele que o carinho que sentia por Petros estava a quilômetros de distância do amor que sentia por ele, seu pequeno Milo, seu soldado corajoso? Petros alegrava seus dias, aquecia seu quarto frio. Ele a fazia rir. Se Milo lhe desse uma chance, também gostaria dele.

Lou baixou os olhos para o 17 de dezembro.

No andar de baixo, a porta da frente bateu com força.

— Milo? É você?

Ela desejou que suas pernas ficassem firmes; levantou-se e olhou pela janela.

A sombra branca tornara-se escura. Um casaco preto longo, um chapéu preto sobre o cabelo grisalho, um maço de lírios nas mãos cobertas por luvas pretas.

— Senhora Moon? — Uma batida na porta. — Senhora Moon?

A enfermeira Heidi parou junto à porta, aproximou-se e olhou pela janela.

— Vou tomar conta do forte hoje. A enfermeira Thornhill tirou o dia de folga, está indo para Londres.

Lou pegou seu bloquinho.

“Aonde ela está indo?” Apontou para fora com a cabeça.

A enfermeira Heidi hesitou.

— Ela está indo até a Harrods. Perdeu alguém lá... nos bombardeios de 1983, eu acho. Ela guarda uma foto no quarto.

Lou assentiu com a cabeça. Ela se lembrava de ter lido nos jornais... As notícias de Londres sempre chegavam a Inveraray: trinta anos atrás nessa mesma data. Fechou os olhos. Era o artigo que ela estava vendo agora? Ou estava confundindo as coisas de novo?

Seis pessoas mortas... Ela se lembrava disso.

— Acho que era seu noivo — a enfermeira Heidi disse.

Sim, seis pessoas mortas. E uma jovem enfermeira aproveitando o intervalo do almoço para se encontrar com seu namorado, o jornalista Philip May, 24 anos. Ela se lembrava dessa história porque fazia com que recordasse David e como também havia perdido o homem que amava e que havia prometido passar o resto da vida com ela.

A enfermeira Heidi se inclinou ainda mais na janela.

— Parece um corvo, não? Toda de preto? — Ela riu e pegou Lou pelo cotovelo. — Mas chega de desgraça. Teremos um dia agradável. — Conduziu Lou na direção do guarda-roupa. —

Vamos encontrar alguma coisa colorida para vestir, algo que faça o senhor Spiteri sorrir.

[9](#) Calendário apenas com o mês de dezembro, do dia 1o ao dia 24, cujo objetivo é fazer uma contagem regressiva até o Natal. Neste calendário, os dias são módulos (caixinhas, janelas, portas, saquinhos etc.) em que são inseridas surpresas (um pensamento, um poema, uma mensagem etc.), reveladas diariamente. (N. T.)

MILO

Depois da escola na segunda-feira, Milo foi direto para o Não Me Esqueças. Na hora do almoço, ele havia telefonado para Tripi do telefone da cantina para perguntar quando a enfermeira Thornhill voltaria de Londres, mas ninguém parecia saber, nem mesmo a enfermeira Heidi, por isso não podiam perder tempo. Ela podia voltar a qualquer momento e, antes disso, Milo tinha que se certificar de que tudo estava pronto para o grande dia.

Já estava escuro quando Milo desceu na avenida principal. Olhando pelo buraco da agulha para a lua pálida, quase cheia, sentiu uma onda de entusiasmo subir pelo corpo. Sentia-se como Guilherme, O Conquistador, reunindo suas tropas antes da batalha. Clouds tinha dito a Milo que ele precisava organizar uma reunião rápida: “todos precisam saber qual papel vão desempenhar”. Ele disse que isso era “essencial para o sucesso do plano”. E Milo estava determinado a fazer desse plano um sucesso. No dia seguinte, àquela hora, os inspetores estariam expulsando a enfermeira Thornhill do Não Me Esqueças para sempre.

— Tem certeza de que este é o melhor lugar para a reunião?

— Milo perguntou a Tripi, enquanto examinava a despensa fria e escura que ficava atrás da cozinha.

Tripi fez que sim com a cabeça.

— Ela nunca vem aqui. A van deixa os produtos na porta da cozinha e eu coloco tudo nas prateleiras.

Milo olhou para as pilhas de latas empoeiradas. Carneiro enlatado e carne bovina enlatada e ervilha enlatada e cenoura enlatada. Não era de admirar que a comida tivesse sempre a mesma cara. Os rótulos eram em preto e branco, indicando EMBALAGEM ECONÔMICA. Não tinham nenhuma cor ou imagem da

comida, como as coisas baratas que Mamãe comprava no supermercado.

Milo notou que Tripi parecia envergonhado, olhando para os próprios pés.

— Faço o melhor que posso para preparar uma boa comida, mas de que adianta? A única coisa fresca nesta cozinha são as batatas — ele disse, olhando para os grandes sacos de juta, que também estavam estampados com os dizeres EMBALAGEM ECONÔMICA.

Milo pegou uma das grandes mãos de Tripi e apertou com força.

— Não se preocupe, Tripi. Em casa, Mamãe só faz comida no micro-ondas, o que não é muito melhor do que comida em lata. De qualquer forma, depois que nos livrarmos da enfermeira Thornhill, vamos conseguir um emprego em um bom restaurante para você e, um dia, quando você se tornar um chef famoso e puder ter sua própria cozinha, você poderá comprar alimentos frescos e as pessoas famosas irão aparecer para comer as coisas deliciosas do seu cardápio.

Tripi ergueu os olhos e olhou para Milo com um olhar triste.

— Você fala como minha irmã, Ayishah.

— Então Ayishah deve estar certa. Agora vamos juntar todo mundo para a reunião.

Eles dividiram as idosas: Tripi foi buscar a senhora Turner, a senhora Wong e a senhora Swift, enquanto Milo foi buscar as outras.

— Olá, Milo! — A enfermeira Heidi acenou no final do corredor.

Milo parou, seu braço entrelaçado ao da senhora Moseley. Ele se virou lentamente.

A enfermeira Heidi se aproximou.

— Sua avó está muito bem hoje, vai gostar de ver você.

— Eu passo lá depois.

— Para onde você está levando a senhora Moseley?

Milo tinha conversado com Clouds sobre a inclusão ou não da enfermeira Heidi, mas decidiram que seria muito arriscado.

Ela estava sendo treinada pela enfermeira Thornhill, por isso podia estar mais do lado dela do que deixava transparecer. Eles não podiam correr o risco de que ela falasse sobre o plano com a enfermeira Thornhill e estragasse tudo.

— Estou levando a senhora Moseley para a sala. Ela vai me ajudar com um projeto da escola sobre o Caribe.

A senhora Moseley mostrou seu toca-fitas.

— Sim, a música da Jamaica.

— Não se esqueça de dar um alô para sua avó.

A enfermeira Heidi sorriu e foi embora.

Milo e a senhora Moseley esperaram até que ela sumisse no corredor e depois foram na direção da cozinha.

Uma por uma, Milo e Tripi sentaram as idosas nas caixas de plástico da despensa.

— Parece que estamos em uma casamata! — a senhora Swift disse, olhando para o piso e as paredes de concreto e a pequena janela empoeirada no alto.

Milo tinha aprendido sobre casamatas na escola, era o lugar para onde as pessoas iam durante a guerra para se proteger das bombas.

Ele pegou a lista que havia feito com Clouds.

— Bem... Senhora Turner, quando os inspetores chegarem e a cumprimentarem, a senhora deve mostrar a ele seus bolsos.

A senhora Turner ficou em pé como se estivesse na sala de aula e abriu um dos seus bolsos.

— Já preparei tudo.

Ao olhar para as ervilhas pegajosas e os pedaços de batata, Milo sentiu um embrulho no estômago.

— Brilhante... Obrigado, senhora Turner. Não se esqueça de usar esse mesmo vestido amanhã.

Ele torcia para que a enfermeira Thornhill não a fizesse trocar de roupa.

— Senhora Wong, a senhora vai falar do cardápio, que nunca tem arroz, apesar de ser sua comida favorita.

A senhora Wong concordou com a cabeça.

Milo imaginou que os inspetores talvez não se importassem muito com o arroz, por isso pensou em outra tarefa para ela.

— E a senhora deve fazer com que a senhora Foxton saia do quarto e fale a respeito do conservatório, para mostrar que a enfermeira Thornhill nunca lhe dá ouvidos.

Milo achava que, se a pessoa é enfermeira, precisa ouvir as idosas, mesmo que não digam coisa com coisa. Os inspetores precisavam saber que a enfermeira Thornhill nunca tinha tempo para elas.

— Selvagens! — A senhora Foxton exclamou. — Quebrando minhas janelas. Roubando coisas — ela disse, cerrando os punhos.

A senhora Swift levantou a mão. Ela fazia Milo lembrar de Nadja, na escola: sempre querendo ter certeza de que entendeu.

— E eu vou contar aos inspetores que a enfermeira Thornhill roubou minha bolsa de maquiagem enquanto eu estava passando sombra na senhora Zimmer. Ela arrancou a bolsa da minha mão. — A senhora Swift passou os dedos no pulso. — E ainda não devolveu.

Além de ouvir as idosas, a enfermeira Thornhill devia zelar para que fossem felizes, e maquiar as outras era o que fazia a senhora Swift feliz. Além disso, ela não podia confiscar objetos pessoais das pacientes, não quando não haviam feito nada errado. Milo tinha dito a Tripi para mostrar aos inspetores a gaveta *NÃO MEXA*. Ele não queria mostrar na frente das pacientes para não deixá-las chateadas.

— E eu vou contar que ela roubou meu iPad — a senhora Sharp disse. — Ela disse que não aguentava mais ouvir a musiquinha do Angry Birds, mas eu colocava o som bem baixo para que ela não se chateasse.

Aquilo também era maldade, porque o iPad era um presente do afilhado da senhora Sharp e a senhora Sharp ficava feliz jogando Angry Birds, como a senhora Swift ficava feliz maquiando as pessoas.

A senhora Zimmer ficou sentada na caixa, lutando contra o sono. Ela não conseguiria falar com os inspetores, mas Tripi explicaria como a enfermeira Thornhill nem sempre acordava a senhora Zimmer para as refeições e que a senhora Zimmer passava muito frio sentada na sala o dia inteiro sem o aquecimento ligado. Milo também suspeitava de que a enfermeira Thornhill lhe dava muitos daqueles comprimidos verdes e brancos para dormir.

Milo conferiu sua lista. Por si só, essas coisas não pareciam tão ruins, mas quando a senhora Moseley aparecesse com a mancha úmida na parte de trás do vestido e as manchas nos braços, eles iriam ver que havia alguma coisa errada.

— Senhora Moseley, a senhora também está preparada?

A senhora Moseley fez que sim com a cabeça. As bochechas brilharam.

— Vai falar dos banhos frios?

A imagem da senhora Moseley em pé no meio do quarto, tremendo, passou diante do buraco da agulha. Ele se endireitou e respirou fundo.

— Precisamos mostrar aos inspetores como é este lugar e como a enfermeira Thornhill trata todas vocês. Mas é muito importante que ninguém fale nada, não antes da chegada deles.

As idosas olharam para Milo e concordaram com a cabeça.

— Onde está Lou? — Tripi perguntou. — E Petros?

Milo olhou para a lâmpada pendurada no teto. Tinha esperança de que ninguém reparasse que eles não estavam ali.

Tripi e as idosas olharam para Milo, esperando por uma resposta.

— Eles estão ocupados — Milo falou. E era verdade. Vovó estava ocupada sentindo o cheiro daquela rosa idiota e Petros estava ocupado puxando o saco de Vovó. Estavam tão absortos um com o outro que certamente não percebiam metade do que estava acontecendo no Não Me Esqueças.

— Amanhã teremos uma festa! — a senhora Moseley disse, quebrando o silêncio. Ela aumentou o volume do toca-fitas e a

voz de Bob Marley tomou conta do lugar. Era tão alegre e dançante que até a sonolenta senhora Zimmer começou a balançar de forma diferente.

“Let’s get together and feel all right.”¹⁰

Milo sentiu o coração mais leve. Estavam todos juntos naquela empreitada: seu plano seria um sucesso.

Então Tripi encostou na porta da despensa.

— O que foi? — Milo perguntou.

Tripi colocou o indicador diante da boca. Milo abaixou o volume do toca-fitas da senhora Moseley.

Passos rápidos e um rangido.

— É a enfermeira Thornhill! — a senhora Wong exclamou. — Ela está vindo!

A senhora Swift soltou um gemido.

A porta se abriu.

A figura diminuta da enfermeira Heidi surgiu na moldura da porta.

Milo não sabia se ficava aliviado ou não. Não era a enfermeira Thornhill, mas se a enfermeira Heidi os denunciasse poderia ser tão ruim quanto.

— Eu estava me perguntando o que é que vocês estariam aprontando. — A enfermeira Heidi entrou, fechou a porta e sentou ao lado da senhora Swift, em uma das caixas de latas de tomate. — Então, vão me contar qual é o plano?

Por um instante, todos ficaram em silêncio. Milo olhou para Tripi para ver sua reação. Sua boca revelava um misto de alegria e preocupação, como se quisesse acreditar que a presença da enfermeira Heidi era uma coisa boa mas não estivesse totalmente seguro disso.

— Vamos pegar a bruxa — a senhora Moseley disse. — Vamos mostrar aos inspetores quem é aquela bruxa branquela e cruel.

Milo e Tripi e todas as outras idosas olharam para a enfermeira Heidi, esperando sua reação.

A enfermeira Heidi alisou a saia do uniforme, olhou para eles e perguntou:

— E qual será a minha tarefa?

[10](#) Em tradução livre, “Vamos nos juntar e ficar bem”. (N. T.)

MILO

Milo tirou o chocolate da embalagem. Uma imagem de Maria e José batendo na porta da hospedaria, a barriga de Maria tão grande quanto a da Vadia antes de ela ir embora para Abu Dhabi com Papai.

Terça, 18 de dezembro: oito dias para o Natal.

Ele pegou a mochila da escola e desceu a escada, assobiando a canção que Vovô tocava na gaita de foles.

— Você parece feliz — Mamãe falou, servindo-se do pó amarelo da lata de seu SlimFast.

Milo concordou com a cabeça e sentou junto ao balcão da cozinha. Ficou observando Mamãe derramar leite desnatado em uma coqueteleira.

— Posso tomar um pouco?

— Isto não é para crianças.

— Parece milkshake.

— Bem, é mais ou menos isso. É um milkshake medicinal.

Em uma de suas brigas, Papai falou para Mamãe que a Vadia usava tamanho 38. “Ela tem um metabolismo incrível”, ele disse, como se fosse um talento. Mamãe correu para fora do quarto, chorando. Para Milo, aquilo não queria dizer nada, mas desde então Mamãe vivia fazendo dieta, tomando remédios que a deixavam trêmula e shakes, mas também continuava comendo biscoitos, por isso a dieta não funcionava. Mamãe não conseguia entrar em nenhuma das suas roupas antigas, e as coxas ficavam sobrando quando sentava no banquinho da cozinha.

— Pode passar um pouco de creme de marshmallow na sua torrada — ela disse, colocando o vidro sobre o balcão.

Antes, quando Papai ainda estava em casa e Vovó vivia no quarto no alto da escada e os olhos de Milo ainda estavam

bons, o creme de marshmallow só era permitido em ocasiões especiais, pois fazia mal aos seus dentes.

— Então hoje você vai usar seus óculos especiais? Para ler melhor a lousa? — Eles tinham falado sobre isso no dia anterior. — E vai dizer para a senhora Harris que está se esforçando?

Milo tomou um gole de suco de laranja.

— Sim.

Mamãe olhou para ele atentamente.

— Você está bem, Milo?

— Estou.

— Você parece... Não sei...

Mamãe chacoalhou a coqueteleira e depois derramou o líquido amarelo e espumoso em um copo.

Uma parte de Milo queria contar para Mamãe sobre o plano e que aquele seria o grande dia, o dia em que eles iam pegar a enfermeira Thornhill. Mas ele tinha medo de que ela se metesse e estragasse tudo. De qualquer forma, ela ainda estava agindo de forma estranha em relação à sua amizade com Tripi.

Mamãe tomou um gole do shake e fez uma careta, como se tivesse chupado um pedaço de limão.

— É melhor eu ir — Milo falou, descendo do banquinho.

— Espere. — Mamãe se aproximou e levantou seu queixo e o olhou diretamente nos olhos. — Não permita que coloquem você na unidade especial. Falei com o diretor e ele me prometeu, mas essa sua professora...

Ela também havia dito aquilo no dia anterior.

Milo concordou com a cabeça.

— Não se preocupe, vou ficar bem, Mamãe.

No momento certo ele contaria que era um repórter disfarçado no Não Me Esqueças, mas primeiro queria deixar tudo no lugar. Ao ficar em pé, viu que os olhos dela estavam brilhando. No final das contas, viver com Mamãe talvez não fosse tão ruim.

Milo passou o dia todo tentando controlar a ansiedade que só aumentava desde que Tripi falou dos inspetores. Eles tinham elaborado um plano perfeito. Todo mundo sabia o que devia fazer. No fim do dia, a enfermeira Thornhill estaria fora do Não Me Esqueças.

Na escola, Milo usou os óculos, como Mamãe havia dito, e avisou à senhora Harris sempre que sentiu alguma dificuldade por causa de uma conta ou de uma palavra ou quando seus olhos estavam tão cansados que ele não conseguia mais escrever. Mas em todos os minutos livres, sua mente acelerava imaginando o que estaria acontecendo no Não Me Esqueças.

A enfermeira Thornhill sendo algemada e arrastada para fora pela porta da frente e todo mundo aplaudindo e dizendo “Muito bem, Tripi”, e Milo nem se importaria, apesar de o plano ter sido ideia sua e de Clouds. Ele imaginou a polícia aparecendo com as sirenes e as luzes do carro ligadas e eles ficariam tão impressionados com o que Tripi havia feito que o ajudariam a encontrar Ayishah.

Talvez demorasse um ou dois dias para avisarem às famílias de todas as idosas, mas logo todas seriam resgatadas, como a senhora Moseley, que iria morar com a senhora Hairy na Mansão Hairy, e aquela casa de repouso horrível seria fechada e Vovó voltaria para casa.

Milo ficaria um pouco chateado porque Clouds não teria mais um quarto, principalmente porque estava ensinando a Milo tudo o que ele precisava saber para ser um repórter disfarçado, mas ele poderia ficar no quarto de Milo até encontrar uma nova casa. De qualquer forma, como ele saía todas as noites, devia ter outro lugar para ir.

Às três e meia da tarde, assim que soou o sinal da escola, Milo saiu correndo para o Não Me Esqueças.

•

A enfermeira Thornhill estava na entrada do Não Me Esqueças, os dentes brancos brilhantes.

Ele se agachou perto da grade, observando e ouvindo.

— Foi um prazer — um homem de terno cinza e cabelo grisalho disse.

— Se todos tivessem tanto orgulho do próprio trabalho, este país estaria melhor — um gordinho careca com uma prancheta acrescentou.

— Suas chances são muito boas — foi a vez de um terceiro homem de terno preto e gel no cabelo.

— Mais do que boas — o homem de cabelo grisalho falou.

— Talvez não devêssemos lhe dizer isto, mas você é a concorrente em que todos estão apostando — o careca disse.

— Ninguém é melhor do que você, Ruth — ele concluiu, piscando para ela.

A enfermeira Thornhill colocou a mão no peito e disse:

— Meu Deus... eu... estou sinceramente lisonjeada.

Ela estava usando seu uniforme branco imaculado e estava de batom e sombra nos olhos e blush, e quando tocou o braço do sujeito de terno preto seu rosto ficou corado.

— Somos muito gratos a você — o sujeito do terno preto disse.

— Não, sou eu que agradeço a vocês. Foi muita bondade sua visitar a nossa pequena família. — A voz da enfermeira Thornhill parecia suave, como o creme de chantilly quando derretia na boca antes mesmo de você conseguir sentir o gosto.

— Seria muito bom se você pudesse mostrar um filme apresentando o Lar. Entrevistas com as pacientes, esse tipo de coisa — o cara do gel sugeriu. — Se você vencer, o filme será exibido na cerimônia.

— Tentarei encontrar alguém para fazer isso.

— Nos vemos na sexta-feira à noite, então — o careca falou.

— Não se esqueça de preparar seu discurso. — Outra piscada.

Milo sentou no chão, a cabeça doendo. Aquilo não podia estar acontecendo: eles deviam estar algemando a enfermeira Thornhill, ela devia estar indo embora. E onde estava o carro da polícia? E os aplausos? Onde estava Tripi?

A enfermeira Thornhill entrou e Milo ficou vendo os três homens irem embora.

•

Ao entrar no Não Me Esqueças, Milo sentiu um perfume de rosas e de purificador de ar. Estava tão quente lá dentro que ele precisou tirar o casaco da escola. Milo foi direto para a cozinha.

Milo largou a mochila no chão e ouviu um barulho. Seus óculos. Ele havia saído com tanta pressa da escola que tinha esquecido de guardar os óculos no estojo.

— O que aconteceu, Tripi?

Tripi enxugou as mãos no avental branco e balançou a cabeça.

— Sinto muito, Milo.

— O que você está querendo dizer?

— O plano não funcionou.

— Como... Quer dizer... Por quê?

— Hoje de manhã, no início do meu turno, a enfermeira Thornhill conversou com as pacientes, todas juntas, na sala. Prometeu muita coisa se ganhasse o prêmio. Disse que usaria o dinheiro do prêmio para deixar os quartos bonitos e comprar comida boa. E disse que elas teriam orgulho de estar na melhor casa de repouso da Grande Londres.

— E elas acreditaram?

— Acho que elas ficaram com medo, Milo. Se o plano não funcionasse, elas sofreriam as consequências.

— Mas o plano ia funcionar, era *infalível*.

Milo sentiu o tom de sua voz subindo, subindo como o chiado de um violino.

— As idosas têm mais medo do que você ou eu, Milo. Têm medo de ficar sem ter para onde ir.

— E as evidências? Você não mostrou para eles?

Tripi balançou a cabeça.

— Desculpe, Milo, mas preciso manter meu emprego. Quando todas as idosas decidiram que iam falar coisas agradáveis sobre a enfermeira Thornhill e o Não Me Esqueças e quando Heidi disse aos inspetores que a enfermeira Thornhill era a melhor pessoa com quem ela já havia trabalhado e

quando todas as enfermeiras dos outros lares Não Me Esqueças apareceram para tornar este lugar lindo e começaram a agir como se estivessem sempre aqui e cuidassem das idosas, fiquei preocupado. Se você está sozinho dizendo algo contra todas as outras pessoas, você vai ter problemas. Foi o que aprendi na Síria.

Milo viu o rosto de Tripi entrar e sair de foco até se tornar uma mancha. Esfregou os olhos. O que Tripi estava dizendo? Que os inspetores não suspeitaram de nada?

— E a senhora Moseley?

Milo tinha repassado a história com ela inúmeras vezes: todas as coisas que ele havia visto naquele dia em que passou pela porta de seu quarto e as outras coisas que não viu acontecerem no banheiro. Tudo menos a parte em que ela estava pelada, pois imaginou que a senhora Moseley sentiria vergonha.

— A enfermeira Thornhill trancou a senhora Moseley.

— Onde?

— No quarto. Ela disse aos inspetores que a senhora Moseley estava dormindo porque precisava descansar.

Milo se virou e saiu pela porta.

— Milo...

— Pensei que pudesse confiar em você. Achei que você entenderia.

TRIPÍ

— Milo! Sua mochila! — Tripi empurrou a porta, segurando a mochila de Milo, mas ele já havia desaparecido.

— Ah, Tahir! — A enfermeira Thornhill caminhou em sua direção, surgindo no outro lado do corredor. — Eu estava mesmo querendo falar com você.

Petros estava alguns passos atrás dela, segurando uma câmera de vídeo.

— Nosso chef trabalhou em alguns dos melhores hotéis do mundo. — A enfermeira Thornhill se virou e exibiu seu sorriso estendido para a câmera. — Tahir faz parte da família Não Me Esqueças.

O tom de voz lembrava o dos locutores das transmissões políticas na Síria. Os dois grupos políticos faziam a mesma coisa: chamavam o povo da Síria de “irmãos e irmãs”, diziam a eles que faziam “parte da família síria”. Desde que obedecessem, é claro.

— Aqui estamos... A cozinha. A comida é importante para nossos clientes — ela disse, passando por Tripi.

Petros foi atrás.

— Higiênica. Funcional. Como vocês podem ver, hoje tivemos um banquete.

A enfermeira Thornhill ergueu o braço e fez um movimento na direção dos balcões de trabalho, que estavam cheios de sobras de bolos e canapés. Logo cedo, ela tinha mandado Tripi ir buscá-los no Xícara Quase Cheia na avenida principal.

— Tahir, por que você não nos fala a respeito da sua especialidade? O que você mais gosta de preparar?

Tripi ficou parado diante da câmera, piscando. Batatas. Era tudo o que ele conseguia pensar: batatas pálidas, cozidas.

— Tahir? — A enfermeira Thornhill chamou entredentes, por baixo do sorriso. — A câmara está esperando. — Então ela se virou para Petros. — Você disse que poderia editar, certo?

Petros confirmou com a cabeça.

— Então, Tahir, fale sobre seu prato favorito.

— *Meze*.

— Não... não. Petros, desligue isso. Tahir, precisamos que você fale de comida inglesa. Pão de ló, torta de carne, merengue de limão. — Ela apontou para a câmara. — É para a cerimônia de premiação. — Ela suspirou e se virou para Petros. — Deixarei que se encarregue disto, senhor Spiteri. Tenho trabalho a fazer. Não se esqueça de me mostrar o vídeo quando tiver acabado.

Petros fez que sim com a cabeça e a enfermeira Thornhill enveredou para fora da cozinha, da mesma forma que havia enveredado cozinha adentro naquela manhã pouco antes da chegada dos inspetores.

“Odiaríamos que eles descobrissem seu pequeno problema com a imigração, não é mesmo, Tahir?” Ela sorria enquanto falava, os dentes brilhando sob a luz branca da cozinha. “Perder o emprego depois de algumas semanas apenas? Ser mandado de volta para casa com todas aquelas bombas caindo por lá?”

Na segunda-feira, quando ela voltou de Londres com os olhos vermelhos, pálida e cansada como se tivesse ido a um enterro, Tripi havia sentido pena dela. Mas foi como se ela tivesse colocado aquela pessoa de lado, junto com as luvas e o casaco pretos.

Ele devia ter sido corajoso. “Segurado o touro pelos chifres” e falado com aqueles inspetores, independentemente das ameaças da enfermeira Thornhill. Milo estava certo, ele o havia decepcionado, havia decepcionado todo mundo. Ayishah ficaria envergonhada.

— Essa não é a mochila de Milo? — Petros perguntou, olhando para as mãos de Tripi.

Tripi voltou para a pia para terminar de lavar a louça. Ele não queria falar com Petros. Não contar a verdade para os inspetores era uma coisa, mas fazer um filme de propaganda para a enfermeira Thornhill?

— Tripi? Você não vai falar para a câmera?

Tripi mergulhou as mãos na água quente e balançou a cabeça. Depois começou a esfregar uma panela.

— Pensei que fôssemos amigos, Tripi. Somos estrangeiros abandonados nesta ilha estranha.

Tripi se virou, o rosto vermelho por causa do esforço.

— Você não vê o que está acontecendo? — Tripi perguntou.

— Você quer ajudar a enfermeira Thornhill?

Petros tirou as mãos da câmera e deixou-a pendurada no peito.

— Não é tão simples.

Pela experiência de Tripi, quando as pessoas diziam isso, geralmente significava que as coisas eram muito simples, só que elas não gostavam dessa simplicidade. Como quando Tripi suplicou aos soldados do Exército Livre da Síria para ajudarem a encontrar Ayishah, mostrando sua fotografia. Como quando ele procurou o governo e repetiu inúmeras vezes que Ayishah era jovem demais para vagar sozinha e que estaria assustada com todas aquelas bombas e que eles precisavam ajudá-lo a encontrá-la.

Mas os soldados não se deram ao trabalho de olhar para a foto, e os funcionários do governo jogaram Tripi para fora do edifício.

Os dois grupos disseram a mesma coisa: tinham coisas mais importantes com que se preocupar, não tinham tempo para procurar uma menina.

— Até Milo vê isso, Petros.

— Milo está chateado porque Louisa não está em casa e pelo fato de sermos amigos.

Tripi procurou um sinal naquele velho homem: será que não entendia que havia mais coisas em jogo do que um menino querendo sua avó?

— Você não tem coragem, Petros.

Petros tirou o boné amarelo e coçou a careca.

— Talvez eu não tenha coragem. Ou talvez não tenha opção.

Ele ficou torcendo o boné entre as mãos.

Não admira que estivesse tão gasto, pensou Tripi, sendo torcido daquele jeito. Era o que as pessoas faziam quando estavam assustadas, como quando Ayishah enfiava os polegares pelas mangas do suéter da escola quando havia tiroteios nas ruas de Damasco, ou quando Milo ficava puxando as alças da mochila da escola enquanto falava sobre a Velha Senhora Moon, ou quando a Adorável Sandy ficou virando a barra da capa que ele havia lhe emprestado ao ficar em dúvida se deveria entrar na casa.

— Petros, você está com medo?

Petros jogou os ombros para trás e estufou o peito.

— Medo? Por que um grego teria medo? — Então deixou cair os ombros. — É como eu disse, Tripi. Não tenho opção.

— Sempre há uma opção, Petros. Sempre.

— É fácil para você falar, meu amigo. Você é jovem, não depende de ninguém. Mas um dia você entenderá esta sensação.

Tripi pensou que gostaria de ser velho o suficiente para sentir o que Petros sentia. Muitas das pessoas de sua terra natal jamais chegariam àquela idade. Algumas crianças jamais terminariam a escola.

Olhando para a mochila de Milo, Tripi reparou na etiqueta: o nome do garoto, “Milo Moon”, e seu endereço, “Rua Crescent, 7”.

— Preciso ir — ele disse, enxugando as mãos em um pano de prato.

•

Ao sair do Não Me Esqueças, Tripi viu a enfermeira Thornhill falando com a enfermeira Heidi e escondeu-se em um canto para ouvir a conversa.

— Eu avisei. — A enfermeira Thornhill estava parada diante de Heidi, as mãos nos quadris.

Heidi estava fungando, os olhos vermelhos e inchados.

— Desculpe.

Ela teria descoberto que a enfermeira Heidi havia se envolvido nas discussões que eles tiveram na segunda-feira?

— Hoje você me decepcionou — a enfermeira Thornhill disse.

— Não tive a intenção. — As lágrimas não paravam de jorrar, cobrindo seu rosto como se estivesse chovendo.

— Se isso me custar o prêmio... — A enfermeira Thornhill prendeu a respiração.

— Vou explicar para os inspetores que a culpa foi minha — a enfermeira Heidi falou, limpando o nariz na manga.

— Esquecer de lavar as mãos depois de cuidar de uma cliente... Uma coisa tão básica, tão básica, Heidi. Você viu o que eles falaram?

— Quem sabe se a senhora explicar que estou em fase de treinamento, que posso cometer erros, pois sou estagiária.

— Você é *minha* estagiária — a enfermeira Thornhill disse, levantando a voz. — E isso significa que você não comete erros.

Tripi mudou de direção e se dirigiu para a porta dos fundos.

— Tahir? — A enfermeira Thornhill chamou. — Tahir? Onde você está indo?

Mas Tripi não se virou.

MILO

— Você precisa pensar grande, Milo.

Clouds abaixou o som da televisão e sentou na cama. As fotos das mulheres peladas estavam alinhadas no tapete com *post-its* cobrindo os peitos e o púbis.

— Como posso pensar grande? Foi tudo por água abaixo. Ela vai ganhar o prêmio e todos vão acreditar que ela é maravilhosa e que o Não Me Esqueças é um lugar incrível e a Vovó terá que ficar lá para sempre. Não que ela queira voltar para casa... Nem sei por que estou me preocupando.

— A Vovó gosta de tomar suas próprias decisões. Tenho certeza de que você já sabe disso, Milo.

Milo olhou para Clouds.

— Mas o lugar dela é aqui.

Clouds sustentou o olhar de Milo.

— Mas você não está fazendo isso só por causa da sua avó, não é, Milo? Está fazendo porque há uma história que precisa ser contada.

— Mas ninguém vai ouvir — Milo respondeu, dando de ombros.

— Não vai se você desistir.

Milo abaixou a cabeça.

— Você ainda quer ser um repórter disfarçado, certo? Alguém que mostra a verdade para o mundo?

— Acho que sim.

— Então precisa insistir. Principalmente porque a melhor oportunidade para revelar sua história acabou de cair no seu colo.

Milo ergueu os olhos de novo.

— O que você quer dizer?

Clouds apontou para a tevê com a cabeça.

Um apresentador estava na frente de um mapa da Síria, apontando para uma linha de pontos que começava em Damasco, a cidade de Tripi, e ia até uma cidade na fronteira da Síria e depois passava para o lado da fronteira da Turquia. Então começou um filme mostrando crianças se agachando por baixo da cerca de arame farpado que separava os dois países. Milo virou a cabeça a tempo de ler a legenda na parte de baixo da tela: milhares de refugiados seguiram por esta rota.

Ele se perguntou se Ayishah estaria ali e então se sentiu mal por ter gritado com Tripi.

— Você disse que a enfermeira Thornhill ia fazer um filme para mostrar o lar quando fosse receber o prêmio?

Milo assentiu com a cabeça. Ao sair do Não Me Esqueças, ele tinha visto Petros andando atrás da enfermeira Thornhill com uma câmera. Para Milo, ele parecia um salsichinha abanando o rabo. Se ao menos Vovó conseguisse enxergar o quanto ele era idiota.

— E você conseguiu algumas evidências com aquele seu amigo... Tripi? As coisas que ele gravou com o celular?

Milo fez que sim com a cabeça.

— Então é isso. É por aí.

— Por aí?

— Você troca os filmes.

SANDY

Uma batida na porta. Sandy fez que não ouviu; se não atendesse, talvez fossem embora e a deixassem em paz.

Ela olhou para a televisão, um casal se beijando nas Cataratas do Niágara. “O lugar mais romântico do mundo”, a apresentadora dizia.

Outra batida.

As paredes da cozinha tremeram. Ossos frágeis, como os de uma pessoa velha. Qualquer dia desses, quando um daqueles Boeing 747 passasse lá em cima, a casa viria abaixo com ela dentro. Ela imaginou a casa caída, bem no meio da rua Crescent. Um buraco na rua, como um dente faltando na boca.

Eles não poderiam querer que você pagasse uma hipoteca de uma casa destruída, poderiam? De qualquer forma, ninguém a encontraria debaixo de todos aqueles escombros.

Sandy apertou o botão para deixar a tevê sem som e foi até a porta.

— Quem é?

— Sou eu.

Ela conhecia aquela voz. E ao olhar pelo olho mágico, reconheceu o cabelo escuro, os olhos castanhos, os cílios grossos.

Como ele tinha descoberto seu endereço?

— Você não devia ter vindo aqui — ela disse, sem abrir a porta. — Vou chamar a polícia.

Ela percebeu que ele chegou mais perto.

— Desculpe incomodar, Jovem Senhora Moon, mas preciso falar com você sobre a Velha Senhora Moon.

Jovem? Aos 27 anos, Sandy se sentia velha. Ela abriu a porta.

Tripi entrou e entregou a Sandy a mochila de Milo. Ele apontou para a etiqueta com o endereço.

— Não estou... como é que vocês dizem aqui?... assediando ninguém.

O modo como ele sorriu, como se estivesse entregando um presente, fez com que Sandy sorrisse mesmo contra sua vontade.

— Trabalho na cozinha — ele disse. — No Lar Não Me Esqueças. Foi assim que Milo e eu nos conhecemos.

Sandy olhou para sua roupa branca de chef. Limpa. Passada. Impecável. Melhor do que o blusão de náilon verde e a saia de poliéster enfiada em sua cintura. Ela tinha saído e se candidatado a um emprego na Cooperativa. Eles estavam tão desesperados que lhe deram um formulário na mesma hora, mandaram que fosse ao banheiro colocar o uniforme e ela começou a trabalhar no caixa imediatamente.

— Milo foi me ver e esqueceu a mochila.

Meia hora antes, Milo tinha disparado escada acima sem dizer uma palavra. Depois daquela manhã, ela pensou que eles tinham entrado em uma nova fase, mas parecia que ela havia feito algo errado de novo. Aos nove anos, ele estava agindo como um adolescente.

Tripi observou a cozinha.

— Sua casa é agradável.

Sandy olhou para as manchas pretas no piso e para as cortinas derretidas e as manchas escuras na geladeira e não conseguiu evitar o riso.

— Costumava ser.

— Milo me contou sobre o incêndio. Ele disse que a Velha Senhora Moon teve um momento de esquecimento.

— A seguradora não vê as coisas dessa maneira. Parece que vamos ter que continuar com uma cozinha queimada.

— Ah... — Tripi franziu a testa. Então a imagem da televisão chamou sua atenção. — Você gosta de turismo?

Sandy olhou para a apresentadora de biquíni em uma praia branca, extensa. *Refúgios para a lua de mel*. Era o nome do

programa.

— Sim, gosto muito de turismo.

Tripi passou a mão em um dos bancos perto do balcão e sentou.

— O que é isto? — Ele pegou um vidro cheio de comprimidos. — Vitaminas? — Leu o rótulo em voz alta. — Queima-Gordura a Jato.

Sandy pegou o vidro e jogou na gaveta de talheres.

— Você quer queimar gordura?

— Não é o que toda mulher deseja?

Tripi balançou a cabeça.

— Na Síria, se a pessoa é magra, é considerada pobre ou doente. — Ele olhou diretamente para ela. — Você está ótima. — Ele desenhou uma figura curvilínea no ar e depois corou. — A comida é para fazer as pessoas felizes. Um dia, vou lhe preparar um banquete.

Sandy sentiu uma tontura. Não havia comido mais nada além do shake do café da manhã, e a cinta estava machucando as dobras da barriga.

— Obrigada pela mochila. Vou devolver para Milo. — Ela foi até a porta da cozinha. — Desculpe, mas tenho muita coisa para fazer.

Um bom banho, era disso que ela estava precisando. Oito horas no caixa, perto dos armários frios... ainda não conseguia sentir os dedos.

— Milo não está feliz — Trip disse.

— Não — Sandy falou, deixando caírem os ombros.

— Eu o decepcionei.

Sandy sorriu.

— Bom, então somos dois.

— O que você fez?

— Tudo. Tudo o que uma mãe pode fazer de errado, eu fiz.

— Não acredito nisso.

— Deveria. É só perguntar a ele.

— Eu devia ajudar Milo a pegar a enfermeira Thornhill.

Sandy se perguntou se Tripi estava com dificuldade para encontrar a palavra certa.

— Pegar?

— Ele quer fechar o Lar Não Me Esqueças.

— Ele o quê? — Sandy quase perdeu o equilíbrio. Os comprimidos estavam fazendo efeito.

Ela ouviu os passos de Milo na escada. Reconheceria aquele som mesmo que estivesse cercada por uma multidão. Os passos deliberados, evitando tropeçar nos objetos fora do seu campo de visão.

— Milo é um menino sensível, ele enxerga as coisas. Ele enxerga as coisas aqui — Tripi falou, apontando para o coração. — Ele não está feliz com a maneira como tratam as pessoas idosas no Lar, e eu também não. Os inspetores vieram e eu não falei nada, mas agora vou ajudar. Milo estava certo e eu estava errado.

Nada daquilo fazia sentido.

— Precisamos ajudá-lo, senhora Moon.

— Ele está certo, Mamãe.

Milo tinha parado no pé da escada.

— Milo, se essa é mais uma das suas ideias malucas para trazer a Vovó de volta para casa...

— Não é. — Milo entrou na cozinha. — Quer dizer, é um pouco. A Vovó deveria estar aqui, posso cuidar dela melhor do que qualquer casa de repouso idiota, mas é mais do que isso. O lugar é horrível. Você não viu como é de verdade, Mamãe. Quando levamos a Vovó, a enfermeira Thornhill fez todo um teatro, como sempre faz para as visitas.

Sandy olhou para Milo e depois para Tripi. Sua pulsação acelerou por causa da cafeína do remédio. “Deve ser tomado como parte de uma dieta de calorias controladas...” 110 calorias por hoje, que tipo de controle era esse?

— Você está bem, Mamãe? Você parece...

Manchas brancas começaram a flutuar diante dos olhos de Sandy. Ela devia ter ido ver Lou, mas era muita coisa.

— Mamãe?

A voz de Milo foi sumindo.

O piso queimado se mexeu debaixo dos seus pés.

A casa não estava caindo; estava subindo, erguendo-se da fundação como uma onda. E Sandy não sabia nadar.

— Senhora Moon...

Essas foram as últimas palavras que ela ouviu, distantes. Depois a queda, mais suave do que seu corpo esperava. E então mais nada.

•

— Senhora Moon?

— Mamãe?

Alguém sacudiu seu braço.

— Sandy?

Sandy olhou para cima e piscou.

Aquele sotaque escocês. Al.

— Beba isto. — Tripi lhe deu um copo. — Chá com mel.

— Eu não entendo...

— Baixo nível de açúcar no sangue, Mamãe... Tome.

Ela sentou e tomou o líquido quente e doce.

— Na Síria, mel é como remédio.

— Você nos deixou preocupados, Sandy... Não foi, cara? — Al deu um tapinha nas costas de Milo.

— Você precisa comer, Mamãe. Comida de verdade, não shakes e comprimidos.

Nem isso ela havia conseguido esconder dele.

— Vou preparar alguma comida de verdade — Tripi disse.

— Parece bom. Algumas das melhores coisas que já comi foram no Oriente Médio — Al falou.

A mancha vermelha subiu pelo pescoço de Sandy.

— Eu... eu estou bem, obrigada. — Ela abaixou a saia preta de poliéster que havia subido pelas coxas e então percebeu que o blusão e a camisa também haviam subido, revelando a cinta preta sobre a barriga. Abaixou os dois, levantou e respirou fundo. — Estou bem agora.

— Fique firme — Al disse, segurando-a pelo braço quando ela vacilou.

Ela soltou o braço e foi até a cozinha.

— Eu estou bem, por que vocês não retomam o que estavam fazendo...

— Se está bem de verdade, posso voltar com Tripi? — Milo perguntou. — Precisamos conversar sobre nosso plano.

Alguns fragmentos voltaram à sua memória. Tripi na entrada da casa, um problema com a casa de repouso. Estava cansada demais para tentar entender. Olhou pela janela e viu que já havia escurecido.

— Não sei, Milo. Você não se dá muito bem com o escuro.

— Vou ficar bem, Mamãe.

— Bem, use os óculos pelo menos.

Durante meses ela tinha deixado que ele saísse sem os óculos. Simplesmente esquecidos. Não era estranho que uma mãe esquecesse as necessidades de seu filho?

“A visão noturna é um problema real para Milo. É surpreendente que ele tenha se virado tão bem”, dissera o dr. Nolan, entregando os óculos de lentes transparentes que Milo deveria usar no lugar dos óculos de sol assim que escurecesse. E então tudo virou de cabeça para baixo com Andy e Ângela e o anúncio de que a maldita Habibti logo se juntaria a eles.

— Eu esqueci na escola. Mas não se preocupe, Mamãe. Eu me viro bem sem eles.

— É melhor eu voltar para o meu covil, tenho trabalho a fazer.

— Al piscou para Milo e subiu a escada.

Sandy viu Tripi olhar para Al com tristeza e perplexidade. Ele não achava que ela... e Al? Claro que não...

— Mamãe? Posso ir?

— Vou com você — ela disse. — O ar fresco vai me fazer bem.

Ela jogou a cabeça para trás e terminou o chá, esperando o mel descer pela garganta.

LOU

— Fico feliz que tenha se comportado tão bem com os inspetores — a enfermeira Thornhill disse, beliscando o braço de Lou ao puxar os lençóis em torno de seu corpo. — Não podemos ter problemas, não antes da cerimônia de premiação. — Ela se endireitou e olhou na direção da porta. — Que barulho foi esse?

Lou segurou a respiração.

— Nada de vagar pelos corredores após a hora de deitar. Quantas vezes terei que dizer isso a essa mulher? — Ela foi até a porta, colocou a cabeça para fora e gritou: — Senhora Zimmer, eu já disse antes, nada de ficar passeando após a hora de deitar. — Ela se virou para Lou. — Se eu pego ela...

A enfermeira Thornhill desligou a luz, deixando Lou no escuro, e saiu bufando pelo corredor.

Lou esperou um pouco. E então ouviu os passos dele, seguidos por sua respiração.

— Louisa? — Petros sussurrou seu nome no quarto escuro. — O caminho está livre, ela foi para o quarto.

Lou sabia quando um homem estava com medo e quando estava solitário. Sem dinheiro, sem família, as mesmas roupas todos os dias.

Ele foi até a janela, tirou a rosa do vaso, jogou pela janela e tirou uma nova rosa de trás das costas, desta vez amarela, como Milo havia dito. Colocou a rosa entre os dentes e foi até a cama. Então cuspiu a rosa e berrou:

— *Na pari i eychi!* Maldição!

Hamlet, que estava dormindo debaixo das cobertas, acordou, apoiou-se nas quatro patas, conseguiu se descobrir e guinchou.

— Um espinho — Petros disse, tocando o lábio inferior.

“Que bobo. Gentil e bobo.” Lou bateu ao seu lado na cama. Há quanto tempo um homem não sentava em sua cama, deitava ao seu lado, enroscava o corpo no seu?

Ela não estava preparada, só isso. Leva tempo deixar o passado para trás, não tanto pelas lembranças, não havia tantas assim, mas pelos sonhos do que poderia ter sido.

— Você está deixando o salaminho dormir na sua cama de novo?

Lou fez que sim com a cabeça. Quando ele parasse de chamar Hamlet de salame, Milo aprenderia a amá-lo. Jovem o bastante para ser um bom avô, bom o bastante para viver em casa em seu pequeno quartinho debaixo do teto. Petros não deveria estar ali.

Petros tirou os sapatos (era o único paciente que não usava chinelos) e se apertou perto de Lou.

— Bem, imagino que eu deveria estar feliz por não encontrar a senhora Zimmer.

Nos últimos dias, a senhora Zimmer tinha inventado de dormir na cama de Lou. Ela gostava de entrar e ver Lou e, assim que chegava, ficava cansada e deitava para tirar um cochilo.

Petros fez um carinho atrás da orelha branca de Hamlet.

— Você o mima demais, Louisa.

“Também mimo você”, ela pensou. Um homem que ela mal conhecia e que a lembrava de que ainda estava viva.

Petros colocou Hamlet no fundo da cama e juntou alguns travesseiros perto de Lou, o que deu tempo a Hamlet de voltar para o alto da cama. Hamlet pressionou o focinho contra a mão de Petros e acomodou o corpo gordo entre eles.

Lou se inclinou e tocou a gota de sangue no lábio de Petros. “Tão querido e tão bobo.” Esquece que as rosas têm espinhos.

Ela desligou a luz do abajur e deitou olhando para o teto. Era muito bom ser magra, caso contrário os três jamais caberiam naquela cama tão estreita: uma velha, um porquinho gordo e um pintor grego com uma barriga generosa.

— Tenho que encontrar uma forma de conquistar Milo — Petros falou, pousando a mão na cabeça de Hamlet.

Lou acariciou a mão de Petros. Como poderia imaginar que, aos 92 anos, teria que escolher entre o neto e o amante?

Todos aqueles impulsos percorrendo seu corpo como a luz do farol de Inveraray varrendo o mar; a forma como beijara o rosto dele outro dia e agora... esse desejo por mais. Ela se inclinou e segurou o rosto dele entre as mãos, os dedos firmes e fortes, e pressionou os lábios dele contra os seus.

Suas bocas pareciam desajeitadas no início. Então ela se afastou por um segundo e olhou para o rosto dele, para o sangue em seu lábio, para os olhos fechados, depois se inclinou de novo e se perdeu nele. Quando ele pressionou a boca contra a dela, a mão acariciando seu peito, partes de seu corpo remexeram o que ela imaginava ter desaparecido há muito tempo.

— Adoro o cheiro da sua pele — ele disse. — Como fruta...

Pêssego. O perfume que Milo lhe dera no último Natal.

— Humm... quente e doce.

Petros encostou seu queixo no dela.

Lou sabia que precisava agir rápido, antes que perdesse a coragem. Ela se inclinou sobre a mesinha de cabeceira, pegou papel e lápis, escreveu no escuro e entregou o bloquinho para Petros.

— O que é isto? Um bilhete secreto da minha Louisa?

Petros segurou o bloquinho de notas perto do rosto e piscou no quarto mal iluminado.

E então fez-se um silêncio tão longo que Lou achou que seu coração havia parado.

Petros tirou Hamlet da cama, segurou-o contra o peito, beijou-o na cabeça e então olhou para Lou com os olhos mais ternos e gentis que ela já tinha visto.

— Você quer se casar comigo, Louisa?

Ela assentiu com a cabeça.

— Então você enlouqueceu. Não tenho nada para lhe dar.

Ela escreveu no bloquinho de novo: *Você me dá tudo.*

Os olhos de Petros brilharam no quarto escuro.

— Tem certeza, Louisa? — Sua voz estava trêmula.

Ela assentiu novamente.

Ele fechou os olhos, como se estivesse fazendo uma oração, então abriu-os de novo e olhou para ela.

— Sim, Louisa. Eu me caso com você. Mas acho que deveríamos pedir a permissão de Milo primeiro, você não acha?

Hamlet grunhiu suavemente, virando os cantos da boca para cima.

O dia havia sido longo, com os inspetores entrando e saindo do quarto e Petros correndo atrás da enfermeira Thornhill com aquela câmera. Tinha ouvido direito? Ele havia dito que sim? Ou sua mente estaria divagando novamente?

Os dedos de Lou começaram a tremer.

“Mãos estúpidas. Corpo estúpido.” Como poderia casar com ele? Uma velha como ela?

— Você está bem, Louisa?

Lou estendeu a mão e tocou o rosto de Petros.

Ela fez que sim com a cabeça. Por um segundo, seus dedos ficaram quietos e então o rosto de Milo surgiu à sua frente, com aqueles olhos, grandes e atentos e tristes.

MILO

— Então nós vamos fazer esse vídeo e trocar pelo que Petros está fazendo, e então, quando ela subir para pegar o prêmio, eles vão exibir o vídeo e todo mundo vai ver como realmente é o Não Me Esqueças e que é tudo culpa da enfermeira Thornhill. E Clouds e eu estávamos pensando que seria muito legal se todos os idosos estivessem lá; talvez você pudesse levá-los, Mamãe, em um micro-ônibus, e então apareceríamos na cerimônia, de surpresa, e quando tudo estiver lascado...

— Milo!

— Foi o que Clouds disse.

Ele adiantou o passo à frente de Mamãe e de Tripi pela calçada escura. Milo não se importava com o borrão granulado diante de seus olhos porque o que conseguia enxergar era muito melhor: um palco ocupado pelas idosas do Não Me Esqueças, rindo e aplaudindo enquanto a enfermeira Thornhill era levada pela polícia. Tudo se encaixava.

— Você não precisa repetir tudo o que ele diz.

— Clouds é legal. — Tripi encolheu os ombros e enfiou ainda mais as mãos nos bolsos. — De qualquer forma, quando a enfermeira Thornhill for pelos ares, vamos todos botar a boca no trombone e os jornais locais poderão tirar fotos das idosas e vou filmar com meu celular e mandar para Clouds, que vai colocar na internet junto com nosso filme, que já terá sido exibido.

Finalmente, Mamãe estava prestando atenção; com seu apoio, eles realmente poderiam fazer isso.

— Eu ainda não entendo por que não podemos simplesmente falar com o Conselho Municipal de Slipton ou com quem quer que fiscalize as casas de repouso na região. Fazer tudo pelos

canais competentes. Se o que você está dizendo é verdade, bastam algumas queixas...

— Não, isso não adianta, Mamãe. Você devia ter visto a enfermeira Thornhill com os inspetores, eles estavam comendo na mão dela. Eles acham que ela é uma espécie de heroína. E Clouds disse que as autoridades locais não iam querer nenhuma publicidade negativa, por isso abafariam o caso. Dessa forma, vamos conseguir o máximo de exposição. E Clouds disse que vai gerar uma ampla discussão, que é o objetivo de um repórter disfarçado: você descobre que está acontecendo uma coisa errada, prova e aí eles têm que olhar para todas as outras coisas. Devem existir muitas casas de repouso horríveis em todo o Reino Unido, Mamãe. Clouds disse...

— Vá com calma, Milo.

Tripi coçou a cabeça e perguntou:

— Podemos confiar nele, nesse Clouds?

— É claro que sim! — Milo disse.

— Houve uma época em que Milo não gostava de Al, não é mesmo, Milo?

— Isso foi antes, Mamãe.

Eles chegaram na avenida principal, repleta de luzes de Natal.

— Você gosta dele, Jovem Senhora Moon?

— Por favor, me chame de Sandy. Eu já te pedi isso quando estive na sua casa.

Esse era um bom sinal, Milo pensou. Se Mamãe gostasse de Tripi, seria mais fácil para eles trabalharem juntos.

— Sandy... Como em *Refúgios para a lua de mel*. Como a areia na Síria.

Mamãe sorriu. Milo não entendeu o que Tripi estava querendo dizer.

— Sandy... — Tripi repetiu, como se estivesse decorando. — O que eu quero saber é: você gosta desse Al, ou Clouds, como Milo o chama?

— A intuição de Milo sempre funcionou com as pessoas.

Apesar de ter ficado lisonjeado com o que Mamãe havia dito, ele não achava que o fato de Mamãe gostar de Clouds fosse o mais importante. Por que os adultos tinham que misturar as coisas? Eles agora formavam uma equipe, Milo e Mamãe e Tripi e Clouds e as idosas. Até a enfermeira Heidi estava com eles. E assim que percebessem o que estava acontecendo, até Vovó e Petros se juntariam a eles.

Juntos, eles fechariam o Não Me Esqueças para sempre.

Chegaram ao final da avenida principal e pararam diante da casa de Tripi.

— Você deixou as luzes acesas? — Milo perguntou.

— Parece que Big Mike voltou — Sandy falou, apontando para o grande Ford Mondeo parado na entrada da garagem.

Tripi respirou fundo.

— Ele deve estar satisfeito por ver que você cuidou bem da casa — Sandy observou.

Milo olhou para Tripi. Então era essa a história que ele havia contado para Mamãe.

Tripi pigarreou.

— Ähnn... sim. Espero que sim. Espero que ele fique satisfeito.

Milo reparou que, apesar do frio, pequenas gotas de suor haviam surgido na testa de Tripi.

— Será que trouxe Lalana? Ele passou tantos anos tentando conseguir um visto para ela. Eu só a conheço de fotografia, mas ela...

— É melhor eu entrar... Tenho que conversar com o senhor Mike. Com licença.

Milo queria dizer a Tripi que estava tudo bem. Que se contasse para Mamãe que não tinha mais onde morar, ela o deixaria ficar com eles.

— Mamãe, o problema é que...

Tripi balançou a cabeça e seus olhos pediram com tanta força que ele se lembrou de Hamlet quando estava com fome.

— Bem, mande lembranças a Mike. Diga que se a esposa dele precisar de algum tratamento de beleza...

— Preciso ir. — A voz de Tripi parecia cansada.

Milo ouviu sirenes da polícia ao longe.

— Amanhã conversamos — Milo pronunciou as palavras lentamente para que Tripi soubesse que eles conversariam sobre a volta de Mike e a procura de uma nova casa além do plano para o Não Me Esqueças.

Um carro de polícia surgiu na esquina. Milo reconheceu o policial Stubbs no banco da frente.

— O que será que a polícia está fazendo por aqui? — Sandy perguntou.

Os olhos de Milo passaram por Mamãe e por Tripi e pela casa rosa e pelo carro de polícia. Ele precisava tirar Mamãe dali antes que ela descobrisse que Tripi tinha invadido a casa de Big Mike.

— Tripi, você está bem? — ela perguntou. — Você ficou tão pálido.

Tripi estava olhando para o carro de polícia.

— Acho que esqueci uma coisa na cozinha do Lar — ele disse. — Com licença.

Milo gostaria de poder dizer a ele que ficaria tudo bem, que ele não havia feito nada de errado, ou nada que eles não pudessem explicar, mas tinha prometido que guardaria segredo.

— Nós nos vemos amanhã! — Milo gritou para Tripi.

Pelo buraco da agulha, Milo viu seu amigo desaparecer na noite escura de dezembro.

LOU

— Que diabos!

A enfermeira Thornhill atravessou o quarto e abriu as janelas. Os olhos de Lou foram atingidos pela luz da manhã.

Hamlet estava mastigando a folha de papel do seu bloquinho. “Case comigo.” Lou o cobriu com o cobertor.

— Eu sabia que não podia confiar em vocês dois.

Lou virou a cabeça. Petros roncava no travesseiro ao seu lado, completamente vestido, o lençol esticado sobre sua barriga.

— Senhor Spiteri, acorde!

Ela precisava gritar?

— Senhor Spiteri!

Petros mexeu o braço. Ele se virou e continuou a roncar.

Lou prendeu o cobertor em volta de Hamlet e rezou para que ele não se mexesse ou guinchasse e para que Petros não acordasse de repente e o assustasse.

— Isto aqui não é um acampamento de férias.

Lou tentou levantar as pernas para a lado da cama, mas elas não se mexeram.

— Senhora Moon, estou esperando uma explicação.

Lou desistiu das pernas e olhou para a enfermeira Thornhill. Por dentro, estava rindo: uma mulher de 92 anos flagrada na cama com um velho e um porquinho.

A enfermeira Thornhill cerrou os dentes.

— Ah, é claro, eu esqueci... sua alteza não fala.

Ela deu a volta na cama e arrancou o cobertor de cima do corpo de Petros.

Petros continuou dormindo e puxou o cobertor de volta.

A enfermeira Thornhill puxou com mais força.

Hamlet cuspiu o pedido de casamento de Lou, levantou e começou a correr pela cama, guinchando.

— Mas que diabos é isso?

A enfermeira Thornhill se inclinou na direção da cama e olhou para Hamlet.

Petros esfregou os olhos.

— Heidi! — A enfermeira Thornhill gritou pela porta aberta.

Minutos depois, a enfermeira Heidi entrou correndo.

— O que houve? Alguma coisa errada com a senhora Moon?

Lou sorriu para a moça.

— Sim, há algo errado com a senhora Moon. E com o senhor Spiteri. E com esse animal que eles deixaram entrar no quarto.

— Um animal? — O olhar da enfermeira Heidi recaiu sobre a cama. — Ah, o porquinho.

— “Ah, o porquinho”? Você sabia disso? — a enfermeira Thornhill perguntou. — Algo mais que você gostaria que os inspetores vissem?

— Não, eu só... — A enfermeira Heidi olhou para Hamlet e para Lou e para Petros.

Ao ver Petros se sentar na cama, Lou precisou se conter para não estender o braço e passar a mão no cabelo grisalho, espetado ao redor de sua cabeça.

Petros fez um carinho na cabeça de Hamlet.

— Eu contei para a enfermeira Heidi que o neto da senhora Moon tinha um porquinho. Mostramos uma foto dele. Por isso ela o reconheceu.

Hamlet grunhiu.

— Tire-o daqui. Agora. — A enfermeira Thornhill colocou a mão na testa. — Se os inspetores vissem isto... Deus sabe...

— Está tudo bem? — A senhora Moseley, de camisola, parou diante da porta. Ela apertou o PLAY do toca-fitas e o colocou perto do ouvido. — Parece que ele está mais perto — ela disse. — Querido Roland. — As bochechas morenas reluziram.

— Desligue essa coisa e volte para seu quarto, senhora Moseley — a enfermeira Thornhill ordenou.

Lou ouviu a senhora Moseley se afastando... na direção oposta à de seu quarto.

— Pensei que podia confiar em você, senhor Spiteri... Temos um acordo. Venha até o meu escritório, por favor.

A enfermeira Heidi tirou Hamlet da cama.

— Ele é mais pesado do que parece, não é?

Ela o levou até a porta. Lou estendeu o braço na direção de Hamlet.

— Não se preocupe, senhora Moon. Não vou deixar que nada aconteça a ele — a enfermeira Heidi disse, sorrindo.

— Deixe de ser sentimental, Heidi. Os porcos são animais sujos, livre-se dele.

Petros ficou em pé. Caminhou até a porta, os joelhos estalando mais do que nunca por ter dormido demais em uma cama estreita.

— Por favor, enfermeira Thornhill, o porquinho pertence a Milo. É um porquinho especial. É muito inteligente e limpo, mais limpo do que nós. Não pode levá-lo embora, Milo jamais me perdoará ou a Louisa.

— Isso é ridículo. Enfermeira Heidi, vá!

Nesse momento, Hamlet se contorceu e soltou-se dos braços de Heidi, caiu no chão e guinchou. Os quatro ficaram olhando enquanto ele disparava pelo corredor, as orelhas para trás, o rabinho apontando para o teto.

— Atrás dele, Heidi.

— Oh, um porco! — a senhora Swift gritou no corredor.

“É capaz de ela querer maquiá-lo”, Lou pensou.

A enfermeira Heidi saiu do quarto correndo.

O rosto da enfermeira Thornhill ficou cinza como uma lápide.

Petros passou por ela e saiu pelo corredor atrás de Heidi e de Hamlet.

— Senhor Spiteri, volte aqui!

Petros se virou e voltou para o quarto de Lou.

— Lembra-se do nosso acordo, senhor Spiteri?

Ele deixou caírem os ombros largos.

Lou não gostou nada daquela conversa sobre acordos. Sua cabeça doía. Sentia-se tão cansada. Dormir... dormir de novo... O que ela estava fazendo ali? E onde estava Milo? Por que ainda não tinha chegado?

— O senhor não esqueceu, não é, senhor Spiteri? — A enfermeira Thornhill perguntou a Petros. — Que tem uma dívida especial com o Não Me Esqueças? Comigo?

Petros balançou a cabeça.

E então Lou se lembrou. Dos lábios de Petros à noite, do seu pedido de casamento.

Ela sentou na cama e pigarreou.

Petros e a enfermeira Thornhill se viraram para ela.

Lou tossiu de novo e perguntou:

— Que dívida?

Silêncio no quarto.

Ela tinha falado? As palavras haviam realmente saído de sua boca?

— A senhora disse alguma coisa, senhora Moon?

— Louisa...?

Petros se aproximou dela.

Lou se endireitou na cama, colocou os dedos na garganta e tentou de novo.

— Que dívida? — Sua voz parecia a de uma estranha.

A enfermeira Thornhill alisou o uniforme.

— Então... Reencontrou sua voz, senhora Moon? Bem, receio que isto não seja da sua conta.

As palavras saltaram da sua garganta, machucando para sair.

Lou tinha pensado que talvez sua voz jamais voltasse, como um motor muito frio, mas ali estava ela, esperando em sua boca, pronta para transmitir suas palavras.

Sessenta e três anos de silêncio encerrados em um momento.

Ela apertou a garganta e falou de novo.

— Te-tenho todos os motivos para me-me envolver. Eu e Pe-Petros vamos nos casar.

— Vovó?

Milo parou na porta, os olhos arregalados e vermelhos, como naquela noite, um ano atrás, quando encontrou o pai no salão, a noite em que seus olhos falharam e ele caiu da bicicleta na frente de um caminhão.

Se o motorista não tivesse olhado, intrigado com o barulho, e pisado no freio...

Se não tivesse desviado para a calçada no momento exato...

MILO

Milo havia encontrado as idosas de camisola no corredor. A senhora Moseley sussurrara em seu ouvido: “Eles foram lá e fizeram... aqueles danadinhos...”. Então elas o seguiram até o quarto de Vovó.

A senhora Moseley foi na frente, segurando a senhora Zimmer, que tinha acabado de acordar, seguidas pela senhora Sharp, senhora Swift, senhora Foxton, senhora Turner e senhora Wong.

Ao ouvirem Vovó falar, elas começaram a bater palmas.

A senhora Moseley aumentou o volume do toca-fitas, e a voz rastafári de Bob Marley encheu o quarto.

— Vou fazer sua maquiagem para o casamento — a senhora Swift disse.

— Meu Roland pode vir e tocar com a banda — a senhora Moseley sugeriu.

Milo deixou-as para trás e foi até o guarda-roupa. Ele olhou para os sapatos vazios de Vovó.

— Onde está Hamlet?

Ele não se importava com mais nada. De que adiantava tentar levar Vovó de volta para casa quando tudo o que ela queria era se casar com aquele grego idiota e ficar naquela casa de repouso miserável? Ele estava zangado até com Clouds por tê-lo feito acreditar que poderia ser um repórter disfarçado e tornar as coisas melhores. Era inútil. A partir de agora, deixaria que os adultos dessem um jeito na sua própria bagunça.

la levar Hamlet para casa, fechar a porta do quarto e não deixar ninguém entrar. E se recusaria a ir para a escola ou fazer qualquer coisa que qualquer adulto o mandasse fazer.

Ajoelhado, Milo olhou debaixo da cama. Mexeu a cabeça e esquadrinhou com os olhos cada centímetro de cada vez para não deixar escapar nada. A escuridão atrapalhava, mas ele sabia que, se Hamlet estivesse ali embaixo, ele ouviria seu porquinho fungando.

— Milo... — Os dedos de Vovó tocaram suas costas. Ela havia saído da cama. — Hamlet não cabe mais aí embaixo.

Sua voz parecia rouca e áspera, como se ela tivesse fumado um dos cigarros da senhora Harris.

Ele não queria que Vovó falasse, queria que as coisas voltassem a ser como eram antes: Vovó com seu bloquinho e sua caneta e seus desenhos engraçados. Queria ser quem cuidava dela.

Milo se afastou da mão de Vovó e ficou em pé.

— Onde ele está?

Mamãe entrou no quarto. Ela ia levar Milo para a escola naquela manhã, a primeira vez depois de séculos. Tinham saído de casa cedo para poderem passar no Não Me Esqueças. Ela queria ver se tudo o que Tripi e Milo haviam dito era verdade.

E por isso Mamãe também tinha escutado tudo. Vovó falando pela primeira vez... e dizendo que ia se casar com Petros.

Todo mundo tinha escutado.

— Se está falando daquele porco imundo... — a enfermeira Thornhill disse, parando na porta.

— Ele está com a enfermeira Heidi — Petros se adiantou. — Ela está dando um banho nele. — Petros esfregou as axilas e riu.

A enfermeira Thornhill olhou para Petros e balançou a cabeça.

— Ele não precisa de banho — Milo falou.

— Bem, Heidi achou que ele gostaria de um banho, de um tratamento especial.

Por que Petros estava se metendo? E o que ele sabia a respeito de Hamlet? Poucos dias antes, Petros havia sugerido que Hamlet só servia para fazer salame.

A enfermeira Heidi entrou correndo, o rosto corado.

— Desculpem — ela disse, forçando a passagem entre a senhora Moseley, a senhora Zimmer, a senhora Sharp, a senhora Swift, a senhora Foxton, a senhora Turner, a senhora Wong. — Não consigo encontrá-lo.

Milo viu Petros colocar o dedo nos lábios, mas a enfermeira Heidi não percebeu.

— Corri atrás dele pelos corredores e pela sala e depois até a recepção, e então ele desapareceu.

— Sim, eu vi quando ele desapareceu — a senhora Swift disse. — Rápido como uma flecha, aquele porquinho.

— Como assim... desapareceu? — a enfermeira Thornhill perguntou.

— Por que estava correndo atrás de Hamlet? — foi a vez de Milo.

— Bom, a enfermeira Thornhill me disse para levá-lo embora...

O quarto ficou em silêncio.

— Então você não estava dando banho nele?

Vovó sentou na poltrona e esfregou a testa. Petros se aproximou e tocou seu ombro.

— Banho?

A enfermeira Heidi olhou para a enfermeira Thornhill e depois para Milo.

Milo passou pela enfermeira Thornhill e por Mamãe e por todas as senhoras e foi direto para o corredor e depois para a porta da frente.

•

Apesar de ser manhã de terça-feira, a avenida principal estava fervilhando com as pessoas fazendo suas compras de Natal. Todos sorriam para ele: as mães comprando presentes de última hora; os vendedores nas barracas do mercado gritando suas ofertas de biscoitos e cartões; crianças com a boca suja de chocolate usando gorros de Papai Noel.

E então a situação piorou.

Milo passou diante da vitrine do açougue. Cartazes anunciavam: “Liquidação para encerramento das atividades. Temos que vender tudo”. E então um cartaz escrito à mão: “Um presunto para o Natal!”. Milo olhou para os pedaços de carne rosada na vitrine do açougue. Bacon, linguiças e presunto.

Ele odiava o Natal.

Milo concentrou o olhar na rua. Para onde Hamlet teria ido? Teria conseguido descer os degraus da entrada do Não Me Esqueças? Alguém na rua poderia ter levado ele para casa? Mamãe dizia que os microporcos eram caros e que Papai não devia ter gastado tanto dinheiro com um bichinho de estimação. Alguém poderia ter roubado Hamlet para tentar vender.

Milo parou diante da loja da Sociedade de Proteção aos Animais. Na vitrine, a foto de um filhote de labrador, tão magro que os ossos saltavam de seu peito, marcas de feridas nas costas, os olhos pretos brilhantes.

— Desculpe, mas não sei de nada — a senhora da Sociedade disse. Milo nunca soube o nome da mulher que ficava no balcão da loja. — Vou ficar de olho. Por que você não faz alguns cartazes e espalha por Slipton? Posso colocar um em nossa vitrine para você.

A senhora da Sociedade de Proteção era a única que entendia como Hamlet era importante. E ela estava certa: se Hamlet não aparecesse logo, Milo faria alguns cartazes. Pensaria em uma recompensa. Ainda tinha a bicicleta que Papai lhe dera no último Natal enferrujando na garagem. E como não voltaria a andar de bicicleta mesmo, seria melhor vender de uma vez. Poderia fazer cópias do cartaz na loja do senhor Gupta, como fizera com a foto de Ayishah. *Ayishah*. Pela primeira vez, Milo compreendeu o tamanho da tristeza de Tripi. No último verão, ele havia procurado por Ayishah durante várias semanas, e ela estava em algum lugar perigoso, muito mais perigoso do que Slipton era para Hamlet.

Ele apertou os olhos. “Hamlet? Onde você está?”

Quando Milo conversava com Hamlet mentalmente, podia jurar que Hamlet entendia o que ele dizia, porque parava de

fungar e o formato de seus olhos mudava. Vovó também falava com ele. Mas nunca haviam tentado aquilo quando Hamlet não estava no mesmo quarto.

“Onde quer que você esteja, Hamlet, fique longe do açougueiro. E se alguém tentar pegar você, fuja.”

Milo não sabia para onde ir. Sem Hamlet ou Vovó, a casa já não era mais sua.

Passou pela casa rosa e viu Big Mike na janela da cozinha sorrindo para a rua. Ele devia ter encontrado uma forma de voltar para casa trazendo Lalana junto.

E então Milo pensou em Tripi e em como ele também havia perdido sua casa.

Era isso o que faria, encontrar Tripi, a única pessoa em quem ainda podia confiar.

Milo saiu da avenida principal e caminhou ao longo do canal. Agachou-se embaixo do banco para ver se as coisas de Tripi estavam lá, mas então se lembrou de que provavelmente estariam na casa de Big Mike. Talvez até tivessem sido levadas pela polícia. Isso significava que Tripi devia ter passado a noite sem um saco de dormir e sem suas coisas. E a mochila vermelha de Ayishah? Tripi ficaria maluco sem ela.

Como não encontrou nada perto do canal, Milo foi até o parque, onde tinha visto Tripi pela primeira vez, fazendo suas orações na grama. Mas ele também não estava lá.

Então Milo teve uma ideia.

Foi até um dos velhos telefones públicos da avenida principal. O telefone cheirava a cerveja e maconha e fumaça de cigarro. Depois de colocar uma moeda, discou o número do seu celular. Tripi havia atendido quando Papai ligou, talvez atendesse de novo.

Milo contou cada toque. Se Tripi não atendesse depois de mais dois toques, o serviço de mensagens responderia.

— Alô?

Tripi parecia estar a quilômetros de distância.

— Tripi, sou eu, Milo. Onde você está?

Ao fundo, Milo ouviu barulho de trânsito pesado. Buzinas. O barulho de um caminhão.

— Procurei você em toda parte — Milo disse.

— Desculpe, peguei seu celular.

— O quê? Não ligo para o celular.

— Eu não sabia onde deixar.

— Onde você está? Preciso falar com você.

Silêncio.

— Estou indo para Londres.

— Como assim, está indo para Londres?

— De carona.

Carona era uma das formas mais perigosas para ir a qualquer lugar, foi o que a senhora Harris dissera. Era como convidar um estranho para levar você no carro dele e te sequestrar.

— O que é que você vai fazer em Londres?

— Quando o Big Mike da Noiva Tailandesa voltou e eu não tinha mais onde ficar, acendeu uma luz branca.

— Luz branca?

Milo ouviu o barulho de outro caminhão. Torceu para que Tripi não estivesse muito perto da estrada.

— Eu queria que Ayishah viesse para cá e me encontrasse, mas isso não vai acontecer, não é, Milo? Ela só tem doze anos. Como chegaria na Inglaterra sozinha? Preciso voltar para a Síria e encontrá-la. Se for para Londres, posso ganhar dinheiro mais rápido para a passagem de avião.

Olhando para o céu, Milo viu um avião, o nariz enfiado nas nuvens enquanto subia.

Ele estava perdendo todas as partes de sua vida. Não conseguia manter nada de bom. Nem Papai, nem Vovó, nem Hamlet, e agora Tripi também estava indo embora.

— Mas... E se você não a encontrar? E se morrer de fome ou ficar doente? E se você explodir com uma bomba? — Milo pensou nas imagens que havia visto na tevê de Clouds na noite anterior. Uma mãe carregando um menino da sua idade, ferido no peito por uma bala.

— Isso não tem importância, Milo. Tudo o que sei é que eu não devia estar aqui, devia estar com Ayishah.

— Por favor, Tripi, por favor, volte para conversarmos. — O cérebro de Milo começou a zumbir. Ele precisava pensar em um bom motivo para fazer Tripi mudar de ideia. — Clouds disse que poderia ajudar. Ele viu Ayishah no noticiário.

Milo engoliu em seco a mentira.

— Ayishah? — Tripi fez uma pausa. — Ele viu Ayishah?

Milo inspirou profundamente.

— Ele passa o dia assistindo ao noticiário. Eu mostrei a ele uma cópia da foto de Ayishah. — Milo fechou os olhos e abriu de novo. Os números do teclado ficaram embaçados. — Se você voltar, nós o ajudaremos a encontrar Ayishah.

Milo já havia guardado segredos antes, como levar Hamlet para o quarto de Vovó enquanto Mamãe achava que ele ainda estava na garagem, como o fato de não ter passado nos exames de Inglês e Matemática. Mas essa era a primeira vez que contava uma grande mentira em voz alta.

— Está certo — Tripi falou. — Está certo. Mas se nós não a encontrarmos, vou embora. Vou voltar para a Síria.

— Nós vamos encontrar. Prometo.

SANDY

— M-Milo? Onde está Milo? — Lou perguntou.

Sandy acordou de repente na poltrona junto da janela e olhou ao redor do quarto. Lou estava falando e esticando o pescoço, o lado esquerdo de seu rosto mais baixo que o direito, o braço caído debaixo dela enquanto tentava se levantar. Ela havia tido alguns derrames no passado, e as marcas deixadas em seu corpo e em seu rosto ficavam evidentes quando estava cansada ou ansiosa.

Milo tinha razão. Lou tinha piorado muito desde que viera para cá, mais uma coisa a acrescentar em sua lista de fracassos.

Sandy se levantou.

— Lou, você precisa descansar.

— Onde está M-Milo...?

— Ele está bem, Lou.

— Quem é você?

— Sou eu, Sandy.

— Quem é Sandy?

Boa pergunta. Sandy inspirou profundamente.

— Sou a mãe do Milo.

— Ângela?

Sandy sentiu o golpe, como se tivesse levado uma facada, ao ser confundida com a Vadia de Andy. Antes de partir para Abu Dhabi, Andy arrumou um encontro entre Ângela e Lou no Xícara Quase Cheia; Sandy tinha esperança de que tivesse ficado no departamento de coisas perdidas do cérebro de Lou.

— Não, sou eu... Sandy.

— Onde está Milo?

— Al o encontrou vagando pela avenida principal e o levou para casa.

Lou sorriu debilmente e fechou os olhos.

— Eu... — Ela parou para respirar. — Eu achava que você ia gostar de Alasdair. — Sua voz era curta e pastosa e ela tropeçava nas palavras, mas estava voltando, aquele velho músculo ganhando força a cada palavra. — O pequeno e adorável Alasdair... Nadando comigo no mar, sem medo do frio. Ele me lembra Milo.

Depois que se mudou para o sul, Andy perdeu o contato com seus parentes na Escócia. Seus pais apareceram duas vezes, uma para o casamento e outra quando Milo nasceu, mas depois a viagem ficou muito cansativa para eles, e Andy nunca encontrava tempo para ir até lá. De qualquer forma, ele tinha sido criado por Lou, seus pais estavam sempre ocupados, trabalhando, vivendo a vida deles em Glasgow. Eles nunca quiseram ter filhos, sua mãe tinha deixado escapar uma vez. “Eu não devo nada a eles”, Andy dizia sempre que Sandy sugeria uma visita.

Lou virou a cabeça para o relógio na parede.

— Qu-quanto tempo eu dormi?

Sandy olhou pela janela e viu o céu escurecendo, as luzes de Natal piscando na avenida principal.

— Você dormiu praticamente o dia inteiro.

A expressão de seu rosto ficou anuviada novamente.

— O-onde estou?

Por um instante, Lou estava ali, seu cérebro no presente, e então, de repente, desconectava-se.

— Você nos assustou, Lou. Quando Milo saiu, seu coração disparou. Tive que convencer a enfermeira Thornhill a chamar o médico. Ele vai voltar mais tarde.

Tripi e Milo estavam certos em relação à enfermeira Thornhill. Ela quase chegou a sugerir que Lou tinha forçado a respiração de propósito, como uma criança querendo chamar a atenção para si. Como é que uma pessoa daquelas se tornava enfermeira?

— Onde está Ham-Hamlet? — Lou perguntou. Seus olhos se encheram de lágrimas. — Onde está o pequeno Hamlet? — Ela

franziu os lábios e começou a fazer barulhinhos, como se estivesse chamando um gato. — Hamlet?

— Só Deus sabe onde está Hamlet, Lou. Ninguém o viu desde esta manhã, parece que ele não foi suficientemente rápido para sair daqui. Eu não o culpo.

— Não é tão ruim. Apareceu um vazamento no teto e preciso consertar os degraus da frente... estão apodrecendo e... o mar pode ser perverso. Petros poderia me ajudar, você não acha? Um homem tão prático. Não, não é tão ruim.

— Você está aqui, Lou, no Não Me Esqueças. E é muito ruim, Lou. Milo me contou. Se eu soubesse... — Sandy coçou o pescoço. A mancha costumava aparecer e depois ir embora, mas agora parecia ter vindo para ficar. — Depender de uma criança para perceber que alguma coisa está errada.

— Milo... sempre... enxerga as coisas.

Sandy se aproximou e sentou ao lado de Lou na cama.

— Desculpe. — Ela olhou ao redor. — Desculpe por tudo isto.

Lou levantou a mão e a colocou sobre os dedos de Sandy. Seu rosto se fixou no presente.

— Eu não deveria ter trazido você para cá.

— O fogo... — Lou começou. — Você tinha que... A cozinha. — Seu rosto corou. Até que ponto se lembrava daquele dia?

Ora usando palavras, ora papel e caneta, elas conversaram. Discutiram que estava na hora de Lou sair de casa, que Milo não podia mais arcar com o peso de cuidar dela. Mas Sandy não esperava que Lou procurasse resolver as coisas sozinha, colocar fogo na cozinha para lhe dar um motivo para ir embora. Elas poderiam planejar alguma coisa, algo mais seguro.

Lou tocou a ponta do blusão verde de Sandy.

— Você está usando um uniforme?

— Eu devia estar na Cooperativa, meu segundo dia como caixa. Acho que vão me demitir por não ter aparecido.

— A Cooperativa?

— É só por um tempo, até conseguir colocar tudo nos eixos.

— Ela riu. — Fico ouvindo o barulhinho daquele estúpido leitor de preços. Parece o barulho do despertador.

— Eu tenho algum dinheiro... — Lou enfiou a mão no bolso, como se estivesse procurando por trocados. — Di-dinheiro suficiente...

Sandy segurou a mão de Lou.

— Detesto ter que aprender a me levantar com meus dois pés, não é isso o que você sempre me disse, Lou? Passei dez anos pegando o dinheiro de Andy, não vou passar os próximos dez pegando dinheiro da avó dele. Encontrarei outro emprego.

Sandy não tinha muitos princípios, pelo menos não era fiel a eles, mas pegar dinheiro de Lou? Jamais faria isso. Depois de décadas sendo castigada pelo Atlântico, Lou não havia conseguido dar sua casa, muito menos vendê-la. No final, ela foi demolida para dar lugar a algumas barracas de praia, e o valor mal cobriu os gastos de Andy com a reforma do sótão. No começo, Sandy ficara ressentida, questionando por que Lou não podia ficar aos cuidados dos próprios filhos, mas depois ela percebeu o quanto aquela senhora amava Milo; quando eles se conheceram, foi mais uma reunião do que um primeiro encontro. E família não se definia com linhas exatas, ela entendia isso agora.

De qualquer forma, qualquer que fosse a quantia que ainda restasse a Lou, não devia ser mais do que alguns trocados, uma mesada para Milo. Não, Sandy não tocaria nesse dinheiro.

— Andrew? — Lou perguntou. — Ele tem di-dinheiro... — Ela balançou a cabeça. — Ele estava sempre economizando quando era menino, guardando moedas no vidro de geleia, trocados para os doces...

Sandy olhou para a lâmpada pendurada no teto. Com as taxas que cobravam, era de se imaginar que o Não Me Esqueças tivesse condições de colocar pelo menos um lustre simples. Ela devia ter contado a Andy que Lou não estava mais morando em casa, talvez ele desse uma conferida no lugar.

— Ele tem que pensar no bebê e, de qualquer forma, agora é comigo. Vou me concentrar nas coisas que importam, como garantir que Milo esteja feliz e você, bem-cuidada. Quando estiver melhor, vamos tirar você daqui, Lou, levar você para um

lugar agradável. — Ela olhou para a mão de Lou, que continuava sobre a sua. — Ah, e parece que terei de organizar um casamento?

Os olhos de Lou se iluminaram e depois voltaram a ficar tristes.

— Milo? — Ela começou a falar.

— Milo vai superar. Essa não é uma das lições da vida? Que precisamos compartilhar as pessoas que amamos?

— Não foi culpa su-sua, Sandy. — Lou acariciou sua mão. — Andrew... ele vai embora... está se-sempre indo embora...

Sandy pressionou o dedo contra o canto do olho, depois o outro, depois ergueu a cabeça para reverter o fluxo das lágrimas.

— Você acha que conseguirá convencer Petros a abrir mão daquele boné?

Lou deu risada.

— Vou t-tentar. — Ela passou a mão na cabeça, o cabelo emaranhado pelo sono, por não ter sido lavado.

Em casa, Milo dava banho em Vovó, lavava e secava seu cabelo. Sandy deixava que fizesse muita coisa.

— Ele gosta muito de você — Sandy falou. — Tripi teve que levá-lo à força para o quarto.

— Tripi? — O rosto de Lou se animou.

— Sim, Tripi. Ele chegou atrasado, mas está aqui.

— M-mas ele foi em-embora. Ele se d-despediu.

Sandy sentiu a mancha do pescoço esquentar. Tripi tinha pensado em ir embora?

A enfermeira Thornhill ameaçara demiti-lo, mas Tripi aguentou e ficou ouvindo, sem sinal de raiva ou irritação no rosto. Sandy sentiu vontade de interferir e defendê-lo, de dizer para a enfermeira Thornhill que ela não tinha o direito de falar com ele daquele jeito. Que Tripi era seu... seu o quê? Seu amigo? O homem que havia sido gentil com seu filho? O primeiro homem, desde que Andy foi embora, que a fez sentir que, talvez, debaixo de todas aquelas camadas de gordura, ela ainda era uma mulher?

A enfermeira Thornhill deve ter perdido alguém ou talvez tenha sido abandonada, como Sandy, e ficado amarga daquele jeito. Sandy se recusava a deixar que isso lhe acontecesse: ela ia esquecer Andy. Ia se apaixonar de novo.

Sandy afastou esse pensamento.

— Tripi está reunindo evidências, seguindo instruções de Milo. Imagino que você tenha ouvido falar desse filme que eles estão fazendo?

Lou assentiu com a cabeça e seu olhar se perdeu no horizonte.

— Alasdair... Sempre clicando com sua câmera. Click, click, click. Uma vez deixou cair no mar, chorou por vários dias.

— Milo vai lhe contar tudo amanhã. Não acredito que estou deixando um garoto de nove anos assumir uma casa de repouso. — Sandy riu. — Mas quem sabe, talvez só alguém de nove anos tenha coragem... — Sandy se levantou. — Acho melhor ir para casa. Para ver se ele está bem.

— Petros?

— O que foi, Lou?

— Uma dívida? Uma dívida? O que ela quis dizer? Diga a ele para não se preocupar, diga a ele que vou cuidar disso, que quando nós... quando nós...

— Quando vocês estiverem casados, Lou?

Lou concordou com a cabeça e Sandy percebeu que o rosto dela ficou rosado novamente.

— Leve-o para casa... com você e M-Milo. Leve P-Petros para casa.

— Se é o que você quer, Lou.

Sandy pegou a bolsa e o casaco e se dirigiu para a porta.

— Sandy? — As mãos de Lou estavam tremendo, o lado esquerdo do rosto pegando o ritmo, até que todo o corpo começou a balançar. — É muito tempo para esperar por ele. — Ela olhou em direção à janela. — Não sei... não sei se vou conseguir. Quer dizer, até o Natal.

TRIPi

No intervalo, Tripi foi até o quarto da Velha Senhora Moon para ver se ela estava bem. “Ela ficou chateada quando Milo foi embora”, a enfermeira Heidi dissera. “Pensamos que ela estivesse tendo um ataque, ela teve alguns no passado, mas o médico disse que ela só está muito cansada. Vai ficar bem.” A enfermeira Heidi sorriu. “Ela está gostando de ter a voz de volta.”

No início, Tripi não entendeu muito bem. Em sua terra, *atacar* significava agredir, e a Velha Senhora Moon, assim como a Adorável Sandy, com seu grande sorriso e pele macia, parecia uma pessoa gentil. Mas a enfermeira Heidi dissera que ela havia tido um ataque, e não que tinha atacado.

Pensando no significado da palavra, Tripi se lembrou de que todas as suas coisas, incluindo a mochila de Ayishah e seu dicionário de bolso, ainda estavam na casa de Big Mike. Ele não tinha nada além da foto de Ayishah enfiada no bolso traseiro da calça.

Quem sabe, quando fosse para a casa de Milo mais tarde, eles conseguissem descobrir uma forma de pegar tudo de volta. Milo tinha telefonado para o celular de novo e dissera que Tripi podia ficar em sua casa, que sua mãe havia concordado. Tripi se sentiu melhor com isso, com o fato de a Adorável Sandy querer que ele ficasse em sua casa mesmo com aquele Al morando no andar de cima.

Ao passar pelo quarto número 7, Tripi ouviu um barulho e a voz de Petros ruminando coisas em grego que pareciam iguais às palavras sírias que as pessoas usavam quando estavam irritadas.

— Petros? — Ele abriu a porta e deu uma olhada no quarto.

A cama estava desfeita, havia sacolas empilhadas em um canto, as pinturas que Petros havia feito da Grécia tinham sido tiradas das paredes e estavam apoiadas na lata de lixo.

Petros estava em cima de uma cadeira, tirando uma mala do guarda-roupa. Ela caiu no chão com um estrondo.

— O que está acontecendo, Petros?

O velho tinha a respiração pesada, o cabelo grudado em torno da careca, o boné amarelo no chão.

— Estou indo embora.

— Por quê?

— A enfermeira Thornhill precisa do meu quarto.

— Mas é seu quarto, Petros. Você mora aqui.

Petros balançou a cabeça.

— Eu não entendo.

Tripi se aproximou e ajudou Petros a descer da cadeira.

— Minha filha parou de pagar.

— Parou de pagar o quê?

— A mensalidade para eu ficar aqui. Ela disse que era muito cara e voltou para a Grécia.

— Mas você não veio para a Inglaterra por causa da sua filha?

Petros baixou o olhar para o boné.

— Ela achava que seria bom para as crianças. Acontece que eles não estavam tão interessados na companhia de um velho.

— E a enfermeira Thornhill deixou que você ficasse? Sem pagar?

Petros concordou com a cabeça.

— Apesar de os meus netos acharem que sou muito velho, perto das idosas daqui sou jovem. E sou homem, o que é bom para o perfil do Não Me Esqueças.

Tripi se lembrou de Petros andando atrás da enfermeira Thornhill com a câmera. E de como ele nunca parecia se importar com suas grosserias ou com quando ela tomava decisões que não favoreciam as idosas. Mas a enfermeira Thornhill devia ter outras razões para deixar que Petros ficasse.

— Que mais, Petros?

Petros sentou na cadeira, colocou o boné e baixou a cabeça.

— Eu conto coisas.

— Que coisas?

— Informações sobre as pacientes. — Ele encolheu os ombros. — E outras pessoas.

— Como eu?

Petros assentiu com a cabeça.

— E a enfermeira Heidi?

— Todo mundo. — Então levantou a ponta do boné e sorriu.

— Bem... Todo mundo, não. Não sobre eu e Louisa, isso era segredo.

Tripi fechou a porta.

— A enfermeira Thornhill obriga você a nos espionar? — Tripi sussurrou.

Tudo começava a fazer sentido. Como a enfermeira Thornhill sempre aparecia no momento certo. Como sabia de tudo o que estava acontecendo. Tripi pensou no que a enfermeira Heidi havia dito outro dia. Petros era o circuito fechado de tevê da enfermeira Thornhill.

— É como eu disse ontem na cozinha, não tenho opção. Se não fizesse o que ela mandava, ficaria sem ter onde morar.

“Como eu”, Tripi pensou. Ele conseguia entender que um homem faria tudo para ter um teto sobre a cabeça.

— Mas... e sua filha?

— Faz meses que nem telefona. — Ele ergueu os olhos. — Não cuidei da mãe dela como deveria, quando ela ficou doente. Eu não consegui, Tripi. Não consegui ficar lá sentado e vê-la morrer.

— Mas sua filha precisa entender... se você precisar da ajuda dela.

— Sou um homem orgulhoso, Tripi. Não vou implorar.

Tripi olhou ao redor do quarto.

— Mas para onde você vai?

— Isso tem alguma importância?

— É claro que tem. Para início de conversa, a Velha Senhora Moon ama você.

Petros olhou para Tripi com um sorriso no canto da boca.

— Você acha? Bem... Um pouco, talvez.

— Acho que muito. — Tripi havia ouvido uma mensagem confusa de Milo sobre uma proposta de casamento. Ele gostava da ideia de duas pessoas idosas ficando juntas; isso lhe dava esperanças de que um dia também encontraria alguém.

— Ela não vai mais querer saber de mim, não quando descobrir tudo o que fiz.

— A Velha Senhora Moon é muito compreensiva, Petros. Ela viveu muito mais do que você. Ela sabe que não é fácil. — Tudo o que ela ouvira sem dizer uma palavra. — Ela não irá julgar o que você fez.

Petros balançou a cabeça com força.

— Por favor, você não pode contar a ela. Ela confiou em mim.

Uma batida na porta.

— Petros? Você está aí?

Petros e Tripi se olharam.

— Petros? É Sandy, a mãe de Milo.

Tripi deu um pulo ao ver a Adorável Sandy entrar no quarto.

— Tripi?

Quando ela disse seu nome, foi como se um passarinho tivesse saído de sua boca.

Ele olhou para Sandy e depois para Petros, suas malas e caixas, para as paredes nuas do quarto, e soube o que tinha de fazer. Um homem de idade não poderia dormir em um banco de parque ou ao lado do canal.

— Petros deve ficar com você — ele disse para Sandy.

— Mas...

— Eu não me importo, tenho outro lugar para ir. Petros deve ir para rua Crescent.

— Não estou entendendo.

— Petros foi expulso pela enfermeira Thornhill e não tem onde morar.

— Por quê? O que você fez, Petros?

Os olhos de Petros ficaram embaçados.

— Por causa da proposta de casamento — Tripi falou.

— Isso é ridículo.

— Ela disse que é a política. — Tripi tinha ouvido a palavra tantas vezes na boca da enfermeira Thornhill que tinha certeza de que Sandy acreditaria. Ele tentou imitar a voz rouca da enfermeira Thornhill. — Nossa política é: “Nada de casais no Não Me Esqueças. Apenas pessoas solteiras”. Por isso, Sandy, ele precisa ir com você.

— Ela realmente não gosta que as pessoas sejam felizes, não é mesmo?

Tripi olhou para a Adorável Sandy e pensou que, em uma vida diferente, teria gostado de fazê-la feliz.

Petros tirou o boné e começou a girá-lo entre as mãos.

— Eu estou bem, obrigado. Não preciso de um lugar para ficar.

— Não dê ouvidos a ele. Estou disposto a sacrificar meu lugar.

— Seu lugar?

— Ele deve ficar no meu lugar em sua casa.

— E quanto a Lou? A avó de Milo? Não posso deixá-la aqui sozinha — Sandy falou. — Ela precisa de você, Petros.

— Eu cuido dela até fazermos o filme e pegarmos a enfermeira Thornhill, aí tudo ficará bem. Então... — Ele não terminou a frase. “Então encontrarei Ayishah.”

Na noite anterior, Tripi havia ficado em seu velho banco junto ao canal.

Passou horas sem conseguir dormir, o frio impiedoso no corpo que se acostumara ao calor de uma casa. Mas ele disse a si mesmo que essa seria sua vida. Não em uma boa casa, casando com uma boa moça inglesa e tendo um emprego como chef. Enquanto não encontrasse Ayishah, não merecia nada disso. Quando finalmente pegou no sono, sonhou com aquele dia quente de julho quando partiram, com as bombas caindo sobre Damasco.

— Do Quatro Estações para o Palácio de Buckingham: somos turistas elegantes — Ayishah disse.

Ela arrumou os papéis: as identidades novas, a carta do tio fictício na Inglaterra e a carta de recomendação do chef.

Tripi sentiu um aperto no coração. Para Ayishah, aquela era uma grande aventura. Ao contrário dele, não estava preocupada com o fato de estarem partindo com pressa, duas semanas antes do planejado; também não ficou assustada com os três dias de bombardeios constantes nem ansiosa quando o motorista que haviam pagado para cruzar a fronteira anunciou que aquela era sua última chance para fugir, que ele não voltaria para Damasco.

— O que tiver de ser será — ela disse, sorrindo, ao lembrar do ditado.

Disparos no meio da noite, a cidade iluminada como se houvesse uma exibição de fogos de artifício. Ele olhou para os olhos brilhantes dela.

— Isso significa que vamos chegar na Inglaterra mais depressa — Ayishah disse. — Isso é bom.

O Toyota os levaria até a fronteira com a Turquia. A partir dali, cruzariam a Europa: Grécia, Itália, França. Se tudo corresse bem, chegariam à Inglaterra no final de setembro.

Eles sentaram na traseira aberta da picape de mãos dadas: Ayishah porque estava ansiosa, Tripi porque não queria se separar de sua irmãzinha, não diante de todas aquelas armas e pessoas estranhas. A pequena palma da mão cabia perfeitamente na dele. Ele se lembrou de como, quando era bebê, ela adorava entrelaçar seus dedos nos dele, como chorou quando foi afastada dele, seu irmão mais velho.

— Estamos espremidos como sardinhas — ela sussurrou. — Sardinhas fedidas. — Ela riu e apertou o nariz.

Um daqueles estranhos fedidos ficou em pé na traseira da picape e gritou para o motorista:

— Por que estamos indo para Aleppo? O plano era ir direto para a fronteira.

— Vamos pegar outras pessoas — o motorista disse.

Qualquer coisa por algumas libras sírias, Tripi pensou. Para alguns, o negócio era mais lucrativo em tempos de guerra do que em tempos de paz.

Outro homem afastou o celular do ouvido e gritou:

— As coisas não estão boas em Aleppo. Tenho um amigo lá, ele disse para não entrarmos na cidade.

— Estou apenas seguindo ordens — o motorista respondeu.

— Nunca estive em Aleppo — Ayishah falou, os olhos arregalados para tudo o que era novo. — E isso é bom, não é? Ajudar mais pessoas?

Tripi concordou e beijou-a na testa. Ayishah tinha destreza em afastar os pensamentos egoístas de Tripi. Pegar mais pessoas lhe parecia um desvio desnecessário, um perigo adicional, mas, como sempre, sua irmãzinha havia tocado sua consciência. Talvez houvesse mais gente como eles, irmãos e irmãs, pais e filhos, que precisavam deixar a cidade, começar uma nova vida.

O Toyota seguiu pelas ruas da segunda maior cidade da Síria e então parou. Uma lufada de ar, o carro inclinando para um lado sob a carga pesada, um pneu furado.

— Desçam todos — o motorista disse. — Desçam todos.

Tiros ricocheteavam nos prédios. Os dois homens que haviam gritado com o motorista estavam certos: eles não deviam estar ali.

Pela primeira vez, os olhos de Ayishah ficaram sombrios.

— Está tudo bem, Ayishah — Tripi falou. — Não vamos demorar aqui.

Três horas de espera e o motorista não voltava com outro pneu. Tripi e Ayishah jogaram o jogo em que escreviam longas palavras em inglês nos braços um do outro e o outro tinha que adivinhar o significado. Usaram todas as palavras que conheciam, e Ayishah, cansada por conta de toda a ansiedade, começou a ficar com sono. Ele a puxou para perto e sentiu o peso de seu corpo contra o dele.

A escuridão encobriu a cidade. Soldados tomaram conta das ruas. Alguns atiraram nas laterais do Toyota por pura diversão.

Os murmúrios entre os passageiros se intensificaram. Ayishah olhou para cima e esfregou os olhos. Eles ficaram ouvindo o que as pessoas diziam.

— É melhor irmos andando?

— Sim, precisamos sair de Aleppo antes que joguem uma bomba contra nós.

— Não, devemos esperar pelo motorista, pagamos tanto dinheiro.

— Estamos muito longe da fronteira?

— As estradas são seguras?

Alguns foram embora. Outros sentaram na rua e ficaram esperando pelo motorista.

Tripi desejou poder voltar no tempo para aquela época em que trabalhava o dia inteiro na cozinha, quando Ayishah voltava da escola, cheia de histórias e palavras em inglês.

— O que você quer fazer, Ayishah?

Ele viu sua irmã abrir a boca, sempre mais firme do que ele, e então, do nada, uma nuvem de poeira e barulho os separou.

•

Tripi ficou em pé na calçada, a cabeça latejando, estilhaços de vidro espetados em suas mãos. Sua cabeça doía tanto e a fumaça era tão espessa e ácida que ele não conseguia abrir os olhos. Mal conseguia lembrar onde estava. Um carro incendiado. O Toyota também pegou fogo.

— Ayishah? — Ele chamou. — Ayishah.

Seguiu cambaleando pela rua. Alguns dos passageiros do Toyota ficaram feridos e foram atirados no chão, como Tripi. Outros já tinham ido embora. Quanto tempo havia se passado desde a explosão?

Ao lado da rua, um lençol cobria um corpo pequeno: uma flor de sangue havia se espalhado no algodão branco.

— Ayishah?

Ele caiu no chão e então viu que tinha uma mãe sentada ao lado do corpo, chorando.

— Halim... Meu Halim — ela não se cansava de repetir.

— Ayishah! — ele gritou, com a voz rouca.

•

Ao acordar ao lado do canal, Tripi sabia que precisava voltar e encontrá-la, que nunca deveria ter saído da Síria. Por isso pegou a estrada, com a esperança de conseguir uma carona para Londres. Encontraria um trabalho, pagaria a passagem de volta para casa. Ou, se isso não desse certo, ele se entregaria para a polícia.

Mas então Milo telefonou e o convenceu a voltar. Ele disse que Al tinha visto Ayishah no noticiário e que, depois da entrega do prêmio, eles a encontrariam juntos.

— Tripi? Tripi? — Sandy tocou o braço de Tripi. — Você me ouviu? Eu disse que Petros pode vir comigo. Se você o ajudar com as coisas dele, trago o carro até a porta da frente.

— Você tem um coração bonito — ele disse, inclinando-se ligeiramente. Ele queria que ela soubesse que era muita gentileza de sua parte acolher Petros.

Ela sorriu, mas franziu a testa, por isso ele não tinha certeza se havia dito a coisa certa.

MILO

Milo tinha a impressão de que estava sentado no jardim há horas, esperando que Big Mike e Lalana saíssem do caminho. Clouds estava vigiando na calçada, diante da casa. Milo tivera que convencer Clouds a ir com ele. Era um “trabalhinho secreto”, ele havia dito, o que deixou Clouds feliz, apesar de ter dito que teriam de ser rápidos. Mamãe tinha lhe pedido que cuidasse de Milo até ela voltar do Não Me Esqueças, e ele achava que invadir a casa de uma pessoa não se encaixava no tipo de cuidado que ela tinha em mente.

Depois de deixar um bilhete na caixa de correio da senhora Hairy (um pedido de desculpas por ter se atirado na frente do Mercedes e um convite para a cerimônia de entrega do prêmio — quando ela visse o filme que eles fizeram, teria de acreditar no que ele dizia), Milo e Clouds espalharam cartazes de Hamlet ao longo da avenida principal. Clouds havia imprimido as fotos como aqueles cartazes de PROCURA-SE para atrair a atenção das pessoas. Depois fora até a casa de Big Mike.

Milo viu Big Mike beijar Lalana com seus lábios gordos.

Ele viu Big Mike tirar o vestido de Lalana e apertar seus seios pequenos com suas mãos brancas e gordas.

Depois disso, Milo viu Mike levantar Lalana do chão; ela era pequena comparada a Big Mike, quase tão pequena quanto Milo.

E então ele viu Big Mike girar Lalana várias vezes, como na Dança dos Famosos, só que não tão bem.

Por fim, com o rosto dormiente por causa do frio e a visão nublada de tanto olhar, Milo viu Big Mike carregar Lalana para o quarto no andar de cima. Ele sabia o que aconteceria em seguida: Big Mike ficaria por cima de Lalana e eles esfregariam seus corpos um contra o outro e ficariam gemendo, como

Hamlet quando precisava fazer cocô. Milo ficou um pouco preocupado com a possibilidade de Lalana ser esmagada por Big Mike, mas não se permitiu pensar muito nesse assunto. Precisava pensar em como entrar e sair da casa sem que Big Mike percebesse.

Agora que Tripi viria morar com eles, Milo queria que ele tivesse todas as suas coisas, como a foto da Rainha, de que Ayishah tanto gostava, e o dicionário de bolso e o colchonete de ioga de Mamãe para suas orações.

Milo planejava colocar tudo em seu quarto e fazer uma surpresa quando Tripi chegasse em casa depois do trabalho. Era uma forma de agradecer a Tripi por voltar de Londres para ajudá-lo a pegar a enfermeira Thornhill.

Ele passou a mão pelo vidro quebrado, abriu a maçaneta e entrou na sala.

A casa de Big Mike estava uma bagunça, bem diferente de quando Tripi morava ali. Calções de banho e chapéus de palha e toalhas e embalagens de protetor solar espalhados pela sala. No balcão da cozinha, migalhas e manchas de leite. No corredor, as malas abertas de Big Mike, com mais roupas espalhadas. E então, empilhadas embaixo da escada, as coisas de Tripi. Milo soltou um suspiro de alívio ao ver que não haviam sido levadas pela polícia.

Quem sabe, ao perceber como sua casa tinha sido bem-cuidada, Big Mike tivesse decidido não prestar queixa. De qualquer forma, ele estava ocupado demais apertando os peitos de Lalana para se preocupar com qualquer outra coisa. Milo pensou que devia ser bom ter alguma coisa que fazia a pessoa tão feliz que ela se esquecia de todas as coisas que não estavam bem em sua vida.

Milo colocou a mochila de Ayishah nos ombros e a mochila de Tripi na frente, enfiou o colchonete embaixo de um braço e o saco de dormir embaixo do outro e caminhou em direção à porta da frente.

— Quem é você?

Milo deu um pulo e virou a cabeça. Demorou um segundo até localizar a origem da voz.

— O que está fazendo na minha casa?

Big Mike estava no pé da escada, usando uma cueca sambacação. A camisa estava aberta, expondo a barriga cabeluda; seu rosto estava vermelho e suado.

Milo forçou a porta da frente.

— Ei! Eu não te conheço? Você é o garoto...

“Por favor, por favor, não me reconheça”, Milo pensou. Ele tinha conseguido cooptar Mamãe para O Plano; não podia se meter em mais nenhuma encrenca.

Milo abriu a porta da frente e sentiu uma mão pesada puxando a mochila de Ayishah.

Se quisesse escapar, Milo sabia que só tinha uma alternativa.

Soltou os ombros embaixo das alças da mochila, deixou cair o colchonete e o saco de dormir e saiu correndo.

•

Clouds e Milo caminharam a passos largos até chegarem em casa.

— Você fez a coisa certa — Clouds disse. — Não podia permitir que ele o pegasse.

Milo balançou a cabeça.

— Eu não consegui cumprir a missão. Não peguei as coisas de Tripi e agora aposto que não conseguiremos pegar nunca mais.

— Você fez o melhor que pôde, Milo. Tripi ficará grato por isso.

Milo não tinha tanta certeza.

Ao virarem na rua Crescent, Milo ouviu o senhor Overend assobiando e o viu inclinado para fora da janela olhando para sua casa como no dia em que Clouds se mudou.

Milo teve uma ideia. Ele parou na calçada debaixo da janela do senhor Overend.

— O que você está fazendo? — Clouds perguntou.

— Lembra o que você disse? Que o senhor Overend daria um bom repórter disfarçado? Bem, vamos ver se ele é bom mesmo.

Milo levantou a cabeça e olhou pelo buraco da agulha.

— Senhor Overend?

O senhor Overend parou de assobiar.

— O senhor viu meu porquinho, Hamlet?

O senhor Overend ficou em silêncio, olhando na direção da janela do quarto de Milo.

— Bem, considerando que o senhor observa tanto a rua, poderia ficar de olho, por favor? Ele pode tentar encontrar o caminho de casa.

O senhor Overend piscou para Milo e voltou a assobiar.

“Que maluco.”

Milo e Clouds entraram pela porta da frente e pararam na entrada para recuperar o fôlego. E então Milo sentiu um cheiro estranho, um cheiro que certamente não devia estar nessa casa.

Ele olhou ao redor. Caixas e malas e pinturas espalhadas pelo corredor. Milo reconheceu o cheiro por causa das pinturas: o cheiro que estava em volta de Vovó desde que ela se mudara para o Não Me Esqueças. Limão artificial.

— Milo? É você?

Mamãe estava em casa. Milo se preparou para o sermão.

Ela saiu da cozinha, beijou-o na testa e não disse nada sobre o fato de Milo não estar em casa quando deveria estar.

— Desculpe, Sandy. Fomos dar uma volta para ver se conseguíamos encontrar Hamlet.

— Obrigada, Al — ela respondeu.

Quando Clouds voltou para seu quarto, Milo viu Petros sentado na cozinha, tomando chá em sua caneca favorita, aquela com porquinhos voadores, combinando com o pires.

Petros ergueu a caneca para Milo como se estivesse brindando.

— O que ele está fazendo aqui?

Mamãe olhou para Milo com uma expressão de “não-seja-mal-educado”.

— Petros vai ficar conosco por algum tempo.

— Onde está Tripi?

— Tripi?

— Deixei uma mensagem no celular.

— Ah, acho que não tive tempo...

Milo colocou a mochila no chão. Pegou o celular de Mamãe, discou o código do serviço de mensagem, esperou até a voz eletrônica parar de falar e estendeu o braço. Sua voz gravada foi ouvida na cozinha.

— Desculpe por não ter recebido a mensagem, Milo.

Milo olhou para a mancha no pescoço de Mamãe. Havia gotas de sangue na pele rosada.

— Querido, não temos espaço para Tripi, não com Petros aqui.

— Qual é o problema com o quarto de Petros no Não Me Esqueças?

Pelo que Milo tinha visto, o quarto de Petros era maior e melhor do que qualquer outro quarto das idosas.

— É complicado, Milo. Ele não tem para onde ir.

Tripi não tinha para onde ir. E *Tripi* era um amigo. E *Tripi* não tinha tentado levar Vovó embora.

— Você tem um quarto muito bom, Milo — Petros disse.

Ele colocou os lábios enrugados em um dos porquinhos voadores da borda da caneca de Milo e sugou o chá. Vovó detestava quem não tinha boas maneiras à mesa.

— Ele vai ficar no meu quarto?

Mamãe mordeu a unha do dedinho e não respondeu.

Milo disparou escada acima e abriu a porta do quarto.

Examinou o quarto e reparou em algo em cima da sua cama: aquela pintura idiota do Não Me Esqueças com o barquinho à vela perdido entre as grandes ondas.

Clouds ouviu o barulho, desceu a escada e parou na porta de Milo.

— Vamos lá, Milo. Não se preocupe com isso. Vamos trabalhar naquele filme.

Milo balançou a cabeça. Tirou a pintura da cama e ficou olhando para o barquinho, depois colocou a pintura embaixo do braço, pegou seu edredom e seu travesseiro, passou por Clouds, desceu a escada, atravessou a cozinha, colocou a pintura aos pés de Petros e saiu para o jardim pela porta dos fundos.

Enquanto Petros estivesse em sua casa, Milo ficaria no salão. Não estava mesmo sendo usado para nada.

MILO

Sempre que Milo entrava ali, sentia um silêncio tão grande que era como se alguém tivesse colocado algodão em seus ouvidos. Papai havia feito um isolamento para bloquear o barulho dos motores dos aviões. “Não podemos permitir que nada perturbe as clientes de sua mãe”, ele dissera, segurando Mamãe pela cintura e dando-lhe um beijo. Milo costumava desviar o olhar quando Mamãe e Papai ficavam fazendo aquelas coisas, mas agora sentia falta.

Milo jogou o edredom e o travesseiro no chão e acendeu a lâmpada da mesa. Pegou o edredom e o travesseiro e se enrolou perto da porta.

Ele começou a repassar mentalmente tudo o que havia acontecido nos últimos doze meses. Não conseguia se lembrar de uma única coisa boa que tivesse acontecido desde o último Natal. Exceto Hamlet, e ainda assim ele não estava ali agora.

Milo fechou os olhos. Tocou a música da gaita de foles de Vovô na cabeça até pegar no sono.

•

Ao mergulhar no sono profundo, a mente de Milo se perdeu nos sonhos. Ele ainda estava sonhando à meia-noite, quando levantou do chão e abriu a porta do salão. Ele se espreguiçou e bocejou e então levantou a cabeça para o céu escuro: faltava só um pedacinho para a lua cheia.

A casa estava escura e silenciosa.

O corpo de Milo flutuou, atravessou a grama molhada e saiu pelo portão lateral para a rua Crescent.

Ao parar no meio da rua vazia, percebeu que o senhor Overend ainda estava na janela: de pijama, assobiando como quando Milo havia chegado em casa.

Quando viu Milo parado sob a lâmpada da rua, o senhor Overend parou de assobiar e sumiu da janela. Um minuto depois apareceu na porta da frente de sua casa, de galochas, com um casaco sobre o pijama.

— Estava esperando por você — o senhor Overend disse. — Está pronto?

Milo ficou surpreso com o fato de ele estar falando. Tirando o assobio, ele achava que o senhor Overend era mudo, como Vovó. Ou como Vovó antes de ela decidir pegar sua voz de volta e anunciar que iria se casar.

— Pronto para ir?

Milo fez que sim com a cabeça.

Juntos, eles desceram a rua Crescent e atravessaram as ruas frias de Slipton até o canal. Quando chegaram perto das casas-barco, o senhor Overend apontou para o banco. Um pacote escuro estava enrolado em um saco de dormir.

— Aproxime-se — o senhor Overend disse.

Milo chegou perto do pacote e olhou para o rosto de Tripi. O cabelo escuro cobria os olhos, os cantos dos lábios estavam curvados para cima. A cabeça descansava sobre a mochila de Ayishah. Como ele tinha conseguido pegar as coisas de volta?

— Está vendo? — O senhor Overend perguntou.

Milo assentiu.

— Vamos, não temos muito tempo.

Milo seguiu o senhor Overend pela avenida principal até chegarem ao Não Me Esqueças. O senhor Overend apontou para a janela de Vovó. As cortinas estavam abertas e a luz da lua iluminava a figura de Vovó, que estava sentada na poltrona. Seu rosto parecia tranquilo.

Perto dela, em um pequeno vaso, uma rosa amarela. Petros devia ter seguido o conselho de Milo. As pétalas douradas estavam voltadas para a noite escura como uma estrela cadente.

— Está vendo? — O senhor Overend perguntou.

Milo fez que sim com a cabeça, mas desta vez ele não queria ver.

— Está quase na hora de ir para casa.

O senhor Overend pegou a mão de Milo e o levou pela avenida principal até o parque. Enquanto espiavam pelas grades do portão, Milo ouviu um barulho na grama perto do lago.

— Veja — o senhor Overend disse.

Milo virou a cabeça. E então ele viu Hamlet, maior do que se lembrava, fungando na terra.

A orelha preta e a orelha branca estavam rígidas e altas, os olhos pequenos brilhando, refletindo a luz da lua, e, por um segundo, Milo teve certeza de que Hamlet estava olhando diretamente para ele.

Milo se virou para agradecer ao senhor Overend, mas ele tinha desaparecido, e, ao olhar para o parque de novo, Hamlet também.

•

Milo acordou de repente, tremendo. Pelo buraco da agulha, ele olhou para a janela do salão: o vidro estava coberto de gelo.

Passos na grama do lado de fora. Depois uma batida na porta, seguida por um gemido e um “estúpida, porta estúpida”. Então alguém se afastou.

Ele se levantou e abriu a porta, apenas uma fresta. Sentiu o ar frio, o cheiro da grama molhada, a geada cortante da noite. A lua brilhava como uma grande moeda branca, quase completamente cheia agora. A luz estava acesa no sótão de Clouds; luzes azuis piscavam através da janela da sala de estar. E então Milo viu uma coisa andando no gramado: Mamãe, afastando-se em direção à porta dos fundos.

Milo baixou os olhos para o rastro na grama congelada e viu um prato cheio de torradas amanteigadas na porta do salão, com uma camada espessa de creme de marshmallow até as bordas.

Sentiu um aperto no peito, perto do coração, e se lembrou da voz de Vovó: “Dê uma chance a ela, Milo. Só uma chance”.

— Mamãe! — ele chamou, com a voz baixinha.

Ela parou, ficou quieta e depois se virou.

Por um momento, eles ficaram olhando um para o outro, cada um em uma ponta do jardim, sem saber o que dizer.

Milo pegou o prato e ergueu no ar.

— Quer um pouco?

Mamãe fez que sim com a cabeça e voltou devagarinho até o salão.

Quando ela se aproximou, ele percebeu a gota de sangue no dedinho do pé.

— Você tropeçou de novo.

Mamãe assentiu com a cabeça.

— Dói?

Os olhos de Mamãe ficaram marejados e ela mordeu o lábio.

— Um pouco.

Quando o salão de beleza estava funcionando bem, Mamãe vivia batendo o dedinho do pé na porta. Ela usava chinelos abertos para exibir o esmalte que vendia para suas clientes: toda semana uma cor diferente. Às vezes, deixava que Milo pintasse suas unhas. Mas a parte de baixo da porta do salão caía para a frente mais do que se podia imaginar olhando para ela, e havia um vão no lugar onde deveria encostar no batente. Por isso, quando ia colocar a chave no cadeado, ela esquecia e o dedinho ficava preso. Papai tinha prometido que iria consertar, mas isso foi antes de a Vadia aparecer.

Só porque ela havia trazido torradas com creme de marshmallow e só porque tinha batido o dedinho não significava que Milo ia perdoá-la. Mas Mamãe parecia estar com frio e seus olhos estavam tristes, e havia mais torradas no prato do que ele poderia comer sozinho. Assim, ele abriu a porta mais um pouco e deixou que ela entrasse.

Eles sentaram no chão, encostados na parede do salão, e por alguns minutos o único som que se ouviu foi o das torradas sendo mastigadas.

— Você não conseguiu dormir? — Milo perguntou, pensando nas luzes azuladas na janela da sala.

Mamãe balançou a cabeça. Mamãe pressionou o dedinho para parar de sangrar.

— Deve haver uma farpa aí dentro, por isso não para de sangrar.

Milo se levantou, foi até o estojo para sobrancelhas de Mamãe e pegou uma pinça com uma luzinha acoplada que permitia pegar até os fios muito pequenos. Depois sentou ao lado dela e segurou seu dedinho do pé. Ele focou o olhar, pegou a pinça e se inclinou. Ali, bem debaixo da unha, havia uma pequena farpa marrom.

— Vai doer um pouco, Mamãe.

Ela riu, como se Milo tivesse dito algo engraçado.

Ele colocou a pinça sobre sua pele e puxou a pequena farpa marrom.

Mamãe soltou um gemido abafado.

— Peguei! — Milo falou, segurando a pinça e a farpa para mostrar a ela.

— Acho que você devia assumir o salão — ela disse, olhando em volta. — Você seria ótimo fazendo sobrancelhas. — Ela suspirou. — Na verdade, acho que você conseguiria administrar este maldito negócio muito melhor do que jamais consegui.

— Quero trabalhar como repórter disfarçado, Mamãe, como Clouds.

— Você quer?

Milo concordou com a cabeça. Era a primeira vez que dizia isso em voz alta, como se fosse um plano de verdade. Era mais do que ajudar as pessoas idosas da casa de repouso, como se fosse algo que ele quisesse fazer para o resto da vida. Por um segundo, ele entrou em pânico e desejou não ter feito isso. Ele sabia o que Mamãe estava pensando: que não era um trabalho adequado, que era perigoso demais, que traria problemas com a polícia, que não dava muito dinheiro e que ele teria problemas com seus olhos.

— Bem, vou ter que treinar outra pessoa para depilar a senhora Hairy, então — ela disse, e os dois riram e o ambiente ficou mais leve.

— Você sente falta do Papai?

Mamãe foi pegar um pouco de algodão no vidro da prateleira para colocar em volta do dedinho. Sem se virar, ela respondeu:

— Todos os dias.

— Também sinto.

— Eu sei, Milo. — A voz dela tremeu. — Eu sei.

— Você está brava com ele? Por causa de Ângela e por ele ter ido embora?

Mamãe voltou e sentou ao lado de Milo.

— Durante algum tempo, fiquei muito brava. Mas agora acho que estou apenas triste.

— Porque queria que ele voltasse?

Mamãe balançou a cabeça.

— Não. Sei que isso não vai acontecer. Ele tem uma vida nova e um bebê. E está feliz, Milo. Mais feliz do que jamais estive. Estou triste porque gostaria de ter lidado com as coisas de maneira diferente. Principalmente por você.

Milo achava que Mamãe nunca tivesse levado em conta os sentimentos dele. Tudo girava em torno dela e de Papai e de como ela não conseguia fazer nada sem ele por perto. Era como se, ao partir, ele tivesse levado alguns dos parafusos que a mantinham de pé e agora tudo o que ela conseguia fazer era zanzar por aí toda trôpega e caindo aos pedaços.

Mamãe fez uma pausa e então passou um dos braços grandes e fofos em volta de Milo, puxando-o para junto do seu peito. Milo sentiu a suavidade de sua pele e o calor de seu corpo e não se importou com o perfume pegajoso impregnado na camisola; até gostou, porque cheirava a algo familiar. Ele não conseguia se lembrar de quando havia sido a última vez que Mamãe lhe dera um abraço.

E, de repente, Milo se sentiu cansado, mais cansado do que se sentia há muitas semanas. Seu corpo relaxou contra o de Mamãe.

— Por que você mandou a Vovó embora?

Ele sentiu Mamãe inspirar profundamente e depois segurar o ar, como se estivesse com medo de soltar.

— Ela precisava de cuidados apropriados, Milo, mais do que eu ou você poderíamos dar a ela. E não era justo, ela estava se tornando um fardo pesado demais para você.

Milo sentiu um nó na garganta.

— Mas ela não era um fardo. Eu adorava ter a Vovó por perto, adorava cuidar dela. — Sua voz ficou embargada. — Tudo era melhor quando ela estava aqui.

Mamãe passou a mão na cabeça de Milo.

— Eu sei, querido. Eu sei.

Milo se afastou e olhou a mãe nos olhos.

— E não funcionou, não é? Nós a colocamos naquele lugar muito, muito horrível, onde ela nem recebeu os cuidados apropriados. Ela estaria melhor em casa.

Os olhos cansados de Mamãe se encheram de lágrimas, e a ponta do seu nariz ficou rosa. Ela fechou os olhos e duas grandes lágrimas descenderam pelo rosto. Ela fungou.

— Fiz tanta coisa errada, Milo. Mas vamos consertar tudo, prometo. — Ela passou o indicador embaixo dos cílios de cada lado do rosto para enxugar as lágrimas. — E, graças a você, vamos melhorar a vida não apenas da Vovó, mas de todas as idosas do Não Me Esqueças.

— Você acha que vai funcionar?

— É claro que vai funcionar — Mamãe respondeu sorrindo.

Milo esperou um pouco e perguntou.

— E você vai me ajudar a encontrar Hamlet? Vamos colocar anúncios e tudo mais?

Ela riu e o beijou na cabeça.

— Sim, vamos encontrar Hamlet. A partir de agora vai ficar tudo bem, prometo.

LOU

O rosto de Milo ao ouvir sua voz. Ele via seu amor por Petros como uma traição ao avô que nunca conheceu. Outra traição, como a do seu pai, quando deixou de amar Sandy.

Lou balançou a cabeça. Milo estava certo. Uma velha tola sentimental, era nisso que havia se transformado. Apaixonar-se novamente aos 92 anos, agarrando-se à sua última oportunidade de um casamento pelo qual havia esperado a vida inteira.

Quase todas as noites, Lou dormia de sutiã e calcinha e meias. Sem a ajuda de Milo, eram muitos elásticos e ganchos complicados para administrar sozinha. Ela andou até o guarda-roupa arrastando a perna esquerda, que agora também lhe desobedecia, junto com o braço esquerdo e o lado esquerdo do rosto.

Pegou o vestido que guardava para ocasiões especiais. Papoulas vermelhas sobre algodão branco: o vestido que Milo a fez usar em seu aniversário. Era estranho como, ao envelhecermos, as roupas pareciam crescer ao nosso redor, aglomerando-se em grandes dobras de tecido como se fossem nos engolir.

Lou queria fazer um esforço por Milo. Tripi havia lhe contado sobre a cerimônia de entrega do prêmio e o quanto isso significava para ele. Ela precisava estar bem.

Com uma mão, colocou o vestido pela cabeça, mas ficou preso. Ela o puxou com força e acabou rasgando a gola.

— Milo, preciso da sua ajuda — ela sussurrou.

Ele sempre sabia quando ela precisava, subia as escadas correndo até o pequeno quarto do sótão para ajudá-la a sair da cama, encher seu copo com água, prender seu cabelo.

— Milo...

— Precisa de ajuda? — A senhora Moseley estava parada na porta, apoiada na bengala. Seu vestido estava limpo, sem manchas.

— Não, não, não. — A enfermeira Thornhill passou pela senhora Moseley e entrou no quarto. — Está muito frio para isso. — Ela tirou o vestido de Lou e o atirou de volta no guarda-roupa. — Parece uma criança. — Balançou a cabeça. — Você não olhou pela janela? As calçadas estão cobertas de gelo.

A enfermeira Thornhill tirou uma blusa e uma saia de lã do armário.

— Você poderia ligar o aquecedor.

As palavras de Lou saíram embaralhadas. Durante anos, ela ficou imaginando como sua voz soaria se voltasse um dia. Pareceria nova e sem uso, sem sincronia com seu velho corpo? Ainda teria o sotaque escocês?

A enfermeira Thornhill encarou Lou.

— Talvez você devesse ficar em silêncio de novo.

Ela se afastou e chamou a enfermeira Heidi na porta.

Os passos da enfermeira Heidi surgiram no corredor. E logo seu rosto na porta.

— Bom dia, senhora Moon — ela disse, a voz leve como a de uma ave.

— Heidi, preciso que você leve a senhora Moseley de volta para o quarto, por favor.

A enfermeira Heidi colocou o braço sob o cotovelo da senhora Moseley e a levou pelo corredor.

— Agora, vista-se... Vamos, vamos — a enfermeira Thornhill disse.

Bateu a porta do quarto e saiu, deixando Lou em pé, de sutiã e calcinha e meias.

“Milo... Estou indo...”

Lou olhou para a janela, estrelas de gelo no lado de dentro, o frio entrando.

“Estou indo embora.”

MILO

— Hora de acordar, Milo, ou vai se atrasar para a escola.

Mamãe enfiou o rosto pela porta do salão. Ela sorriu, entrou e o beijou no alto da cabeça.

— Aqui está seu uniforme. Sinto muito, mas não dá tempo de tomar banho.

Ela colocou uma camisa limpa e uma cueca e meias limpas junto com sua gravata e a calça e o blusão na mesa de massagem.

Milo não conseguiu lembrar quando tinha sido a última vez que ela tinha separado sua roupa.

— Fiz café, mas você vai ter que pegar e sair correndo. Não quero a senhora Harris reclamando de novo. — Ela piscou para ele.

Milo percebeu que ela usava um vestido novo e estava maquiada e até havia pintado as unhas. Ele sentiu todo o seu corpo mais leve. Tudo ficaria bem no final das contas.

Quando ela voltou para a casa, ele se espreguiçou e olhou ao redor do salão. E foi então que viu alguns papéis que não pareciam panfletos do salão ou folhetos de viagens ou mesmo contas que ela estivesse tentando esconder para que ele não se preocupasse com os problemas financeiros.

Deu uma olhada no cabeçalho: “Seguradora Residencial Slipton Star”.

Prezada sra. Moon, começava a carta.

As palavras se embaralharam diante dos olhos cansados de Milo. Mas ele teve facilidade para ler uma parte, em letras grandes, no fim da página:

Nossos inspetores concluíram que o fogo ocorrido no sábado, dia primeiro de dezembro, não se enquadra na sua apólice de

seguro accidental. Existem evidências de que o fogo foi provocado deliberadamente. Dessa forma, a senhora não receberá qualquer pagamento de seguro residencial da Slipton Star.

Mamãe havia dito que a seguradora pagaria por uma nova cozinha, isso estava garantido.

Milo esfregou os olhos e focou nas linhas seguintes:

Além disso, devido às claras evidências de interferência, a Slipton Star procederá a uma investigação independente de possível fraude.

Fraude. Isso significava enganar e mentir e tentar conseguir alguma coisa em troca de nada. Mas o fogo havia sido um acidente. Tudo o que os inspetores da seguradora tinham que fazer era falar com Vovó e ver que ela esquecia coisas, como a torneira aberta e a chaleira ligada mesmo depois de ter acabado toda a água, e que Vovô estava morto.

Vovó não colocaria fogo na cozinha de propósito. Milo engoliu em seco. Será?

Ele lembrou a manhã do incêndio: não ouvira o barulho das panelas, o que significava que ela ia fazer o chá no fogão em vez de usar a chaleira elétrica; pela primeira vez, ele demorou séculos a perceber que havia alguma coisa errada e que ela precisava dele, e, quando desceu, a cozinha já estava pegando fogo.

Sentiu uma dor no peito, que piorou quando ele olhou para suas roupas perfeitamente dobradas na mesa de massagem. A festa de Natal, foi quando tudo começou a dar errado.

Foi quando descobriram a respeito da Vadia de Papai.

Foi quando Milo quase foi atropelado e eles tiveram que procurar o dr. Nolan, e ele disse que seus olhos não estavam bons.

Foi quando Mamãe parou de dormir e começou a assistir àqueles programas de viagens noite e dia e começou a comer

biscoitos demais e apareceram as manchas e ela começou a perder suas clientes.

Foi quando Vovó começou a tremer e a esquecer as coisas e a falar de Inveraray.

E foi isso que levou ao incêndio e à partida de Vovó e à ida para aquela casa de repouso horrorosa com a malvada enfermeira Thornhill e aquele libertino do Petros.

Ele queria acreditar no que Mamãe havia dito na noite anterior: que sentia muito, que se preocupava com ele, que as coisas ficariam bem. Mas ela provavelmente estava mentindo de novo, como havia mentido sobre o incêndio e Vovó e o seguro.

Ele vestiu o uniforme, atravessou o gramado correndo e saiu escondido pelos fundos da casa para que Mamãe não o visse. A última coisa que desejava naquele momento era seu estúpido café da manhã.

•

— Está atrasado, Milo — a senhora Harris disse quando Milo esbarrou em uma carteira na frente da classe.

— Não ligo — ele murmurou baixinho.

Ao seu lado, Nadja levou um susto.

Milo se jogou em seu lugar.

— O que foi que você disse, Milo?

Pelo buraco da agulha, Milo olhou para o dente torto e amarelado da senhora Harris.

— Ele disse que não liga — Stan declarou.

Milo fechou os olhos. Será que o dia poderia ficar ainda pior?

— Sinto muito — ele disse. Mas não sentia. Milo não sentia mais nada por nada.

— Bem, considerando que hoje você está de bom humor, Milo, por que não começa?

A senhora Harris sentou na cadeira atrás da mesa, pegou o livro e esperou.

— Começar o quê?

Nadja olhou para ele, os olhos arregalados. Atrás dele, risos.

— Se tivesse chegado na hora, Milo, você saberia, não?

Ele odiava aquilo, como os professores gostavam de dar lição de moral quando você fazia alguma coisa que os aborrecia e então ficavam encontrando formas de te castigar.

— Seu animal de estimação, Milo?

Milo sentiu o pânico tomar conta de todo o seu corpo. Era como se o estivessem enchendo de concreto, como faziam com os buracos que apareciam no meio da avenida principal, e ele não conseguia mais respirar, não conseguia mais se mexer, não conseguia sair do lugar.

A apresentação. Aquela que ele deveria fazer para compensar as notas ruins em Inglês e Matemática. Ele havia esquecido completamente.

— Vamos lá, Milo. Use suas anotações, não temos o dia todo.

Milo pigarreou.

— Posso falar com a senhora em particular, senhora Harris?

Ele queria explicar que não havia tido tempo. Com tudo o que estava acontecendo em casa e no Não Me Esqueças, tinha se atrasado com a lição de casa. Se ela lhe desse mais um dia, poderia preparar naquela noite. Ela precisava entender.

— Não acho que isso seja necessário, Milo. Basta dizer o que tem a dizer aqui mesmo.

Ela o estava castigando por ter sido mal-educado ao entrar. Ele desejou poder voltar atrás e retirar o que havia dito.

— Preciso de mais tempo para preparar.

— Receio que isso não seja possível.

— Ou talvez eu pudesse... Eu poderia fazer uma redação sobre computadores. Posso escrever o dobro do que falaria. Vou me empenhar, de verdade. Mas não tive tempo...

A senhora Harris colocou os cotovelos sobre a mesa e juntou as mãos como se fosse rezar. Depois olhou para ele e falou bem, bem devagar.

— Está na hora de você assumir a responsabilidade pelo seu aprendizado, Milo. Não posso estar sempre abrindo exceções. Isso não seria justo, seria?

— Muito justo — Stan observou.

— Fique quieto, Stanley! — a senhora Harris mandou, o que fez com que Milo se sentisse um milímetro melhor.

— Tenho certeza de que você pode contar muitas coisas a respeito do seu animal de estimação. Encare esta situação como uma oportunidade para aprender a improvisar.

Nadja virou a cabeça de lado e olhou para ele com olhos tão tristes que ele pensou que ela fosse chorar. Devia estar pensando em como se sentiria se precisasse apresentar um trabalho sem ter se preparado.

Milo se levantou e se postou diante da lousa.

Tossiu e tentou focar os olhos, mas tudo o que conseguiu enxergar pelo buraco da agulha foi a imagem borrada de seus colegas de classe e, mesmo assim, só um pequeno borrão. Imaginou todos os que não conseguia enxergar, rindo e fazendo caretas.

— O problema é que... — Milo começou. — O problema é que não tenho mais um animal de estimação.

Uma imagem de Hamlet passou diante de seus olhos: ele estava sentado em sua gaiola na garagem, a orelha preta e a orelha branca em pé, o rabinho enrolado mexendo, guinchando por causa da fumaça e das chamas que vinham da cozinha. Se o que a carta da seguradora dizia era verdade, se Vovó tivesse começado o fogo de propósito, Hamlet podia ter morrido. Se Milo não tivesse encontrado o cobertor antifogo e se não tivesse chegado até Hamlet a tempo, ele podia ter morrido esturricado. E tudo porque ela queria ir para alguma estúpida casa de repouso. E quem estava cuidando de Hamlet agora? Quem poderia garantir que ele não ficaria preso em um incêndio ou que não seria cortado em pedacinhos e usado para fazer linguças?

Milo fechou os olhos e engoliu em seco. Ele não queria chorar, não ali.

— O que foi, Stan? — a senhora Harris perguntou.

Milo virou a cabeça. Stan havia levantado a mão.

— Podemos fazer perguntas?

— Ainda não. Deixe Milo terminar.

— Eu só queria saber como ele conseguiu perder um porco.

Milo cerrou os punhos.

— Você não entende. Hamlet... Ele... ele... — Milo gaguejou.

— Ele fugiu do Não Me Esqueças.

— Você levou seu porco para uma casa de repouso? — Stan soltou uma gargalhada, que foi seguido por outras.

— Fique quieto, Stan. Lembre-se de que vocês também estão sendo avaliados. Deixe Milo continuar.

Mas Milo não conseguiu continuar. As palavras ficaram presas em sua garganta, bem debaixo daquele nó que se formou quando ele começou a imaginar Hamlet correndo pelas ruas de Slipton sozinho.

Ele abaixou a cabeça e deixou os ombros caírem e olhou para os pés.

— Milo? — A voz da senhora Harris havia suavizado um pouco. — Milo?

Milo voltou lentamente para sua carteira e afundou-se nela. Achava que aquele dia não poderia ficar pior, mas ficou: pior do que ele jamais imaginou que fosse possível.

TRIPI

Tripi observou a enfermeira Thornhill esfregar os lábios diante da porta de vidro do forno. Ela estava usando um tom mais vibrante de maquiagem. O cabelo também parecia mais branco, puxado para trás com tanta força que era possível ver o rosa do couro cabeludo. E ela havia trocado os tamancos brancos pelo salto alto bege.

Ele se lembrou da segunda-feira e de como ela havia usado aquelas roupas pretas que dissipavam a cor de seu rosto. Ela devia estar escondendo alguma coisa, ele pensou, como todo mundo. “As pessoas fazem coisas ruins quando estão infelizes”, foi o que seu pai lhe ensinou. Ele percebeu que a infelicidade podia ser perigosa, ele a vira nas ruas de Damasco e de Aleppo naquele dia quente de julho, quando Ayishah desapareceu atrás dos escombros. Chegou a pensar que a tristeza ia penetrar na sua pele e mudá-lo para sempre.

O uniforme engomado da enfermeira Thornhill estalou quando ela passou por ele. Torceu para que ela não fosse examinar a despensa, que era onde ele vinha dormindo. Sandy havia tentado convencê-lo a ficar na casa, faria uma cama para ele no sofá, mas ele achava que devia ficar ali, perto das idosas.

Tripi levou a pesada panela de batatas até a pia e a esvaziou no escorredor. Sentiu os olhos da enfermeira o observando e então suas mãos escorregaram. Uma batata pálida rolou pelo ladrilho da cozinha. Ele enxugou a testa, pegou a batata e atirou-a no lixo.

— De volta para o escorredor — ela disse.

— Mas está suja.

No Quatro Estações, o chef principal havia lhe explicado como os turistas tinham estômagos delicados. “Tudo deve estar

limpo”, ele disse. “Para que nossos clientes não sintam nenhum mal-estar.”

— Não podemos nos dar ao luxo de desperdiçar, Tahir.

Tripi virou a câmera do celular em seu bolso para captar aqueles lábios vermelhos. Ele já havia fotografado a despensa com toda a comida barata em lata e as travas no lado de fora das portas dos quartos das idosas; agora queria filmar a enfermeira Thornhill.

— Estarei fora por algumas horas apenas, a enfermeira Heidi ficará no comando. Não se esqueça, nada de colocar muita carne, o que não falta é batata.

Tripi ficou imaginando o que a enfermeira Thornhill comeria no jantar para o qual havia sido convidada. Imaginou-a colocando garfadas de bife engordurado na boca vermelha, o molho escorrendo pelo queixo.

A enfermeira Thornhill endireitou o corpo e levantou o busto pequeno.

— Talvez eles venham amanhã tirar mais algumas fotos. — Ela passou os olhos pela cozinha e torceu o nariz. — O que é esse cheiro doce?

A enfermeira Thornhill começou a farejar, como os ratos nas latas de lixo ao lado do canal.

Tripi tinha acordado cedo para fazer baclava. Eles fariam uma festa após a cerimônia de entrega do prêmio, uma festa dupla: para celebrar a partida da enfermeira Thornhill e o noivado da Velha Senhora Moon e Petros. A Adorável Sandy havia trazido açúcar mascavo e mel e massa folhada e pistache. Seria possível que aqueles ingredientes pudessem fazer Tripi sentir saudade de casa e de Sandy ao mesmo tempo?

“Gostaria de poder levar você até o meu restaurante, em Damasco”, dissera a ela. “Eu iria preparar milhares de pratos da minha terra natal para você.”

Ela havia corado e encolhido a barriga. “Primeiro preciso fazer um regime.”

Ele balançara a cabeça. “Nada de regime, nada de regime.” Não queria perder nem um pedacinho dela.

Ela soltou a barriga.

Sandy contara que ela e Milo haviam feito as pazes, que agora eram amigos e que tudo ficaria melhor.

Ela sorriu o sorriso da Adorável Sandy. “Ele está preparado para enfrentar o mal. Passou por muita coisa, o homenzinho, a maior parte por minha culpa. Mas a partir de agora estarei ao lado dele.”

Isso entristeceu Tripi, porque ele viu o quanto Sandy queria ser uma boa mãe. E ficou triste também porque se lembrou de Ayishah e de que ela deveria estar passando por maus bocados e, se ele tivesse cuidado melhor dela, não teriam se separado.

Jamais devia ter desistido de procurá-la. Dois meses, centenas de quilômetros, todos os campos de refugiados na fronteira turca, carregando a foto que ninguém queria ver. Já tinham visto fotos demais de crianças desaparecidas.

E então lhe ocorreu um pensamento: talvez sua irmãzinha, tão inteligente e engenhosa, capaz de conquistar o coração de qualquer pessoa, tivesse viajado para a Europa por conta própria. Ela tinha os documentos e sabia qual era seu destino: o Palácio de Buckingham, em Londres.

Durante todo o mês de outubro, Tripi passou seus dias diante dos portões da Rainha, examinando o rosto de todas as meninas com cabelo escuro encaracolado à procura dos olhos castanhos de Ayishah.

Logo ficou sem dinheiro. Os policiais o paravam na rua e pediam seus documentos. Então apareceu o anúncio do Não Me Esqueças, em uma cidadezinha chamada Slipton, um lugar onde ele poderia se esconder das autoridades.

Mas agora havia esperança, não? Milo dissera que aquele homem, Al, tinha visto Ayishah na televisão, dissera que ele estava investigando. E então, como um sinal de Alá, ele havia encontrado suas coisas: seu saco de dormir e a mochila vermelha de Ayishah ao lado das latas de lixo da casa do Homem da Noiva por Correspondência.

“Milagres acontecem todos os dias, Tripi.”

Sabendo que parte de Ayishah estava perto dele de novo, conseguiu dormir bem, apesar do frio.

— Tripi? Perguntei sobre esse cheiro?

— Deve ser o produto de limpeza. Fiquei esfregando o chão como a senhora mandou. — Ele mostrou a embalagem. — Pinho e lavanda.

— É melhor eu ir. — Ela esfregou os lábios de novo e alisou o uniforme com as mãos.

Tripi respirou fundo.

— Com o dinheiro do prêmio, a senhora talvez pudesse comprar comida boa para as clientes... para comemorar?

— O dinheiro é para coisas mais importantes do que comida, Tahir.

“Como encher sua carteira”, ele pensou. A enfermeira Thornhill certamente se daria bem na guerra da Síria, Tripi tinha certeza, ela cobraria dos feridos por cada curativo, por cada ferimento de bala que costurasse.

Tripi sabia que, para o plano de Milo dar certo, a enfermeira Thornhill precisava ganhar o prêmio: ela tinha que subir no palco e receber o prêmio e fazer seu discurso para que pudessem mostrar o filme. Como ele queria que ela... como era mesmo a frase que a senhora Moon havia escrito em seu bloquinho outro dia? “Engolir tudo o que havia dito.” Ele gostaria de ver a enfermeira Thornhill pedir desculpas e engolir tudo até vomitar.

A enfermeira Thornhill parou ao chegar na porta e se virou.

— Ah... Tahir? Depois desta noite, teremos que rever seu contrato. Com o aumento da visibilidade, preciso ter certeza de que seus documentos estão em ordem. — Assim que ela saiu, Tripi desligou o celular de Milo.

Suas ameaças não podiam mais prejudicá-lo.

•

Meia hora depois, Tripi ouviu uma batida na porta e depois uma voz apressada.

— Ei, Tripi, e o celular?

Os olhos de Al varreram a cozinha. Tripi ainda não gostava da ideia de ele morar na casa de Sandy.

Ele entregou o celular para Al.

— Excelente, cara. Vou copiar tudo.

Repórter disfarçado, era assim que Milo se referia a Al. Milo havia dito a Tripi que, quando fosse mais velho, queria ter um trabalho desse tipo, mas Tripi tinha visto muita dissimulação em sua vida. Ele queria viver em um mundo onde tudo fosse às claras, onde ninguém espionasse os amigos ou inventasse histórias.

— Sandy vai aparecer com o ônibus em uma hora para pegar vocês.

Tripi não gostava de ouvir o nome da Adorável Sandy na boca de Al. Ele limpou a garganta.

— Você tem alguma notícia?

— Sobre o quê, cara? — Al já estava examinando o vídeo no celular. — Isto ficou muito bom.

— Gostaria de saber se você tem alguma notícia a respeito da minha irmã.

— Você tem uma irmã?

Tripi sentiu um baque oco no peito.

— Ayishah... Milo disse que você a viu no noticiário. Que poderia me ajudar a descobrir onde ela está.

Al coçou a cabeça.

— Acho que não. — Al continuou a olhar para o celular, levantando as sobancelhas sempre que via algo de que gostava. — Onde está a sua irmã?

O nó na garganta de Tripi ficou mais apertado. Ele mal conseguiu pronunciar as palavras.

— Na Síria.

Al ergueu os olhos.

— Ah, certo... A garota da foto.

— Então você a viu?

— Se eu a vi?

Tripi tinha visto o rosto de Ayishah um segundo antes da explosão. Qual teria sido a resposta dela? Que deveriam sair de

Aleppo e ir a pé até o campo turco ou ficar e esperar pelo motorista? Se tivesse ouvido suas palavras, talvez a tivesse encontrado.

Al guardou o celular no bolso da jaqueta de couro.

— É uma agulha em um palheiro, cara, existem milhões delas.

— Ela tem só doze anos. Está sozinha.

— Cristo... Vou dar outra olhada na foto, ver o que posso fazer.

Tripi fechou os olhos e imaginou o rosto de Ayishah, sorrindo para ele no meio dos escombros. “Eu vou encontrar você, Ayishah”, ele prometeu. “Vou encontrar logo.”

SANDY

Sandy ficou olhando para o último comprimido azul e branco engolido pelo vaso sanitário e sentiu os músculos do peito relaxarem. Queria que Milo se orgulhasse dela.

A partir de agora, faria tudo direito, até as menores coisas. Eles iam construir uma nova vida juntos. Nada mais de comprimidos ou regimes ou lembranças de Andy ou preocupações com dinheiro.

Sandy colocou o vestido que havia comprado na loja da Sociedade de Proteção aos Animais naquela tarde. O vestido era frente única e rodou quando ela virou para se olhar no espelho do provador. E era laranja, a cor preferida de Milo; um tom de laranja suave, quase pêssago, como o da lua no cartaz que ele tinha no quarto. Ao passear pela loja provando o novo vestido, ela viu a lanterna de Milo, e a mulher explicou que ele a havia trocado por uma chaleira de viagem para a avó. As lágrimas de Sandy caíram no vestido laranja. Ela comprou a lanterna prometendo a si mesma que, assim que conseguisse economizar um pouco, compraria para ele uma lanterna de verdade, daquelas de metal, pesadas, que iluminavam quilômetros de distância.

Apertou a descarga mais uma vez para ter certeza de que os comprimidos tinham realmente ido embora e então desceu até a cozinha e desligou a televisão da tomada. Nada mais de programas de viagem. Nada de desejar outra vida.

Parou no corredor e colocou um lenço cor de creme em torno do pescoço. Quem sabe, depois que tudo aquilo acabasse, a mancha desapareceria?

— Você está linda.

Petros estava parado no pé da escada usando uma camisa branca e uma gravata amarela que Andy havia esquecido.

Impecável, exceto pelo boné enfiado entre as orelhas.

— E você está muito bonito. Lou ficará orgulhosa.

Petros tirou o boné, segurou-o contra o peito e se curvou.

— Vou sair para caminhar, tomar um pouco de ar.

— Não se esqueça de voltar às seis.

Então o telefone tocou e Petros desapareceu pela porta da frente.

— Alô?

Ouviu-se um clique do outro lado da linha.

— Milo? É você?

Um choro de bebê.

— Sou eu.

Sandy colocou a mão na garganta.

— Andy?

“Eu só pedi para você segurar”, ela ouviu Andy dizer, a boca afastada do telefone.

O volume do choro do bebê diminuiu. Talvez a Habibti tivesse se transformado num demônio, no final das contas.

— Como vai, Sandy?

Ela sentiu vontade de rir. Como vou? Ele estava falando sério?

— Estou ocupada, Andy, e não tenho tempo para falar agora.

Ela coçou a pele embaixo do lenço.

— Estou voltando para casa.

Por um instante, o mundo congelou. O relógio do micro-ondas parou de piscar, o motor da geladeira silenciou, os pingos da torneira da pia ficaram suspensos no ar.

— O quê?

— As coisas não estão indo bem por aqui.

Sandy agarrou a ponta de um dos bancos do balcão da cozinha.

— Sandy? Você ainda está aí?

Há quanto tempo esperava ouvir aquelas palavras? Ouvir Andy dizer que cometera um erro, que estava voltando para ela, que havia sido um idiota por não lhe dar o valor que merecia? Que sentia sua falta e de Milo e queria que voltassem a ser

uma família novamente. E ela faria cara de zangada por algum tempo e seria dura com ele, e então ela se renderia e daria risada e diria que também sentia muito, que iria se esforçar, diria que o amava e que, é claro, ele podia voltar para casa, que ela e Milo estavam esperando por ele.

— Ângela está tendo problemas com a língua. — Ele fez uma pausa. — E a cultura. É coisa demais para ela.

— O quê?

— Ela sente falta das amigas.

O mundo começou a girar de novo. A gota da torneira caiu na pia. O micro-ondas piscou.

— E queremos criar Arabella na Inglaterra.

Sandy sentou no banco e riu. Andy, Ângela e Arabella.

— Qual é a graça?

— Não é nada.

— Temos que vender a casa, Sandy. Precisamos do dinheiro.

A mancha vermelha começou a aumentar de novo. Sangue debaixo das unhas.

— Você não pagou um tostão desde que foi embora.

— Durante dez anos eu paguei a hipoteca da casa em que você está morando.

“Está escapando.” Era isso o que Lou dizia às vezes, quando sentia que sua mente estava perdendo contato com o mundo.

A porta da frente se abriu e fechou de novo.

Milo entrou na cozinha e soltou a mochila da escola no chão.

— E por que é que você está tão ocupada?

— Ah... É que vamos fechar a casa de repouso de Lou.

Ela olhou para Milo e piscou.

E então se deu conta do que havia dito.

— Do que você está falando, Sandy? Por que a Vovó está em uma casa de repouso?

“Merda.”

Milo ergueu os olhos, a audição tão aguçada que captou tudo.

— Sandy?

— Ah, pelo amor de Deus, Andy, o que é que você esperava? Valsando até o outro lado do mundo embalado por uma crise de meia-idade. Não tínhamos mais condições de lidar com ela.

— Milo sabia como...

— Milo é só uma criança.

Milo ficou parado no meio da cozinha, olhando fixamente para ela. Sandy estendeu a mão em sua direção.

— Querido...

Ele deu um passo para atrás.

— Ela é minha avó. Sou eu quem decide para onde ela vai — Andy berrou pelo telefone.

— Você não está aqui, não está pagando as contas, e Milo é novo demais para tomar conta dela. Ela está doente, Andy. Está perdendo a memória.

Milo pegou a mochila.

— Andy, tenho que desligar.

— Precisamos conversar a respeito disso. E a respeito da minha volta.

— Estou me lixando para a sua volta. Não enche, Andy!

Sandy bateu o telefone.

Milo já estava saindo pelos fundos.

— Milo, volte aqui.

Ele foi direto para o salão.

Sandy correu atrás.

— Milo!

Aquilo não deveria ter acontecido. Não era isso o que ela havia imaginado.

Ela estaria esperando por Milo quando ele voltasse da escola. Ele a veria com seu vestido laranja novo, maquiada, o cabelo preso em um coque para mostrar o pescoço longo, como ele gostava. E ela contaria como estavam todos os preparativos.

Que Al estava na casa da namorada dando os últimos retoques no filme.

Que a senhora Harris havia lhe dado permissão para usar o micro-ônibus da escola.

Que todos estavam preparados para ir para Londres.

Que eles organizaram uma festa para depois do evento.

E ela diria que gostava de Tripi, que estava feliz por ele ter entrado na vida deles.

E, o mais importante, ela lhe daria um abraço apertado e lhe diria que estava emocionada, que seu pequeno Milo seria um herói.

Milo fechou a porta do salão.

Sandy ficou parada do lado de fora, sentindo o frio da grama úmida subindo pelas pernas. Ela se ajoelhou e estendeu a mão.

— Milo, por favor, escute. Você não devia ter ouvido nada daquilo.

— Você mentiu — ele disse, com a voz fraca e trêmula. — Confiei em você quando você veio conversar ontem à noite, mas você está sempre mentindo.

— Eu tento proteger você, meu querido.

— Você mentiu quando disse que havia contado ao Papai que a Vovó estava na casa de repouso, você mentiu sobre a Vovó e o incêndio...

— O incêndio?

— Eu vi a carta na sua mesa. Faz sentido... Aquilo que você disse sobre ela saber que o certo era ir embora. Ela queria ir. Ela fez de propósito.

Sandy inspirou profundamente e segurou o ar por um segundo.

— Vovó sabia que estava na hora de ir, Milo.

— O que você quer dizer?

— É como eu disse ontem à noite. Ela não queria mais ser um fardo para nós. Para você, Milo.

Milo não respondeu.

— Por favor, me deixe entrar, por favor. Podemos conversar, como ontem à noite. Posso explicar.

— Então ela pôs fogo na cozinha para você se livrar dela?

Fez-se uma longa pausa.

— Foi a forma que Vovó encontrou de nos mostrar que precisava de mais ajuda do que a que poderíamos dar. Foi

escolha dela, Milo.

E Sandy também havia metido os pés pelas mãos em relação a isso.

— E você fica deixando estranhos mudarem para cá sem falar comigo.

— Tive que fazer isso, Milo. Desculpe.

Sandy não sabia o que mais poderia dizer para melhorar as coisas.

— E Vovó... Você não me disse que ela estava doente. Quer dizer, doente de verdade.

— Mas, Milo, você deve ter percebido.

— Se tivesse ficado conosco, ela estaria bem, eu teria cuidado dela.

Sandy ficou em silêncio. Não podia dizer a Milo que ele era apenas um menino, que, por mais que desejasse, não podia tomar conta de Lou.

— Por favor, Milo, saia daí. — Sua vontade era abraçá-lo, fazer com que ele sentisse que tudo ficaria bem, que eles dariam um jeito, os dois. — Por favor, Milo. Era isso o que você queria, que todo mundo visse como o Não Me Esqueças realmente é. Vou ajudar a enfermeira Heidi a arrumar as senhoras. Volto para pegar você em uma hora. Deixei sua roupa arrumada lá em cima. Sua blusa laranja favorita, combina com meu vestido...

— Eu não vou.

— Mas Milo...

— Não faz mais sentido.

Ela ouviu uma batida de encontro à porta e imaginou as pernas de Milo encolhidas contra o peito, os olhos baixos, fixos nos joelhos.

Sandy respirou fundo.

— Saia, por favor.

Mas não houve resposta.

LOU

Ela ouviu os passos dele no corredor, seu peso caminhando pelo quarto, o estalar de seus joelhos quando ele se inclinou à sua frente.

— Queria ver você de novo — ele disse. — Para ter certeza de que minha Louisa estava bem. — Estendeu o braço e acariciou o lado caído de seu rosto. — E para lhe dar isto.

Ele lhe entregou um cartão enrolado.

Lou não teve forças para desenrolar ou para falar, por isso ele abriu para ela.

Ela olhou para as linhas feitas a lápis que compunham seu rosto, seu cabelo; uma urgência nos traços como se ele quisesse terminar antes que ela partisse, como sua esposa.

— Vou pintar você — ele prometeu. — Mas por enquanto é isto.

Ela estendeu a mão e tocou seu braço. Uma camisa branca nova, sem o punho gasto.

Colocando o indicador sob o dedo anular, ela soltou o anel de noivado e deixou cair na mão de Petros.

— Case comigo — ela sussurrou. — Case comigo agora.

Ele pegou o anel, beijou e colocou na outra mão.

— A mão esquerda é para David, a direita é para mim.

Petros endireitou-se.

— Preciso ir e encontrar uma pessoa antes da premiação. Vejo você mais tarde, Louisa.

Lou assentiu com a cabeça e ficou olhando para Petros enquanto ele saía do quarto, depois ficou ouvindo seus passos no corredor, passando pela porta da frente, e então viu o alto de sua cabeça brilhando sob as luzes da rua enquanto ele se dirigia ao parque.

TRIPÍ

Uma hora depois, Tripi estava do lado de fora do salão com Sandy.

— Milo, é Tripi. Temos que ir agora, temos o filme, é muito bom e é tudo obra sua. Você deve se orgulhar e vir conosco.

Silêncio.

— E Al foi para o escritório dele para poder colocar na internet quando o prêmio for anunciado.

Mais silêncio.

Tripi se obrigou a não culpar Milo por ter mentido em relação ao fato de Al ter encontrado Ayishah. Ele estava tentando salvar a Velha Senhora Moon e ajudar as idosas do Não Me Esqueças. Tripi só desejou que não tivesse acreditado nele tão depressa a ponto de bancar o tolo. “É fácil jogar areia nos seus olhos, Tripi”, Ayishah teria dito.

Ele já devia ter aprendido que as boas notícias não apareciam com tanta facilidade.

— Está tudo pronto, Milo, você vai gostar.

Nada.

Sandy colocou a mão no braço de Tripi.

— Não adianta.

Fios loiros caíam soltos em seu pescoço, enrolados pela umidade da noite. Com seu vestido laranja, ela o fez lembrar o pôr do sol na Síria. Uma onda de nostalgia tomou conta dele.

Tripi afastou-se dela. Depois daquela noite, iria direto para Londres. Ele não tinha o direito de criar laços que não poderia manter.

O brilho nos olhos de Sandy se apagou.

Tripi estendeu as mãos.

— Se Milo quer ficar aqui, não há nada que possamos fazer. Mas precisamos encontrar Petros, ou a Velha Senhora Moon

ficará chateada.

Depois do entusiasmo por ter recuperado a voz, a Velha Senhora Moon havia ficado em silêncio durante toda a tarde. Por duas vezes, Tripi a encontrara adormecida na poltrona da sala de estar. Não tinha certeza se ela aguentaria a premiação.

— E você acha que não sei disso? — rompeu a voz da Adorável Sandy.

Ele a deixara triste, não havia sido nada gentil afastando-se do seu toque.

— Sinto muito, Sandy.

Ela recuou e as lágrimas começaram a rolar de seus olhos.

— Ele foi caminhar um pouco... Eu o lembrei de que deveria voltar até as seis. E então Andy... — Ela engasgou com as palavras. — E então Milo...

Tripi nunca tinha visto uma mulher adulta chorar daquele jeito, tão copiosamente. Todo o seu corpo arfava, o rímel escorrendo pelo rosto. Ela tinha se arrumado toda, queria fazer Milo feliz e agora estava chorando e a culpa era toda sua.

Ele se aproximou e a abraçou. Sandy sentiu os músculos relaxarem e seu corpo afundar nos braços de Tripi.

— Está tudo bem — ele disse, passando a mão em sua cabeça. Com os dedos em sua nuca, ele acariciou os fios de cabelo soltos. — Vai dar tudo certo.

Ela ergueu a cabeça para ele, os olhos inchados, a ponta do nariz rosada por causa do frio, e então o beijou.

Ele fechou os olhos, sentiu seus lábios e, por um instante, o mundo se desfez.

Quando abriu os olhos, viu um sorriso surgindo entre as lágrimas.

Tripi recuou, o coração acelerado.

Olhou para o relógio.

— É melhor irmos. Podemos encontrar Petros no caminho para a cidade.

Eles caminharam pela grama até a casa, Tripi segurando Sandy, pois os saltos afundavam na terra macia.

Antes de entrarem na cozinha, ele olhou para o salão por cima do ombro: o rosto de Milo estava espiando pela janelinha.

•

Todos os lugares no ônibus estavam ocupados, o ar estava impregnado pelo perfume das senhoras: rosas e lavanda e sabonete. Com a senhora Swift como aprendiz, Sandy havia feito o cabelo e a maquiagem de todas elas.

A senhora Zimmer tinha conseguido ficar acordada para entrar no ônibus.

A enfermeira Heidi tinha recuperado o iPad da senhora Sharp na gaveta de objetos confiscados da enfermeira Thornhill, e assim ela pôde jogar Angry Birds durante todo o caminho até Londres.

Elas estavam entusiasmadas com a possibilidade de aparecerem no noticiário, principalmente a senhora Turner, que disse que iria mostrar para as câmeras toda a comida que havia guardado nos bolsos, e a senhora Foxton, que achava que talvez pudesse perguntar ao público se alguém tinha visto quem havia atirado aquele tijolo em seu conservatório.

Quanto à senhora Wong, ela sabia que certamente havia restaurantes chineses em Londres, e isso era sinônimo de arroz.

Acima do ônibus, um homem velho ficou assobiando na janela, e, por algum motivo, a senhora Moseley reconheceu a melodia e a repetiu. Ela não havia parado de sorrir desde que saíram do Não Me Esqueças.

Sandy deu a partida, o pequeno corpo roliço perdido atrás do volante.

— Tem certeza de que está à vontade para dirigir? — Tripi perguntou.

Ela olhou para Tripi como Ayishah olhava sempre que ele dizia alguma coisa idiota. Sandy pisou no acelerador e o ônibus pegou a estrada.

MILO

Milo saiu do salão. A casa toda estava no escuro, até mesmo o quarto de Vovó. Ele olhou para cima, focou o olhar na lua cheia e sentiu que precisava pedir desculpas: desejou tanto que ela aparecesse, e ali estava ela, pronta para a grande noite, e ele havia desistido. Mas não poderia ir à cerimônia de premiação, certo? Não depois de tantas mentiras. Até Vovó havia mentido. Ela não contou que tinha começado o incêndio de propósito. Ela não disse que não queria mais que ele cuidasse dela.

E o que foi aquilo? Tripi beijando Mamãe... bem ali no jardim?

Ele havia confiado em Tripi. Ele deveria ser seu amigo, não de Mamãe. Mas agora Milo percebia que Tripi provavelmente tinha voltado de Londres por causa dela: porque queria agarrar seus peitos, como Big Mike com Lalana e Papai com sua Vadia e Petros com Vovó. Quando fosse mais velho, Milo jamais iria beijar alguém ou ter uma namorada ou se casar.

Depois do que aconteceu na escola, ele devia saber que o dia não ia terminar bem.

E, quando chegou em casa, ouviu Mamãe falando no telefone com Papai e todas as mentiras que ela vinha guardando, e aquilo piorou ainda mais seu dia.

Talvez pudesse fugir e viver como Tripi, com nada além de um saco de dormir e uma mochila. Poderia trabalhar em uma cozinha lavando pratos para ganhar dinheiro para o chá e as torradas com marshmallow.

Ou talvez seus olhos piorassem de repente, mais rápido do que o esperado, e ele não conseguisse enxergar mais nada, nem mesmo por um burquinho de agulha, e então o mundo ficaria escuro e ele poderia fingir que não existia.

Milo ouviu passos na calçada e então viu alguém caminhando pela grama em sua direção. Um homem usando um boné amarelo, com um pacote branco e preto nos braços.

— Milo?

Milo deu um passo para atrás na direção do salão.

— Milo, veja o que encontrei. — Petros se aproximou e mostrou Hamlet. — Ele está muito pesado. Tome.

Ele colocou Hamlet em seus braços e Milo quase caiu para trás por causa do peso.

Hamlet cheirou e guinchou e esfregou o focinho úmido no queixo de Milo. Milo apertou-o com força contra o peito e enfiou o rosto em seu pelo e suspirou.

— Pensei que você tivesse sumido — repetiu várias vezes. — Mas você voltou. Você voltou. — Sentiu o cheiro da pele de Hamlet, cheiro de terra e de folhas e do céu noturno. Milo sentiu até o cheiro da lua brilhante que os observava. — Você voltou — disse mais uma vez, a voz emocionada.

— Ele estava procurando por você. Eu o encontrei no parque, ele me disse que você gostava do parque e que iria até lá e o encontraria.

Milo não acreditou em Petros: Hamlet não falaria com ele, de jeito nenhum.

— Então? Você está pronto?

— Eles foram embora sem nós.

— Eu sei. — Petros mostrou seu celular. — Al me entregou isto antes de ir para o escritório. Ele telefonou para saber onde eu estava e eu disse que estava ocupado e que ele não devia falar nada para Lou nem para Sandy ou Tripi.

— Você saiu para procurar Hamlet?

Petros fez que sim com a cabeça.

— Você disse que porcos só serviam para fazer salame.

Petros soltou uma gargalhada.

— Bem, talvez eu estivesse errado, ou talvez alguns porcos sejam diferentes, como o seu Hamlet, apesar de ele ter engordado tanto que daria um bom salame...

Milo não gostava das piadas de Petros, apesar de ele ter razão em um ponto: Hamlet estava ficando gordo, muito mais gordo do que mostravam as fotos de microporcos adultos na internet. Milo havia pedido a Papai a certidão de nascimento de Hamlet, como diziam no site, para ter certeza de que o porquinho vinha de uma boa ninhada, mas Papai tinha achado graça e dito que isso não era necessário.

Petros acariciou Hamlet atrás da orelha preta.

— Então... Você vem, Milo?

— Não podemos ir. Eu já lhe disse, eles foram embora.

— Ah, mas eu tenho um meio de transporte muito melhor do que um ônibus, Milo.

Milo não gostava do fato de Petros ter deduzido que ele iria quando ainda não tinha sequer decidido se queria ir ou não.

— Venha comigo. Pode trazer Hamlet, se quiser.

Petros atravessou o gramado em direção ao portão.

— Você ainda vai se casar com a Vovó?

Petros parou e se virou.

— Com sua permissão, Milo, sim, isso me deixaria muito feliz.

Milo olhou para Hamlet e depois para a lua e depois para Petros e então pensou que Petros não era nada bonito comparado a Vovô em seu uniforme do exército. Mas Petros fazia Vovó feliz, não é? E Vovó não permitiria que um qualquer a fizesse feliz, principalmente porque ainda amava Vovô. Além disso, ela devia ter perguntado a Vovô o que ele achava.

— Como vamos para Londres? — Milo perguntou.

•

Milo nunca tinha sentido tanto enjoo em um carro em toda a sua vida. Foi jogado para a frente e para trás, bateu contra a porta quando o carro fazia curvas fechadas, o baque das freadas, as arrancadas e paradas e o chacoalhar do velho motor e o cheiro de gasolina e de fumaça.

— Quantos anos tem este carro? — Milo perguntou.

Ele havia passado milhares de vezes pelo Volvo enferrujado, mas jamais imaginou que o senhor Overend soubesse dirigir.

— Provavelmente é tão velho quanto eu!

O senhor Overend riu e desviou por uma rua secundária.

O sonho que ele havia tido na noite anterior. O senhor Overend ajudando a encontrar Hamlet. O senhor Overend vindo em seu socorro. Tudo apontava para aquele momento.

De chinelos, o senhor Overend não tinha uma boa aderência nos pedais e, por isso, estava sempre errando o freio e pisando no acelerador por engano.

Milo verificou o cinto de segurança para se certificar de que Hamlet estava bem preso e então se agarrou na maçaneta da porta.

Papai costumava reclamar das pessoas velhas ao volante. Ele dizia que, depois dos setenta anos, o governo devia obrigar as pessoas a refazerem periodicamente os exames de direção. Na época, Milo riu, imaginando todos os velhos circulando pela cidade nos carros das autoescolas, mas talvez ele estivesse certo.

Quando paravam nos semáforos, as pessoas olhavam para o carro: o senhor Overend de pijama ao volante, Milo segurando Hamlet no banco do passageiro e Petros com seu boné amarelo no banco traseiro.

E se um policial se aproximasse para prendê-los pela esquisitice e jogasse os três em um hospício? Milo tinha visto um filme em que isso acontecia: quanto mais as pessoas presas tentavam convencer os médicos e as enfermeiras e a polícia de que não eram loucas, mais malucas pareciam e mais as pessoas acreditavam que eram realmente doidas, e no final elas enlouqueceram de verdade, por estarem em um hospício com todos os loucos, e tiveram que ficar lá para sempre e aguentar o tratamento de choque com eletrodos na cabeça.

— Chegamos!

O senhor Overend parou o carro atrás do micro-ônibus da escola, estacionado na vaga para deficientes do The Prince Albert Hotel.

Acontece que o senhor Overend tinha sido motorista de táxi em Londres e conhecia todas as ruas da cidade. Ele disse a

Milo e Petros que os taxistas londrinos eram as pessoas mais inteligentes do mundo e que havia sido provado que eles tinham cérebros maiores do que as pessoas normais porque precisavam se lembrar de tudo em 3D, só que isso tinha mudado por causa do GPS, e agora os taxistas eram tão burros quanto todo mundo. Além disso, algumas ruas e direções e placas de sinalização haviam mudado desde que o senhor Overend dirigira pela última vez em Londres.

Milo desceu do carro com Hamlet e Petros. O senhor Overend disse que voltaria para a rua Crescent e que esperava ter notícias de tudo o que acontecesse com a enfermeira Thornhill. Antes de ir embora, entregou a Milo um envelope com fotos.

— São da sua irmãzinha — ele disse. — Encontrei na minha lata de lixo.

— Fotos da minha irmã?

O senhor Overend assentiu com a cabeça.

— Ela se parece com você, Milo.

Milo guardou as fotos no bolso. Veria mais tarde e tentaria descobrir por que tinham ido parar na lata de lixo do senhor Overend.

MILO

As idosas do Não Me Esqueças ocuparam o saguão do The Prince Albert Hotel. Elas pareciam quase normais em seus vestidos com babados, maquiadas e com os cabelos presos em coques ou cachos, apesar de a maioria estar usando chinelos, como o senhor Overend. E a senhora Moseley ainda cheirava a xixi, mas parecia mais feliz do que no Não Me Esqueças. Ela ficou na janela acenando para o senhor Overend com sua bengala enquanto ele manobrava o carro para tentar pegar a avenida principal. Os carros passavam voando e buzinando; as pessoas colocavam a cabeça para fora da janela e gritavam: “Sai da frente, vovô!”. Mas o senhor Overend apenas ria, assim como a senhora Moseley. Talvez Vovó e Petros e o senhor Overend e a senhora Moseley pudessem fazer um casamento duplo.

Então o plano era o seguinte: assim que o sujeito que estava no palco anunciasse o vencedor e a equipe técnica colocasse o filme, Vovó, a senhora Moseley, a senhora Zimmer, a senhora Sharp, a senhora Foxton, a senhora Wong e Petros entrariam pelas portas do fundo e apontariam para a enfermeira Thornhill e gritariam alguma coisa que Milo ainda não havia decidido o que seria, porque ele tinha planejado pensar no assunto antes de decidir que ficaria no salão de Mamãe e depois acabou esquecendo.

Eles demoraram a notar a presença de Milo, mas Hamlet guinchou e todos se viraram e Hamlet fez suas necessidades no piso do saguão, enlouquecendo a equipe do hotel, o que não tinha importância, porque Vovó se aproximou de Milo e o abraçou. Apesar de ela estar andando muito devagar e de seu rosto estar torto, quando ele se viu envolvido por aqueles

braços, o cheiro de pêssgo de sua pele, Milo sentiu que talvez tudo pudesse acabar bem.

— Rápido, Milo, eles já vão anunciar o vencedor. — Petros se aproximou e estendeu os braços para pegar Hamlet. — Eu cuido do seu porquinho.

Milo se agarrou a Hamlet.

— Somos amigos agora, não somos, Hamlet? — Petros disse, esfregando a orelha branca de Hamlet. Hamlet se contorceu e não pareceu convencido, mas Milo o entregou mesmo assim.

Mamãe enfiou a cabeça pela porta do salão do evento e acenou para Milo.

Vovó apertou a mão de Milo.

— Vá — ela disse. — Seja corajoso.

Milo gostava do som da voz de Vovó. E gostava da ideia de que ela logo estaria em casa de novo e ele a ouviria cada vez mais. Eles não teriam mais que escrever tudo, poderiam conversar normalmente.

•

Milo não sabia para onde olhar. Havia tanta gente amontoadas, filas e filas de cadeiras, uma plataforma cheia de adultos de ternos e túnicas.

Os pontos vermelhos girando no tapete deixaram Milo tonto, e o teto parecia muito baixo e não havia janelas.

Ele puxou a gola da blusa laranja.

Tripi se aproximou e tocou no ombro de Milo.

— Estou feliz que tenha vindo, meu amigo.

Milo acenou com a cabeça, apesar de não conseguir olhá-lo nos olhos, não com a sua imagem beijando Mamãe no jardim ainda viva na memória.

— Você entregou nosso filme para a equipe técnica? — Milo perguntou.

— É claro. Estamos juntos nisso, Milo, eu jamais o decepcionaria. A enfermeira Thornhill terá uma surpresa.

— Shhh! — Fez uma mulher de cabelos grisalhos sentada nos fundos.

Milo olhou para Mamãe em seu vestido laranja e pensou que ela estava muito linda, e lembrou de seu abraço na noite anterior, quando estavam no salão, e todos os pensamentos ruins desapareceram. Ele se aproximou e colocou os braços na cintura dela.

— Você está linda, Mamãe.

— Tinha que estar à altura para este dia tão especial para você, Milo — ela disse, inclinando a cabeça sobre a dele e apertando-o com força.

Mamãe, Tripi e Milo ocuparam seus lugares.

— E agora, o momento que todos estavam esperando — disse um sujeito vestido de preto com uma porção de medalhas de ouro em volta do pescoço. — Que rufem os tambores, por favor — ele pediu. Só que não houve rufar de tambores, apenas pessoas inquietas em seus lugares, tossindo e fungando e esperando.

As imagens de três enfermeiras surgiram no telão atrás dele: a enfermeira Thornhill estava no meio, com as rugas esticadas, mas o mesmo sorriso postiço.

— Em terceiro lugar... — O cara das medalhas abriu um envelope dourado como aqueles do Oscar e leu o nome. — Senhorita Theresa Bone, do Lar Vista Panorâmica para os Idosos.

Milo achou estranho que os idosos pudessem ter uma vista panorâmica em qualquer que fosse o lar. Ouviram-se suspiros e aplausos. Uma mulher sentada na primeira fila se levantou. Ela sorriu, mas dava para ver que era um sorriso falso, porque seus lábios estavam muito apertados. Milo pensou que devia ser difícil ficar em terceiro lugar quando você esperava ganhar e ver todo mundo te olhando subir no palco para pegar um prêmio que você não queria.

— Estamos chegando mais perto — o sujeito das medalhas disse. — Em segundo lugar... — Ele começou a abrir o envelope. — Daphne deve ter usado supercola para fechar

estes envelopes — ele falou, rindo. Daphne devia ser sua secretária. Talvez o cara das medalhas tivesse dormido com ela, como Papai havia dormido com sua Vadia. — Em segundo lugar... Enfermeira Thornhill, do Lar Não Me Esqueças, Slipton.

Milo olhou para Mamãe e depois para Tripi. As expressões deles de espanto. E então olhou para a primeira fila e viu a enfermeira Thornhill se levantar; seu sorriso postiço estava pior do que nunca, seu rosto tão vermelho quanto as luzes no tapete, e ele quase sentiu pena dela antes de perceber que o plano tinha ido por água abaixo.

“Você é a concorrente em que todos estão apostando”, foi o que disse o inspetor careca naquela terça-feira da visita. “Ninguém é melhor do que você, Ruth.” Ele até havia piscado para ela.

Milo precisava fazer alguma coisa.

— Tripi, vá falar com eles para colocarem o filme.

— Eles não vão me dar ouvidos.

— Vão, sim. É só dizer que ela é uma pessoa horrível, e, se eles se recusarem, ofereça dinheiro.

— Milo...

— Tudo bem, Mamãe, quando eles virem o filme nem vão se lembrar do dinheiro.

Tripi foi batendo nos joelhos das pessoas e tropeçando pelo corredor até desaparecer no fundo.

— Mamãe, vá preparar todo mundo no saguão.

— Milo... Tem certeza?

— Você queria que eu fizesse isto, certo? Foi o que você disse lá em casa, na frente do salão, lembra?

Mamãe colocou a unha do dedinho na boca e assentiu com a cabeça, depois fez o mesmo caminho de Tripi e desapareceu.

Milo respirou fundo e decidiu ir para a frente.

Uma penugem amarelada surgiu diante de seus olhos por causa do contraste entre a escuridão da plateia e as luzes dos refletores no palco. Milo fechou os olhos e depois abriu de novo, tentando focar o olhar.

Vovó havia dito: “Seja corajoso”, e Milo sabia o que isso queria dizer. Corajoso como Vovô quando lutou na Coreia e venceu a Batalha de Pohang, apesar de seu regimento ser muito pequeno e não ter armas suficientes. Mesmo que isso significasse que ele tinha que morrer para alcançar a vitória.

A voz do homem das medalhas reverberou no salão.

— O trabalho da enfermeira Thornhill no Lar Não Me Esqueças é exemplar. Ela ficou em segundo por muito pouco e deve se orgulhar de suas realizações.

O inspetor careca estava sentado na primeira fila, sorrindo. Milo ficou imaginando que ele devia ter dito a mesma coisa para as três enfermeiras, que elas eram as concorrentes em que todo mundo estava apostando.

Milo subiu na plataforma e, ao passar pela fila das pessoas importantes, tropeçou no cabo de um microfone e prendeu a perna de uma mulher que estava usando a mesma roupa preta e as mesmas medalhas do sujeito que fazia a apresentação. Ela se assustou e puxou a perna, e Milo caiu. Atrás de si, Milo ouviu os murmúrios da plateia, e o sujeito das medalhas parou de falar. Quando Milo ficou em pé e virou a cabeça, viu a enfermeira Thornhill, seu rosto vermelho bem no meio do buraco da agulha.

— Meu jovem, você não devia estar aqui — disse alguém que não parecia importante, porque não estava usando um terno ou um traje com correntes, apenas calça jeans e camisa preta.

Milo recuperou o equilíbrio e caminhou na direção do microfone. Torceu para que a senhora Harris visse aquilo no noticiário local e que estivesse com seu caderno de notas, porque uma coisa era certa: ele não faria aquilo de novo diante da classe.

— Posso pegar o microfone emprestado, por favor? — Milo pediu ao homem das medalhas. — Tenho algo que gostaria de falar a respeito da enfermeira Thornhill e do Lar Não Me Esqueças.

— Humm...

O homem das medalhas se virou para olhar para os outros adultos sentados no palco, mas nenhum deles disse nada.

— É muito importante.

O sujeito das medalhas olhou para ele e então alguém gritou no fundo do auditório.

— Milo! Milo! Ouçam o Milo!

A senhora Hairy estava ao lado da senhora Moseley, que começou a bater palmas e a gritar o nome de Milo também.

E então Tripi se juntou ao coro, e depois mais alguém, que parecia estrangeiro como Tripi, e então ele percebeu que era Petros, que estava levantando Hamlet no ar, e Hamlet guinchava loucamente, como se quisesse fazer parte.

Todas as idosas do Não Me Esqueças entraram pela porta da saída de emergência e, ao ouvirem a senhora Hairy e a senhora Moseley e Petros, se juntaram ao coro, batendo palmas também. Então várias pessoas da plateia também gritaram o nome de Milo, e de repente todo o auditório estava gritando, e começaram a pipocar os flashes dos fotógrafos na primeira fila, e Milo reparou nas câmeras de tevê dando zoom em seu rosto.

A enfermeira Thornhill puxou a manga do homem das medalhas.

— Tire esse moleque do palco — ela disse entre os dentes cerrados e o sorriso postiço.

Mas o homem das medalhas não lhe deu ouvidos. Em vez disso, entregou o microfone a Milo e foi sentar em sua cadeira.

Um “shhhhhhhhhh” se espalhou pela plateia e as pessoas pararam de gritar o nome de Milo; os flashes também pararam, e então fez-se silêncio.

Milo ficou parado no centro do palco e respirou fundo. Não era tão assustador quanto ele havia imaginado, porque, ao olhar para os holofotes, tudo ficou embaçado, toda a plateia e todo mundo no palco, e então ele podia fingir que estava ali sozinho, falando consigo mesmo ou com Vovó.

— Eu tenho um porquinho de estimação chamado Hamlet.

Algumas pessoas riram.

— Papai me deu de presente, para me deixar feliz quando eu descobri que tinha retinite pigmentosa, o que significa que meus olhos não funcionam direito e que um dia ficarei cego.

Algumas pessoas suspiraram.

— E também porque ele queria pedir desculpas por ter feito sexo com a Vadia e por ter traído Mamãe, e porque a Vadia estava grávida, e porque eles iriam mudar para Abu Dhabi e nós não nos veríamos por um bom tempo.

Várias pessoas da plateia começaram a falar. A senhora Harris dizia que era falta de educação as pessoas falarem enquanto alguém estava fazendo um discurso, por isso Milo esperou que parassem antes de continuar, que era o que a senhora Harris fazia quando queria a atenção da classe.

— Deixem o garoto falar! — um homem no fundo gritou.

Milo se aproximou do microfone.

— Hamlet é o melhor animal de estimação que alguém poderia ter. Não é tão difícil de treinar quanto um cachorro e não arranha ninguém, como os gatos. E ouve com atenção tudo o que você tem a dizer, até mesmo quando todas as outras pessoas estão muito ocupadas. Além disso, ele é muito quente, por isso você não precisa de uma bolsa de água quente.

Milo apertou os olhos para tentar enxergar Hamlet, porque achava que ele devia estar gostando de ver tanta gente ouvindo falar dele.

— Mas durante algum tempo, quando Hamlet vivia conosco, ele não estava muito feliz. — Milo se sentiu mal pelo que ia dizer na frente de toda aquela gente, mas fazia parte do discurso, por isso não podia deixar de fora. — Ele não estava muito feliz porque Mamãe o obrigava a ficar na garagem. E a garagem é muito fria, principalmente no inverno, e não tem muita luz e tem cheiro de gasolina. Além disso, não temos muito dinheiro e não podemos comprar comida bacana, só a mais barata, e dá para ver que ele não gosta muito, mas come de qualquer jeito quando percebe que não terá outra coisa.

Milo fez uma pausa para recuperar o fôlego. Estava preocupado por estar fazendo o que a senhora Harris dizia que

era “fugir do assunto” e “perder o público”, por isso decidiu voltar ao que realmente queria dizer.

— A questão é que eu não percebi que ele estava infeliz, não no início. Mas então, quando o deixei entrar na casa, percebi que ele se agachava embaixo do aquecedor ou no meu edredom, e, quando eu lhe dava sobras do meu chá, o focinho dele ficava rosa e úmido, o que, segundo a internet, significa que ele está saudável, e ele sorria, e eu sei que vocês provavelmente acham que porcos não conseguem sorrir, mas conseguem, porque eu vi. E ele nunca sorri quando está na garagem, sorri apenas quando está em casa comigo. — Milo parou para respirar. — Então... O que estou dizendo é que o Não Me Esqueças é como a garagem, e a enfermeira Thornhill o mantém assim porque é mais barato, apesar de deixar as idosas tristes e com frio e com fome, e então, quando os inspetores chegam, ela finge que é bacana e eles acreditam porque não se dão ao trabalho de olhar atentamente. — Ele sabia que a senhora Harris diria que ele havia demorado demais para chegar à questão crucial, mas ele teria pontos pela estrutura, principalmente por ter terminado com uma provocação, o que faria com que todos se lembrassem do mais importante. — E eu vi o apartamento onde ela mora e é muito elegante, por isso eu acho que ela pega e usa todo o dinheiro das idosas para comprar coisas para ela.

A enfermeira Thornhill quase caiu para trás. Ela olhou para todos os lados, como os peixes presos na rede de pesca de Vovó em Inveraray.

Os flashes recomeçaram, e desta vez as câmeras de tevê apontaram para ela, não para Milo.

— E agora nós gostaríamos de mostrar um filme que fizemos para que vocês vejam com seus próprios olhos o que acontece, porque assim terão evidências, e não apenas a minha opinião. — Milo se endireitou e tentou enxergar a plateia, apesar de só conseguir ver um rosto de cada vez, ainda assim borrado, por que seus olhos estavam cansados. — Depois que assistirem ao filme e pensarem no que eu disse, espero que entendam por

que eu acho que a enfermeira Thornhill não devia ganhar prêmio algum e devia ser presa e todas as idosas do Não Me Esqueças deviam voltar para suas famílias.

Ele ergueu o polegar e fez sinal de positivo para Tripi, mas os caras do som e da luz já estavam a postos. O telão atrás de Milo se iluminou.

•

A primeira cena mostrou a senhora Moseley, suas adoráveis bochechas brilhantes e lustrosas, segurando seu toca-fitas e dançando. Por um instante, Milo ficou preocupado, achando que estavam mostrando o filme errado, do Não Me Esqueças que aparecia nos cartazes. Mas ela se virou e a câmera mostrou seu vestido por trás. No vídeo, a mancha parecia muito pior, várias camadas em diferentes tons amarelados, como se ela tivesse se molhado várias vezes e ninguém tivesse se preocupado em limpá-la. Milo ouviu as reações de espanto da plateia.

Depois veio uma tomada do corredor escuro, onde ficavam os quartos das idosas. A câmera passou pelas travas do lado de fora das portas. Era possível ouvir a voz da senhora Foxton atrás da porta chamando a enfermeira Thornhill. “Precisamos chamar a polícia, temos que comunicar a invasão... o meu conservatório...” E nas sombras, uma figura branca, alta e magra, dando um murro na porta. “Fique quieta”, ela ordenou e continuou andando.

Um corte para a sala, para uma fileira de pratos cheios de batatas e um cozido viscoso, e em cada prato só alguns pedaços de uma carne acinzentada. Um *close-up* no sorriso sem dentes da senhora Turner e então um zoom em seu bolso, que ela abriu para a câmera: ervilhas pastosas cobertas de molho amassadas no tecido do vestido.

Milo olhou para a plateia pelo buraco da agulha. As pessoas estavam com os olhos grudados na tela. Algumas com a mão na boca. Nenhum sussurro, ninguém tossia, ouvia-se apenas o barulho do projetor e os sons produzidos pelas idosas no filme.

“Levante! Levante!”, a enfermeira Thornhill gritou na tela. A câmera tremeu. A senhora Wong, que estava sempre dizendo que havia sido ginasta olímpica, fazendo um de seus exercícios, estendendo a mão porque havia ficado presa em um agachamento. Algumas pessoas da plateia riram, porque era engraçado, apesar dos gritos da enfermeira Thornhill, mas logo ficaram em silêncio ao verem como ela agarrou a senhora Wong pelas axilas e a colocou em pé, sem sequer lhe dar tempo de recuperar o equilíbrio. A enfermeira Thornhill puxara os braços da senhora Wong com tanta força que eles quase saíram do lugar.

No fundo do salão, Milo viu alguém usando uma jaqueta de couro preta empurrando a porta. Clouds. Ele veio! Milo queria dizer que ele havia feito um ótimo trabalho editando o filme de Tripi, que sem ele nunca teriam conseguido mostrar tudo o que estava acontecendo no Não Me Esqueças.

Mais sons de espanto na plateia. Milo voltou os olhos para a tela de novo.

Outra passagem pelo corredor. Zoom da câmera no botão que regulava o aquecedor, parado no zero. Gelo no lado de dentro das janelas. A sala elegante reservada para as visitas estava trancada, no escuro. A senhora Sharp parada no corredor com seu iPad, gritando “Peguei!”, e então a sombra branca passando de novo, pegando o iPad e, um segundo depois, uma foto da gaveta *NÃO MEXA* com todas as carteiras vazias e também o iPad. No puxador da gaveta, Milo viu os dedos delicados da enfermeira Heidi. Ela devia ter ajudado Tripi com o filme.

Mais algumas tomadas das idosas. A senhora Zimmer adormecida em sua poltrona na sala, uma pilha de comprimidos verdes e brancos em um copo de papel ao seu lado. A enfermeira Thornhill arrancando um batom das mãos da senhora Swift. A senhora Moseley parada no meio do quarto com o cabelo molhado, tremendo, dizendo “Não quero tomar banho... Não quero tomar banho...”, e então um corte para o quarto de Vovó.

Milo olhou para Mamãe. Ela estava em pé, com a mão no pescoço. Dessa vez ele ficou feliz por Tripi estar lá, ao seu lado, segurando-a pelos ombros. Mamãe coçou o pescoço. Milo sabia que ela pressentia o que viria em seguida, como ele. Ele pensou em todas as vezes que tentou ver Vovó e o Não Me Esqueças estava fechado e em quando encontrava Vovó em seu quarto com marcas nos pulsos.

A luz no telão piscou.

Vovó estava sentada na poltrona perto da janela, com uma bandeja de comida no colo. Ela não havia tocado no prato. Pouco depois, a voz da enfermeira Thornhill encheu a tela. “Venha, enfermeira Heidi, se sua alteza não come, teremos que lhe dar uma mãozinha.” O celular devia estar com a enfermeira Heidi, porque não parecia haver mais ninguém no quarto e as únicas pessoas que apareciam na tela eram Vovó e a enfermeira Thornhill. Vovó balançou a cabeça. “Sem discussão!”, a enfermeira Thornhill gritou. Milo não conseguia respirar. Desejou que jamais tivesse deixado Vovó sozinha, nem por um segundo. Vovó olhou ao redor, procurando por seu bloquinho de notas, mas a enfermeira Thornhill o atirou do outro lado do quarto. Depois ela se aproximou de Vovó. Enfiou um garfo em seus dedos, agarrou seu pulso, colocou comida no garfo e levou até sua boca. Vovó ficou de boca fechada. “Você vai comer!”, a enfermeira Thornhill gritou.

A plateia levou um susto. O coração de Milo acelerou de tal forma que ele achou que seu peito fosse explodir. Então era por isso que Vovó tinha todas aquelas marcas. A enfermeira Thornhill agarrou seu pulso e tentou de novo. Dessa vez ela colocou a comida em sua boca, mas Vovó ficou de boca fechada. A comida escorreu pelo queixo e caiu no vestido. E então a tela ficou preta.

•

Milo ficou parado, sentindo a pressão do silêncio sobre ele. Então, como a plateia continuava em silêncio, ele começou a ficar com medo de ter dito algo errado em seu discurso, ou de

não ter explicado direito, ou talvez tivesse se afastado tanto do assunto que ninguém havia entendido o que ele estava falando. Ou talvez não tivessem entendido o filme e por que havia sido feito.

Mas aí ele sentiu alguém se levantando atrás dele e, ao se virar, viu que era a senhora com traje e medalhas cuja perna ele havia prendido ao tropeçar no cabo. Ela estava batendo palmas.

— Pegamos eles, os demônios! — a senhora Sharp gritou no fundo do salão.

E as pessoas riram, porque se lembraram da sua voz no filme. E então as outras pessoas que estavam no palco também começaram a bater palmas, e logo todo o salão estava de pé, gritando e batendo palmas e os pés, e o barulho ficou tão alto que Milo desejou que parasse, porque sua cabeça estava doendo, mas ele também estava feliz, porque quando as pessoas são corajosas elas são aplaudidas, e Vovó queria que ele fosse corajoso. Talvez Vovô também ficasse orgulhoso dele.

Mas então, quando Milo apertou os olhos e focou o olhar pelo buraco da agulha, percebeu alguém andando na direção oposta à de todo mundo. Alguém que não estava batendo palmas nem olhando para ele: a enfermeira Thornhill, indo na direção da saída de emergência.

— Vejam! — Milo gritou. — Ela está fugindo.

Uma centena de cabeças se virou e seguiu a direção do braço estendido de Milo.

A senhora Moseley disparou de onde estava com a senhora Hairy e passou por Mamãe, a senhora Zimmer, a senhora Turner, a senhora Swift, a senhora Sharp, a senhora Foxton, a senhora Wong, Petros e Vovó e colocou a bengala diante da saída de emergência. A enfermeira Thornhill tentou forçar a passagem, mas alguém da plateia a segurou por trás e depois disso ela foi engolida pela multidão e Milo não conseguiu mais vê-la. Mas ele não se importou, porque sabia que eles não a deixariam ir embora.

TRIPÍ

Os idosos saíram do micro-ônibus fazendo estardalhaço. Petros havia cantado uma canção grega de sua cidade natal, Patitiri, e a senhora Moseley tinha comandado as senhoras em uma versão de uma das canções de Bob Marley que ela gostava, chamada “I Shot the Sheriff”, que Tripi imaginou ser sua forma de celebrar o fato de terem se livrado da enfermeira Thornhill.

A enfermeira Heidi estava na porta da frente, o rosto radiante.

— Vocês conseguiram! — Ela disse, estendendo os braços para eles.

— Agora você está no comando — Petros anunciou.

Os funcionários tinham perguntado se havia enfermeiras no lar que pudessem cuidar dos idosos, e eles explicaram que a enfermeira Heidi estava esperando por eles e que ela era mais do que capaz de cuidar do forte até a manhã seguinte. “O forte”, Tripi gostou disso, a ideia de um lar como um lugar forte e seguro. No dia seguinte, viria alguém da Câmara de Slipton para decidir o que aconteceria com o Não Me Esqueças e seus residentes.

A senhora Hairy estacionou o Mercedes vermelho diante do Não Me Esqueças e saiu do carro trazendo uma caixa de bolo enorme com letras douradas por cima.

— Sandy me contou sobre a festa — ela disse, sorrindo. — E no meu trabalho sempre tem um bolo sobrando na cozinha.

Tripi viu a senhora Moseley se aproximando da filha com dificuldade. Elas tinham o mesmo nariz reto, aberto nas narinas. “Você não consegue esconder suas origens”, Tripi pensou.

Quando subiram os degraus da entrada do Não Me Esqueças, a Adorável Sandy abraçou Milo, desarrumando seu cabelo e dando-lhe muitos beijos.

Entre eles, mais gordo do que nunca, guinchando e fungando, Hamlet andava em círculos.

Tripi bem que gostaria de se juntar à cantoria, ou cantar suas canções da Síria, talvez até o hino nacional *Ḥumāt ad-Diyār*, Guardiões da Pátria... “A vibração de nossas esperanças e a palitação de nossos corações...”, seu verso favorito. Mas, em vez disso, ficou parado, olhando e ouvindo. Antes de ir embora, queria gravar aquela imagem. Olhou para o céu e viu um avião passar no meio das nuvens.

Ajudou todas as senhoras a saírem do micro-ônibus. Elas seguraram sua mão e pisaram no asfalto com alegria. Levadas por aquele sentimento de libertação, sabendo que a enfermeira Thornhill jamais voltaria, era como se tivessem esquecido que eram idosas.

Ele sentiu certo orgulho por ter ajudado a tornar aquilo possível. E tristeza também: sentiria saudade de seus novos amigos. Mas naquela noite ele ainda estava ali, e havia baclava na cozinha e um bolo e uma festa de noivado. Petros disse que queria se casar antes do Natal para poder entrar no ano novo com Lou. Ele havia encontrado um lugar chamado Gretna Green na internet. Eles poderiam ir de ônibus e casar na mesma hora. Tripi havia sorrido ao ouvir Petros falar com o entusiasmo de um jovem.

— Tripi? — A senhora Zimmer colocou um pedaço de papel na mão dele. Uma das cópias que Milo havia feito da foto de Ayishah. — Ela tem olhos bondosos — a senhora Zimmer disse.

Tripi concordou com a cabeça, “bondosos e travessos”.

— Gosto muito desta foto — Tripi falou, alisando as dobras.

— Não, não na foto.

A senhora Zimmer estava sempre dormindo, pegando no sono ou acordando. Seus pensamentos nunca eram muito claros.

— O que a senhora quer dizer, senhora Zimmer?

— Na televisão.

O coração de Tripi disparou.

— A senhora a viu na televisão?

A senhora Zimmer esfregou os olhos.

— Eu... Eu... Eu não sei. Milo nos disse para procurarmos, por isso tenho assistido ao noticiário. Todo mundo acha que estou sempre dormindo, mas costumo ficar com os olhos meio abertos.

— A senhora a viu no noticiário? — Tripi sentiu vontade de agarrar a velhinha e rodá-la no ar. — Quando?

— Hoje de manhã. Mas não tenho certeza de que era ela, Tripi, meus olhos já não estão tão bons e a imagem passou muito rápido. Ela estava ao fundo, eu acho. Talvez não fosse ela... Só pensei que você poderia dar uma olhada, não custa nada. — A senhora Zimmer pegou a foto e mostrou o verso. — Anotei a hora em que vi a menina na tela.

Tripi viu as palavras anotadas a lápis com a letra trêmula da senhora Zimmer: “Irmã do Tripi? BBC1. 08:03”.

Ele sentiu o sangue latejar nas orelhas. Poderia pesquisar na internet e encontrar um vídeo do programa. Poderia confirmar se era Ayishah, se ela estava viva. Cinco meses sem uma única pista e agora aquilo... uma simples anotação de uma senhora idosa cansada.

— Como a senhora sabia que a foto que Milo lhe deu era da minha irmã?

A senhora Zimmer sorriu.

— Não somos tão bobas, Tripi. Uma amiga de Milo, na Síria? Não, não eram bobas mesmo.

— A menina que a senhora viu, ela parecia estar bem?

A senhora Zimmer hesitou.

— Um pouco magra. Acho que eles não têm muitas batatas na Síria.

— E o programa? Disseram onde foi filmado, em que campo?

— Não ouvi. Talvez você possa procurar no computador. — Ela dobrou a foto e entregou a Tripi. Depois apertou a mão dele. — Não quero lhe dar falsas esperanças, não tinha certeza se deveria lhe contar... Posso estar enganada.

Mas Tripi já não estava mais ouvindo. Sua mente havia acelerado. Al. Al saberia como encontrar as imagens.

Tripi olhou para o céu escuro, para as estrelas de Slipton. “Sim, Ayishah, você tinha razão, milagres acontecem.”

Ele viu a senhora Zimmer entrar no Não Me Esqueças bocejando. Precisava acreditar que aquilo que ela vira era uma mensagem de Alá, que lhe daria coragem para voltar.

“Desta vez não vou parar de procurar até encontrar você, Ayishah.”

Tripi deu uma última olhada no micro-ônibus e notou uma pequena figura escura no banco de trás.

— Velha Senhora Moon? — Ele se aproximou.

Ela abriu os olhos.

— Estou um pouco cansada — ela disse, quase sem voz.

— Vamos entrar, vamos para sua festa.

— Eu disse a Petros para ir na frente. Queria dormir um pouco.

— Dormir? Aqui?

A Velha Senhora Moon assentiu com a cabeça.

— Sim, aqui. — Ela fechou os olhos. — Venha me buscar mais tarde, Tripi.

Tripi não gostava da ideia de deixar a Velha Senhora Moon ali sozinha no ônibus escuro, mas, se havia uma coisa que as idosas poderiam fazer agora que a enfermeira Thornhill havia ido embora, era decidir o que quisessem sem serem obrigadas a fazer nada.

— Por favor — ela disse. — Por favor, vá e aproveite a festa.

Tripi se inclinou, beijou o rosto da Velha Senhora Moon e sussurrou:

— Durma bem.

MILO

Milo voltou do quarto de Vovó com a gaita de foles debaixo do braço esquerdo e o vaso com a rosa amarela de Petros na mão direita.

A música da gaita de foles de Vovô não parava de tocar em sua cabeça como uma marcha da vitória.

“Conseguimos, Vovô, conseguimos.”

E então Milo olhou para a rosa amarela e, por algum motivo, teve a sensação de que já a havia visto antes. Petros tinha ouvido o que ele dissera sobre o fato de as rosas amarelas serem as preferidas de Vovó. E também havia encontrado Hamlet. Talvez não fosse tão ruim, no final das contas.

“Petros é legal, Vovô”, Milo falou. “Não tão bom quanto você, mas parece que ele vai fazer Vovó feliz até vocês se encontrarem de novo.”

Ele parou na porta e virou a cabeça para apreciar cada pedaço da sala. Algumas horas antes, aquele lugar estava frio e silencioso, a tevê do canto ligada no noticiário, o ar impregnado com cheiro de urina e limões artificiais e batatas frias. Mas agora estava cheio de vida.

A senhora Sharp estava ensinando a senhora Wong a jogar Angry Birds. Ela havia percebido que seria mais divertido competir com alguém do que jogar sozinha.

A senhora Moseley girava sua bengala como se estivesse comandando um musical do West End, com seu toca-fitas no volume máximo. Milo tinha ouvido a fita tantas vezes que reconheceu a música imediatamente: “Could You Be Loved”, uma das preferidas da senhora Moseley.

A senhora Foxton, a senhora Turner e a senhora Swift balançavam junto com ela como se estivessem em uma pista de dança.

Até a senhora Zimmer, sentada na poltrona com os olhos fechados, acompanhava o ritmo batendo os pés no chão. Pobre senhora Zimmer, ela não tinha dormido muito durante o dia.

A senhora Hairy estava arrumando a mesa de jantar com o bolo que havia trazido.

Perto da janela, Petros havia subido em um banco, com o apoio da enfermeira Heidi, para prender algumas bexigas no trilho da cortina. Milo lhe daria a rosa para que ele entregasse a Vovó antes do seu discurso. Petros tinha ensaiado com Milo no caminho de volta de Londres e parecia meio piegas (“Eu te amo mais do que todas as gotas de chuva na Inglaterra”, esse tipo de coisa), mas Milo achava que Vovó ia gostar.

Milo virou a cabeça de novo. Tripi colocou uma das latas de lixo pequenas na mesinha do canto, arrastou um saco enorme até o outro canto, colocou a mão no saco, pegou uma batata e deu para Mamãe. Ela riu e corou como se fosse um presente, e não uma batata enrugada, e depois atirou para o outro lado. A batata caiu na lata de lixo, fazendo barulho. Cesta! As senhoras pararam de dançar e bateram palmas. Mamãe deu um pulo e passou os braços nos ombros de Tripi.

Milo voltou a virar a cabeça. A televisão estava ligada, sem som, exibindo imagens daquele lugar chamado Síria. Prédios destruídos, flashes de uma cidade escura.

Clouds tinha ido buscar a namorada para a festa.

E Vovó? Ela já não devia estar ali? Tripi havia dito que ela estava cansada e quis ficar no ônibus. Às vezes ela também fazia isso em casa, ficava sentada em seu quarto no escuro, olhando para Slipton.

Milo examinou cada centímetro da sala. Ela realmente não estava ali.

Ainda carregando a gaita de foles e a rosa, Milo passou pela porta da frente e parou no alto dos degraus. Pelo buraco da agulha, viu um carro parando no semáforo no final da rua. O carro era vermelho, mais escuro do que o Mercedes da senhora Hairy, e também mais bacana, tão bacana que não tinha nem placa.

Milo desceu os degraus e caminhou até o micro-ônibus da escola, estacionado junto à calçada. Parou por um segundo e olhou para a lua cheia.

— Obrigado, lua — ele sussurrou. Um dia ele veria um eclipse, mas, por enquanto, uma lua cheia era mais do que ele poderia esperar.

Estava frio dentro do micro-ônibus, tão frio quanto o Não Me Esqueças quando a enfermeira Thornhill estava no comando. O ar cheirava a laquê e ao limão artificial da loção pós-barba de Petros e a hálito de pessoas velhas. Mas, acima de tudo, ao perfume de pêssego de Vovó. As luzes alaranjadas da rua transformavam o interior do ônibus em uma escuridão granulada.

Ele caminhou pelo corredor central, virando a cabeça de um lado para o outro enquanto examinava os bancos. Então ouviu um barulho.

Milo acelerou o passo e alcançou a última fila de bancos.

Em um canto, com a sombra de uma lâmpada da rua sobre seu corpo diminuto, estava Vovó, dormindo. Hamlet estava deitado em seu colo. Vovó estava realmente encolhendo, seus pés não tocavam o piso.

Quando viu Milo, Hamlet levantou a cabeça e seus olhos se encontraram.

Milo colocou a gaita de foles e a rosa de lado e sentou junto de Vovó. Pegou sua mão e acariciou como sempre fazia quando queria acordá-la sem lhe dar um susto.

— Vovó — ele sussurrou. — Vovó.

Mas ela não se mexeu.

Milo olhou pela janela do micro-ônibus e, pelo buraco da agulha, viu a sala iluminada, as bexigas de Petros subindo e descendo contra a cortina.

— Milo, meu Bravo Milo.

Milo virou a cabeça para Vovó. Ela abriu os olhos, os dedos da sua mão esquerda tremeram e ela sorriu. Depois fechou os olhos de novo.

— Vovó... — Milo apertou sua mão. — Vovó, você está acordada?

Mas seus olhos continuaram fechados e seu pequeno corpo afundou no banco e então a mão parou de tremer.

Lá fora, o barulho de uma moto se aproximando e parando ao lado do ônibus. Milo saiu correndo.

Clouds ficou em pé na calçada, tirando o capacete. Atrás dele, uma moça usando calças e jaqueta de couro como a dele desceu da moto.

— Oi, Milo, o que está fazendo aqui? — Clouds perguntou.

Milo não conseguiu responder, as palavras ficaram presas em sua garganta.

— Esta é a minha namorada, Kasia.

— Eu soube que você é um herói — Kasia falou; ela tirou a luva de couro e estendeu a mão para Milo.

Então era por isso que Clouds desaparecia todas as noites, por isso que nunca guardava suas calças ou sua escova de dentes no quarto de Vovó.

Clouds segurou Kasia pela cintura e olhou para a janela da sala.

— A festa está bombando, hein?

Milo não conseguia respirar.

— Você está bem, cara? Parece em estado de choque.

— É a Vovó.

— Não entendi.

Milo limpou a garganta.

— A Vovó está no ônibus. Ela não está respirando.

Clouds ficou sério. Soltou Kasia e correu para o ônibus.

— No fundo — Milo gritou, correndo atrás dele.

Milo tirou Hamlet do colo de Vovó e o abraçou. Clouds sentou ao lado de Vovó e levantou sua mão para sentir o pulso. Depois se inclinou para a frente e encostou o ouvido em sua boca. No ônibus mal iluminado, Milo viu os olhos dele se encherem de lágrimas.

— Estou aqui, Tia Lou — ele repetiu várias vezes. — Estou aqui.

Sandy

Sandy viu Al carregar Lou pelo corredor, seguido por Milo, a enfermeira Heidi e uma moça que era a namorada de Al. Petros ficou na sala, olhando pela porta.

— Preciso ir até lá conversar com Petros — ela disse.

Tripi puxou o dedinho da boca de Sandy delicadamente.

— Vai ficar tudo bem, estou aqui com você.

Sandy apertou a mão de Tripi, respirou fundo e voltou para a sala. Eles se aproximaram de Petros, que estava sentado em uma das poltronas olhando para a rosa amarela que Milo tinha acabado de lhe dar. Hamlet estava deitado aos seus pés, comendo um pedaço do bolo de Gina.

— Petros? — Sandy chamou.

Petros girou a rosa amarela entre os dedos.

— Precisamos contar uma coisa — Tripi falou, ajoelhando-se diante dele.

Petros continuou com os olhos baixos. Ele já sabia.

Acima da música da senhora Moseley e do ruído da conversa das idosas, Sandy ouviu um barulho que não combinava com uma casa de repouso.

— Você ouviu isso? — Sandy perguntou a Tripi.

Ela ouviu de novo: um choro.

Sandy correu até a porta da sala.

Ela viu Andy vindo em sua direção e, alguns passos atrás dele, Ângela, segurando a Habibti nos braços.

•

Durante meses após sua partida, pedaços de Andy continuaram a aparecer aqui e ali como fantasmas no ar. O cheiro do edredom quando ela arrumava a cama. A imagem de seus ombros largos no vapor do chuveiro. Ao olhar no espelho,

ela via o rosto dele, aquele ponto nas têmporas que latejava quando ele estava sobrecarregado de trabalho. A lembrança dos cabelos cada vez mais finos entre seus dedos quando ela os cortava, uma vez por mês. Sandy também havia encontrado alguns fios no piso ao varrer a cozinha após o incêndio.

E agora? Bronzeado, os olhos azuis mais claros, pelos loiros nos braços, uma calça jeans diferente, mais elegante.

Ela não o conhecia mais.

— Que diabos está acontecendo?

Os sapatos comprados no *free shop* brilharam enquanto ele marchava pelo corredor. Abu Dhabi, o novo mundo.

— Recebemos uma mensagem no telefone de um sujeito chamado Tripi e depois ouvimos a voz de Milo no rádio ao virmos do aeroporto para cá.

Sandy ouviu as portas da sala se fechando e depois sentiu Tripi se aproximando por trás.

Andy olhou em volta.

— Então foi neste lugar que você jogou a Vovó?

A Habibti continuava gritando. Por que Ângela não a levava para fora e esperava no carro?

— E o que é que você está olhando? — Andy perguntou para Tripi.

— Este é Tripi. Ele é meu... — Sandy respirou profundamente e olhou para o rosto gentil de Tripi. — Ele é meu companheiro. Estamos juntos.

— Você está saindo com esse cara?

Ela sabia o que Andy estava pensando. Que ela estava saindo com um homem mais jovem para se vingar. Mas ela não se importava mais com o que ele pensava. Segurou a mão de Tripi.

— Sim, estou saindo com ele. Ele tem ajudado Milo.

Tripi engoliu em seco, seu pomo de Adão subiu e desceu na garganta.

Andy passou a mão na cabeça. “Os cabelos estão cada vez mais finos”, ela pensou. Isso não tinha mudado. Tripi tinha um cabelo bom: forte, confiável.

— E onde está a Vovó?

Petros tirou o boné, deu um passo à frente e estendeu a mão. Seus velhos olhos azuis ficaram embaçados.

Houve uma pausa. A música do toca-fitas da senhora Moseley diminuiu atrás da porta fechada da sala.

Então eles ouviram uma voz fraquinha.

— Ela se foi, Papai.

Milo estava parado no corredor, os olhos arregalados.

MILO

Às três horas da manhã, Milo se encolheu todo no colchão do quarto de Vovó. Hamlet se aninhou entre seus joelhos e seu estômago; ele havia vomitado o bolo da senhora Hairy no banco de trás do carro a caminho de casa e então pegou no sono.

Milo se inclinou e sussurrou na orelha preta de Hamlet.

— Você sabe que a Vovó se foi? — Milo acariciou o tufo de pelos em sua cabeça. — Você sabia que ela estava indo, como sabe quando vai haver uma tempestade? — Hamlet torceu o focinho no sono, mas continuou de olhos fechados.

Milo sentiu as molas do colchão contra a sua coxa. Por que Vovó nunca disse como era desconfortável? Ele poderia ter comprado um daqueles colchões de espuma macia dos anúncios da tevê.

“Sinto muito, Vovó”, ele pensou, enfiando o nariz no colchão, inspirando o cheiro dos cigarros de Al e, por trás dele, o cheiro de pêssego. “Eu deveria ter cuidado melhor de você.”

Uma batida na porta.

— Milo? — A voz de Papai.

Milo não respondeu.

Naquelas horas após a festa, quando a enfermeira Heidi chamou o médico, quando os homens da ambulância tiraram Vovó do ônibus, quando Clouds foi para casa com a namorada e Mamãe concordou em deixar Papai, a Vadia e Arabella virem para casa com eles... Durante todo esse tempo, Papai havia tentado puxar conversa com Milo, tinha estendido o braço para passar a mão em sua cabeça, tinha perguntado como ele estava. Mas ele se afastou todas as vezes.

— Posso entrar?

Papai abriu a porta e sentou na ponta da cama, o rosto inchado e manchado. Ele estava com Arabella nos braços.

— Eu queria que vocês dois se conhecessem — ele disse, aproximando-a de Milo.

Arabella se contorceu e franziu o rosto e produziu uma bolha de cuspe pela boca rosada.

Milo virou o rosto e olhou para a parede.

— Sinto muito, Milo.

Milo não respondeu. Hamlet ficou em pé e se aproximou de Papai e de Arabella. Depois soltou um guincho.

— Parece que Arabella arrumou um fã — Papai falou, sorrindo.

O que dava a Papai o direito de vir até aqui e agir como se não tivesse culpa em tudo aquilo? Fingir que estava tudo bem? De qualquer forma, Hamlet não gostava de Arabella, estava apenas curioso porque ela era rosa e enrugada e menor do que ele.

— Milo, você ouviu o que eu disse? Que eu sinto muito?

Milo sentou na cama e olhou diretamente para ele.

— Sente muito pelo quê, Papai?

O rosto de Papai ficou vermelho. Milo desejou que Papai pegasse a mancha de Mamãe para sentir como era ter a pele pegando fogo.

— Eu... Eu sinto muito por...

— Por ter deixado a Mamãe? Por não ter nos mandado dinheiro nenhum? Por não ter se importado com o que aconteceria com a Vovó? Ou por não ter feito contato, não até algumas semanas atrás, quando você falou com Tripi, e mesmo assim não ligou de volta?

— Mamãe não lhe mostrou os cartões e as fotos?

Milo pensou nas fotos que o senhor Overend havia lhe dado e então entendeu como é que elas tinham ido parar na lata de lixo.

Quando Papai foi embora, Milo pensou que a culpa era de Mamãe. Que ela poderia ter se esforçado para mantê-lo em casa. Porque Papai era legal, não era? Era ele quem entendia

Milo e amava Hamlet e preferia passar seu tempo com Vovó em vez de com pessoas da sua idade e não queria que as pessoas tratassem Milo de maneira diferente por causa dos seus olhos. Milo achava que Mamãe devia ser a culpada de tudo. Mas agora entendia que as pessoas que te amam são aquelas que ficam do seu lado.

— Você decidiu ir embora, Papai.

— É mais complicado do que isso, Milo.

Milo virou a cabeça de novo para a parede.

— Vamos ficar aqui por alguns dias, até depois do enterro.

Milo não entendia por que Mamãe tinha feito a cama para Papai e a Vadia dormirem no seu quarto; por que havia ajudado a Vadia a fazer uma caminha para Arabella em um canto do quarto; por que havia dito que dormiria no sofá. Ela estava deixando que passassem por cima dela. Por que eles não iam para um hotel e deixavam Milo e Mamãe e Hamlet em paz?

— Quando quiser conversar, Milo, estarei esperando.

— E o que vai acontecer depois do enterro? — Milo murmurou para a parede. — Você vai voltar para Abu Dhabi? Vai nos deixar de novo?

Papai se inclinou e colocou a mão no ombro de Milo. Foi como se tivesse sido tocado por um estranho. Ele se contorceu para afastar o ombro. Arabella fungou, como Hamlet fazia às vezes, e ele sentiu pena dela, por estar no meio daquela situação.

— Vamos voltar para Slipton. Vamos encontrar uma casa, Milo, com um quarto para você e espaço para Hamlet correr pelo jardim.

“Papai ia voltar? De verdade?”

— Sei que fiz tudo errado e sei que vai demorar para você me perdoar, mas prometo que vou compensar você por tudo.

Milo fechou os olhos e ouviu a água correndo pelos canos do banheiro da suíte de Mamãe. A Vadia estava lavando o rosto na pia de Mamãe? Ele ouviu a respiração pesada de Hamlet, que havia pegado no sono de novo. Milo desejou que o senhor

Overend começasse a assobiar ou que um avião passasse em cima da casa para abafar a voz de Papai.

Milo apertou os olhos com força. “Vovó, eu gostaria que você estivesse aqui.” E então ouviu uma melodia, baixinho no início, avançando como um cavalo a galope, cada vez mais perto.

A música da gaita de foles de Vovô, só que eram duas pessoas tocando, um dueto.

Milo abriu os olhos, fixos na parede.

— Você disse a Mamãe que sentia muito?

Ele ouviu Papai mudando Arabella de um braço para outro.

— Ainda não conversamos, Milo. Mas vou dizer, é claro que vou.

O som do dueto da gaita de foles ficou mais alto na cabeça de Milo.

— Bem, depois que disser, poderemos conversar.

SANDY

No porão da Funerária Tony Greedy & Filhos, Sandy acariciou a pele de Lou. Fria como mármore, porém macia. Alisou suas sobrancelhas e passou um lápis para reforçar o formato e dar um pouco de cor. Sandy jamais havia visto aquelas sobrancelhas erguidas, como se a vida tivesse esgotado suas possibilidades de surpreender Lou Moon.

Ela tinha pedido permissão para fazer a maquiagem de Lou. Não queria que uma pessoa estranha pintasse seu rosto.

Andy bateu na porta aberta.

— Fazendo sua mágica, Sandy?

— Você está aqui? — Ela ergueu os olhos, surpresa.

— Arabella finalmente dormiu. — Ele pigarreou. — Obrigado por nos emprestar o quarto.

Sandy havia feito uma cama para ela no sofá. Depois que Andy foi embora, ela passou muitas noites ali, com a televisão piscando até altas horas, o olhar grudado no salão.

Andy se aproximou e colocou a mão em seu braço.

Quando tempo havia passado desde que ele a tocara pela última vez? Ela se aproximou e encostou o rosto em seu peito. Aquele cheiro familiar e também outro, de seu bebê.

Andy passou a mão em sua cabeça e ela soube que deveria se afastar, mas queria ficar ali, só por um instante.

— Desculpe, Andy. Desculpe por não ter falado com você a respeito de Lou.

— Eu deveria estar aqui.

“Sim, deveria, seu egoísta miserável”, não era isso o que Sandy deveria dizer? Ainda assim, ao voltarem todos para casa na noite anterior, quando Milo enlaçou os dedos nos seus e lhe disse pela primeira vez que a amava, alguma coisa se soltou, libertando-a, e a raiva que ela sentia por Andy se desfez.

Ela se afastou e arrumou o cabelo.

— Será bom para Milo ter você em casa.

Ele balançou a cabeça.

— Ele me odeia, Sandy.

Um dia antes, ela ficaria satisfeita com aquelas palavras, uma pequena vitória. Mas agora não.

— Ele passou por muita coisa, tenho certeza de que você pode entender. Mas ele vai voltar para você. Ele te ama.

Andy se aproximou de Lou e pegou sua mão. Sandy parou ao lado dele.

— Andy, preciso que você cuide de Milo.

— É claro...

— É sério, estou falando cuidar dele de verdade. Certificar-se de que os olhos dele estão bem, de que ele está se dedicando à escola, de que está feliz. Ele precisa fazer amigos, crianças da idade dele.

— Faremos isso juntos, Sandy. O fato de agora eu ter Arabella e Ângela, isso não muda nada.

Outra mulher e outro bebê na vida dele e nada havia mudado? O Andy ingênuo estava de volta.

Andy corou.

— Quer dizer, isso não afetará nossos cuidados com Milo.

Sandy balançou a cabeça.

O pensamento tinha acabado de lhe ocorrer, mas tinha certeza de que era a coisa certa.

Ela olhou para Lou, deitada como se estivesse dormindo. Onde ela estaria agora? E o que estaria pensando ao olhar para todos eles?

“Meu verdadeiro amor chegou primeiro”, Lou falou antes de adormecer na manhã em que pediu Petros em casamento. “E agora tenho um segundo amor. Talvez com você, Sandy, aconteça o contrário.”

— Preciso que você cuide das coisas por um tempo — Sandy falou. — Preciso fazer uma coisa, algo importante.

TRIPÍ

— Você dá isto para sua mãe depois do enterro?

Tripi tirou o envelope da mochila de Ayishah e entregou a Milo. Uma carta para explicar por que ele precisava ir embora.

— Então você vai mesmo voltar para a Síria?

— Não para a Síria, não imediatamente. Mas preciso sair de Slipton. Vou para Londres. E para outras cidades. Existem pessoas na Inglaterra que irão me ajudar a encontrar minha irmã e outras crianças perdidas. Vou lutar por isto, como você lutou para salvar as idosas do Não Me Esqueças.

— Desculpe por ter mentido.

Milo apertou Hamlet contra o peito e enfiou o nariz em seu pelo.

— Bem, você não mentiu, Milo. Al me ajudou, me deu ideias, nomes de organizações que posso procurar e que me ajudarão a encontrar Ayishah.

Se Ayishah fosse ou não fosse a menina que a senhora Zimmer tinha visto na tevê, Tripi sabia que iria encontrá-la: ou no campo que haviam mostrado na BBC News, com 28 mil refugiados em Ceylanpinar, ou em outro lugar. Ayishah estava viva, ele sentia isso.

— E quando a encontrar, você vai voltar?

— É claro. Vou encontrar uma forma de trazer Ayishah para a Inglaterra. Vocês serão amigos, tenho certeza. E ela vai adorar Hamlet.

Tripi esfregou a cabeça de Hamlet.

— E você não vai mesmo falar com Mamãe?

Tripi olhou para Sandy, que estava ao lado do caixão, passando a mão no cabelo da Velha Senhora Moon. Ela estava com um vidro de perfume na mão, que havia passado atrás das

orelhas de Lou e na frente do vestido. O aroma de pêssego pairava no ar.

— Não quero estragar este dia.

Mas Tripi sabia que era mais do que isso. Se contasse à Adorável Sandy, ela tentaria convencê-lo a ficar, e ele tinha medo de perder a coragem de ir.

Milo enfiou a carta no bolso da calça e voltou para a frente da capela. Entregou Hamlet para seu pai segurar e passou a mão na cabecinha de Arabella. A Vadia, de quem Sandy tanto falava, olhou para ele com olhos gentis. Ela não parecia tão ruim no final das contas; não era tão bonita quanto a Adorável Sandy, é claro, era muito magra.

Tripi ficou no fundo e viu todo mundo ocupar seus lugares.

Petros se aproximou e sentou ao lado de Milo, com uma rosa amarela na lapela, como se aquele fosse o dia do seu casamento.

Kasia, a namorada de Al, estava sozinha. Que idiota ele tinha sido por pensar que Al era seu rival em relação à Adorável Sandy. Al, um parente da Escócia que Sandy não conhecia. E ele tinha uma namorada da Polônia, uma mulher que, como Tripi, estava longe de sua terra natal, mas havia encontrado seu lugar na Inglaterra, como ele, algum dia.

A senhora Moseley passou por ele com a filha, uma mulher que Milo chamava de senhora Hairy. Era a primeira vez que ele via a senhora Moseley sem uma mancha na parte de trás do vestido. Ela havia deixado o Não Me Esqueças e estava vivendo na Mansão Hairy.

A enfermeira Heidi ajudou as outras idosas a ocuparem seus lugares. Como Heidi ainda não tinha concluído sua formação, haviam colocado outra enfermeira no comando, mas Tripi tinha certeza de que um dia Heidi iria dirigir uma casa de repouso e cuidaria para que o lugar tivesse o aquecimento ligado e as pessoas idosas fossem felizes e não houvesse batatas no cardápio.

E então Al cruzou a porta usando seu *kilt*, trazendo a gaita de foles da Velha Senhora Moon, e começou a tocar. Milo colocou

Hamlet na cadeira, foi até a ponta da fila e segurou a mão de Sandy. Ele sussurrou alguma coisa em seu ouvido.

Hamlet ergueu-se na cadeira e grunhiu e todos ficaram em pé.

Tripi sentiu uma pontada no fundo dos olhos. Não podia ficar emocionado agora, precisava pensar em Ayishah.

Ele se virou para sair.

— Tripi?

Ele tropeçou no tapete.

— Onde você está indo? — Sandy tinha dado a volta pela lateral da capela. Milo estava ao seu lado, segurando sua mão.

Todos haviam sentado, menos Andy, que foi até o microfone diante do caixão da Velha Senhora Moon.

Tripi olhou para Sandy e soltou um suspiro.

— Você fez um belo trabalho com a Velha Senhora Moon, você é uma artista.

Sandy riu.

— Ela teria odiado. Acho que ela nunca usou maquiagem em toda sua vida. — Sandy fungou. — Ela sempre teve uma pele linda, pele de pêssego, como a de Milo.

Milo corou, mas Tripi podia jurar que o menino ficou feliz por ter um pouco da Velha Senhora Moon nele.

— Acho que você deveria dar seu lenço para a Mamãe.

Tripi tirou o lenço do bolso e entregou a Sandy.

— Acho que fiz isso por mim, quer dizer... a maquiagem. — Sandy assoou o nariz e limpou o rosto. Depois olhou para Tripi com os olhos embaçados. — Milo disse que você está indo embora. Ele me entregou isto. — Ela mostrou a carta.

Tripi hesitou, pensou em milhares de desculpas que pudessem tornar a partida mais fácil. Mas não era justo.

— Eu queria que você descobrisse depois, Sandy. — Ele olhou para Milo, mas Milo exibiu o mesmo sorriso atrevido de Ayishah quando ela sabia que estava ganhando uma discussão. — Mas, sim, estou indo embora.

— Para encontrar sua irmã?

— Sim. — “A agulha no palheiro”, ele pensou. Ayishah gostaria dessa expressão.

Sandy colocou a mão em seu braço. Ela havia pintado as unhas de rosa-claro, só a unha do dedo mindinho da mão esquerda estava lascada.

— Mamãe tem uma coisa para lhe dizer, Tripi.

Sandy respirou fundo.

— Me leve com você. — Ela o olhou nos olhos. — Eu o ajudarei a encontrar Ayishah. Viajaremos juntos pelo país, vamos bater em todas as portas e lutar até que a encontrem e a tragam para cá. — Seu rosto se animou. — Quero fazer alguma coisa importante. Quero fazer isso, Tripi.

Andy terminou o discurso no microfone e se sentou. O som de um órgão eletrônico inundou o ambiente e todos ficaram em pé de novo, abriram os folhetos e começaram a cantar.

“Fica comigo; a noite cai rapidamente...”

“Que lindo”, Tripi pensou. “Fica comigo.” Ayishah gostaria de ouvir isso.

— Já conversamos e achamos que Mamãe deve ir com você. Eles o levarão mais a sério se você tiver uma inglesa do seu lado.

Sandy chegou mais perto de Tripi.

— Eu e Milo tivemos a mesma ideia. Aparentemente, não somos tão diferentes assim, hein, Milo?

Milo sorriu.

— Bem... não nisto, Mamãe.

— Mas quem vai tomar conta de Milo enquanto estivermos fora?

— Eu vou ficar bem — Milo disse, o que fez com que algumas lágrimas comesçassem a escorrer pelo rosto de Sandy.

— Papai vai cuidar de mim. É a vez dele, certo, Mamãe? Eu ainda não perdoei o Papai porque acho que ele tem que fazer por merecer, mas não me importo de morar com ele. E eu vou continuar visitando Petros e as idosas do Não Me Esqueças, e Al disse que voltaria depois de passar o Natal na Escócia. E eu também tenho Hamlet, ele também vai cuidar de mim...

— Mas, Sandy... — Tripi não conseguia acreditar no que ela havia dito. Eram tantos obstáculos...

— Só vamos ficar fora por alguns dias de cada vez, no máximo uma semana. Estaremos sempre voltando. Falei com Andy e ele prometeu que vai cuidar bem de Milo... E Milo vai obrigá-lo a manter a promessa, certo?

Milo concordou com a cabeça.

— E não vai demorar, não com a ajuda de Mamãe. E depois que vocês encontrarem Ayishah, você volta para cá de vez e vamos morar todos juntos.

Sandy viajando com ele? Ajudando-o para que não tivesse que fazer aquilo sozinho? Seria possível?

— Preciso ir — Milo disse, olhando para o lugar vazio ao lado de seu pai na frente da capela.

Sandy e Tripi ficaram lhe observando.

— Tem certeza de que Milo ficará bem?

Sandy fez que sim com a cabeça.

— Milo vai ficar mais do que bem. — Ela devolveu o lenço para Tripi. — Então, vai me deixar ir com você ou não?

Tripi colocou o lenço no bolso e olhou para as pessoas na capela, ainda em pé, cantando.

“Com nuvens ou com sol, fica comigo, Senhor...”

Ele não acreditava no que as pessoas diziam sobre Alá ser tão diferente desse Deus cristão.

Tripi viu Milo pegar Hamlet na cadeira e ficar em pé ao lado do pai. Então Milo virou a cabeça para trás, mas Tripi não tinha certeza se Milo podia vê-lo, ou Sandy, mas o menino arregalou os olhos e sorriu. E depois virou para a frente de novo.

— Pronto? — Sandy entrelaçou seus dedos nos de Tripi.

Ele levou a mão de Sandy até a boca, beijou-a e sussurrou:

— Pronto.

MILO

— Posso segurá-la um pouquinho? — Milo perguntou ao Papai, olhando para o rosto pequeno e amassado de Arabella.

Papai concordou com a cabeça, tirou Arabella do cestinho e a colocou nos braços de Milo.

— Quero que ela conheça a Vovó.

Papai olhou para Ângela.

— Tudo bem, Andy. — Ângela se virou para Milo. — Tudo bem, vamos esperar lá fora.

Enquanto todos saíam da capela, Milo levou Arabella até o caixão aberto de Vovó.

— A Vovó não gosta de maquiagem — Milo sussurrou no ouvido de Arabella. Ele olhou para os lábios vermelhos de Vovó. — Mas acho que Mamãe estava tentando ser legal.

O batom já estava sumindo, as bordas em volta da boca estavam borradas. Ele se perguntou quanto tempo demoraria para que cada pedacinho de Vovó desaparecesse completamente.

— Vovó, esta é Arabella. — Milo levantou Arabella para que elas pudessem se ver. — Olhe, Arabella, é a Vovó. — Arabella piscou. Abriu os olhinhos por um segundo e depois fechou de novo. — Acho que ela está cansada, Vovó, foi um dia longo.

Ele aconchegou Arabella nos braços e olhou para Vovó de novo.

— Espero que você goste de onde está agora, Vovó — Milo sussurrou. Ele esperava que ela se sentisse menos confusa do que quando estava ali, sempre em dúvida se era agora ou antes ou mais tarde. Todo mundo estava dizendo que ela estava no paraíso, mas Milo queria que ela estivesse em algum lugar mais concreto, um lugar que ela adorasse, como

Inveraray, em seu barco de pesca ou nadando no mar. E ele esperava que Vovô também estivesse lá.

— Você promete que vai continuar olhando por nós, como sempre fez? — Milo perguntou. — A Vovó enxerga tudo, Arabella. — Ele limpou um pouquinho de baba no queixo de Arabella. — Agora que você faz parte da família, ela também vai cuidar de você.

Ele tinha certeza de que, onde quer que Vovó estivesse, estaria cuidando de todos eles, vendo o mundo como ele, a luz vibrando pelo buraco da agulha.

— A Vovó vai ver tudo, Arabella, tudo.

Ela vai ver a Mansão Hairy, onde a senhora Moseley vai ligar o som da senhora Hairy e, juntas, dançarão na entrada de mármore entre as palmeiras de plástico.

Ela vai ver o Não Me Esqueças, onde a enfermeira Heidi irá servir uma ceia de Natal junto com a nova diretora, a enfermeira Barnett (que todo mundo chama de Pam), porque agora é um lugar acolhedor. Os pratos das idosas estarão cheios de todos os acompanhamentos, exceto batatas.

Ela verá Petros colocando um prego na parede da sala, para pendurar o quadro do barquinho de pesca. E verá uma nova idosa, Susie, 84 anos, mudando para seu quarto, onde ainda está a rosa amarela. Há uma corrente de ar entrando pela janela: Petros terá que consertar isso.

— Prometo visitar Petros todos os dias — Milo sussurrou, os olhos ainda fechados. — E Arabella também virá comigo, não é?

Depois disso, Vovó verá a Harley se inclinando na estrada, quando Clouds pegar a A819 em direção a Inveraray. Ele vai passar o Natal com a família e apresentar Kasia para eles. Kasia estará sentada atrás de Clouds, segurando sua cintura, respirando a brisa do mar que a fará lembrar da Polônia. Talvez Al a leve para Inveraray no verão, e eles deixarão as roupas na praia e nadarão no mar escuro, como Vovó e Vovô costumavam fazer todos aqueles anos atrás.

Ela verá a cabeça de Mamãe encostada no ombro de Tripi. Eles estarão dormindo, embalados pelo movimento do trem que os levará até um ativista de direitos humanos que vive no litoral sul. Talvez, de onde está, Vovó consiga tocá-los. E ficará olhando por eles para garantir que estejam seguros, que Tripi não seja mandado para longe, e os ajudará a encontrar Ayishah e verá quando a trouxerem para a Inglaterra. Talvez eles se casem, como Big Mike e Lalana, e aí Tripi e Ayishah poderão ficar na Inglaterra para sempre. Vovó também estará no casamento, como dama de honra de Mamãe, segurando um maço de rosas amarelas.

E, em poucos dias, depois das velas e do bolo e de uma nova cama acolchoada para Hamlet, Vovó verá Milo pegar Hamlet em seus braços e subir até seu antigo quarto do sótão. Na parede junto à antiga cama de Vovó, perto dos recortes de jornal de Vovô vestido em seu uniforme, Milo terá pregado as fotos que o senhor Overend lhe dera de Arabella ainda bebê. Milo sentará perto do berço por algum tempo, observando o peito da sua irmãzinha subir e descer. Hamlet irá guinchar e fungar e raspar o focinho no berço. Acontece que Papai tinha razão, Hamlet gosta da neném.

Vovó verá Ângela entrar e Milo ajudá-la a carregar Arabella até a pequena pia do banheiro de Vovó, pegar a toalha de Vovó e passar na pele da sua irmãzinha.

“Você é irmão dela”, Vovó sussurra por trás de suas pálpebras. “Você cuidará para que ela esteja segura e, um dia, quando o mundo ficar escuro, ela será seus olhos.”

Quando Arabella estiver limpinha e vestida, Vovó verá os cinco, Milo, Arabella, Ângela, Papai e Hamlet irem até o Não Me Esqueças, onde comerão bolo de Natal com as idosas e Petros. A senhora Zimmer se encantará com Hamlet e o deixará dormir em seu colo enquanto ela cochila diante do noticiário na tevê.

“Acho que estamos esquecendo de alguém”, Vovó sussurra na cabeça de Milo.

“É claro”, Milo sorri.

Depois da ida emocionante até Londres, o senhor Overend irá se cansar de ficar olhando pela janela, por isso Vovó vai vê-lo abrir o guarda-roupa, vestir o velho terno, os sapatos pretos de amarrar, entrar no Volvo e ir embora de Slipton.

— Para onde ele vai, Vovó?

“Ninguém sabe, Milo. Mas se você fechar os olhos e prestar muita atenção, sempre ouvirá seu assobio. Eu posso ouvi-lo agora...”

— Milo, você vem?

A voz de Papai flutuou pela capela.

Milo continuou de olhos fechados.

— Só um minuto, Papai — ele disse, apertando Arabella contra o peito.

Ao olhar pelos olhos de Vovó pela última vez, Milo vê o céu noturno no final do túnel escuro, uma luzinha branca e brilhante.

“Adeus, Vovó”, ele diz.

Em seguida o buraco começa a fechar, a lua encolhe até virar um ponto, a cabeça brilhante de um alfinete, e então mais nada.

AGRADECIMENTOS

Aos dezessete minutos do dia 2 de outubro de 2012, uma jovem excepcionalmente talentosa mudou minha vida: minha maravilhosa agente, Bryony Woods. Bryony entende o cerne da minha escrita melhor do que qualquer outra pessoa; tem um olhar magnífico para os detalhes, um faro fantástico para os negócios e é mais eficiente do que Mary Poppins — obrigada por tudo, Bryony.

A “Equipe Milo” na Little, Brown tem feito sua magia para trazer um menino especial para o mundo. Muito obrigada a Manpreet Grewal, meu editor excepcional; Sophie Burdess, que desenhou a capa impressionante; Thalia Proctor, cujo olho de águia me ajudou a fazer Milo brilhar; Kirsteen Astor e Emma Williams, a deslumbrante dupla de publicidade e marketing que sacou seus megafones e fez a voz de Milo ser ouvida acima de tudo; e ao time de direitos autorais, que botou Milo em um avião, levou-o em uma viagem de volta ao mundo e lhe ensinou alguns novos e emocionantes idiomas.

Em uma nota pessoal, obrigada aos adoráveis jovens, homens e mulheres, da minha oficina de escrita criativa na Wellington College: o incentivo de vocês significa muito. Continuem rabiscando! Obrigada a Helen Dahlke, Liz Martinez, Joanna Seldon e Jane Cooper: meus colegas de escrita. Agradeço a Mama, que acreditou em mim como uma escritora a partir do momento em que segurei uma caneta. A Anne Holtz e Tata Suzanne, por me amar e por ser a minha família. A Windmill, por me fazer continuar. A Viola e Sebastian, meus amigos felinos brancos, que me mantiveram aquecida, amada e entretida durante os longos dias que passei na minha mesa de trabalho. E, finalmente, agradeço ao meu amado marido, alma gêmea e primeiro leitor, Hugh: um dia o mundo vai ver quão brilhante você é.

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[1 MILO](#)

[2 LOU](#)

[3 MILO](#)

[4 MILO](#)

[5 TRIPI](#)

[6 MILO](#)

[7 MILO](#)

[8 MILO](#)

[9 SANDY](#)

[10 MILO](#)

[11 TRIPI](#)

[12 LOU](#)

[13 MILO](#)

[14 TRIPI](#)

[15 SANDY](#)

[16 MILO](#)

[17 MILO](#)

[18 SANDY](#)

[19 TRIPI](#)

[20 LOU](#)

[21 MILO](#)

[22 LOU](#)

[23 TRIPI](#)

[24 MILO](#)

[25 MILO](#)

[26 MILO](#)

[27 TRIPI](#)

[28 MILO](#)

[29 SANDY](#)

[30 MILO](#)

[31 LOU](#)

32 SANDY
33 MILO
34 TRIPI
35 LOU
36 MILO
37 MILO
38 SANDY
39 MILO
40 MILO
41 TRIPI
42 LOU
43 MILO
44 MILO
45 TRIPI
46 MILO
47 SANDY
48 LOU
49 MILO
50 LOU
51 MILO
52 SANDY
53 TRIPI
54 MILO
55 MILO
56 LOU
57 MILO
58 TRIPI
59 SANDY
60 LOU
61 TRIPI
62 MILO
63 MILO
64 TRIPI
65 MILO
66 Sandy.
67 MILO

68 SANDY

69 TRIPI

70 MILO

AGRADECIMENTOS